

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

IRLAN DE SOUSA COTRIM

**A FABRICAÇÃO DA IMAGEM IMPERIAL DE DOMICIANO EM MOEDAS E NA *AQUILEIDA* DE
ESTÁCIO (81-96)**

VITÓRIA

2022

IRLAN DE SOUSA COTRIM

A FABRICAÇÃO DA IMAGEM IMPERIAL DE DOMICIANO EM MOEDAS E NA *AQUILEIDA* DE ESTÁCIO (81-96)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito à obtenção do título de Mestre em História (área de concentração em História Social das Relações Políticas).

Linha de Pesquisa: Representação e Ideias Políticas

Orientação: Leni Ribeiro Leite

Coorientação: Camilla Ferreira Paulino da Silva

Financiamento: CAPES

VITÓRIA

2022

IRLAN DE SOUSA COTRIM

A FABRICAÇÃO DA IMAGEM IMPERIAL DE DOMICIANO EM MOEDAS E NA *AQUILEIDA* DE
ESTÁCIO (81-96)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito à obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas.

Aprovada em: 25 de Fevereiro de 2022

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Leni Ribeiro Leite
University of Kentucky
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Camilla Ferreira Paulino da Silva
Secretaria de Estado da Educação/ES
Coorientadora

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro interno

Prof. Dr. Paulo Martins
Universidade de São Paulo
Membro externo

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

C843f Cotrim, Irlan de Sousa, 1997-
A fabricação da imagem imperial de Domiciano em moedas e na Aquileida de Estácio (81-96) / Irlan de Sousa Cotrim. - 2022. 236 f. : il.

Orientadora: Leni Ribeiro Leite.

Coorientadora: Camilla Ferreira Paulino da Silva.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Roma. 2. Propaganda. 3. Retórica antiga. 4. Moedas romanas. 5. Elogio. 6. Poesia épica latina. I. Leite, Leni Ribeiro. II. Silva, Camilla Ferreira Paulino da. III. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 93/99

*Da minha aldeia vejo quanto da terra
se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande
como outra terra qualquer
porque eu sou do tamanho do que vejo
e não, do tamanho da minha altura...*

Alberto Caieiro [Fernando Pessoa]

Poema VII, *O guardador de rebanhos*, 1925

À Mudestina, mulher, mãe, maravilha

AGRADECIMENTOS

A conclusão dessa dissertação de mestrado é a coroação de um esforço pessoal enorme. A pesquisa foi em vários momentos solitária. Foram dois anos que se passaram como um sopro efêmero, longe das paredes de minha *alma mater* e daqueles e daquelas que, mesmo à distância, mantiveram-se comigo por meio das conversas virtuais e dos encontros tela a tela. A esses amigos e a essas amigas me dirijo com saudade e com o mais profundo sentimento de gratidão.

Agradeço à minha orientadora e parceira Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite por ter me acolhido com tamanho carinho em seu grupo de pesquisa em meados de 2017. Obrigado por tudo o que fez por mim, pelas dicas, orientações e críticas, pelo apoio e por sempre exigir de mim o meu melhor. Desejo que a nossa amizade e o nosso companheirismo durem mais do que as pirâmides do Egito!

À querida Profa. Dra. Camilla Ferreira Paulino da Silva, agradeço por ter trilhado comigo o árduo caminho que levou a conclusão dessa pesquisa e pelos valiosos ensinamentos que me foram dados ao longo desses anos. Exemplo de profissional, historiadora e militante os quais seguirei.

Agradeço ainda aos membros da Banca Examinadora composta pelos professores Dr. Gilvan Ventura da Silva e Dr. Paulo Martins, duas grandes referências no campo da História Antiga que tanto contribuíram para o aprimoramento dessa dissertação. Agradeço ainda ao Prof. Dr. Mamede Queiroz Dias por ter colaborado com essa pesquisa na ocasião do Exame de Qualificação.

Aos professores Dr. Fábio Faversani, Dr. William Dominik e Ma. Milena Ogawa, agradeço os e-mails trocados e pelos constantes envios de bibliografia inacessível via internet que foi importante para a construção dessa pesquisa.

Aos amigos e colegas de profissão Joana Scherrer Carniel, Pablo Gatt e Randas Gabriel Aguiar Freitas agradeço pelas conversas, debates e risadas ao longo desses anos tão desafiadores. Vocês são a máxima expressão do que significa ser solidariedade acadêmica!

A Mauro Petersem Domingues e a Paulo Magalhães Araújo agradeço pelo apoio, companheirismo e amizade. Vocês são parceiros para a vida!

Aos queridos amigos do Limes agradeço pelas trocas intelectuais e pela amizade construída desde a minha entrada no grupo. Especialmente, agradeço a Iana Cordeiro, Alessandro Carvalho, Kátia Regina Giesen e Marihá Barbosa e Castro pelas parcerias e amizade.

Agradeço à Universidade Federal do Espírito Santo, a minha *alma mater*, e ao Programa de Pós-Graduação em História em particular pelo ensino de altíssimo nível que me foi ofertado nesses anos desafiadores. Aos secretários do programa e aos professores que ofertaram as disciplinas os meus mais sinceros agradecimentos.

À Capes, agradeço o patrocínio que me foi ofertado desde o início do Mestrado na forma de bolsa de estudos. Desejo que esse mecenato seja ampliado e atinja cada vez mais pesquisadores de excelência.

Por fim, agradeço à minha família. A meu pai José Carlos Cotrim e às minhas irmãs Joselane de Sousa Cotrim e Carla de Sousa Cotrim pelo apoio emocional. Aos meus sobrinhos Cadu e Henrique por me lembrarem cotidianamente que a vida, às vezes, pode ser leve como uma brincadeira. À minha mascotezinha Piu-Piu pelo alívio e pela lealdade.

Ao meu consorte, Rodolfo Kinupps Neto, pelo apoio incondicional.

Agradeço, finalmente, aquela a quem dedico não somente a minha vida acadêmica, mas todo o meu ser no mais profundo sentido, minha mãe, Mudestina. Obrigado por ser, por existir, por ter me dado a vida, por cuidar de mim, pela comida, pelo carinho, pelo afago, pelo café, pelas palavras de incentivo, por tudo o mais... Essa é mais uma das suas vitórias!

A Deus, pela força que sempre me deu.

Aos amigos e familiares, o meu mais sincero obrigado!

RESUMO

Na presente dissertação analisamos a fabricação da imagem imperial de Tito Flávio Domiciano (81-96), último representante da dinastia flaviana (69-96), a partir da aproximação do *princeps* com figuras divinas, semidivinas e históricas. Para tanto, mobilizamos um *corpus* documental que contempla um conjunto de moedas cunhadas em Roma durante os quinze anos do governo de Domiciano, além de um poema épico escrito por Públio Papínio Estácio, a *Aquileida*. Em nosso entendimento a propagação das associações da imagem daquele imperador com deuses, semideuses e personalidades históricas nas cunhagens e nas letras permitiram a cooptação de forças provenientes do senado, do exército e da população romana, o que contribuiu, desse modo, para a manutenção da legitimidade do *princeps*. As moedas de Domiciano construíram, tanto nas inscrições quanto nas imagens, a figura do imperador como dotado de virtudes como a *fortitudo*, a *gloria*, a *concordia*, a *liberalitas* e de *pietas* para com os deuses e familiares, além de filiar as realizações militares do *princeps* aos precedentes flaviano e augustano. Na *Aquileida*, Estácio o comparou ao lendário guerreiro Aquiles e deu precedência ao imperador, em termos de virtudes, à história deste, além de ter construído o personagem como *exemplum* de destreza bélica e portador da *pietas*, conceitos basilares no contexto do Principado e por conseguinte, flaviano. Utilizamos como arcabouço teórico o binômio *representação e práticas* cunhados por Roger Chartier (1991; 2002), a noção de *propaganda* aplicada aos Estudos Clássicos de Paulo Martins (2011) e de Ana Teresa Marques Gonçalves (2013), o conceito de *teatrocracia* por Georges Balandier (1982) e de *poder simbólico* de Pierre Bourdieu (2005). Além disso, utilizamos os preceitos da retórica epidítica provenientes dos tratados antigos tais como os escritos de Cícero, do *Auctor ad Herennium*, de Quintiliano e de Menandro, o Retor, por entendermos que nosso *corpus* estava inserido em um interdiscurso retórico. O método empregado foi o da Análise de Conteúdo a partir da técnica da análise categorial tal como exposta por Laurence Bardin (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Principado. Domiciano. Estácio. Moedas romanas. Poesia épica.

ABSTRACT

The fabrication of the imperial image of Domitian (81-96), the last representative of the Flavian dynasty (69-96), was based on the approximation of the *princeps* with divine, semi-divine and historical figures. In this dissertation, we mobilized a documental *corpus* that contemplates a set of coins minted in Rome during the fifteen years of Domitian's government, as well as an epic poem written by Publius Papinius Statius—the *Achilleid*. In our understanding, the spread of the associations of the emperor's image with gods, demigods and historical personalities in the coinage and in the poem allowed the cooptation of forces from the senatorial aristocracy, from the army and from the Roman population, which contributed, in this way, to the maintenance of the legitimacy of the *princeps*. Domitian's coins constructed, both in inscriptions and images, the figure of the emperor as endowed with virtues such as *fortitudo*, *gloria*, *concordia*, *liberalitas* and *pietas* towards the gods and family members, in addition to affiliating Domitian's military achievements with the Flavian and Augustan precedents. In the *Achilleid*, Statius compared the emperor to the legendary warrior Achilles and gave the former precedence, in terms of virtues, to the latter's history, besides having constructed the character as an exemplum of martial dexterity and a bearer of *pietas*, fundamental concepts in the context of the Principate. We use as theoretical framework the concepts of *representation* and *practices*, coined by Roger Chartier (1991; 2002), of *propaganda*, applied to Classical Studies by Paulo Martins (2011) and by Ana Teresa Marques Gonçalves (2013), of *theatrocracy*, by Georges Balandier (1982), and of *symbolic power*, by Pierre Bourdieu (2005). In addition, we used the precepts of epideictic rhetoric from ancient treatises such as the writings of Cicero, the *Auctor ad Herennium*, Quintilian, and Menander the Rhetorician, because we understood that our *corpus* was inserted in a rhetorical interdiscourse. The method used was content analysis based on the technique of categorical analysis as presented by Laurence Bardin (2011).

KEY-WORDS: Principate. Domitian. Statius. Roman coins. Epic poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1	
O PRINCIPADO DE DOMICIANO.....	39
1.1. A ATUAÇÃO POLÍTICA DE DOMICIANO.....	39
1.2. AS FACES DE DOMICIANO NA HISTORIOGRAFIA.....	61
1.3. DOMICIANO, AS LETRAS E O INTERDISCURSO RETÓRICO.....	84
CAPÍTULO 2	
IMPÉRIO DAS MOEDAS.....	96
2.1. A MOEDA COMO FONTE HISTÓRICA.....	96
2.2. GERMANIA CAPTA.....	99
2.3. <i>GENS FLAVIA</i> E O CAMPO DO SAGRADO.....	116
2.4. <i>LUDI SAECULARES</i>	136
CAPÍTULO 3	
IMPÉRIO DAS LETRAS.....	147
3.1. MAGNÂNIMO EÁCIDA, MAGNO CÉSAR.....	147
3.2. EDUCAÇÃO GUERREIRA.....	159
3.3. A <i>PIETAS</i> DE AQUILES.....	167
CONCLUSÃO.....	180
REFERÊNCIAS.....	187
APÊNDICE A	
GRADE DE LEITURA DA <i>AQUILEIDA</i>	206
APÊNDICE B	
GRADE DE LEITURA DAS MOEDAS.....	209

INTRODUÇÃO

Tito Flávio Domiciano, o último imperador da dinastia flaviana (69-96), foi tema dos escritos de muitos autores na Antiguidade romana, contemporâneos ou não ao seu regime.¹ Escritores e poetas como Plínio, o Jovem, Tácito, Suetônio, Juvenal, Estácio e Marcial nos legaram múltiplas facetas daquele imperador. A imagem imperial do sujeito histórico Domiciano esteve e está em constante construção. Cada documento, escrito ou material, exhibe diferentes narrativas que evocam, por sua vez, diferentes aspectos da imagem de Domiciano. Nosso objetivo com a presente dissertação de mestrado é o de analisar as representações da imagem imperial de Domiciano a partir da aproximação do *princeps* com personalidades históricas, figuras divinas e semidivinas, expressas em moedas e em um texto literário de sua época. Entendemos que essas representações foram parte do aparato que auxiliou o imperador a permanecer desempenhando a função máxima do Principado durante os quinze anos de seu governo.²

Nosso *corpus* documental contempla um conjunto de moedas cunhadas em Roma entre os anos de 81 a 96 e um poema épico escrito entre os anos de 95 e 96 por Públio Papínio Estácio, a *Aquileida*. Buscamos entender como a associação da imagem de Domiciano com *exempla* de deuses, semideuses e indivíduos da história romana contribuiu para a legitimação do poder do *princeps*.³ Primeiramente, convém tecer

¹ Todas as datas serão expressas em Era Comum, salvo quando expresse o seu contrário, Antes da Era Comum.

² O Principado foi o período entre a ascensão de Otávio (27 AEC) como o primeiro *princeps* até a instituição do Dominato em finais do III século da Era Comum (SILVA; MENDES, 2006, p. 193). A emergência do Principado se deu quando da derrota de Marco Antônio e Cleópatra em 31 AEC para Otávio que, paulatinamente, concentrou recursos financeiros, militares e títulos republicanos bem como criou um sistema ideológico norteador das ações políticas imperiais o que propiciou sua estabilidade enquanto regime político (SILVA, 2001, p. 49). A figura do *princeps* significou a centralização e absorção de algumas das mais importantes instituições políticas da *Urbs*. O *princeps* possuía o poder da *tribunicia potestas*, o controle do legislativo e de amparo à população romana; do *pontificatus maximus*, referente ao campo do sagrado, outorgava ao *princeps* o estatuto de mediador entre os homens e os deuses para garantir a *pax deorum*; o *imperium maius*, uma posição em que o poder convergia nas mãos de um único indivíduo, ou seja, significava o controle do império. A partir do ano 23 AEC Augusto abriu mão do consulado em prol das aristocracias por meio de um acordo senatorial, porém houve a permanência da prerrogativa da inviolabilidade do imperador, do direito de vetar decisões senatoriais e de convocá-lo bem como a Assembleia do Povo e de propor projetos de lei, todos na condição de tribuno. Augusto, portanto, era chefe da religião, tinha poderes de tribuno, de militar, de emitir éditos e de declarar paz ou guerra (MENDES, 2006, p. 29).

³ Por *exempla* entendemos as figuras históricas e mitológicas conhecidas por meios literários ou orais e que eram tomadas como exemplos de condutas a serem seguidas. No limite, a função primordial dos *exempla* era a analogia ou as comparações entre dois ou mais elementos dentro do discurso, sendo que o *exemplum* servia como um modelo a ser emulado ou imitado. Para Sêneca (*Ep.* 6.5), por exemplo, essas figuras eram

algumas considerações iniciais acerca de nosso *corpus* documental, ou seja, da temática da obra poética em questão e da procedência da documentação monetária adotada para essa pesquisa.

A *Aquileida* é um poema épico incompleto escrito por Estácio entre 95 e 96 quando do seu regresso a Nápoles, sua cidade natal.⁴ Estácio nasceu em Nápoles, provavelmente no ano 40, e mudou-se para Roma para estudar literatura, poesia, gramática e estilística. O próprio pai de Estácio teria sido um dos primeiros instrutores educacionais do vate. A Estácio teria sido ensinado um currículo tradicional de letras, que incluía em especial autores gregos, tais como Homero, Hesíodo e Epicarno, além dos líricos⁵ (Stat. *Silv.* 5.3). Estácio viveu a maior parte de sua vida adulta durante a dinastia flaviana, que governou o Império Romano entre 69 e 96: Vespasiano (69-79), Tito (79-81) e Domiciano (81-96), o último tido como cultor da poesia por autores da Antiguidade (Stat. *Achil.* 1.14-19; Suet. *Dom.* 2.1). Além dos cinco livros de poemas curtos denominados *Silvae*, Estácio escreveu a *Tebaida*, poema épico sobre o episódio trágico dos Sete Contra Tebas; um poema sobre as guerras de Domiciano *De Bello Germanico* de que hoje, infelizmente, nos restaram apenas quatro versos; e a *Aquileida*, obra que será parte do nosso *corpus*.⁶

O satírico Juvenal sugeriu ainda que Estácio teria escrito uma pantomima chamada *Agave*, entre 82 e 87 (Juv. 7.87), da qual nada nos resta. Em termos de

consideradas pessoas vivas com as quais o orador e a sua audiência estavam familiarizados. Via de regra, os oradores romanos eram treinados retoricamente para que pudessem ter um amplo repertório de *exempla* para uso em seus discursos públicos. Os oradores poderiam utilizar dos *exempla* como forma de reforço argumentativo. As escolhas de determinados *exempla* feitas pelo orador eram condicionadas pelas expectativas das referências que o seu público receptor possuía. O uso de *exempla* em discursos elogiosos ou de vitupério, portanto, poderia associar uma dada personalidade a determinadas figuras da cosmogonia romana e tornar essas declarações ferramentas imprescindíveis para a manutenção do prestígio social e político do alvo do louvor ou da censura (URBAN, 2011, p. 217).

⁴ A poesia épica é um texto escrito em versos hexâmetros datílicos. Em linhas gerais, trata-se de um poema de dicção alta por abordar temas relacionados aos feitos heroicos de alguma personagem mitológica ou histórica. (LEITE, 2016, p. 18-20).

⁵ Os nove poetas líricos foram, respectivamente, Alceu de Mitilene (séc. VII AEC), Safo de Lesbos (séc. VII AEC), Anacreonte (VI AEC), Alcman de Esparta (séc. VII AEC), Estesícoro (séc. VI AEC), Íbico (séc. VI AEC), Simônides de Ceos (séc. VI AEC), Baquílides (séc. V AEC) e Píndaro (séc. V AEC). Um estudo sobre esses autores e acerca da lírica monódica e coral pode ser encontrado em Davies (1988, p. 52-64). Carvalho (2018) estudou, por sua vez, as *Silvas* de Estácio como pertencentes ao supergênero lírico.

⁶ *De Bello Germanico* foi um poema épico panegírico escrito por Estácio em homenagem às campanhas militares de Domiciano contra os catos em 89. Em sua quarta sátira, Juvenal insinuou que Estácio seduzia os ouvintes com essa obra e que foi recompensado pelo feito. As quatro linhas do *De Bello Germanico* que sobreviveram narram a convocação de um conselho de guerra em um momento em que as campanhas se encontravam em risco. Há a menção a Crispo, a Fábio Veiento, a Acílio e, possivelmente, a Catulo. Estácio ganhou um prêmio nos jogos de Domiciano ocorridos na Vila Alba em 90, provavelmente por conta da apresentação do *De Bello Germanico* (BAPTISTA, 2021, p. 243).

cronologia, a *Tebaida* teria sido iniciada ainda no governo de Tito (79-81) e publicada somente em 92. A *Aquileida* foi iniciada tardiamente, provavelmente em 95. Os livros 1 a 3 das *Silvas*, que narraram os acontecimentos do império desde o ano de 89, foram publicados em 93. Por sua vez, o quarto livro foi publicado em 94 e o quinto foi póstumo (NEWLANDS, 2012, p. 2-3). Como podemos observar, as obras de Estácio foram em sua maioria contemporâneas ao governo de Domiciano. Nosso foco na presente dissertação se limitou à *Aquileida*, mas não nos furtamos de utilizar as demais obras poéticas desse autor, bem como outras em prosa ou em versos de outros escritores, sempre que necessário.⁷

A *Aquileida* contaria a história do guerreiro grego Aquiles desde sua infância na ilha de Ciros até sua incursão à Guerra de Troia, como conhecida na epopeia homérica, a *Ilíada*. Porém, com a morte de Estácio, o texto nos foi legado com apenas um livro completo e pouco mais de cento e vinte versos do segundo, que ficou incompleto. O enredo começa com Tétis que, após presságios sobre o destino de Aquiles na Guerra de Troia e temerosa pela morte do jovem, decidiu levá-lo para a ilha de Ciros (Stat. *Achil.* 1.20-108). Na ilha, Tétis resolveu vesti-lo como donzela e o apresentou como sendo sua filha, suposta irmã de Aquiles. Durante sua estadia, Aquiles se apaixonou pela princesa Deidamia, filha do rei da ilha, Licomedes (*Achil.* 1.242-396). Aquiles violentou a princesa que logo após engravidou do rapaz. Diomedes e Ulisses foram avisados pelo adivinho Calcas da farsa montada por Tétis e partiram rumo a Ciros (*Achil.* 1.514-674). Na ilha, Ulisses presenteou as filhas de Licomedes com artigos considerados femininos e no meio

⁷ Em termos de documentações disponíveis para o estudo da era flaviana do Império Romano, podemos dividi-las em, pelo menos, dois grandes grupos. O primeiro é constituído pelas fontes escritas como os textos em prosa e em verso, na forma de epigrafia e mesmo nas inscrições monetárias. O segundo grupo compreende as fontes materiais ou suportadas em algum material como a iconografia e as fontes arqueológicas, como construções, ruínas, objetos e outros. As fontes escritas sobre o governo dos flavianos abarcam as *Histórias* de Tácito, as *Vidas dos Césares* de Suetônio, o *Panegírico a Trajano* de Plínio, o Jovem, as *Sátiras* de Juvenal e as *Histórias de Roma* de Dião Cássio, em termos de prosa. Na poesia temos os epigramas de Marcial, as *Punica* de Sílio Itálico, as *Silvas*, a *Tebaida* e a *Aquileida* de Estácio e, por fim, Valério Flaco e sua *Argonáutica* (HURLET, 2016, p. 30; LEITE, 2016, p. 68-72). Entre a documentação em prosa que vituperava Domiciano podemos elencar o *Panegírico a Trajano*, de Plínio, o Jovem, o *Agrícola* e as *Histórias*, de Tácito, as *Sátiras* de Juvenal, as *Vidas* de Suetônio, as *Histórias* de Dião Cássio, o *Epitomes de Caesaribus* de Aurélio Victor e as *Histórias Eclesiásticas* de Eusébio. Dois autores contemporâneos ao regime flaviano como um todo e com escritos em prosa elogiaram Domiciano: Quintiliano na sua *Institutio Oratoria* e Flávio Josefo em suas *Antiguidades Judaicas* e em sua *Guerra Judaica*. Apesar de ter sido um poeta que elogiava Domiciano e suas ações em vida, Marcial passou a vituperá-lo após sua morte em seus *Epigramas*. Frontino elogiou a destreza militar de Domiciano nos *Strategemata* produzida em 84, mas o vituperou no *De aquae ductu urbis Romae*, tratado publicado em 97 sob Nerva. Outros poetas elogiaram Domiciano em seus versos como Estácio na *Tebaida* e na *Aquileida* seus dois poemas épicos, além de alguns poemas nas *Silvas* e no já mencionado épico em homenagem aos feitos bélicos do imperador denominado de *De Bello Germanico*. Outro poeta que homenageou Domiciano em seus *Punica* foi Sílio Itálico (HURLET, 2016, p. 30).

destes, escondeu uma armadura, que agradou Aquiles (*Achil.* 1.773-960). Com o fim do embuste, Aquiles partiu no livro segundo juntamente com Diomedes e Ulisses rumo à guerra (*Achil.* 2.1-167). A obra foi interrompida nesse exato ponto.

Utilizamos a edição crítica da *Aquileida* estabelecida e traduzida em prosa para o francês por Jean Méheust, para as edições *Les Belles Lettres*, em 1971. O tradutor utilizou manuscritos da *Aquileida* oriundos do período medieval.⁸ Os manuscritos utilizados pela edição crítica da *Les Belles Lettres* (1971) diferem em alguns aspectos. Apresentam confusões na grafia, como letras que se parecem umas com as outras, lacunas e palavras ilegíveis principalmente no final dos versos. A mais antiga edição da obra remonta ao ano de 1472, sendo a mais antiga compilação da obra épica de Estácio (*Tebaida* e *Aquileida*) publicada em Roma, em 1475. Entre os séculos XV e XX temos diversas edições da *Aquileida* em vários idiomas (MÉHEUST, 1971, p. L).

Em língua portuguesa destacamos a tradução dos cinco primeiros livros da *Tebaida* estaciana feita por Cardoso (2018). As *Silvas* ainda não possuem tradução completa para o português. A *Aquileida* ainda não possui uma tradução integral, mas alguns autores verteram para o português brasileiro alguns excertos, como os versos de seu próêmio (*Stat. Achil.* 1. 1-19) traduzidos por Leni Ribeiro Leite e Natan Henrique Taveira Baptista (2019), os versos 318 a 337 do Livro Primeiro traduzidos por Daniel da Silva Moreira (2014) e os versos 338 a 369 por Leni Ribeiro Leite (2016). Essas traduções, por sua vez, foram feitas em versos, diferentemente do trabalho de Méheust (1971) que foi redigido em prosa.⁹

Em termos de dissertações e teses sobre a obra poética de Estácio podemos citar Carvalho (2018) cujo mote foi uma análise da permanência do gênero *silva* desde Estácio até Quevedo (séc. XV), o trabalho de Werner (2010) que utilizou as *Silvas* como parte de seus *corpus*, o estudo de Moura (2011) sobre a unidade épica na *Tebaida*, a tese de Cardoso (2018) que além da tradução dos cinco primeiros livros da *Tebaida*, analisou as principais peculiaridades daquela épica, e a tese de Baptista (2021) que analisou o programa construtor de Domiciano a partir da retórica laudatória de Estácio (*Silvas*, e os

⁸ Os manuscritos utilizados por Méheust (1971, p. LI) foram os seguintes: *Parisinus* 8051 (séc. IX); *Parisinus* 10.317 (séc. XI); *Gudianus* 54 (séc. XI); *Bruxellensis* 5337/8 (séc. XII); *Etonensis* 150 (séc. X); *Monacensis* 14.557 (séc. XIV).

⁹ No decorrer da dissertação utilizamos as traduções de Méheust (1971) feita em prosa e aquelas vertidas para a língua portuguesa em versos de forma alternada. Coube a nós vertermos para o português brasileiro a tradução em língua francesa, quando necessário.

proêmios épicos da *Aquileida* e da *Tebaida*). Pontuamos que até o presente momento não há estudos brasileiros específicos sobre a *Aquileida* ou que relacionem o personagem Aquiles a Domiciano, lacunas essas que pretendemos preencher com a presente pesquisa.

Notamos um crescimento no interesse pelos estudos da poética de Estácio, sobretudo pela *Aquileida* na crítica literária e histórica. Dignos de nota são os recentes estudos de Moura (2009, p. 57-70), de Lóio (2012), de Chaudhuri (2013), de Dominik (2016, p. 412-432), de Konstan (2016, p. 377-386), de Carvalho (2018), de Cardoso (2018), de Baptista e Leite (2019, p. 117-135; 2021) e de Baptista (2021). Heslin (2005) abordou a *Aquileida* a partir da categoria de gênero. Estácio figurou em capítulos de *companions* como o *Flavian epic interactions* (2013) e o *Brill's Companion to Statius* (2015); essa última referência trata-se de uma coletânea de estudos exclusivamente acerca de Estácio e suas obras. Destacamos os capítulos sobre os inícios da *Aquileida* e os efeitos intertextuais presentes em personagens como Tétis e Ulisses (GANIBAN, 2015); o dedicado ao caráter paradoxal da épica, suas afinidades genéricas, sua abrangência alusiva e sua coerência temática (DAVIS, 2015); os usos metapoéticos de Estácio na composição do herói Aquiles (CHINN, 2015); e os símiles e a questão de gênero na *Aquileida* (MCNELIS, 2015). Ressaltamos, porém, que nenhum dos autores buscou compreender as possíveis associações do guerreiro Aquiles e da própria construção do herói na *Aquileida* como frutos do seu contexto de produção, qual seja, o Império Romano dos flavianos.

Especificamente sobre a *Aquileida*, Benker (1987, p. 2) apresenta algumas correntes interpretativas sobre o épico estaciano no século XX. Segundo a autora, temos pelo menos duas correntes interpretativas naquele momento: a primeira enxergava a *Aquileida* como uma poesia helenística graciosa, que apresentava cenas idílicas e possuía um caráter bucólico. A segunda forma de compreender a *Aquileida* era a de que o épico se assemelhava à outra obra épica de Estácio, a *Tebaida*. Os dois poemas se aproximariam porque ambos possuiriam cenas sangrentas e belicosas como sendo os principais enredos. Essa corrente não abandonou o teor bucólico da epepeia, mas o interpretou como sendo um contraste elaborado por Estácio quando comparado ao evento posterior à tranquilidade de Ciro, a Guerra de Troia. Outra interpretação considerou que a *Aquileida* seria uma precursora do romance e que pelo protagonista se diferenciaria do ideal homérico, o Aquiles estaciano seria um herói do amor, nos moldes ovidianos. Uma preocupação sobre a dimensão política da *Aquileida*, porém, teve início com a pesquisa de Benker

(1987) que foi décadas mais tarde seguida por Kostan (2016), Baptista e Leite (2019) e Barchiesi (2021).

Na visão de Benker (1987, p. 5) fazia-se necessário lançar luz sobre a interpretação da *Aquileida* a partir da consideração do momento político no qual a obra épica de Estácio foi concebida, o governo de Domiciano. O mesmo cuidado deveria ser levado em consideração pelos pesquisadores quanto à escolha feita pelo poeta do mito de Aquiles, dos motivos que levaram Estácio a optar por escrever um épico sobre o eácida. As possíveis relações de patronato entre Domiciano e Estácio, por sua vez, constituiriam mais uma variável a ser considerada pelos pesquisadores que se debruçassem sobre o *corpus* poético estaciano porque consideradas fundamentais ao entendimento do contexto da épica e, conseqüentemente, de seu encômio.¹⁰

As associações entre a poesia estaciana e o contexto flaviano foram o mote do estudo de Braund (1997, p. 23) que abordou a *Tebaida* a partir da dimensão política, quando defendeu que o final da epopeia – que marca a vitória de Teseu, líder ateniense – era inseparável da ideologia imperial romana. No momento em que o líder cessa a guerra civil grega, ele pratica um ato de clemência contra a violência sectária. De uma maneira geral, na visão da autora, esse final da *Tebaida* estaciana deve ser visto como sendo expressão da *clementia*, uma virtude imperial.¹¹

Uma perspectiva parecida foi escolhida recentemente por Barchiesi (2021, p. 56) na qual em vez da *Tebaida*, o autor tomou como base a *Aquileida*. Na visão do autor, a *Aquileida* apresenta apenas um herói, Aquiles, um cenário intertextual formado pelos épicos homéricos, e um pano de fundo bélico entre diferentes póleis gregas, diferentemente do ambiente de guerra civil que a *Tebaida* apresenta. O autor conclui que os épicos mitológicos como a *Aquileida* devem ser lidos como sendo participantes do *modus operandi* do Principado e que com isso não importava que o enredo fosse romano

¹⁰ Dissertamos sobre o patronato literário durante o governo de Domiciano no Primeiro Capítulo dessa pesquisa. Aqui cumpre salientar que o patronato pode ser compreendido como uma relação assimétrica entre membros de grupos sociais distintos e distantes em termos de *status* social no qual cada ente teria obrigações para com o outro. Sobre a *recusatio*, tratava-se de um expediente poético empregado quando o poeta se recusava a escrever sobre um determinado tema ou em um dado grau elocutivo. Esse expediente ganhou ares políticos no contexto romano (OLIVEIRA, 2021, p. 100; BAPTISTA; LEITE, 2019, p. 123).

¹¹ Podemos conceituar a *clementia* como sendo uma virtude presente em solo romano desde o rei lendário Numa Pompílio. Teria uma conotação de clemência para com o inimigo vencido, de modo a poupar a vida dos derrotados. A *clementia* seria uma atitude plenamente romana outorgada pelos latinos em favor dos rivais derrotados em conflitos bélicos. Esses inimigos deveriam ser estrangeiros capazes de propiciar aos romanos algum benefício após a sua rendição (Virg. *Aen.* 6.885-888; Sen. *Clem.* 1.1; VAHL, 2007, p. 1).

ou grego, uma vez que, dado o contexto de guerras civis (*Tebaida*) e guerras entre cidades-estado (*Aquileida*), o que estava sendo refletido eram os jogos pelo poder. Dessa forma, o imperador não seria necessariamente tomado pelo maniqueísmo, mas antes como sendo o que se encontra entre a paz e o retorno às guerras. A encenação da guerra nas épicas seria uma forma espetacular de demonstrar os malefícios à *res publica* em momentos de confrontos, o que assegurava a manutenção do *status quo* do Principado.¹² (BARCHIESI, 2021, p. 68). Concordamos com o autor e com a sua abordagem política da *Aquileida*, apesar do fato de que ele interrompeu a sua análise na lógica do Principado em si, e não levou a discussão para o campo das representações da *persona* imperial e da questão das virtudes romanas alegorizadas na versão do mito na poesia de Estácio, como nós pretendemos fazer com a presente pesquisa, ao relacionar o *exemplum* de Aquiles a Domiciano, cujas representações de vitupério foram durante séculos a tônica da sua história.¹³

As representações tradicionais sobre o último imperador da dinastia flaviana Tito Flávio Domiciano o retrataram como um tirano. Destacamos como exemplos Gsell (1894), Syme (1930), Sutherland (1935) e Robathan (1942); mas a partir da década de 1960 os historiadores passaram a matizar essa imagem tirânica legada a Domiciano, principalmente aos seis últimos anos de seu Principado (COTRIM, 2020, p. 369-384). Exponentes dessa revisão no campo administrativo são Pleket (1961) e Waters (1963; 1964); no campo econômico são Rogers (1984), Garzetti (1974) e Launaro (2016); e, no campo das práticas letradas Botha (1989), Jones (1992), Cairolli (2011), Faversoni e Joly (2013), Ogawa (2017), Leite (2014; 2018), Baptista e Leite (2019; 2021), Schulz (2019)

¹² A expressão *res publica* significava aquilo que era de interesse público, a coisa pública. Entretanto, não podemos compreender como uma noção abstrata, porque o interesse pelo público seria monopólio de um agrupamento coeso pelo seu consenso em termos jurídicos, entre cidadãos (Cic. *Rep.* 1.25).

¹³ Koster (1980, p. 38-39) definiu o objetivo do vitupério como sendo o de macular a imagem pública de um indivíduo bem conhecido a partir de um conjunto de concepções éticas preexistentes que serviam também como forma de isolar o vituperado do restante da sociedade. De acordo com a tradição retórica, no entanto, a *vituperatio* e seu oposto, a *laus* (elogio), compunham o gênero demonstrativo ou oratória epidítica (Cic. *Inv. rhet.* 2.177-178; *Rhet. Her.* 3.10-15). De acordo com Arena (2007, p. 149), ataques verbais que rememoravam as faltas do indivíduo que sofresse o vitupério e organizado de acordo com esses *loci* eram frequentemente empregados em discursos judiciais e deliberativos com o objetivo de voltar o público contra seu alvo. A invectiva, portanto, era um dos componentes da oratória forense. De fato, invectiva em termos etimológicos representava um termo atribuído a um ataque de uma cavalaria contra o inimigo, tendo significado metafórico de lançamento de um ataque contra um oponente (ARENA, 2007, p. 150). Concordamos com Dunkle (1971, p. 20) que defendeu a ideia de que a presença dos lugares-comuns tirânicos serviu para compor narrativas nas quais o exagero e a deturpação do real produziram imagens de sujeitos em conformidade com o estereótipo do tirano. Acrescentamos que os exemplos os quais possuímos acerca da imagem imperial produzida por narrativas pós-96 acerca de Domiciano não somente transformaram aquele imperador em um tirano, como também o marcaram e o vituperaram como um exemplo de governante a não ser seguido.

e Baptista (2021). No Primeiro Capítulo dissertamos sobre esses e outros textos a respeito de Domiciano. Destacamos o crescente interesse da historiografia brasileira no século XXI nos estudos retóricos, textuais e arqueológicos durante o período flaviano como os citados acima.

Essas narrativas de tirania foram por muito tempo ecoadas pela historiografia que, desejosa em explorar o verdadeiro caráter de Domiciano e de seu governo, propagou uma imagem bastante controversa sobre aquele imperador. Entendemos essas narrativas como controversas porque Domiciano governou por quinze anos ininterruptos (81-96) o Principado. Caso o imperador tivesse problemas com outros atores políticos ou com outros setores do poder romanos, Domiciano possivelmente teria sido vítima de alguma conspiração bem antes de 96. Autores como Collins (2009), Favarsani e Joly (2013), Dias (2019) e Szoke (2020) matizaram a assertiva de que Domiciano foi um tirano por quinze anos sem nenhuma resistência por parte do senado. Além de controversas, aquela historiografia tradicional preteriu os testemunhos poéticos acerca de Domiciano, porque os considerava como expressões meramente adulatórias daquele passado. Ela desprezou o fato de que, assim como as documentações em prosa e as de cunho oficial, as poesias também eram retoricamente instituídas e que por esse motivo eram discursos participantes do interdiscurso do período (LEITE, 2018, p. 85; BAPTISTA; LEITE, 2021, p. 268).

Penwill (2013, p. 29-30) analisou a poética de Estácio sob o ponto de vista do encômio imperial presente em suas obras. A temática do encômio/elógio, segundo o autor, deve ser entendida a partir de três princípios. Primeiramente o de enxergar as passagens encomiásticas enquanto pertencentes ao todo do texto, ou seja, como parte integrante do enredo da história a ser narrada. O segundo princípio abrange o conceito de intertextualidade, em que as obras devem ser entendidas como pertencentes a um universo de outras representações, portanto sofrem influências de autores predecessores e contemporâneos.¹⁴ Por fim, o último princípio aponta para a necessidade de se considerar os poetas flavianos como herdeiros pós-vergilianos, bem como influenciados por Lucano, ou seja, uma abordagem em que contemplates não somente as reminiscências advindas

¹⁴ De acordo com Cesila (2013, p. 20) a questão da imitação (*imitatio*) nas práticas letradas da Antiguidade romana teve o papel de introdução do poeta ao gênero escolhido. Imitação (*imitatio*) aqui sugere que o autor que se dispusesse a escrever uma épica o fizesse conforme a tradição, ou seja, dentro dos parâmetros estabelecidos que regulavam o gênero pretendido. Entendemos esse termo como uma prova do *background* do autor, ou seja, sua erudição e conhecimento do processo de escrita. (CESILA, 2013, p. 10).

da *Eneida*, mas de obras lucanianas como o *De Bellum Civile*, inclusive na escrita do encômio/elogio (PENWILL, 2013, p. 30). Como o de Penwill (2013), nosso trabalho pensa a *Aquileida* dentro da categoria do encômio, ou elogio, e de seu oposto, o vitupério, que faziam parte do gênero demonstrativo que, por sua vez, foi um dos três gêneros da retórica no Mundo Antigo.

A retórica nasceu, enquanto arte, na Hélade. A rigor, designava uma forma de construção de discursos de forma ampla, de maneira que o orador possuísse meios de convencimento do outro. Suas origens remontam a um determinado espaço geográfico, o da Ática após a guerra contra os persas, e da Sicília. Na vida pública, a oratória tornou-se sinônimo de sucesso. Dessa forma, a retórica enquanto técnica passou a ser ensinada aos helenos para fins de formação de um corpo social apto ao diálogo (CURTIUS, 1979, p. 66). Nessa pesquisa defendemos a ideia de que a retórica foi para o Mundo Antigo, para além de um conjunto de técnicas reguladoras do discurso, um sistema de organização do pensamento não exclusivo ao discurso escrito. Dessa forma, pensar retoricamente abrangia muito mais do que escrever um discurso em um determinado gênero, mas construir uma enunciação verbal ou não-verbal que levasse em consideração todos os elementos da tradição, além do que fosse apropriado a cada ocasião.

A Antiguidade romana estava situada em um *modus operandi* retórico. Cada discurso, portanto, era um produto da retórica que – de maneira sistematizada – pode ser dividida em cinco partes: invenção ou *inuentio*, disposição ou *dispositio*, elocução ou *elocutio*, memória ou *memoria* e ação ou *actio*. Todas essas noções formavam a tônica dos discursos na Antiguidade que eram ainda direcionados para algum dos três *genera causarum*, o deliberativo, o judiciário e o demonstrativo/epidítico¹⁵ (MARTINS, 2009, p. 170; LEITE; CARVALHO, 2015, p. 210).

Em nosso entendimento, e acompanhando Penwill (2013), a chave de leitura que julgamos mais apropriada para a análise das moedas e das obras de Estácio que elogiam Domiciano é a do epidítico.¹⁶ Diferentemente do viés do vitupério à *persona* imperial do

¹⁵ O epidítico era o gênero retórico do elogio e do vitupério a algo ou alguém. O gênero judiciário visava a acusação e a defesa de alguma causa ou de algum acusado em processos judiciais (Quint. *Inst.* 3.1.1-22). Finalmente, o gênero deliberativo visava o aconselhamento ou desaconselhamento de pessoas (Quint. *Inst.* 3.8; LEITE; CARVALHO, 2015, p. 210).

¹⁶ Por um lado, se no mundo contemporâneo tomamos o elogio com certa estranheza, para os antigos ele era forma válida para a manutenção do prestígio social e mesmo regulado por determinados caminhos metodológicos. Quintiliano (*Inst.* 3.7.4), por exemplo, evocou que os louvores possuíam um caráter informativo, uma vez que para a sua composição fazia-se necessário o uso de provas para o devido

último flaviano as moedas apresentaram outras facetas do governante, e a poesia estaciana evocava uma plêiade de características virtuosas como atreladas a Domiciano. No Principado, a retórica do elogio ou epidítica continuou a possuir um caráter político nas práticas letradas poéticas. Sugerimos que no fabrico das moedas o mesmo possa ter acontecido porque apresentavam na maior parte das vezes imagens elaboradas do imperador e de seus familiares nos aversos e reversos.

Sobre o elogio, temos importantes contribuições dentro da retórica antiga. Abordamos, brevemente, alguns autores cuja contribuição foi de suma relevância à nossa pesquisa. O mais antigo tratado sobre a retórica conhecido, em Roma, foi a *Retórica a Herênio*, escrito entre 86 e 82 AEC cuja autoria nos é desconhecida. A mesma tripartição aristotélica – discurso judiciário, deliberativo e demonstrativo – foi mantida nesse tratado, sendo o elogio e o vitupério parte do gênero demonstrativo. O elogio incidia assim em três categorias centrais, a saber, as coisas externas (como ascendência, educação, riqueza, poder), as coisas do corpo (características físicas, classificadas como más ou boas) e as coisas do ânimo (compreendiam as virtudes, dentre as quais a prudência, justiça, coragem e modéstia como as principais).

A *Institutio Oratoria* de Quintiliano, escrita no final do século I, enumerou as cinco partes do discurso, a saber, a invenção, a disposição, a elocução, a memória e a ação. Dividiu os gêneros discursivos em *genera causarum* compostos pelo discurso *laudativum*, *deliberativum* e o *iudiciale*. Também concebeu o discurso epidítico como aquele destinado ao elogio ou vitupério. Juntamente com Cícero, Quintiliano apresentou aos leitores os preceitos sobre como e o que deve ser louvado ou vituperado. Os destinatários aos louvores eram os deuses, os homens e as cidades¹⁷ (GIESEN, 2016, p. 79). Foi esse o arsenal teórico proveniente da retórica antiga que utilizamos na decodificação de nosso *corpus* documental para a leitura da *Aquileida* e das moedas.

Além da *Aquileida*, selecionamos como *corpus* de análise um conjunto de moedas cunhadas em Roma entre os anos 81 a 96 e fabricadas em ouro, prata e bronze, sob a

embasamento. Ainda na *Retórica* de Aristóteles (1366b) temos o epidítico caracterizado como o gênero que tratava do belo e do vergonhoso, do louvável e do censurável.

¹⁷ O louvor aos homens para Quintiliano poderia elencar e amplificar os acontecimentos antes e depois da existência do elogiado, elogio a cidade natal da pessoa, sua linhagem nobre ou as formas pelas quais o mesmo enobrecia sua casa, elogio ao caráter do indivíduo, ao físico ou aos feitos do elogiado (*Inst.* 3.7, 10-16). Os feitos para serem elogiados, contudo, deveriam ser considerados inusitados, de caráter singular e deveriam contemplar interesses outros do que aos do elogiado (GIESEN, 2016, p. 80).

autoridade de Domiciano. Essas moedas são provenientes do catálogo *Roman Imperial Coinage* (1926) e do sítio eletrônico *Online Coins of the Roman Empire*.¹⁸ Em termos de definição podemos conceituar a moeda como um disco metálico com peso determinado que porta representações textuais e iconográficas da autoridade emissora (FLORENZANO, 1984, p. 49; HOWGEGO, 2001, p. 2-4; CARLAN; FUNARI, 2012, p. 20; WILLIAMS, 2007, p. 157). Esse conceito pode ser mais bem compreendido ao voltarmos nosso olhar para as informações potenciais que podem ser extraídas de cada peça.

Para Carlan (2010, p. 32) a moeda representa mais do que um objeto utilizado para o pagamento de dívidas ou como um instrumento de datação. As imagens que portam e as inscrições que circundam as suas bordas representam, amiúde, mensagens oficiais ou comunicados do fim de um conflito político ou militar. As imagens suportadas pelas moedas romanas imperiais, por exemplo, apresentavam motivos simbólicos que propagavam ideias, mensagens e enredos ao maior número possível de receptores. A especificidade das mensagens transmitidas pelas moedas, por vezes, ultrapassava aquelas projetadas por documentos oficiais letrados. As cunhagens imperiais romanas exibiam verdadeiros signos do poder por meio da representação do *princeps* no anverso juntamente com as inscrições que o identificavam como tal, bem como as insígnias que acompanhavam as imagens nos reversos (FURLANI, 2020, p. 218; CHARTIER, 2002, p. 220; CARLAN, 2010, p. 33).

O contexto arqueológico monetário mais remoto de que hoje temos ciência remonta aos tempos da cidade grega de Éfeso e ao Império Persa (século VI AEC), embora outros autores considerem que o fenômeno monetário tenha como marco mais antigo a sociedade chinesa do século IX AEC (HOWGEGO, 2001, p. 2; SILVA, 2014, p. 62). A moeda como disco metálico teria sido projetada na antiga Lídia do século VII AEC e, segundo Howgego (2001, p. 3), a cunhagem do tipo *electrum* foi substituída naquela localidade pelas emissões em ouro e em prata por volta dos anos 561 e 547 AEC.

¹⁸ O site pode ser acessado por meio do seguinte link: <http://numismatics.org/ocre/>. Acesso em 21 de dezembro de 2021. Pontuamos que seguimos as referências apresentadas no sítio eletrônico como forma de nos referirmos às moedas ao longo dessa dissertação. De igual forma seguimos as referências das obras da Antiguidade em conformidade com o estabelecido pelo *Oxford Classical Dictionary* e disponibilizado via internet por meio do sítio eletrônico: <https://oxfordre.com/classics/page/ocdabbreviations#s>. Acesso em 29 Dez. 2021. Em termos de formatação da presente dissertação utilizamos o material *Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos* da Universidade Federal do Espírito Santo, que se encontra disponível no sítio eletrônico: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/1533>. Acesso em 28 Fev. 2022.

Os romanos, por sua vez, adotaram o costume helênico de emitir moedas somente no século IV AEC com o uso do bronze como matéria-prima¹⁹. Aos poucos, porém, os romanos foram adotando outros metais e ligas metálicas: no decorrer da Segunda Guerra Púnica (218-201 AEC) o bronze fundido foi substituído pela prata; em 146 AEC, o denário passou a valer 16 asses; um século depois, em 46 AEC, foram criadas as primeiras emissões fabricadas em ouro; em 23 AEC houve uma reorganização das denominações fabricadas em metais básicos; e, somente em 215 houve a introdução de uma nova moeda, o *antoninus* que progressivamente substituiu o denário na segunda metade do século III (HOWGEGO, 2001, p. 11).

Temos algumas evidências nas documentações textuais da Antiguidade romana que atestam que havia interferência direta da casa imperial na escolha das imagens a serem cunhadas nas moedas: Nero teria ordenado a cunhagem de uma moeda na qual figurava no anverso vestido de harpista (Suet. *Ner.* 25.2), por exemplo. No entanto, essas evidências, por si só, não podem ser consideradas como provas cabais da participação do imperador no *modus operandi* monetário. Na perspectiva de Noreña (2011, p. 251) a seleção dos motivos imagéticos, textuais e materiais do fabrico das moedas estavam a cargo dos equestres no período imperial romano, mas poderiam passar pelo crivo de outros órgãos, por exemplo, o senado e os conselhos locais das províncias constituídos por indivíduos autorizados. Esses sujeitos autorizados poderiam ser desde monetaristas, magistrados, oficiais da casa da moeda e mesmo o imperador, uma vez que eram esses os principais atores sociais que mais utilizavam as moedas como meio de comunicação.

As mensagens, por sua vez, eram passadas por meio dos *designs* apresentados pelas cunhagens. Esses *designs* normalmente incluíam um determinado tipo de imagem e um determinado tipo de legenda textual, cunhadas em ambas as partes da moeda, o anverso e o reverso. O anverso é a parte da moeda em que há a apresentação de legendas identificadoras da autoridade emissora e o busto do imperador, de personificações ou de outros indivíduos ligados ao *princeps*. O reverso monetário constitui a segunda metade da mensagem da moeda e pode apresentar desde cenas de acontecimentos históricos a personificações de conceitos abstratos (NOREÑA, 2011, p. 252).

¹⁹ No contexto romano, a produção das moedas ficava a cargo dos *triumviri monetales* que eram magistrados eleitos anualmente no número de três indivíduos. A oficina de trabalho desses magistrados no século II era administrada por um procurador equestre. O *a rationibus* determinava a produção total de moedas (Stat. *Silv.* 3.3.103-105; NOREÑA, 2011, p. 250).

O potencial da transmissão de mensagens por moedas enquanto meio de comunicação se torna mais explícito quando levamos em consideração a variável da audiência, conforme nos alertou Noreña (2011, p. 261). Na perspectiva desse autor, com a qual concordamos, qualquer indivíduo residente nos limites do Império Romano do século I era um receptor em potencial das mensagens monetárias. Tanto os residentes nas zonas urbanas quanto nas zonas rurais possuíam moedas como formas de gerenciamento da vida cotidiana. Portanto, podemos supor que para atingir um público tão vasto e tão diversificado, os ateliês de moedas romanas deveriam dispor de uma produção monetária em larga escala. Em nosso entendimento, as moedas podem ser lidas a partir de uma chave de leitura que nos parece ser uma das principais: a de propagar elogios à *persona* imperial de Domiciano, de acordo com o que era esperado dele por determinados grupos sociais.²⁰ Entendemos que o governo de Domiciano selecionou deliberadamente figuras históricas, divinas e semidivinas para propagandear mensagens nas quais o atual imperador fosse associado às representações e ideias políticas derivadas desses *exempla*. Conceitos, ideias e virtudes eram importantes formas de os romanos representarem o seu entorno e caracterizarem seus governantes.

Nesse sentido, o nosso critério para o estabelecimento de nosso *corpus* documental levou em conta tanto a produção historiográfica acerca da matéria (representações e ideias políticas acerca da imagem imperial de Domiciano) bem como as diferenças entre as personificações de ideias abstratas e as divindades. Ressaltamos que essas diferenças foram estabelecidas ainda na Antiguidade, uma vez que os romanos compreendiam serem divinas as manifestações de virtudes como a concórdia ou fidelidade. Conforme Cícero (*Nat. D.* 2.61), assim como os helênicos, os romanos personificaram determinados conceitos em deuses, tais como a Paz, a Concórdia, a *Fides*, a *Virtus*,²¹ a Vitória e a própria Roma. Essa deificação de ideias abstratas passou a ser reconhecida como expressão por excelência do campo do divino e explicava, por exemplo, o fato do indivíduo possuir destreza marcial ou exercer a fidelidade para com

²⁰ Silva (2018, p. 112) aponta que no Império Romano somente o exército poderia ser considerado um grupo social coeso graças ao grau de comunicação que possuía. Nessa dissertação consideramos o senado e o *populus* como grupos sociais compostos por pessoas com interesses heterogêneos, mais ou menos organizados, mas que possuíam aspirações e frustrações com relação à figura do imperador (FAVERSANI; JOLY, 2013, p. 77; GONÇALVES; FRANCHI, 2013, p. 150).

²¹ *Virtus* refere-se à masculinidade, a soma de todas as excelências corporais ou mentais do *vir*, à força e ao vigor. O termo ainda relacionava-se com as ideias de coragem, bravura, virtude, capacidade, valor, perfeição moral e virtuosidade. *Virtus* personificava uma deidade e se relacionava com os talentos militares do *vir* romano (Sall. *Cat.* 1.4; Cic. *Leg.* 1.8.25; *Inv. rhet.* 2.53.159; *Tusc.* 2.13.28; *Phil.* 14.13.34; Juv. 1.115; Hor. *Ep.* 1.12.26; 2.172; *Epod.* 9.26; 16.5).

sua família. As virtudes propagadas nas cunhagens de Domiciano – amiúde veiculadas em moedas de ligas metálicas de menor valor (asses, semis, quadrantes e cistóforos²²) –, por exemplo, mostravam que o Principado do último flaviano buscava autonomia em termos propagandísticos. As principais virtudes atreladas à cunhagem de Domiciano foram *Fortuna* (*FORTVNA AVGVSTI*), *Virtus* (*VIRTVTI AVGVSTI*), *Salus* (*SALVSTI AVGVSTI*), *Victoria* (*VICTORIAE AVGVSTI*), *Pax* (*PACIAVGVSTI*), *Moneta* (*MONETA AVGVSTI*), *Annona* (*ANNONA AVGVSTI*), *Fides* (*FIDEI PUBLICAE*) e *Aeternitas* (*AETERNITAS AVGVSTI*). O foco dessas cunhagens era, portanto, as qualidades atribuídas ao imperador, conforme indicavam os genitivos das inscrições sumarizadas anteriormente (FEARS, 1981, p. 901-902).

Os deuses podem ser definidos como entidades imortais que nunca experimentaram a existência no plano dos mortais. Os romanos nutriam a crença de que todo o mundo estava repleto de divindades que viviam nos céus, na terra, na água e no submundo, que poderiam ou não se manifestar no plano dos homens (SCHEID, 2015). Por semideuses podemos entender aquelas personagens humanas que tinham ascendência sobrenatural, como Hércules e Aquiles. Como outros autores já se debruçaram sobre as personificações das ideias abstratas,²³ estabelecemos um recorte documental no qual analisamos como a imagem pública de Domiciano foi construída nas moedas e na *Aquileida* a partir da relação do imperador com deuses e semideuses do panteão romano, ou seja, com Aquiles, Júpiter, Minerva, Juno, Vesta, Apolo, Serápis, Cibele, Marte e Netuno presentes em nosso *corpus* analisado conforme nosso arcabouço teórico-metodológico.

Para a decodificação e sistematização dos dados provenientes de nosso *corpus* documental, o método que adotamos foi o da Análise de Conteúdo proposto por Laurence Bardin (2011). A Análise de Conteúdo pode ser dividida em quatro fases. A pré-análise que se trata de uma leitura inicial do documento e compreende três missões, a saber, a escolha das fontes, a formulação das hipóteses e finalmente a elaboração de subsídios para uma interpretação final. A segunda fase constitui a exploração do material na qual o pesquisador codifica os dados que a fonte oferece em função de diretrizes previamente

²² Um cistóforo era uma moeda de prata que pertencia ao reino de Pérgamo e que circulou na Ásia Menor na época da conquista daqueles territórios pelos romanos no século II AEC (SMITH, 1875, p. 288).

²³ Fears (1981, p. 902) elencou uma plêiade de outros autores que se dedicaram aos estudos das personificações de conceitos abstratos durante a República e o Principado.

formuladas conforme os objetivos. A terceira fase consiste no tratamento dos resultados obtidos que gerarão a interpretação do pesquisador, que enfim estará apto a propor inferências. A quarta etapa trata-se da síntese final, momento em que o pesquisador apresenta os resultados obtidos a partir da análise²⁴ (BARDIN, 2011, p. 125-133).

A técnica de análise categorial auxilia, por sua vez, no desmembramento do texto em unidades ou categorias. Há algumas regras para a elaboração das categorias: a exclusão mútua (um elemento não deve existir em mais de uma categoria), a homogeneidade (elas devem concordar com o objeto), a pertinência com as teorias adotadas, a objetividade e a fidelidade e, por fim, a produtividade, ou seja, devem gerar subsídios para a inferência (BARDIN, 2011, p. 150). Dessa forma, o método da Análise de Conteúdo atrelado à técnica da análise categorial nos parecem ser adequados para a leitura e codificação de nosso *corpus* documental. Abaixo esboçamos a grade da análise categorial que formulamos para o tratamento dos dados fornecidos pela fonte poética, a *Aquileida*:

Quadro 01: Grade de leitura da *Aquileida*

Documento: <i>Aquileida</i> Natureza: Poema épico Autor: Públio Papínio Estácio Principado: Domiciano Ano: 95				
	Características físicas	Características militares	Educação	Epítetos
DOMICIANO				
AQUILES				

²⁴ Toda a nossa análise categorial de nosso *corpus* documental se encontra disponível na seção de Apêndice no final dessa pesquisa.

Partimos do pressuposto – já apontado por outros autores como Benker (1987, p. 1-6) e Konstan (2016, p. 381) – de que o mito de Aquiles está diretamente proporcional ao elogio das virtudes de Domiciano na *Aquileida*. Outros pesquisadores como Braund (1997, p. 1-23) e Barchiesi (2021, p. 56-74) já compreenderam o caráter político das épicas estacianas, embora a relação entre o eácida e o último flaviano não tenha sido o mote dos referidos estudos. Tendo isso em vista, elaboramos as categorias analíticas acima propostas. Por *características físicas* entendemos os aspectos que foram descritos na obra e que determinaram a imagem do personagem, tais como idade, roupas, trejeitos ou características do corpo. As *características militares* são aquelas em que se pôde notar a descrição das ações dos personagens quando deparados em situações que exigiam determinadas posturas para com um estado de guerra. A categoria de *educação* correspondeu aos momentos em que o poeta descreveu os aprendizados dos personagens na infância e na adolescência. Os *epítetos* corresponderam às diversas formas de designação de algo ou alguém por meio de uma figura do discurso, por exemplo, eácida que significava “neto de Júpiter”, epíteto atribuído a Aquiles logo nos primeiros versos da obra.²⁵ Acreditamos, portanto, que essas categorias nos auxiliaram na análise da *Aquileida* bem como tornaram mais objetiva a leitura da obra. A seguir, expomos a grade de leitura do *corpus* monetário:

Quadro 02: Grade de leitura das moedas

Identificação da moeda: Ano de cunhagem: Denominação/Material: Local de cunhagem:				
Anverso				
Imperador		Inscrição		
Reverso				
Sujeito	Personificação	Cena	Cultura Material	Inscrição

²⁵ O epíteto homérico, de acordo com Almeida (2012, p. 49), pode ser definido como uma palavra ou um conjunto de termos que designavam algum substantivo e que evocava imagens relacionadas a algum nome. A definição aristotélica sobre o epíteto compreendeu como necessária a escolha de atributos que se ajustassem ao caráter do sujeito representado, sendo o orador orientado pela analogia existente entre o indivíduo e a designação a ele oferecida (Arist. *Rh.* 3.3).

Estabelecemos um conjunto de moedas cunhadas em Roma durante os quinze anos do governo de Domiciano e as dividimos em quatro grupos: gesta bélica, divindades, família e *Ludi Saeculares*. As cunhagens foram selecionadas de acordo com o tema da dissertação, ou seja, a apresentação de divindades, de heróis e de personagens históricas associadas a Domiciano, excluídas as peças que apresentavam personificações de conceitos abstratos, conforme explicamos anteriormente. Tanto nosso critério de seleção das moedas, quanto as categorias de análise do *corpus* monetário obedeceram ao principal objetivo dessa dissertação de mestrado, o da análise da conexão de Domiciano a figuras divinas, semidivinas e históricas como forma de fabricação de sua *persona* pública.

Decodificamos separadamente as informações prestadas pela documentação monetária conforme estabelecido no quadro. No anverso buscamos identificar o sujeito principal da moeda, ou seja, Domiciano e as inscrições que o identificavam. As categorias de análise do reverso das cunhagens deram conta das possíveis personificações de deuses, semideuses e de locais (como a personificação do rio Reno ou da Germânia) e dos sujeitos históricos apresentados no reverso, conforme indicaram as categorias de *personificação* e de *sujeito*, respectivamente.

Caso a moeda fosse de tipo narrativo, ou seja, que exibia uma cena no anverso, utilizamos a categoria de *cena* para descrevê-la. A categoria de *cultura material* referiu-se aos objetos encontrados no reverso da moeda que contribuíram para o sentido narrativo e/ou simbólico da mensagem transmitida. Cumpre salientar que as moedas de tipos simbólicos eram cunhagens que apresentavam em seus reversos, majoritariamente, personificações de deidades ou de virtudes abstratas como Minerva e *Felicitas*. As moedas de tipo narrativo, por sua vez, foram aquelas que apresentaram cenas de batalhas ou de eventos ocorridos e que foram emblemáticos no momento que foram cunhadas, por exemplo a série *Ludi Saeculares* de Domiciano que o apresentava em cenas de distribuição ao lado do *populus* (SOBOCINSKI, 2006, p 581). Por fim, as *inscrições* constituíram a última categoria analítica dos reversos monetários que analisamos nessa pesquisa e que nos permitiram compreender a dimensão textual do outro lado da moeda. Desse modo, a Análise de Conteúdo mostrou-se um instrumento valioso para a codificação das informações do *corpus*, o que contribuiu para os objetivos dessa dissertação de mestrado.

A partir do exposto, buscamos defender nossa hipótese dividida em duas partes. Em primeiro lugar, o governo de Domiciano buscou construir e propagar imagens do *princeps* como dotado de virtudes bélicas, cujo governo exerceu a *liberalitas*²⁶ chefiado por um representante dotado de *pietas* familiar e divina²⁷. Nas cunhagens produzidas sob o governo de Domiciano podemos entrever isso nas emissões cujas temáticas giraram em torno das representações do imperador em associação com membros de sua família, vinculado a população nos *ludi saeculares* e nas imagens bélicas apresentadas nos reversos monetários. Dessa forma, o governo de Domiciano assegurava a sua legitimidade e a sua estabilidade ao propagar representações e ideias políticas que contemplavam a boa parte dos grupos senatoriais (por meio da continuidade dinástica e da demonstração da *pietas* familiar e divina expostas nas moedas de tipo família), aos soldados (por meio do aumento dos soldos e das representações monetárias nas quais a glória bélica do imperador, chefe do exército romano, significava a magnanimidade do próprio Império Romano) e, a população romana (por conta da demonstração da *liberalitas* imperial por meio das cunhagens dos *ludi saeculares*).

Em segundo lugar, na *Aquileida* de Estácio, produzida durante o governo de Domiciano, contribuiu para a fabricação da imagem pública do imperador ao vincular a sua pessoa ao campo do divino. Na *Aquileida*, Estácio pôde associar a imagem de Domiciano e o seu Principado com as virtudes personificadas e com as ações desempenhadas por Aquiles ao longo do enredo. Essas virtudes poderiam ser compreendidas como sendo a *pietas* familiar, a destreza militar (*fortitudo*) e a *gloria* que, em nosso entendimento, corresponderam ao contexto de produção da épica, qual seja, o do terceiro governo de uma dinastia que alcançou o poder por vias bélicas.²⁸ O herói foi

²⁶ Tratava-se de uma das virtudes esperadas pelo *princeps* e uma qualidade bastante popular na Roma Antiga. *Liberalitas* designava generosidade, embora também pudesse ter significados ligados ao evergetismo (Cf. BAPTISTA, 2021, p. 256-257). Esperava-se que o imperador demonstrasse a sua generosidade para com o *populus* e para com a aristocracia romanos, fosse por meio de construções públicas, fosse por meio de distribuições de *congiaria* e *fruges*. Em moedas cunhadas sob o Principado de Adriano (117-138), a *liberalitas* foi representada numa cena contendo duas figuras sentadas em um *suggestum*, com a personificação do conceito ao lado delas, bem como em cenas de distribuições à população romana (METCALF, 1993, p. 343-346; STEVERSON, 1889, p. 515).

²⁷ A *pietas* significava a atitude de um indivíduo romano de zelo para com os deuses, a *patria* e os familiares. No campo religioso o termo remetia à justiça para com os deuses, sendo relacionado amiúde à ideia de *metus* (medo) e à adoração aos deuses. A *pietas* funcionava como um alerta para o *vir romanus* das suas obrigações para com o corpo cívico, para com o campo do sagrado e para com os seus familiares (Cic. *Nat. D.* 1.116; *Inv.* 2.66).

²⁸ De acordo com o *Oxford Classical Dictionary Online* (2015), o vocábulo latino *fortitudo* significava bravura, ao passo que *gloria* pode ser compreendida como sendo a manifestação pública do valor do indivíduo, sendo que o conhecimento desse valor se dá por meio da propagação boca a boca entre as pessoas (COLEMAN, 2015; STEVENSON, 1889, p. 421).

assim o prelúdio de Domiciano o que representava a passagem *magnusque tibi praeludit Achilles* (Stat. *Achil.* 1.19), “o grande Aquiles será teu prelúdio”, em que Estácio revelou ainda estar despreparado para realizar uma obra sobre os feitos do imperador. Portanto, a *Aquileida* deve ser lida enquanto um texto que, mesmo incompleto, fez parte da *teatrocracia* de Domiciano, pois Estácio deveria dedicar sua obra ao *princeps*, mas não somente o fez como o associou a Aquiles. Essa associação foi além porque Aquiles não foi apenas um *exemplum* para exaltar as qualidades de Domiciano, mas serviu de parâmetro para que dentro da narrativa – quando levamos em consideração o elogio dentro do contexto da épica, ou seja, a história do guerreiro Aquiles – o soberano superasse o personagem em termos de virtudes. Para defendermos essas ideias, nos valem de um arcabouço conceitual amplo, conforme vemos a seguir.

Como aporte teórico-metodológico adotamos as contribuições conceituais oriundas da comunicação, da ciência histórica, da ciência política e das ciências sociais. Nos valem, primeiramente, das contribuições de Paulo Martins (2011) e de Ana Teresa Marques Gonçalves (2013) a respeito do uso da noção de *propaganda* nos Estudos Clássicos. Definida como sendo um conjunto formado por símbolos, imagens e ideais políticos propagados no período imperial romano em variados suportes, a propaganda permitia que o governo do *princeps* vigente demonstrasse a sua afeição aos grupos sociais que orbitavam a *domus* imperial de modo a tornar a sua gestão viável e garantir a governabilidade. Dessa forma, o *princeps* poderia espalhar determinadas imagens de si e de seu Principado condizentes com as aspirações que os setores sociais nutriam sobre a sua pessoa. Essas imagens poderiam ser fabricadas por meio de associações do governante com predecessores ilustres, por meio de reciclagens de títulos, de reivindicações de parentesco, por cunhagens de efígies de deuses, semideuses e de heróis que personificavam determinadas virtudes ou pela apresentação de alguma obra ou festejo realizado em nome do imperador. O *princeps* poderia utilizar um conjunto bastante variado de suportes para transmitir suas mensagens e para demonstrar as suas virtudes e o projeto de Império Romano que buscava monumentalizar. A essa incursão de seleção de imagens, de fabricação de uma *persona* imperial e da sua divulgação visando a legitimação e a manutenção do poder do governante podemos denominar como propaganda (MARTINS, 2011, p. 40; GONÇALVES, 2013, p. 31).

Concordamos com as ideias de Gonçalves (2013, p. 32) no tocante à noção de que o Mundo Antigo, especificamente o *modus vivendi* romano, constituía-se por excelência

como uma sociedade teatralizada. O poder na acepção da autora pode ser compreendido como um processo de comunicação no qual o grupo que o detém necessita desempenhar determinadas facetas teatrais de modo a garantir o *status quo* e a sua influência sobre os governados. Essas representações teatrais buscam, por sua vez, a geração de um consenso social mínimo que permitisse aos governantes gozarem de estabilidade por um longo período. Segundo Gonçalves (2013, p. 14), Cícero (*Fam.* 16.46) exortou o irmão Quinto em 60 AEC para que ele agisse como os bons poetas e os atores de alto nível para que dessa forma melhorasse a sua imagem pública ao exercer as suas atividades. A passagem nos informa que os romanos – ao menos os mais abastados – compreendiam a dimensão teatral necessária para a estabilidade da imagem pública dos políticos. A mesma autora relata que Dião Cássio (52.34.2) escreveu em outro momento que o Império Romano era um grande palco e a sua população representava um grande público que observava nos mínimos detalhes os meandros da política imperial. Dessa forma, compreendemos a noção de propaganda como apta para os estudos da Antiguidade romana, uma vez que as representações de teor laudatório eram condições necessárias para o alcance do prestígio social na Roma Antiga, bem como ao constructo de uma *persona* que demonstrasse afeição aos diversos grupos sociais que compunham a sociedade da época.

Os diversos grupos sociais existentes em um regime no qual um indivíduo detém o poder – como, por exemplo, em Monarquias Absolutistas ou em Principados – constituem uma variável importante que o soberano deveria levar em consideração para manter a sua governabilidade. Entendemos que o poder nessas formas de governo tendia a se instalar e a se manter por meio das tensões existentes entre as variadas forças sociais que orbitavam a corte do soberano. Cabia ao detentor desse poder, que em nosso caso tratava-se de Domiciano, a gerência dessas querelas de modo que os senadores, a população e os soldados não se tornassem empecilhos à estabilidade de seu Principado. Para tanto, o *princeps* poderia dispor da divulgação de mensagens políticas, edificadas por meio da manipulação dos elementos simbólicos de sua época, propagandeadas por meio dos mais variados suportes (ELIAS, 2001, p. 141-151; GONÇALVES, 2013, p. 37).

Dado esse panorama, as mensagens a serem propagadas por aqueles que detinham o poder deveriam ser sempre de viés positivo, para informar a existência e a presença do poder, além de serem facilmente compreendidas e devidamente identitárias, isto é, demonstrar as características e os atributos daquele ou daqueles que exerciam o poder, evidenciar os apoios mundanos e sagrados que orbitavam os detentores do poder e

propagar as realizações do governo. Em termos etimológicos *propaganda* provém do vocábulo latino *propagare* que significava ampliar, alargar, estender, difundir, implantar, prolongar ou prorrogar. Por esse motivo, podemos compreender a propaganda como um “conjunto de símbolos escritos, orais, visuais e musicais que tentavam controlar as opiniões, crenças e ações” (GONÇALVES, 2013, p. 45).

As imagens do poder do imperador poderiam ser difundidas por meio de recursos verbais e/ou não verbais dispostos em uma infinidade de recipientes. No caso da nossa documentação, analisamos como a imagem imperial de Domiciano foi construída nas letras poéticas de Estácio e nas moedas produzidas no período de seu governo. De acordo com Martins (2011, p. 151), nos textos literários a representação da imagem do *princeps* buscava amplificar os feitos, as nomenclaturas e os atributos imperiais a limites atemporais.²⁹ Como vimos, na *Aquileida* a *fortitudo* e a *pietas* formavam a tônica do personagem Aquiles e, conseqüentemente, os elementos esperados pela aristocracia da pessoa do imperador. No caso das moedas, por outro lado, as mensagens representam acontecimentos mais imediatos, como a vitória militar ou a celebração dos Jogos Seculares. A própria reverência a parentes falecidos do imperador nas cunhagens funcionava como uma forma de amplificar a estirpe do *princeps*, categoria epidítica, por excelência (MARTINS, 2011, p. 155). Essas imagens foram analisadas no decorrer dos capítulos que compõem essa dissertação.

Por fim, ressaltamos que, conforme Gonçalves (2013, p. 46) apontou, a propaganda fabricava uma determinada idealização do governante, mas não poderia exceder os limites da mentira. Assim, as escolhas das associações entre Domiciano e as figuras divinas, semidivinas e históricas que abordamos nesse trabalho não foram fortuitas, mas frutos do arbítrio dos cortesãos do imperador e contextualmente circunscritas, variáveis que permitiram que fossem utilizadas na construção da imagem pública daquele *princeps*. Acreditamos que em determinado grau a estabilidade do governo de Domiciano – o mais longo de sua dinastia – foi produto do sucesso da propaganda política que construiu a sua imagem e a disseminou por meio das letras e das moedas romanas. Defendemos, portanto, que a propaganda foi utilizada de forma ampla

²⁹ Aristóteles (*Rh.* 1391b-1393a) compreende a amplificação como um recurso comum a todos os três gêneros discursivos (judiciário, deliberativo e epidítico). Segundo essa definição, a amplificação corresponderia ao grau de magnitude do objeto alvo do discurso reivindicado pelo orador, ou seja, ao aumento das qualidades ou dos defeitos do indivíduo elogiado ou vituperado. Um estudo sobre o conceito da amplificação nos discursos ciceronianos pode ser encontrado em Lima e Bandeira (2019, p. 101-116).

no governo de Domiciano de modo a cooptar forças provenientes das aristocracias senatoriais, dos soldados e da população romana para garantir a legitimidade imperial e demonstrar que o imperador correspondia as expectativas desses grupos sociais. Essas imagens construídas podem ser compreendidas como representações suportadas em práticas aparentemente díspares (moedas e poemas), mas circunscritas em um mesmo interdiscurso, a retórica.

Nesse sentido nos valem do binômio formado pelos conceitos de *representação* e de *práticas* tais como propostos por Roger Chartier (1991; 2002) para compreendermos essa fabricação imagética de Domiciano como historicamente localizada. Para Chartier (2002, p. 17), a história cultural tem como seu objeto a análise das formas pelas quais distintas localidades dispostas em variados contextos históricos ou realidades sociais constroem, forjam, pensam e representam o mundo em que vivem. Diversas formas de classificação do mundo social são ou foram construídas e inculcadas no tecido social, como as classes ou ordens sociais e outras delimitações que visam a organicidade do mundo social. Essas formas de organização são verdadeiras categorizações essenciais para a construção e percepção de uma determinada realidade. Dada essa ideia, o autor salientou que essas formas de categorização do mundo social são produzidas, amiúde, a partir da determinação dos interesses de coletividades ou grupos sociais que as elaboram. São representações que se querem universais e que, portanto, são formas de agir politicamente no mundo, por isso a necessidade de compreender além dos discursos o lugar ocupado pelos agentes históricos que os constroem. Essas representações não são produzidas em outro ambiente senão naquele em que diferentes concepções, contraditórias entre si, se confrontam. Nesses conflitos os indivíduos pertencentes ou não a grupos forjam sentidos ao seu mundo que podem ser convergentes ou divergentes (CHARTIER, 1991, p. 177).

As representações construídas individualmente ou em grupo não podem ser observadas pelo pesquisador de forma desencarnada de seu contexto de produção. As condições de produção bem como seu contexto histórico e social permitem ao pesquisador compreender as idiosincrasias presentes no texto (CHARTIER, 1991, p. 182). Por meio das práticas e das representações – noções que se retroalimentam e se coadunam – as realidades são construídas, reformadas, mantidas ou mudadas. Entendemos por práticas como sendo as formas encontradas pelos indivíduos de efetuarem as suas tarefas cotidianas, como comer, como vestir, como escrever, como

elogiar ou como vituperar são alguns exemplos. Aqui reside a nossa defesa do uso do que se convencionou denominar literatura como fonte para a análise histórica. Uma vez que o fazer literário no Mundo Antigo configurava-se como uma prática discursiva, textos ficcionais também eram formas de representação do mundo social.

Dessa forma, as representações podem ser entendidas como elementos estruturantes porque além da qualidade de forjar o mundo social, elas detêm o poder de definição das percepções sobre esse mundo que ela cria (LIMA NETO, 2014, p. 23). As análises de Baptista (2019), de Barchiesi (2021), de Braund (1997) e de Benker (1987) são exemplos pertinentes da dimensão representativa das construções literárias no contexto do Principado.

De fato, uma vez que as práticas letradas romanas eram retoricamente estabelecidas, a ideia de texto literário que temos hoje (proveniente do século XIX, burguês e romântico) não se encaixa no contexto das letras latinas. Baptista e Leite (2021, p. 263-284) defenderam como no caso de Domiciano a sua tirania expressada em obras como as de Tácito, Plínio, o Jovem e Suetônio encontrou respaldo numa tradição retórica do vitupério. Além disso, defenderam uma posição interessante aos estudos das representações e ideias políticas, a de que o historiador nunca encontrará o verdadeiro caráter de Domiciano, uma vez que o que temos daquele imperador são representações cunhadas, inscritas e escritas – todas retoricamente e inseridas em conjunturas históricas particulares – sobre ele.

As representações podem ser definidas, por sua vez, como as maneiras pelas quais os indivíduos entendem o seu mundo ao redor, suas maneiras de enxergar a vida em sociedade. A partir da nossa pesquisa pudemos compreender que a *persona* imperial era alvo de constante vigilância porque, por exemplo, a ideia do *princeps* capaz de governar para Tácito (*Hist.* 1.49) estava mais próximo de Vespasiano do que de seu filho caçula Domiciano. Uma série de atributos era outorgada ao soberano como os predicados de Augusto e César nas moedas, ao passo que Plínio, o Jovem, estabeleceu a figura do *Optimus princeps* como aquele dotado de zelo pelo senado, de piedade familiar e divina, desprovido de vaidades pessoais, defensor da *res publica* dentre outras atribuições ou formas de qualificação da conduta do imperador (Plin. *Pan.* 4.1; 1.3; 20.5; 52.3; 55.10; 5.5.6; VENTURINI; COSTA, 2012, p. 982).

Outro conceito utilizado foi o de *teatrocracia* cunhado por Georges Balandier (1982). Todo sistema de poder é propenso à produção de efeitos, os quais “se comparam às ilusões criadas pelas ilusões do teatro” (BALANDIER, 1982, p. 6). Nesse sentido o governante precisa lançar mão de uma série de dispositivos místicos, culturais ou religiosos para legitimar seu poder, pois a sua legitimação se deve em grande medida das ilusões propagadas pelo regime e aceitas pela ótica social. Além dos atributos que se formam na pessoa do governante, a territorialidade, a espacialidade e os monumentos também guardam significados. Para a perpetuação de determinadas memórias sobre um regime ou um governante, a edificação de espaços públicos soma às estratégias de propaganda política e, conseqüentemente contribui para a teatralização do poder (BALANDIER, 1982, p. 10 ss).

Teatrocracia, dessa forma, se revelou um conceito de valia para a presente pesquisa, na medida em que denota um dispositivo de poder ou mesmo como um produtor de efeitos semânticos em torno do governante ou do regime. No limite, essa noção atrelada a de propaganda nos permitiu compreender as representações de Domiciano contidas nas moedas e na *Aquileida* como formas encontradas pelos agentes do poder atrelados ao *princeps* para a manutenção da subordinação social por meio da transmissão de imagens públicas das características esperadas pela *persona* imperial. Os símbolos dentro dos sistemas de poder simbólico são elementos imprescindíveis que visavam a coesão dos segmentos sociais que compõem o tecido social. A existência de marcadores simbólicos, portanto, gerava efeitos semelhantes à catarse teatral. O imperador, dessa forma, deveria demonstrar ações aptas ao que era esperado pelo *habitus* imperial, uma vez que os súditos não acreditariam em um poder que não fosse demonstrado explicitamente por seu soberano (BALANDIER, 1982, p. 36; ELIAS, 2001, p. 133).

A Domiciano, por exemplo, foi outorgado o título de Germânico pelo senado, que passou a ser uma das formas de identifica-lo nas moedas e nas práticas letradas, embora autores contestassem o sucesso de suas empreitadas militares (Tac. *Agr.* 39.1; Plin. *Pan.* 16.3). De uma maneira geral, empregamos o conceito de *teatrocracia* em nossa pesquisa para entendermos como essas representações – ou encenações teatrais, como quer Balandier (1982) – projetavam determinados predicados míticos esperados pelos receptores das moedas e das obras poéticas durante o Principado de Domiciano (FONSECA, 2007, p. 174).

Utilizamos o conceito de *teatrocracia* em confluência ao conceito de *campo* de Pierre Bourdieu (2005) por entendermos que os espaços de representação imperial gozavam de certa autonomia, mas ainda submetidos a uma conjuntura específica. Esse conceito denota o espaço do debate agonístico em que interesses antagônicos sobre determinadas áreas regradas previamente disputam entre si. Essas disputas são pautadas amiúde em relações de poder nas quais se exige dos indivíduos certo *background* para que possam alcançar posições dentro do campo pretendido. Conforme vimos anteriormente, Estácio teria emulado Vergílio e Homero, respectivamente, nas composições da *Tebaida* e da *Aquileida*.

Para Cesila (2013, p. 13) a emulação ou *aemulatio* figurava-se como uma condição para o fazer literário na Antiguidade romana, uma vez que ao fazê-lo, o poeta se inscrevia numa tradição que no caso de Estácio tratava-se da tradição épica. As obras literárias, dessa forma, não possuem a faculdade de existirem sozinhas senão em confluência com uma plêiade de outros discursos que podem censura-las, chancela-las, autoriza-las e mesmo influencia-las. Observamos, portanto, que o conceito de *campo* nos será de valia na análise da *Aquileida* tanto em termos genéricos (épica) quanto na perspectiva do encômio imperial (BOURDIEU, 2005, p. 227).

A convergência dos conceitos de *representação e práticas* (CHARTIER, 1991; 2002), *propaganda* (MARTINS, 2011; GONÇALVES, 2013) e *teatrocracia* (BALANDIER, 1982) conflui para o sistema de representações políticas proposto por Pierre Bourdieu (2005). O autor conceituou o *poder simbólico* como o conjunto de sistemas simbólicos – arte, religião, monumentos – cuja finalidade é o consenso social de uma determinada visão de ser e estar no mundo. Essas visões de mundo nem sempre são harmônicas e culminam em embates sociais em que determinadas definições do mundo social entram em choque. O poder simbólico permite àqueles que lançam mão dessas ferramentas discursivas à obtenção do “equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica)”, o que legitima, justifica ou mesmo sanciona determinada ordem ou visão de mundo. Em confluência com as noções de *teatrocracia* (BALANDIER, 1982) e de *representação/prática* (CHARTIER, 2002), o poder simbólico apresenta-se como um produtor de sentidos e de percepções que impõe e legitima uma determinada forma de organização sociopolítica (BOURDIEU, 2005, p. 14-15). O que pudemos entender por meio da confluência desses conceitos e noções foi que as representações fabricadas sobre Domiciano e seu Principado edificaram determinadas realidades de acordo com funções

políticas específicas (poder simbólico). Esse foi o arcabouço teórico que adotamos para a confecção da presente pesquisa que foi dividida e organizada da maneira que se segue.

A presente dissertação foi dividida em três capítulos compostos por temáticas que destrincharam os nossos objetivos específicos. O primeiro capítulo, intitulado *O Principado de Domiciano*, abarcou três temáticas centrais sobre os caminhos percorridos por Domiciano até a sua ascensão em 81. No primeiro tópico, intitulado *A atuação política de Domiciano*, narramos os principais acontecimentos que levaram Domiciano ao poder e que movimentaram os quinze anos do governo do último flaviano e as questões pertinentes ao seu assassinato. Abordamos as principais correntes interpretativas sobre o desfecho conspiratório que culminou na morte do último flaviano em outubro de 96. No segundo tópico intitulado *As faces de Domiciano na historiografia* procuramos demonstrar como os historiadores dos séculos XIX, XX e XXI trataram o governo de Domiciano e exploraram determinadas fontes em detrimento de outros testemunhos. Finalizamos esse tópico apontando os avanços, os recuos e as lacunas deixadas por esse conjunto de historiografias acerca da gestão de Domiciano. Por fim, no tópico *Domiciano, as letras e o interdiscurso retórico* abordamos os conceitos de patronato e clientelismo, o elogio retórico à *persona* imperial e as relações do soberano no campo das letras latinas.

O segundo capítulo foi intitulado *Império das moedas*. Nele, analisamos nosso *corpus* documental monetário a partir da noção de propaganda, do binômio representações e práticas e das contribuições da retórica epidítica. Iniciamos com algumas considerações conceituais sobre as moedas em *A moeda como fonte histórica*. O segundo tópico possui o título de GERMANIA CAPTA, e nele analisamos as moedas com temática bélica cunhadas ao longo dos anos 80 em homenagem às vitórias alcançadas por Domiciano no confronto com povos germânicos. A figura do imperador confundia-se bastante com a da glória de Roma, porque a sua representação como vitorioso foi associada à magnanimidade do exército romano e da própria Roma. Em *Gens Flavia e o campo do sagrado* procuramos demonstrar como a edificação de uma imagem principesca de reverência familiar e divina utilizou bastante das presenças de parentes de Domiciano vivos ou mortos nas cunhagens imperiais de modo a propagar a *pietas* do imperador. Além dessas personalidades históricas, as moedas de Domiciano transmitiam a imagem imperial atrelada a divindades como Júpiter e Minerva, tendo o *princeps* figurado ao lado dessas deidades como expressão da *pietas* para com o sagrado. No quarto tópico, que tem como título *Ludi Saeculares*, analisamos como a imagem pública de

Domiciano foi construída a partir do evento ocorrido em 88 e como o imperador, para além das reverências divinas, foi representado como um governante com uma política baseada na *liberalitas* e na proximidade com período augustano.

Nosso terceiro capítulo foi intitulado como *Império das letras* e dividido em mais três tópicos. Primeiramente, analisamos as correspondências existentes entre Domiciano e o mito de Aquiles por meio do próêmio da *Aquileida*. Esse tópico possui como título *Magnânimo eácida, Magno César* e foi nele que buscamos defender a ideia de que Estácio, como em outros poemas, associou Domiciano a Aquiles. No segundo tópico, chamado de *Educação guerreira*, e no terceiro, denominado *A pietas de Aquiles*, buscamos compreender a construção da história do guerreiro Aquiles como fruto das ideias políticas notadamente romanas. A nossa leitura foi a de que a *Aquileida*, portanto, pode ser entendida como uma épica na qual as ideias de *fortitudo*, *gloria* e *pietas* constituíram o pano de fundo para a história do mito feita por Estácio e que corresponderam ao seu contexto de produção, o governo do terceiro imperador da dinastia flaviana, ou seja, Domiciano.

Por fim, nas considerações finais sistematizamos o debate que construímos ao longo dos três capítulos dessa dissertação, retomamos as duas partes de nossa hipótese de trabalho e apontamos questões para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1

O PRINCIPADO DE DOMICIANO

Nesse capítulo abordamos os principais acontecimentos que levaram à ascensão de Domiciano ao posto de imperador a partir de 81. Primeiramente, discutimos acerca da atuação política do terceiro flaviano antes da morte de seu irmão Tito, bem como traçamos um breve panorama das realizações de Vespasiano a frente do império. Em segundo lugar, dissertamos sobre a historiografia acerca do governo de Domiciano produzida entre os séculos XIX, XX e XXI. Por fim, debatemos sobre as relações entre as letras latinas, os escritores de prosa e de verso, o patronato e o elogio imperial a Domiciano para compreendermos as aproximações daquele imperador com as letras e as possíveis questões que evoluíram o encômio ao *princeps* com a manutenção do poder no Principado.

1.1 A ATUAÇÃO POLÍTICA DE DOMICIANO

Suetônio (*Vesp.* 1) iniciou a vida de Vespasiano com o relato das origens humildes, segundo padrões romanos, da *gens Flavia*, que seria obscura e sem relatos ancestrais. O avô de Vespasiano, Tito Flávio Petro, era um cidadão da Sabina que serviu como centurião e ganhou a vida como cobrador de dívidas. O pai de Vespasiano, Tito Flávio Sabino era filho de Petro e de Tertula, essa de origem etrusca. Sabino não teria feito nenhuma carreira militar e foi um cobrador de impostos e alto funcionário de patente equestre na Ásia. Vespásia Pola, sua esposa, era de uma família equestre notável proveniente de Nursa, localizada à margem do território sabino. O pai de Vespásia, Vespásio Pólio, fora por três vezes tribuno dos soldados e *praefectum castrorum*, prefeito do acampamento das legiões. Vespásia e Sabino tiveram dois filhos, Tito Flávio Sabino e Tito Flávio Vespasiano (JONES, 1992, p. 10-13; VERVAET, 2016, p. 45).

Nascido em 17 de novembro do ano 9 em Falacrina, uma pequena aldeia na Sabina, Vespasiano, aos vinte e cinco anos, assumiu a *toga virilis*. Na segunda metade dos anos 30, se casou com Flávia Domitila, com quem teve três filhos, Tito, Domitila e Domiciano. Sua filha e sua mulher faleceram antes de verem Vespasiano ascender ao poder (JONES, 1992, p. 22-23; VERVAET, 2016, p. 46). Flávio Sabino fez um percurso

mais proeminente que Vespasiano porque, antes que esse fosse aclamado imperador, o primeiro foi legado na Mésia em 49 e em 56, cônsul sufecto³⁰ sob Nero, e prefeito de Roma no Principado de Oto, como nos informa Tácito (*Hist.* 1.46).

A carreira política de Vespasiano, entretanto, não progrediu antes do Principado de Cláudio (41-54) quando finalmente pôde servir o imperador na Britânia e na Germânia. Em 51, Vespasiano foi cônsul e, mais tarde, governador da África. Nos tempos de Nero (54-68), foi comandante das tropas imperiais encarregadas da sedição na Judeia (66-70) e levou consigo seu primogênito Tito³¹ (Suet. *Vesp.* 2-5). À parte toda essa conjuntura desfavorável que relegava Vespasiano e sua *domus* à condição de *novi homines*, ele pôde, contudo, contar com uma rede de aliados que se revelou poderosa e que atuou com ele desde 1º de julho de 69, além do posterior aval do senado e de sua conquista da guarda pretoriana³² (ALSTON, 2005, p. 123).

Desde a emergência do Principado dos flavianos no final de 69, houve uma preocupação com a construção da legitimidade dos imperadores da segunda dinastia imperial. Destacamos o forte papel desempenhado pelos recursos imagéticos e arquitetônicos que auxiliaram na construção da imagem imperial não somente de Vespasiano, mas que também representaram a fundação de uma nova *domus* imperial.

³⁰ Um cônsul sufecto era eleito pela assembleia das centúrias em ocasião extraordinária para substituição de um cônsul nomeado. O *consul ordinarius* era eleito e sua nomeação gozava de enorme prestígio porque servia como marco inicial de um ano. Além de Tito e de Vespasiano, foram cônsules Domiciano e Valério Catulo Messalino, em 73 e Ceião Cômodo e Júnio, em 78. Nerva, que viria a ser escolhido pelo senado em 96 como o sucessor de Domiciano, foi cônsul em 71 e em 90, nesse ano durante o governo do último dos flavianos (ALSTON, 2005, p. 126).

³¹ A província da Judeia foi um local em ebulição sendo motivo de constantes envios de forças militares da Síria para apoio do governador local. A aristocracia local era partidária dos romanos e pôde impedir a mobilização de um grande exército contra Roma. Em 66, contudo, o procurador tentou aumentar os impostos na província e extrair dinheiro dos fundos sagrados do templo judaico. Houve resistência. O governo provincial precisou reprimir violentamente uma multidão de peticionários, porém não conseguiu assegurar a paz em Jerusalém. Isso gerou um impasse, que avançou a passos largos para uma rebelião. O governador da Síria, que na época era Céstio Galo, precisou marchar sobre Jerusalém, porém com menos soldados que o número de revoltosos, embora esses não estivessem tão bem equipados em termos de materiais bélicos. Galo foi obrigado a pelear contra os judeus que obtiveram êxito. A sedição ganhava, paulatinamente, cada vez mais amplitude a ponto de ter se tornado um problema militar para a capital do império. Nero estava na Grécia em 66. Vespasiano foi o escolhido para o comando da contraofensiva. O general reuniu tropas de todo o Oriente para montar sua expedição. A campanha foi limitada aos anos de 67 e 68, entretanto, com a morte de Nero irromperam guerras sociais. Em 70, Tito, o filho mais velho de Vespasiano, conseguiu tomar Jerusalém, mas as hostilidades entre Roma e a Judeia somente foram sanadas em 135 sob o Principado de Adriano (ALSTON, 2005, p. 95).

³² Os *novi homines* podem ser compreendidos como os indivíduos desprovidos dos atributos necessários para que pudessem adentrar às elites políticas romanas, como no caso da aristocracia, e que buscavam meios para aproximarem-se desses grupos. A educação retórica, filosófica e poética outorgava aos romanos distinção e prestígio sociais além de reforçar seu *status*. Nomes como os de Cícero e de Horácio, por exemplo, puderam ascender socialmente graças às práticas letradas que os permitiram a equipararem-se com os membros da elite em termos do interesse pelas letras (SILVA; LEITE, 2020, p. 611).

Tais recursos imagéticos utilizaram muito do expediente augustano e republicano em termos de nomenclaturas, iconografia, titulações e aproximações com aqueles passados, além de ter introduzido novos emblemas característicos da dinastia flaviana conforme analisamos nas cunhagens monetárias no Segundo Capítulo dessa pesquisa.

Além da dimensão simbólica, o primeiro representante dessa nova *domus* imperial preocupou-se em realizar reformas fiscais e legislativas. Foi a tópica da gestão de Vespasiano (69-79) a criação e o aumento de impostos provinciais e o restauro de taxas outrora criadas pela gestão de Galba (Suet. *Vesp.* 16.1; LEVICK, 1999, p. 72-73). Vespasiano também buscou revogar isenções concedidas por Nero (54-68) a algumas cidades gregas bem como aquelas concedidas por Galba para a Gália e para a Hispânia. O *fiscus iudaicus* e o *vectigal urinae* foram outros dois impostos criados pela gestão de Vespasiano.³³ Além disso, os habitantes das províncias que recebiam o direito à cidadania romana (*Ius Latii*) ficavam com a obrigação de pagar um imposto sobre a terra de que usufruíam além do tributo de sucessão e de manumissão. Proporcional ao aumento do número de territórios elevados à condição de colônias romanas e da concessão da cidadania, a lista de contribuintes também subia³⁴ (LAUNARO, 2016, p. 202).

Os filhos de Vespasiano tiveram papéis preponderantes ainda no estabelecimento da dinastia. Tito, o filho mais velho de Vespasiano, foi uma peça indispensável na escalada de seu pai. Ele esteve na Judeia ao lado de Vespasiano e liderou as tropas vitoriosas na tomada de Jerusalém, no final do ano 70. Em 71, Tito retornou a Roma e, novamente junto com seu pai, desfilou numa procissão triunfal, que mais tarde foi imortalizada no Arco de Tito, cuja construção data de entre 81 e 82, sob Domiciano. Esse evento teve a função de consolidar a vitória de Vespasiano e de Tito bem como a dinastia

³³ Descrita como *ioudaion telesma* ou *didrachmon* em fontes escritas em grego, foi uma taxa administrada pelo tesouro imperial conhecida por *fiscus iudaicus*. Dião Cássio (66.7.2) relatou que o imposto foi limitado aos de etnicidade judaica e que permaneciam fiéis aos costumes ancestrais. Foi uma apropriação dos romanos de uma contribuição anual que judeus deveriam pagar instituída nos tempos de Vespasiano após a destruição do Templo de Jerusalém pelo exército liderado por Tito, em 70 (Suet. *Dom.* 12.2; Joseph. *BJ.* 7.218) e destinada à manutenção do Templo de *Jupiter Optimus Maximus*, localizado no Capitólio, em Roma, bem como na construção do Anfiteatro Flaviano, iniciado por Vespasiano e inaugurado por Tito em 80 (LEVICK, 1999, p. 101). O imposto permaneceu na administração de Domiciano. O *vectigal urinae*, por sua vez foi uma taxa sobre as ânforas que eram alocadas em diversas esquinas de Roma e que serviam como recipientes para armazenar dejetos humanos, no caso a urina, e que depois eram levados até a oficina de curtidores para o trabalho com curtume. A urina era uma fonte natural de ureia que, quando armazenada por um longo período, se transformava em amônia ou em amoníaco que era aplicado em peles e em couro utilizados no curtume. Assim, o tributo não apenas representou uma fonte a mais de recolha de receitas, mas como uma forma de garantir matéria-prima para os curtidores (RODRIGUES, 2020, p. 126).

³⁴ Sobre mais ações de Vespasiano para angariar recursos públicos cf. Levick (1999, p. 100-101).

nascente. Tito foi cônsul ordinário em 72, 74, 75, 76, 77 e em 79, todos durante o governo do pai. Em 71, Tito exerceu o cargo de prefeito do Pretório e ficou encarregado da segurança pessoal do novo imperador (Tac. *Hist.* 4.7). Domiciano também exerceu cargos durante o governo de Vespasiano. Foi cônsul sufecto em 71, 74, 76, 77 e em 79 e cônsul ordinário em 73 e em 80 – esse último durante o governo de Tito (79-81). Concordamos com Alston (2005, p. 125), que considerou Domiciano como um dos membros fundamentais para o estabelecimento da dinastia flaviana, dado o número de cargos que assumiu ao longo dos Principados de Vespasiano e de Tito.

No que diz respeito à composição imagética de Vespasiano chamamos atenção para os testemunhos monetários.³⁵ Foram os ateliês monetários de Antioquia – sendo essa a cidade de residência de Vespasiano em 69 – e Alexandria as pioneiras nas cunhagens de moedas no período de ascensão militar de Vespasiano. Nesse contexto, as primeiras peças monetárias representam Vespasiano como o defensor da liberdade pública como expresso nas legendas *Libertas publica* (liberdade pública) e *Libertas restituta* (liberdade restituída). Temos também algumas referências à Concórdia, a *Concordia Augusti* e a *Concordia Senatus*, além da aparição da deusa Vitória. Vespasiano a partir dos testemunhos das moedas expressou o desejo de governar em harmonia e em estreita colaboração com o senado (Tac. *Hist.* 2.82; HURLET, 2016, p. 30). Peças também representavam o imperador ao lado dos dois filhos que, segundo nos relataram Suetônio (*Vesp.* 25) e Dião Cássio (65.12), seriam os únicos aptos a serem seus sucessores, como no exemplo abaixo.



³⁵ Outros tipos iconográficos e arqueológicos produzidos durante o período flaviano do Império Romano são dignos de nota. Os projetos arquitetônicos como o Anfiteatro Flaviano e as Termas de Tito, além dos arcos triunfais de Domiciano e a *Domus Flavia* no Palatino nos revelam imagens imperiais representativas. Pompeia por sua vez nos revela cenas da vida cotidiana de uma cidade imersa no contexto Flaviano (HURLET, 2016, p. 33).

Fig. 1 – Denário de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Vespasiano, em 70. Anverso: busto de Vespasiano laureado rodeado pela inscrição *IMP[ERATOR] CAESAR VESPASIANVS AVG[VSTVS]* “Imperador César Vespasiano Augusto”. Reverso: bustos de Tito e Domiciano, frente a frente, rodeados pela inscrição *CAESAR AVG[VSTI] F[ILII] COS[VL] CAESAR AVG[VSTI] F[ILIVS] PR[AEFECTVS]*, “César, da prole de Augusto, Cônsul”; “César, da prole de Augusto, Prefeito”. RIC II 1404.

Vemos no anverso dessa peça o busto laureado de Vespasiano como César e Augusto, duas titulações que remetiam ao passado romano dos conflitos no contexto do Segundo Triunvirato, após o assassinato de Júlio César em 44 AEC, como a imagem de seu filho adotivo Otávio. No reverso estão representados, respectivamente, o cônsul Tito, que dividia o posto com seu pai, e o prefeito do pretório, Domiciano. Tácito nos ofereceu um relato que comprova as representações como tais nessa peça quando disse que o senado decretou “o consulado para ele próprio [Vespasiano] junto ao filho Tito, e a pretura e o poder consular para Domiciano”³⁶ (Tac. *Hist.* 4.3.7).

Notamos a tentativa do regime de Vespasiano de maquinar a manutenção da dinastia desde quando o então general foi alçado pelo senado ao poder. Com Tito e Domiciano, a dinastia flaviana teria prosseguimento quando o já idoso Vespasiano falecesse. Dessa forma, a sucessão não seria conturbada ou usurpada após a morte do primeiro representante dos flavianos. Na peça abaixo, podemos ver outro exemplo da importância da apresentação dos filhos nas cunhagens sob autoridade de Vespasiano.



Fig. 2 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Vespasiano, em 71. Anverso: Busto de Vespasiano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] VESPASIAN[VS] AVG[VSTVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBUNICIA] P[OTESTAS] P[ATER] P[ATRIAE] CO[N]S[VL] III*. “Imperador César Vespasiano Augusto, Pontífice Máximo, Poder Tribunício, Pai da Pátria, Cônsul pela terceira vez”. Reverso: Domiciano e Tito de pé, frente à frente, ambos segurando

³⁶ *ipsi consulatus cum Tito filio, praetura Domitiano et consulare imperium decernuntur*. As traduções das *Histórias* de Tácito utilizadas nesse trabalho são de autoria de Frederico de Sousa Silva (2015).

lanças. Tito ainda segura um *parazonium* e Domiciano um *volumen*. Inscrição: CAES[AR] AVG[VSTI] F[ILIVS] DESIG[NATVS] IMP[ERATOR] AVG[VSTI] F[ILIVS] CO[N]S[VL] DESIG[ATVS] IT[ERVM] S[ENATVS] C[ONSVLTVM]. “César, filho de Augusto, Cônsul designado, supremo comandante, filho de Augusto, cônsul eleito pela segunda vez. Decreto do Senado”. RIC II 143.

Nessa peça vemos o busto de Vespasiano laureado e voltado à direita no anverso acompanhado pela inscrição que representava seus atributos como *princeps*, “Imperador César Vespasiano Augusto, Pontífice Máximo,³⁷ Poder Tribunício, Pai da Pátria,³⁸ Cônsul pela terceira vez”. No reverso figuram Tito (à esquerda) e Domiciano (à direita) em pé e de frente um para o outro e ambos seguram lanças. Tito ainda porta um *parazonium* e Domiciano segura um *volumen*. O *volumen* que Domiciano segura simbolizava o conjunto de leis romanas, o que poderia sugerir que o terceiro filho de Vespasiano era o guardião da ordem (MARTINS, 2011, p. 147). O *parazonium* era uma arma semelhante a uma adaga, porém mais longa e variava de tamanho (entre 35 e 50 centímetros de comprimento). Essa arma possuía uma forma semi triangular e era colocada na cintura do indivíduo. Esse apetrecho era considerado um símbolo da *virtus* e foi constantemente utilizado em cunhagens dos imperadores Vespasiano, Tito, Domiciano, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Cômodo, Caracala e Alexandre Severo (STEVENSON, 1889, p. 600).

A peça apresenta a inscrição no reverso “César, filho de Augusto, Cônsul designado, supremo comandante” que identifica a figura da esquerda como sendo a de Tito, uma vez que o primogênito foi eleito pela primeira vez cônsul em 71 e exerceu o consulado ordinário em 72, bem como atuou como comandante das forças flavianas na sedição na Judeia em 71 (ALSTON, 2005, p. 124). Outra parte da inscrição no reverso

³⁷ O Pontífice Máximo era o chefe do colégio de sacerdotes encarregado dos assuntos religiosos e das cerimônias sagradas públicas ou privadas, da Roma Antiga. Teria sido criado pelo rei lendário Numa Pompílio no período monárquico de Roma. A escolha do indivíduo que exerceria as funções sacerdotais ficava a cargo dos patrícios. Os nobres eram os mais cotados a cada sufrágio, entretanto, com o tempo os plebeus puderam escolher seu representante. Sob a República, o *pontifex maximus* era uma das principais figuras do cenário político e ainda tinha como atribuição a direção dos assuntos religiosos, a prescrição de cerimônias e a explicação de mistérios. Neste período, porém, o pontífice passou a governar as vestais, um grupo de sacerdotisas de Vesta. Além disso, o pontífice podia ditar as formas pelas quais as estátuas públicas seriam erigidas, se tornar o guardião dos livros sagrados, regulamentar o calendário e gerenciar os sacramentos matrimoniais. Este cargo era vitalício e seu prestígio conferia ao indivíduo uma grande dignidade (*dignitas*). Júlio César teria acumulado este cargo durante o período que foi *dictator*. Até o Principado de Balbino e de Pupieno, que durou poucos meses do ano de 238, o pontífice foi uma prerrogativa exclusiva do imperador e não poderia ser transposta a alguém do círculo daquele (STEVENSON, 1889, p. 639).

³⁸ Cícero teria sido o primeiro homem que obteve o direito de portar o título de *pater patriae* a partir de uma concessão senatorial em Roma como forma de reconhecimento de seus serviços prestados à *res publica* por ocasião do episódio da conspiração de Catilina. Júlio César conferiu este *cognomen* aos seus parentes. Esse *cognomen* foi dado a Augusto em comemoração à sua clemência, fato este que repetiu-se na vigésima-primeira renovação de seu poder como tribuno (STEVENSON, 1889, p. 605).

indica que a figura à direita corresponde a Domiciano “filho de Augusto, eleito cônsul pela segunda vez”, o que parece atribuir o *status* de consulado ao momento em que, em meados de 69, o segundo filho de Vespasiano foi nomeado César pelos senadores.

Domiciano ainda se mudou para a residência imperial romana e tornou-se pretor com poderes consulares, também com o aceite senatorial, aos dezoito anos de idade. Naquele momento, Domiciano representava a *gens Flavia* nas audiências senatoriais, por causa da ausência de Vespasiano. No entanto, como salientou Jones (1992, p. 16), o papel de Domiciano como César e pretor com poderes consulares era mediado por Muciano, então general e cônsul sufecto (nomeado em 64) e parceiro de Vespasiano durante as lutas contra Vitélio (Tac. *Hist.* 4.2-3; 40). Desse modo, a moeda supramencionada buscou, de fato, propagar a mensagem de que o império possuía com Vespasiano dois possíveis sucessores, o que afastaria os sentimentos de um novo conflito social e estabelecia Tito e Domiciano como os continuadores da dinastia flaviana.

Domiciano e Tito, filhos e herdeiros de Vespasiano, figuraram em moedas do pai durante os dez anos daquele Principado. Os reversos monetários demonstraram os irmãos sempre juntos, face a face (RIC II 15), togados e sentados em cadeiras curules (RIC II 6) e montados a cavalo em posição de ataque ao inimigo (RIC II 54). De acordo com Gonçalves (2013, p. 106) representações desse tipo poderiam propagar a ideia da *concordia*, ou seja, “a união dos corações em torno de uma mesma vontade, de uma comunidade de ideias, interesses e sentimentos” que não teria outra principal mensagem a ser passada, senão a de continuidade. Sabemos que o contexto da emergência da dinastia flaviana foi o de um ano conturbado politicamente, o Ano dos Quatro Imperadores, no qual quatro príncipes digladiaram-se pelo direito de serem alçados ao posto imperial.³⁹

Se por um lado sabemos por meio dos escritos de Suetônio (*Vesp.* 25) que a vontade de Vespasiano era a de ser sucedido pelos filhos, por outro lado, a documentação monetária deixou clara a sua predileção por seu filho mais velho Tito em termos de sucessão (RIC II 455; 472; 486). De fato, a partir de 79 Tito sucedeu o pai, mas teve pouco tempo para governar porque faleceu menos de três anos após ascender ao poder,

³⁹ O Ano dos Quatro Imperadores foi uma experiência político-militar dentro do Principado na qual, entre 11 de junho de 68 e 21 de dezembro de 69, sucederam ao poder de forma abrupta Galba, Oto, Vitélio e Vespasiano. Esses governantes possuíam em comum o fato de terem exercido cargos militares além de disputarem a preferência da guarda pretoriana, dos senadores e do *populus* romano. Esses quatro imperadores ainda angariaram o poder por meio das forças militares provinciais que passaram a reivindicar seus representantes como candidatos à púrpura imperial (BELCHIOR, 2013, p. 175).

em 81, em benefício do irmão mais novo Domiciano. A imagem deste passaria, portanto, a partir de sua ascensão a ser a de um imperador e não mais de um filho ou irmão do governante máximo do Império Romano. Antes de analisarmos as formas pelas quais a imagem pública de Domiciano foi fabricada, precisamos resgatar historicamente as condições contextuais que permitiram ao *princeps* o uso de determinadas imagens, inscrições e titulações.

Antes de sua ascensão, na condição de filho do imperador, Domiciano efetuou algumas atividades políticas que merecem destaque. Tácito comentou em alguns momentos de suas *Histórias* que Domiciano, além de ter se tornado pretor sob Vespasiano, atuou em Roma em nome do pai durante o Ano dos Quatro Imperadores. Durante as campanhas de Vespasiano e de Tito no Oriente, coube a Domiciano discursar no senado algumas vezes (Tac. *Hist.* 4.40) e anunciar a lei de revogação dos consulados dados por Vitélio e a organização do funeral de seu tio Sabino (Tac. *Hist.* 4.47). Domiciano ocupou o consulado por seis vezes durante a década de 70, além de substituir seu pai ou o seu irmão no consulado quando requisitado. Ao longo do governo de Vespasiano, Domiciano foi agraciado com os títulos de César e de *Princeps Iuventutis*, com sacerdócios tais como os de *augur*, *frater arvalis*, *magister fratrum arvalium*, *pontifex* e o de *sacerdos collegiorum omnium*, e pôde inclusive ter, a partir de 72, o direito de emitir moedas com a sua efígie⁴⁰ (JONES, 1992, p. 19). Contudo, esses títulos e cargos ocupados por Domiciano na gestão de Vespasiano e de Tito eram, via de regra, sem maiores autoridades⁴¹ (Tac. *Hist.* 4.39).

Ao assumir o poder a partir de 81, porém, Domiciano gozaria da autoridade necessária para ostentar os títulos e exercer as funções de *princeps*. A atuação de Domiciano como governante máximo do Principado aumentou a presença de equestres

⁴⁰ O título de *Princeps Iuventutis* designava uma honraria concedida a um indivíduo que se responsabilizava pela organização dos *Ludus Troiae*, ou os jogos troianos, os jogos nos quais os meninos em idade juvenil participavam. No Principado, esse título passou a ser dado aos filhos do imperador que estavam destinados a um dia tornarem-se *principes* (STEVENSON, 1889, p. 652). O *augur* ou áugure tinha como função a supervisão e o aconselhamento a respeito dos rituais e dos auspícios. Os *Fratres Arvales* eram doze membros que deveriam cuidar do culto de Dea Dia, além de trabalharem no culto imperial. Aquele que presidia esse grupo chamava-se *magister fratrum arvalium*. O pontífice, por sua vez, era um dos membros de um grupo liderado pelo *pontifex maximus* (ROSA, 2006, p. 143). O *sacerdos collegiorum omnium* era um cargo administrativo que tinha como função a regulação das religiões tradicionais romanas (NAEREBOUT, 2021, p. 148).

⁴¹ Muciano, que havia participado no combate à sedição na Judeia ao lado de Vespasiano e a quem teria sido leal durante sua vida, foi descrito por Tácito (*Hist.* 4.39.3) como sendo aquele sob quem recaía a autoridade política necessária em Roma na ausência do primeiro imperador flaviano.

na máquina administrativa imperial. Os equestres passaram a ocupar cargos em diversas funções como a de *ab epistulis* (encarregado da correspondência), *a patrimonio* (propriedade imperial), *a rationibus* (campo das finanças) e na supervisão da cobrança da *vincesima hereditatum* (imposto sobre as heranças). Com essas concessões aos equestres Domiciano pôde consolidar a estrutura da carreira dos cavaleiros, bem como estreitar laços com aquele grupo, o que Galimberti (2016, p. 102) chamou de transformação dos aliados do *princeps* em funcionários do governo.⁴² Além dos equestres, o prefeito urbano teve os poderes ampliados por Domiciano.⁴³

A imagem imperial de Domiciano construída já sob o seu Principado pode ter tomado robustez, inicialmente, por meio das diversas batalhas que travou contra os povos germânicos ao longo dos anos 80. Domiciano efetuou uma expedição contra os catos entre 82 e 83 e recebeu as saudações entre junho de 83 e setembro de 84. O imperador teria recebido a primeira saudação imperial em setembro de 81 e a segunda em março de 82 depois do sucesso de Agrícola na Britânia. A terceira saudação aconteceu em janeiro de 83, a quarta e a quinta podem ter ocorrido entre janeiro e setembro de 84. Em 83, Domiciano celebrou um triunfo por sua vitória contra os catos e ganhou um novo título, o de *Germanicus* (conquistador da Germânia), que aparece em documentos oficiais e em moedas pela primeira vez durante o período de 9 de junho a 28 de agosto de 83. O epíteto passou a fazer parte da sua titulação oficial (JONES, 1992, p. 139).

Domiciano teve alguns oponentes na região do Danúbio: os sármatas, os iáziges, os roxolanos, os suevos, os marcomanos, os quados e os dácios. No inverno de 84 a 85, os dácios, liderados por Decébalos, se voltaram para o Danúbio e atacaram os romanos, e nessa ocasião executaram o governador da Mésia Ópio Sabino. A legião *V Alaudae* pereceu. Suetônio relatou a destruição da legião *XXI Rapax* pelos sármatas (*Dom.* 6.1). Domiciano visitou a Mésia pela primeira vez em 85, imediatamente após a morte de Sabino (*Suet. Dom.* 6.1), recusou a aceitar a paz dos dácios e enviou Fusco contra eles (*Cass. Dio* 67.6.3-5).

⁴² Os equestres ainda ganharam o direito de ocupar assentos nos espetáculos teatrais de maior prestígio, bem como passaram a responder em conjunto com os senadores à *Lex Scantinia* (149 AEC) que punia a pederastia (GALIMBERTI, 2016, p. 102).

⁴³ Domiciano teria aumentado a autoridade do prefeito urbano para que pudesse agir em seu nome durante a sua ausência em Roma (GALIMBERTI, 2016, p. 102).

A investida teve sucesso inicialmente, o que fez Domiciano retornar a Roma entre o verão e o outono, quando celebrou sua décima e décima-primeira *salutationes* por ter expulsado os invasores da Mésia, bem como foi declarado o novo censor por tempo vitalício. No início de 86, em conjunto com a sua décima-segunda saudação ocorrida entre 17 de março e 13 de maio de 86, Domiciano celebrou seu segundo triunfo pela vitória sobre os dácios, o que foi contestado por alguns autores (HAMMOND, 1959, p. 78; ROGERS, 1984, p. 65), mas outros deram esse crédito a Domiciano (STROBEL, 1989, p. 116; JONES, 1992, p. 139).

Uma segunda guerra contra os dácios foi travada em 86. Domiciano dividiu o território da Mésia em duas partes, manteve Cornélio Nigrino na Baixa Mésia (a leste) e nomeou Lúcio Funisulano Vetoniano (até então residente na Panônia) para o controle da Alta Mésia (a oeste) depois da demissão de Tibério Júlio que era parente daquele último. Domiciano, antes de retornar a Roma no final de 86, ordenou que três legiões extras fossem transferidas para o Danúbio, sendo elas a *IV Flavia* da Dalmácia para a Alta Mésia; a *I Adiutrix* da Germânia para Brigetio; e a *II Adiutrix* da Britânia para Sírmio, indo mais tarde para Aquinco (JONES, 1992, p. 140-141).

O controle das províncias foi outra prerrogativa do governo de Domiciano, conforme nos relatou Suetônio (*Dom.* 8.2). No poder, o sucessor de Tito impôs controles mais rígidos sobre os poderes dos cônsules e dos pretores e limitou o poder dos governadores das províncias. Domiciano teria adotado uma postura mais rígida para com a gestão dos governadores das províncias além de intervir na gestão daqueles, ao fornecer instruções sobre o gerenciamento de conflitos locais⁴⁴ (PLEKET, 1961, p. 301; GALIMBERTI, 2016, p. 102).

Em 89, Domiciano precisou conter uma insurreição militar que irrompeu na província da Germânia, conhecida na historiografia como a Revolta de Antônio Saturnino. Temos poucas informações acerca dessa sedição, no entanto sabemos que no dia 1º de janeiro de 89 Lúcio Antônio Saturnino, então governador da Germânia Superior, confiscou os tesouros das duas legiões estacionadas em Mogonciaco (atual Mogúncia, Alemanha), a *XIV Gemina* e a *XXI Rapax*. Com isso, Saturnino promoveu um levante

⁴⁴ Em 84 Domiciano estabeleceu novos postos de funcionários judiciais nas províncias da Britânia com o *iuridicus provinciae Britanniae* e na Hispânia com o *iuridicus per Asturiam et Calleciam* (GALIMBERTI, 2016, p. 102). Mais informações sobre a atitude de Domiciano para com as províncias, cf. Jones (1992, p. 110-114).

contra Domiciano e contou com o apoio das suas próprias legiões, bem como dos catos (MURISON, 1985, p. 37).

O comandante da Germânia Inferior, Aulo Búcio Lápido Máximo, foi conclamado e se dirigiu para a sede da revolta. Ele teve a ajuda do procurador equestre da Rétia, Norbano (Cass. Dio 67.15.2). Essa incursão foi vitoriosa e a sedição foi reprimida. O então general Trajano, futuro imperador, foi convocado da Hispânia com a legião *VII Gemina*, e Domiciano se deslocou de Roma ao lado dos pretorianos. Foi uma revolta de pouca duração e seus líderes foram punidos. É difícil precisar as razões dessa insurreição, uma vez que sabemos dela por apenas dois excertos (Suet. *Dom.* 6-7; Aur. Vict. *Caes.* 11).

Até aquele momento os soldados tinham recebido um aumento de seus salários, assim como tiveram assegurados os seus privilégios e imunidades como veteranos. Os soldados teriam, portanto, poucos motivos para se rebelarem⁴⁵ (JONES, 1992, p. 144). Logo após a supressão dessa revolta, Domiciano dividiu a Germânia em duas partes. Os dois distritos denominados, respectivamente, Alto e Baixo Reno alcançaram o *status* de províncias independentes, como a Germânia Superior e a Germânia Inferior. Essa atitude teria sido uma forma encontrada por Domiciano para eliminar outra possibilidade de insurgência militar contra Roma, por meio da limitação das forças bélicas sob a égide de um só comandante (GALIMBERTI, 2016, p. 102).

A campanha de Domiciano contra os suevos e os sármatas foi iniciada pelo imperador em 89 e finalizada sob Nerva em 97. Teria sido motivada por uma represália de Domiciano aos marcomanos pela recusa em enviar ajuda bélica ao exército romano na ocasião da guerra contra os dácios (84-85). Domiciano entrou na Panônia com a intenção de travar conflitos com aqueles povos e teria ordenado a morte de um segundo grupo de embaixadores que propuseram paz. O conflito pode ser dividido em três fases. A primeira aconteceu durante o ano de 89 marcada pela derrota do exército romano para os marcomanos, que teria obrigado Domiciano a articular a paz com o rei da Dácia Decébalos, porque precisou ausentar-se dos conflitos contra os dácios durante esse intervalo. A segunda fase dos conflitos teria acontecido no ano de 92. O exército romano estacionado em Aquinco estava sob a chefia de Lúcio Tário Rufo e, de acordo com Suetônio (*Dom.*

⁴⁵ Um estudo sobre essa sedição pode ser encontrado em Murison (1985, p. 31-49).

6) teria sido dizimado pelos iáziges, o que teria provocado uma imediata reação por parte de Domiciano (JONES, 1992, p. 151).

A terceira fase se estendeu de 95 até 97 e o exército já sob o comando de Trajano conseguiu vencer os sármatas, os iáziges, os quados e os marcomanos. Nerva teria recebido o título de Germânico e Trajano recebeu um triunfo (Cass. Dio 67.7). Não temos muitas informações acerca dos conflitos entre os exércitos flavianos e os suevos, os marcomanos e os quados. Domiciano teria iniciado os ataques às tribos porque elas não tinham prestado assistência aos romanos contra os dácios, de acordo com Dião Cássio (67.7.1). Domiciano também rejeitou duas tentativas separadas dos germânicos de tratados de paz e teria executado membros de embaixadas. Em novembro de 89, Domiciano estava de volta a Roma numa ocasião em que celebrou o duplo triunfo sobre os catos e os dácios (Suet. *Dom.* 6.1). Para Jones (1992, p. 151-152), ao atacar primeiro os suevos, Domiciano visou prevenir um ataque germânico.

No campo simbólico, a imagem de Domiciano alcançou patamares bastante expressivos. Outras atitudes do *princeps* frente ao Império Romano teriam sido a celebração dos *Ludi Saeculares* em 88 bem como a promoção de um extenso programa de construções arquitetônicas. Destinado à inscrição do nome de Domiciano bem como a expressar a magnanimidade de seu poder como imperador, foi empreendido um grande número de reconstruções, construções e reparos de monumentos públicos, além da elevação de estátuas em ouro ou em prata (ALSTON, 2005, p. 138).

O programa de construções arquitetônicas de Domiciano edificou e reparou bibliotecas, templos, estradas e outros na cidade de Roma.⁴⁶ As construções do último flaviano foram amplamente debatidas por Baptista (2021, p. 254-266) como sendo de dupla natureza, ou seja, coadunavam as dimensões prático-utilitária e simbólica. Em consonância com Dias (2019 p. 231), o autor supracitado defende que as construções levadas a cabo por Domiciano assumiam um papel de difusoras da comunicação sociopolítica entre o *princeps* e os demais atores sociais circunscritos em Roma. Cada construção, portanto, teria também uma finalidade de transmissão de mensagens

⁴⁶ Embora abordemos alguns monumentos contidos em moedas cunhadas sob a autoridade de Domiciano ao longo dessa dissertação, ultrapassa os limites dessa pesquisa um estudo detalhado sobre o programa construtor do *princeps*, o que já foi a tópica de trabalhos de outros colegas. Um estudo robusto sobre as construções domiciânicas na cidade de Roma pode ser encontrado em Baptista (2021, p. 236-479). Sobre a dimensão comunicativa das construções de Domiciano cf. Dias (2019, p. 92-128).

ideológicas do regime flaviano a partir da materialidade urbana. Desse modo, o programa construtor de Domiciano levou em consideração as demandas do regime (dimensão simbólica) assim como os de ordem popular (dimensão prático-utilitária) o que outorgava a cada monumento erigido uma característica de discurso político, de difusão de conceitos políticos (BAPTISTA, 2021, p. 274-275; DIAS, 2019, p. 231-243).

Outros momentos propícios a difusão de imagens públicas do imperador foram os *Ludi Saeculares*. Os Jogos Seculares eram celebrados em momentos esporádicos ainda no período republicano. Augusto reativou os jogos em 17 AEC para celebrar o seu governo bem como para inaugurar um novo momento (*saeculum*) de paz, no contexto do fim das guerras travadas entre Roma e o Egito. Desde Augusto, portanto, tornou-se regra que o evento acontecesse a cada cem anos, o que não foi seguido por Cláudio que executou os *Ludi* em 47. Domiciano, no entanto, celebrou os mesmos jogos quarenta anos depois, especificamente no ano 88, seguindo as prerrogativas estabelecidas pelo primeiro *princeps* romano.⁴⁷ O historiógrafo Tácito atuou, naquele ano, como pretor e *quindecemvir* e participou ativamente do planejamento e da execução dos Jogos Seculares de Domiciano (Zos. 2.2.1; Tac. *Ann.* 11.11.1; SOBOCINSKI, 2006, p. 584).

Os *Ludi Saeculares* tinham início após alguns dias de eventos preparatórios. A princípio os cidadãos levavam oferendas originárias da produção agrícola conhecidos como *fruges* a diversos templos de Roma.⁴⁸ Após alguns dias eles recebiam materiais para serem usados em rituais de purificação de residências particulares, dentre eles, enxofre, betume e perfumes. Esses materiais eram conhecidos por *suffimenta* e serviam para a purificação das residências oficiais dos sacerdotes responsáveis pela organização dos Jogos Seculares chamados de *quindecemvir sacris faciundis* (STEVENSON, 1889, p. 764). O imperador fazia parte desse grupo de sacerdotes. Após a distribuição dos *suffimenta* eram praticados seis sacrifícios alternados: pela noite em honra aos *Fates*, às *Ilitiae*, e a *Terra Mater* realizados na beira do Rio Tibre no Campo de Marte; e durante o dia eram realizados os sacrifícios a Júpiter, Juno, Apolo e Diana nos templos situados nas colinas do Monte Capitolino e no Palatino (SOBOCINSKI, 2006, p. 584).

⁴⁷ Domiciano celebrou os Jogos Seculares cento e cinco anos depois daqueles organizados sob Augusto. Sobre o desprezo de Domiciano pelos Jogos Seculares de Cláudio, cf. Tácito (*Ann.* 11.11.1), Suetônio (*Dom.* 4.3) e Zósimo (2.4).

⁴⁸ Os *fruges* denotavam os frutos provenientes da terra como as favas que serviam de oferendas em homenagem às forças telúricas (*Ov. Fast.* 2.575-580).

Todos esses sacrifícios eram realizados no início das celebrações dos jogos. Por três dias cerca de cem mulheres casadas e com filhos realizavam os banquetes rituais, os *sillisternia*, ocasião em que poderiam desfrutar das iguarias ao lado de imagens de deusas, suas convidadas de honra. As representações teatrais encenadas com textos em latim e em grego iniciavam na noite do primeiro sacrifício e continuavam por dias até a realização do sexto e último. Corridas de bigas, caça a animais e jogos circenses aconteciam simultaneamente aos jogos teatrais (SOBOCINSKI, 2006, p. 584).

Em 88 houve uma inclusão na cunhagem monetária romana para a emissão de uma série de moedas que exibiam cenas dos *Ludi Saeculares*. As cunhagens deram bastante ênfase às cerimônias religiosas bem como à visibilidade do imperador em cenas ao lado da população na distribuição dos *suffimenta* e no recolhimento dos *fruges*. Na perspectiva de Sobocinski (2006, p. 586), essa série de cunhagens cumpriram o objetivo do estabelecimento de estratégias para tornar os Jogos Seculares de Domiciano memoráveis por causa das ocasiões solenes representadas. De um modo parecido com os *Ludi* de Augusto, Domiciano era apresentado como o fundador de uma nova era em Roma (DARWALL-SMITH, 1996, p. 248).

Analisamos essas cunhagens no Segundo Capítulo dessa dissertação à luz da retórica epidítica e da noção de propaganda para compreendermos de que modo essas cunhagens construíram uma determinada mensagem destinada aos possíveis públicos da época. Levamos em consideração a materialidade, o metal utilizado, as inscrições e as imagens para inferirmos de quais maneiras essas variáveis relacionavam-se com a retórica epidítica de modo a propagar determinadas imagens de Domiciano ao longo de seus quinze anos de governo. Entretanto, a construção da imagem imperial de Domiciano não começou em 81, mas desde o primeiro ano do Principado de Vespasiano – mesmo que durante o intervalo temporal de 69 a 81 Tito se tornasse mais proeminente que ele. Domiciano esteve presente em cunhagens do pai e do irmão, recebeu honras e títulos e exerceu diversos cargos públicos.⁴⁹

⁴⁹ Extrapola os limites da presente dissertação o exame das representações de Domiciano em moedas de Vespasiano e de Tito. Um estudo sobre as representações de membros da família flaviana nas cunhagens desses três imperadores pode ser encontrado em Wood (2016, p. 129-145). No Segundo Capítulo dissertamos sobre a presença de representações de familiares deificados de Domiciano nas moedas cunhadas sob sua autoridade (81-96).

Conforme Balandier (1982, p. 6) os sistemas de poder constantemente fabricam representações do regime e do governante de modo quase teatral. No caso de Vespasiano, a construção de sua *persona* política no contexto do Ano dos Quatro Imperadores assim como no episódio das lutas contra os judeus se deu por meio da performance do herói mítico, conforme definida por Balandier (1982, p. 16). Segundo esse autor, essa personagem encenada pelo governante exprime uma teatralidade política em sua plenitude porque mais espetacular, excepcional e que, por isso, possui um poder de persuasão maior do que as representações mais rotineiras (FONSECA, 2007, p. 174-175).

Expoente dessas representações podem ser as cunhagens do tipo *IVDAEA CAPTA* nas quais Vespasiano e Tito aparecem triunfantes ao lado de cativos judeus enlutados.⁵⁰ Estendemos essa mesma ideia para as moedas do tipo *GERMANIA CAPTA* cunhadas após 84 sob autoridade de Domiciano, no contexto das primeiras guerras travadas entre o exército do imperador e os catos. A imagem construída em múltiplas plataformas como nas práticas letradas, nas inscrições, em mosaicos ou em moedas, são formas de exhibir enredos palatáveis aos espectadores, aos súditos. Em outras palavras, o imperador por meio desses expedientes, respondia às expectativas do momento político. Ao mesmo tempo, por meio desses enredos de teatralização do poder, essas imagens do *princeps* fabricavam uma representação do mundo social particular (CHARTIER, 1991, p. 177).

Dessa forma, o regime iniciado por Vespasiano não somente construiu sua imagem como imperador, mas também propiciou as bases para que seus filhos Tito e Domiciano fossem vistos como herdeiros de sua condição. Por meio da concessão de benefícios entre os atores sociais que circulavam no epicentro de seu poder, Vespasiano pôde empreender uma série de medidas que apaziguaram os ânimos daqueles sujeitos que vivenciaram o ano dos quatro imperadores em meio a conflitos dentro e fora de Roma.

A *Lex de Imperio Vespasiani* conferiu a legalidade institucional, bem como funcionou como um acordo entre as elites senatoriais e suas casas com a *domus flaviana*.⁵¹

⁵⁰ Após a vitória de Tito na Judeia em 70, Vespasiano teria ordenado a emissão de moedas contendo uma representação na qual os judeus aparecessem prostrados perante a força romana. A inscrição característica seria *IVDAEA CAPTA*. As primeiras moedas foram cunhadas na região judaico-palestina. Essas moedas foram produzidas e utilizadas em toda a extensão do Império Romano com a finalidade de monumentalizar e propagar a vitória de Roma e a derrota dos judeus amotinados, além de fazer ecoar as façanhas militares de Vespasiano e de Tito (PORTO, 2019, p. 154). Um estudo aprofundado sobre as cunhagens de Domiciano com motivos imagéticos relacionados à Judeia pode ser encontrado em Porto (2007, p. 206-213).

⁵¹ Expressão da legitimidade imperial de Vespasiano, a *Lex de Imperio Vespasiani* foi um decreto senatorial que outorgava poderes e isenções que tinham sido estipulados durante os governos de Augusto, Tibério e Cláudio (NICOLS, 2016, p. 67). O decreto data do início de 70 e pode ter sido uma reação às tentativas de

Por fim, o programa de construções, reconstruções e cunhagens monetárias – estas últimas desde julho de 69 – foram o esforço daqueles interessados na causa flaviana em edificar meios materiais e simbólicos de construção de uma *persona* imperial para o então general Vespasiano. No poder, o fundador da nova dinastia reafirmou laços, construiu outros e baniu possíveis desertores, bem como aproximou seus filhos de sua imagem imperial. Como resultado, tivemos a continuidade dessas políticas no brevíssimo governo de Tito e a afirmação da dinastia flaviana a partir de outubro de 81, com Domiciano.

O governo de Domiciano findou, contudo, diferentemente dos de seu irmão e seu pai. Os últimos três anos do Principado do último flaviano foram marcados por conflitos entre o *princeps*, seus cortesãos e os senadores, e culminaram no assassinato do imperador e na sua posterior *damnatio memoriae*.⁵² Esses três últimos anos foram descritos desde Gsell (1894, p. 177-185) como o período do terror.⁵³

Apesar de admitir que as documentações sobre esse período trazem escassas informações, por vezes enviesadas, Gsell (1894, p. 178) advogou que a partir de 93 os confiscos, os banimentos e as sentenças de morte sucederam-se de forma quase

redefinição dos poderes entre o imperador e os senadores. A parte que nos restou da *Lex*, uma placa de bronze, reafirmava a simbiose entre o *princeps* e a *res publica*. O que nos restou dessa antiga lei trata-se da tábua conclusiva e, de acordo com Zissos (2016, p. 570), a numeração exata de quantas placas de bronze compunham a *lex* é incerta. As cláusulas I e V investiram Vespasiano da autoridade de concluir tratados, realizar a *propagatio imperii*, ou seja, a expansão territorial do império e outorgava a ele plenos poderes de gestão nos assuntos oficiais. O direito de *comendatio* às magistraturas foi assegurado a Vespasiano como exposto nos artigos II, III e IV.

⁵² Podemos conceituar *damnatio memoriae* como a punição senatorial de apagamento da memória de um indivíduo condenado à morte ou morto antes da acusação criminal ser finalizada. De uma maneira simbólica, o indivíduo que sofresse essa penalidade depois de falecer era considerado um corpo insepulto. A penalidade era aprovada ou não por um *senatus consultum* e poderia ainda ser sugerida por um imperador para que fosse votado pelos magistrados. Dentre as infrações que motivavam essa sanção temos os crimes contra a *res publica* e as traições que culminavam na incursão de se extirpar todo monumento que evocasse a memória do condenado. Além disso, havia uma série de outras medidas restritivas que eram impostas, tais como a determinação de que as mulheres não pudessem lamentar a morte do indivíduo condenado (a despeito da tradição aristocrática), as imagens do condenado pertencentes à família deveriam ser destruídas, todas as propriedades outrora pertencentes ao falecido eram confiscadas, a residência do morto poderia ser demolida e o espaço da construção poderia se converter em uma área pública, o nome do condenado era terminantemente apagado de quaisquer superfícies e os retratos públicos e privados eram rabiscados ou destruídos (FLOWER, 1998, p. 155 ss; GONÇALVES, 2003, p. 16-18). A penalidade foi utilizada, durante o Império Romano, após a morte de imperadores bem como de pessoas que antes gozavam de prestígio social, tais como Nero, Domiciano, Messalina (século I EC) e Geta (séculos II e III EC). Vale ressaltar, porém, que o termo *damnatio memoriae* trata-se de uma nomenclatura moderna para designar o sentido da noção de *memoria damnata* existente na Antiguidade (SILVA, 2014, p. 156).

⁵³ Cunhado pelo historiador francês em fins dos oitocentos, esse termo possui íntima relação com uma das fases da Revolução Francesa (1789-1799) que perdurou de 5 de setembro de 1793 com a queda dos girondinos, até a prisão de Maximilien de Robespierre em 27 de julho de 1794, que tinha sido o chefe dos jacobinos, momento marcado por intensas perseguições bem como de assassinatos de opositores. Sobre a Revolução Francesa cf. Hobsbawm (2015). Sobre a recepção e as funções da retórica nos discursos dos parlamentares durante os dez anos da Revolução, cf. Gumbrecht (2003).

ininterrupta. Tácito (*Hist.* 1.2.5) expôs sua indignação pelo fato de que naquele momento, senadores acusavam seus próprios colegas:

Dos delatores não menos odiosos os prêmios do que os crimes, visto que uns obtiveram sacerdócios e consulados como despojos de guerra e outros e outros as administrações e o poder político mais oculto, e eles agiriam e destruiriam todas as coisas com o ódio e o terror.⁵⁴ (Tac. *Hist.* 1.2.5)

Nesse trecho Tácito expôs sua indignação quando mencionou que o exercício da delação poderia oferecer bônus àqueles que se dispusessem a entregar colegas da aristocracia, tais como cargos na máquina pública. De uma forma genérica, Domiciano conseguia livrar-se dos opositores mediante acusação de lesa-majestade, tida por Plínio, o Jovem, como o único crime que cabia a alguém sem antecedentes criminais:

Enriqueciam o fisco e o erário não tanto as leis Voconia e Júlia, quanto a acusação de lesa-majestade, singular e único crime dos que não cometem crime. O medo desta tu levaste para longe, contente com tua grandeza, da qual ninguém mais carecia que os que reivindicavam a majestade para si. A lealdade foi devolvida aos amigos, a piedade aos filhos, a obediência aos escravos: respeitam, obedecem e têm senhores. Pois agora, não são nossos escravos os amigos do príncipe, mas nós, nem o pai da pátria acredita ser mais caro aos escravos alheios que aos seus cidadãos. Livraste todos do acusador doméstico e só com o sinal do bem-estar público, eu diria que suprimiste uma guerra servil. Na qual favoreceste não menos os escravos que seus senhores: pois nos fizestes seguros e a eles, bons. Não queres que estas coisas sejam louvadas em tí, e talvez não devam ser louvadas, porém são alegres aos que recordam daquele príncipe que subornava os escravos contra a vida de seus senhores e contava-lhes os crimes que puniria como se fossem descobertos por delações: um grande e inevitável mal que cada um deveria sofrer tantas vezes quanto tivesse escravos semelhantes ao príncipe.⁵⁵ (Plin. *Pan.* 42)

⁵⁴ *nec minus praemia delatorum invisita quam scelera, cum alii sacerdotia et consulatus ut spolia adepti, procurationes alii et interiorem potentiam, agerent verterent cuncta odio et terrore.*

⁵⁵ As traduções do *Panegírico a Trajano* de Plínio, o Jovem utilizadas nessa dissertação foram feitas por Lucas Lopes Giron (2017). *Locupletabant et fiscum et aerarium non tam Voconiae et Iuliae leges, quam maiestatis singulare et unicum crimen eorum, qui crimine vacarent. Huius tu metum penitus sustulisti, contentus magnitudine, qua nulli magis caruerunt, quam qui sibi maiestatem vindicabant. Reddita est amicis fides, liberis pietas, obsequium servis: verentur, et parent, et dominos habent. Non enim iam servi nostri principis amici, sed nos sumus: nec pater patriae alienis se mancipiis cariorem, quam civibus suis credit. Omnes accusatore domestico liberasti, unoque salutis publicae signo illud, ut sic dixerim, servile bellum sustulisti, in quo non minus servis, quam dominis praestitisti. Hos enim securos, illos bonos fecisti. Non vis interea laudari; nec fortasse laudanda sint: grata sunt tamen recordantibus principem illum in capita dominorum servos subornantem, monstrantemque crimina, quae tanquam delata puniret magnum et inevitabile, ac toties cuique experiendum malum, quoties quisque similes principi servos haberet.*

Numa clara comparação entre Trajano e Domiciano, Plínio, o Jovem, demonstrou que o herdeiro de Nerva afastou o medo dos crimes de lesa-majestade, da desconfiança entre os indivíduos, da quebra do *status quo* em termos de posições sociais e das delações. Se levarmos em consideração esse relato, as penalidades que recaíam sobre os delatados no governo de Domiciano variavam entre a morte e o banimento, e todas as duas implicavam no confisco de bens. Cabia ao senado o julgamento desses crimes (Cass. Dio 67. 4; Plin. *Ep.* 8.14; 8; 9; GSELL, 1894, p. 184). Assim a palavra tirania apareceu em Gsell (1894) para categorizar o caráter de Domiciano durante o período do terror:

Como se pode ver, a tirania de Domiciano, embora tivesse os mesmos fins que uma punição levada a cabo sem qualquer forma de julgamento, parecia utilizar procedimentos regulares, o que fez Plínio, o Jovem, dizer que o Estado, do qual as leis eram a base, tinha sido destruído pelas próprias leis.⁵⁶ (GSELL, 1894, p. 184)

Além disso, o mesmo autor chamou atenção para a questão das conspirações contra o imperador, o que na documentação em prosa como em Suetônio marcou o início das desconfianças de Domiciano para com o seu entorno.

Já no ano 83, talvez tenha havido uma primeira conspiração. Outra foi descoberta em 87. Não é improvável que T. Flávio Sabino tenha sido cúmplice de uma destas duas iniciativas, os descontentes poderiam ter-lhe oferecido o império: esse teria sido um meio de se livrar da atual tirania sem derrubar a dinastia flaviana.⁵⁷ (GSELL, 1894, p. 167)

Esse suposto caráter paranoico de Domiciano foi descrito por outros autores como Southern (1997) e Jones (1992; 1994) como preponderantes para o assassinato contra o imperador no final de 96. Collins (2009, p. 73-106), porém, defendeu a ideia de que o evento ocorrido no dia 18 de setembro de 96 foi uma conspiração rigorosamente

⁵⁶ *Comme on le voit, la tyrannie de Domitien, quoiqu'elle arrivât aux mêmes fins que celle qui agissait sans forme de procès, paraissait user de procédés réguliers, ce qui faisait dire à Pline le Jeune que l'État, dont les lois étaient le fondement, était détruit par les lois mêmes.*

⁵⁷ *Dès l'année 83, il y eut peut-être une première conspiration. Une autre fut découverte en 87. Il n'est pas invraisemblable que T. Flavius Sabinus ait été complice d'une de ces deux entreprises; des mécontents purent lui offrir l'empire: ç'eût été un moyen de se défaire de la tyrannie présente sans renverser la dynastie Flavienne.*

planejada, porém um produto de um pequeno grupo por vezes negligenciado na história do império: a corte imperial.⁵⁸ Além disso, o autor creditou a participação essencial da guarda pretoriana na ascensão de Nerva e que a data do assassinato do imperador tenha sido planejada para minimizar qualquer interferência dos senadores (COLLINS, 2009, p. 73).

Desde Gsell (1894, p. 328) a opinião mais difundida acerca do assassinato de Domiciano foi a de que a conspiração foi fruto de uma trama senatorial, que a breve Revolta de Antônio Saturnino ocorrida em janeiro de 89 foi suportada por senadores e que por represália, Domiciano teria ordenado a morte de centenas deles, durante o período do terror. Os relatos de Gsell (1894) influenciaram diversos historiadores por muitos anos.⁵⁹ Nerva muitas vezes foi acusado por ter sido selecionado pelos conspiradores senatoriais e que naquele dia apenas precisou aguardar que os cortesãos assassinassem Domiciano (WATERS, 1963, p. 217). No entanto, Collins (2009, p. 78) enxergou essa questão de forma diferente, porque muito embora a hostilidade de Domiciano para com o senado contribuísse para sua derrocada, postular uma conspiração por parte de mais de quinhentos senadores contra um imperador, como sugerido pelos autores acima citados, força uma credibilidade e não leva em conta a complexidade das fontes disponíveis.⁶⁰

⁵⁸ O tema do *consilium principis* de Domiciano, no entanto, não era novo. Devreker (1977, p. 223-243) defendeu o papel dos *amici principis* como um órgão permanente do Principado. Não se tratou de uma instituição estabelecida, mas de um grupo formado por um determinado número de pessoas confidentes do imperador cuja atribuição era a de aconselhamento. As decisões tomadas pelo imperador, embora em certa medida sejam frutos de decisões individuais, perpassavam a zona de influência exercida pelo *consilium* (DEVREKER, 1977, p. 224; SYME, 1958, p. 606-607; PETIT, 1967, p. 247-248). Ainda na visão do autor, há uma continuidade entre o *consilium* de Domiciano e o de Trajano, durante a transição do governo daquele. Nomes como o de Fabrício Veiento e Júlio Frontino, *amici* dos Flavianos e de Nerva, bem como os de Júlio Urso, um *amicus* de Domiciano figuravam como pertencentes ao *consilium* de Trajano. De fato, desde Waters (1969, p. 385-405) temos a enumeração do conjunto de práticas comuns entre os Principados de Domiciano e o de Trajano como, por exemplo o aumento de equestres em posições importantes como na prefeitura do pretório, a manutenção de títulos em cunhagens monetárias, as associações entre deuses com a *persona* imperial como Júpiter e Hércules, o fato de que Trajano continuou com as campanhas militares na Dácia, a preocupação com as fronteiras no Oriente e por fim a realização de obras públicas de envergadura. Somados a isso estavam os nomes de homens que permaneceram como *amici* de Trajano como P. Calvínio Ruso Júlio Frontino (um patrício favorito dos Flavianos), o jurista L. Javoleno Prisco (que foi cônsul sob Domiciano depois de ter cumprido três funções pretorianas e um *legato* consular), Ti. Júlio Cândido Mário Celso e L. Júlio Urso Serviano que foram cônsules e exerceram o cargo de *legatus* sob Domiciano, A. Júlio Quadrado (cônsul em 94), M. Labério Máximo que foi admitido na guarda pretoriana entre 83 e 84 por Domiciano e foi cônsul em 89. O autor concluiu que como ocorreu na ascensão da dinastia flaviana, a transição de Domiciano para o Principado de Trajano não significou uma ruptura. Trajano foi um continuador das ações de Domiciano no que dizia respeito à gestão de recursos humanos no seu *consilium* (DEVREKER, 1977, p. 243).

⁵⁹ Garzetti (1974, p. 292-295), Waters (1963) e Murison (2003, p. 153), são exemplos.

⁶⁰ Collins (2009) utilizou como documentação tanto as práticas letradas, como Orósio (10.3-4; 7.10; 11.10), Amiano Marcelino (31.17.7), Plínio, o Jovem (*Pan.* 6; 49; *Ep.* 4.22.4-6; 9.13), Suetônio (*Dom.* 16-17; 14; 23), Dião Cássio (67.14-18), Eutrópio (7.23.6; 8.1), Aurélio Victor (*Caes.* 11.6), Filóstrato (*VA.* 8.25-27),

Como vimos, Jones (1992, p. 193) creditou o complô contra Domiciano aos cortesãos daquele imperador, mas deixou claro que isso não inviabilizaria a participação de membros senatoriais. Domiciano teria sido vítima de uma conspiração palaciana e substituído por um senador um dia após a sua morte. Dias (2019, p. 55) advogou que a hipótese de Jones não encontra respaldo documental, mas aquele autor deduziu tal hipótese por causa da rapidez dos acontecimentos. A conclusão de Jones (1992, p. 195), no entanto, foi polêmica porque acusou o próprio Domiciano de ter sido a causa de sua morte, ou seja, a sua falta de habilidade nas relações com seus cortesãos, fruto da desconfiança que o imperador nutriu e que o fez executar membros de seu próprio grupo.

Concordamos com Dias (2019, p. 59) no que diz respeito ao fato de que, ao invés de buscar-se uma resposta definitiva para o imbróglio, a decodificação das formas semânticas dos processos comunicativos e, acrescentamos, do campo discursivo da época, que permitiu a fabricação de determinados discursos, soa mais proveitosa em temos acadêmicos. Além disso, a documentação literária sobre Domiciano não desassociava a virtude da boa governança e o vício da tirania, e este foi o mote dos discursos senatoriais que deram o tom às documentações que hoje possuímos acerca do último flaviano. Aqui cabe ainda uma ressalva. Não podemos pensar que havia coesão entre os próprios aristocratas porque às vezes projetos pessoais superavam os interesses de grupo (Tac. *Agr.* 2; DIAS, 2019, p. 59).

A consideração acerca da imagem tirânica de Domiciano presente na documentação em prosa foi motivo de discussões de Faversoni e Joly (2013). Na visão dos autores, que analisaram o *Agrícola* de Tácito, o regime do Principado foi descrito pelo historiógrafo como dinâmico e composto por membros da aristocracia que entoavam vozes discrepantes. De acordo com os autores, haveria pelo menos três grupos de aristocratas no Principado de Domiciano. Primeiramente o grupo formado pelos opositores às políticas de Domiciano e que, por isso, foi o grupo que mais sofreu com baixas. O segundo grupo era composto por senadores que serviam ao poder de Domiciano, e que angariava benefícios daquele regime. O terceiro grupo, no qual Tácito se encaixava, foi caracterizado pelos autores como sendo composto por aqueles que não se opunham abertamente a Domiciano e que buscavam o equilíbrio em prol da coisa pública. Esse grupo atuava em brechas deixadas por Domiciano e por seus apoiadores.

Tertuliano (*Apol.* 35.9) e Zósimo (1.6). Quanto a epigrafia, como o fragmento dos *Fasti Ostienses* de 18 de outubro de 96 que possui relatos dos acontecimentos daquele dia.

Além de Tácito, seu sogro Júlio Agrícola também faria parte desse terceiro grupo de aristocratas. Os autores concluem que as obras de Tácito devem ser lidas como expressões políticas atuantes em um determinado campo em que esses três grupos disputavam pelo triunfo de seus interesses. Os testemunhos de Tácito, devemos sempre nos lembrar, eram fabricados retoricamente e inseridos em um dado contexto sócio-político circunscrito (FAVERSANI; JOLY, 2013, p. 77).

Em 18 de setembro de 96, Domiciano foi morto em seu *cubiculum*, antes do meio-dia. O senado teria se reunido no final da tarde daquele dia, de acordo com Murison (2003, p. 153). Nerva estaria em Roma, no entanto, somente assumiria o poder no dia seguinte ao do assassinato de Domiciano, quando foi expedido um *senatus consultum* (DIAS, 2019, p. 57). No entanto, de acordo com Dias (2019, p. 58) e Murison (2003, p. 154), o assassinato de Domiciano ocorreu em um período excepcional em Roma. Entre os dias 4 a 9 de setembro a capital do império celebrava os *Ludi Romani* e esse evento foi uma espécie de feriado, o que inviabilizaria a presença de Nerva em Roma no dia do assassinato de Domiciano (MURISON, 2003, p. 154).

Nesse mesmo mês boa parte do senado estava em recesso e nessas circunstâncias eram realizados sorteios nos quais alguns senadores permaneciam em Roma para tratar de assuntos básicos (Suet. *Aug.* 35.5; DIAS, 2019, p. 56). Além disso, durante esse tempo, alguns senadores costumavam ausentar-se da capital por causa do intenso calor na região (Plin. *Ep.* 1.7; 7.30; 8.1-2; 9.37; DIAS, 2019, p. 57). Collins (2009, p. 99) lembrou que o assassinato aconteceu entre duas sessões senatoriais próximas, ou seja, a última havia sido realizada em 13 de setembro e a próxima estava marcada para 1º de outubro de 96.

A partir dessas variáveis algumas considerações puderam ser tiradas acerca da natureza da conspiração contra Domiciano. Primeiramente, dado o número inexpressivo de senadores em Roma naquele momento, o crime contra Domiciano não era um episódio esperado pelo senado como um todo. Em segundo lugar, os senadores foram postos à margem de todo o processo de articulação bem como na escolha do substituto de Domiciano. Dessa forma, a hipótese de Collins (2009, p. 100) foi a de que a morte do imperador foi produto de uma trama palaciana e que a escolha do substituto do último flaviano foi articulada e coordenada sobremaneira pela guarda pretoriana.⁶¹ Assim,

⁶¹ Dias (2019, p. 58) ressaltou que isso não era prática incomum. Cf. Cláudio (Suet. *Claud.* 10; Josef. *AJ.* 19.162-165; 19. 212), Nero (Tac. *Ann.* 12.69), Domiciano (Cass. Dio 66. 26.3).

Domiciano foi morto pelas mãos dos membros de sua corte, coordenados por membros influentes da guarda pretoriana sob motivações incertas, embora Dião Cássio (67.15.3-5) tenha relatado a existência de uma lista de opositores a Domiciano marcados para sofrerem a pena capital (DIAS, 2019, p. 58).

Além de nos fornecer uma hipótese mais matizada acerca da natureza da conspiração e da ascensão de Nerva, Collins (2009, p. 101) criticou a hipótese desenvolvida por Jones (1992, p. 193-196) e acusou o autor de adotar uma narrativa trajânica (Plínio) e adriânica (Suetônio) que representava Domiciano como um homem recluso e solitário, crítica essa com que concordamos. Além disso, assentimos com Dias (2019, p. 59) que defendeu a ideia de que é difícil a tarefa de aferir na documentação uma forma mais equilibrada de conceber a imagem de Domiciano. Em nosso entendimento, essas narrativas trajânicas e adriânicas foram produtos de um *topos* tirânico que buscou vituperar Domiciano por razões que, graças a autores críticos tanto à historiografia tradicional quanto àquela que propunha um novo olhar sobre aquele *princeps*, hoje podemos compreender.⁶²

Ao longo do tempo, portanto, o alargamento do conceito de fonte histórica contemplou testemunhos outrora relegados ao esquecimento, como a poesia. Apesar de ter sido utilizada desde o final do século XIX, a poesia e a retórica ganharam espaço na discussão acerca do governo de Domiciano, por vezes como um contraponto positivo frente a um precedente negativo tal como representado nas fontes em prosa como Suetônio e Tácito. No entanto, mesmo a historiografia que visava redimir a imagem de Domiciano, passou a considerar os testemunhos vituperiosos em prosa como meras representações de ressentimentos e/ou como relatos que falseavam uma realidade.

Desse modo, em nosso entendimento – e esse constitui o mote dessa dissertação – não pretendemos redimir a imagem de Domiciano porque isso implicaria em aceitar que há um parâmetro mais ou menos imparcial, alguma fonte ou testemunho, que nos apresentasse uma imagem verdadeira de Domiciano. Acreditamos, porém, que o passado

⁶² O que já foi amplamente discutido por Leite (2018, p. 85-101) e por Baptista e Leite (2021, p. 263-284). *Topoi* ou lugares-comuns referem-se a um conjunto de recursos linguísticos que cumprem a função de ponto de partida para a construção de uma argumentação. Aristóteles (*Rh.* 2.22-24) estabeleceu tópicos que poderiam ser utilizados pelo orador em qualquer um dos três tipos de discursos, quais sejam, o deliberativo, o judicial e o epidítico e delimitou “os tópicos que são aplicáveis à retórica, orientados pelo raciocínio dedutivo (entimemas) e indutivo (exemplos), e os aplicáveis à dialética, voltados para a lógica” (SANTOS, 2020, p. 67). Na retórica romana o conceito de *loci communis* ou lugar-comum denotava aquela ideia também presente no tratado aristotélico.

pode ser entrevistado mediante o exame do processo de fabrico das representações, com base não somente em seu contexto, mas nas regras que orientavam discursos em determinadas plataformas – em nosso caso, as narrativas que estão presentes em moedas e na *Aquileida*, de Estácio. Um longo percurso foi feito pelos historiadores interessados no governo de Domiciano desde, pelo menos, o final do século XIX, caminho esse que provocou e motivou os pares a se debruçarem sobre novos documentos e novas perspectivas analíticas.

1.2 AS FACES DE DOMICIANO NA HISTORIOGRAFIA

O *Essai sur le règne de l'Empereur Domitien*, publicado em 1894 por Stéphane Gsell, e já citado anteriormente, foi uma obra de envergadura acerca dos quinze anos do Principado de Domiciano. Fruto de sua tese de doutoramento defendida no ano anterior pela Faculdade de Letras de Paris, representou uma ruptura com aquela imagem majoritariamente negativa do caráter de Domiciano que por séculos ecoou nos testemunhos dos algozes daquele imperador, como Suetônio, Dião Cássio, Tácito e Plínio, o Jovem.⁶³ Sua narrativa oscilou entre os momentos considerados positivos e outros tomados como momentos negativos das ações de Domiciano à frente do Império Romano. Domiciano foi representado, amiúde, ora como um bom imperador, ora como um mau governante na narrativa de Gsell (1894). Seu programa de construções, levado a cabo desde seu primeiro ano como imperador, foi tido pelo autor como um dos principais fatores do *déficit* econômico e que tais gastos seriam mais bem utilizados se investidos no exército. O autor considerou que Domiciano aumentou o salário do exército para angariar maior apoio por parte daquele grupo e que outro passo dado por ele para a manutenção de sua imagem pública foi o expressivo programa de construções. Por meio das reformas, construções e reconstruções de edifícios sagrados, Domiciano pôde consolidar os conjuntos de crenças romanas tradicionais do império (GSELL, 1894, p. 258).

⁶³ Em seu livro, Gsell (1894) buscou refutar algumas perspectivas que considerou ora insuficientes, ora lacunares como Tillemont (1732, p. 64-133), Merivale (1862, p. 72-193), Peter (1881, p. 467-495), Duruy (1882, p. 688-726), Schiller (1883, p. 520-538), Herzog (1887, p. 301-308), Joguet (1847, p. 91-162), Imhof (1857), Kraus (1875) e Halberstadt (1877). Por razões de ordem cronológica e historiográfica, consideramos a tese de Gsell (1894) como uma primeira ruptura de uma narrativa de vitupério a Domiciano na historiografia e, como veremos, sua obra ecoou em escritos pelo menos até o início da década de 1990. Cf. Gsell (1894, p. 3).

Sobre esse ponto, no entanto, o autor elogiou as ações de Domiciano de observância das práticas e dos deveres impostos pelos cultos romanos, fruto da manutenção de locais sagrados, bem como da pena capital que Domiciano ordenou à vestal Cornélia⁶⁴ (GSELL, 1894, p. 100-113). A manutenção do sistema de cultos romanos e do culto imperial sob o governo de Domiciano foram necessários para a própria preservação do império (GSELL, 1894, p. 315). Necessário pontuar, contudo, que Gsell utilizou de uma abordagem mecanicista no que diz respeito ao tratamento das religiões e dos sistemas de crenças. Por vezes, o autor se referiu aos cultos às divindades tradicionais romanas como religião nacional.⁶⁵

Uma faceta mais benéfica de Domiciano foi descrita em outros momentos do *Essai*, como por exemplo, quando o imperador aumentou os salários de seus soldados em Roma e incrementou a quantidade de *congiaria* oferecidos à população.⁶⁶ Outros atos que foram considerados como positivos foram o seu apreço pelas províncias, que permitiu certa popularidade ao imperador, e que a sua administração poderia ser considerada positiva (GSELL, 1894, p. 155). Em Roma, Domiciano teria consolidado a autoridade imperial por meio do fortalecimento da prefeitura urbana e, com a progressiva substituição dos libertos pelos equestres à frente dos cargos imperiais consolidou a diretriz de que os assuntos da *Urbs* deixavam de ser apanágio do seio privado do *princeps*

⁶⁴ De acordo com Suetônio (*Dom.* 8) Domiciano teria punido com severidade as virgens vestais acusadas de lascívia, um tipo de delito que teria sido negligenciado por Vespasiano e por Tito. Domiciano teria dado a oportunidade para que duas irmãs escolhessem as formas que iriam morrer. Ambas tiveram seus amantes banidos de Roma. Cornélia, que era líder das vestais e que havia sido absolvida de uma acusação de incontinência, mas que fora processada novamente, optou por ser enterrada viva e que seus amantes fossem chicoteados até a morte. Um dos homens processados pertencia à guarda pretoriana e depois de confessar o delito sofreu o desterro.

⁶⁵ Nas palavras do autor, “*Le maintien de la religion nationale importait au prince. Grand pontife, il en était le chef*” ou “*A manutenção da religião nacional era importante para o príncipe. Grande pontífice, ele era seu chefe*” (GSELL, 1894, p. 52). O autor considerou as religiões monoteístas como as responsáveis pela destruição das sociedades que estavam inseridas e porque causava oposições bem como dividiam as pessoas em seitas (LEGRAND, 1994, p. 60).

⁶⁶ No alvorecer do período republicano de Roma, o *congiarium* tratava-se de uma convenção em termos de medidas na qual o óleo e o vinho eram calculados e, em determinadas ocasiões, certas quantidades eram distribuídas à população romana (Liv. 25.2.8). O *congiarium* tornou-se, portanto, a nomenclatura que designava as doações à população que poderiam ser de óleo, vinho, milho ou mesmo dinheiro, dentre uma variedade de outros artigos (Plin. *HN.* 14.14.17; Suet. *Aug.* 41; *Tib.* 20; *Ner.* 7; Plin. *Pan.* 25; Tac. *Ann.* 12.41; 13.31; Liv. 37.57). A palavra *congiarium* poderia também ser utilizada para denominar um presente ou uma pensão dada por um sujeito proveniente de ordens abastadas, como o próprio *princeps* aos seus *amici*. Fábio Máximo teria chamado de *congiaria* os presentes que recebeu de Augusto porque os teria achado demasiado inferiores (Cic. *Fam.* 8.1; Suet. *Vesp.* 18). Durante os quinze anos de seu governo, Domiciano teria oferecido três *congiaria* de 300 sestércios cada. O primeiro teria acontecido em 83, o segundo em 89 e o terceiro no ano de 93 (SYME, 1930, p. 68-69). Necessário pontuar que, nos tempos do Principado de Augusto (27 AEC – 14 EC) a plebe romana somava cerca de 500 mil habitantes e a plebe frumentária, a parcela populacional que recebia o *congiarium*, somava cerca de 150 a 320 mil pessoas sob Augusto, Tibério (14-37) e Calígula (37-41) de acordo com Rogers (1984, p. 65).

(GSELL, 1894, p. 36). Um ponto bastante discutido por Gsell em sua obra foi a questão das perseguições e dos confiscos sob o governo de Domiciano contra membros senatoriais e da aristocracia republicana em Roma. Com a escassez de recursos por conta dos considerados excessivos gastos com o programa de construções, Domiciano foi descrito como um imperador forçado a cometer um ato impopular de buscar recursos daqueles que possuíam em demasia, ou seja, a aristocracia⁶⁷ (GSELL, 1894, p. 262).

Outro ponto considerável dessa obra foi a gama de numerosas documentações de que o autor utilizou para compor sua narrativa. Gsell (1894) se empenhou em lidar com um numeroso grupo de fontes disponíveis sobre os flavianos e sobretudo sobre o governo de Domiciano, provenientes das mais diversas naturezas. Documentações de cunho literário, epigráfico, monetário e arqueológico foram utilizados (GSELL, 1894, p. 97-99; 291-292). Ao longo de sua obra há centenas de notas de rodapé explicativas e de indicação de bibliografia ou mesmo de anotações sobre as idiossincrasias das fontes utilizadas. No entanto, o autor optou por afastar-se dos estudos sobre aquele imperador após a defesa de sua tese.⁶⁸

⁶⁷ Houve aqui uma diferença no tratamento deste tema por Gsell (1887, p. 339-382) se levarmos em conta outro manuscrito do mesmo autor publicado em Paris em 1887, no qual culpou Domiciano pela degeneração do senado. Naquela ocasião observamos uma inclinação pliniana em sua narrativa. Em seu *Essai*, no entanto, o autor culpabilizou o próprio senado por sua degeneração e que o órgão foi incompetente e arquiteto de sua própria destruição (GSELL, 1894, p. 69). Essa mudança de perspectiva de 1887 para 1894 por Gsell teria sido produto dos estudos do latinista Boissier (1885, p. 66-67) que defendeu a tese de que o senado era a oposição dos povos em todo o mundo. Uma outra chave de leitura que explicaria essa mudança de paradigma na percepção de Gsell que foi apontado por Legrand (1994, p. 63), foi a de que enquanto Boissier (1885) tratou em sua obra do século I, Gsell (1894) teve apreço pelo particular e pelo detalhe e tratou em seu *Essai* de um curto período, entre os anos de 81 a 96.

⁶⁸ A inclinação daquele pesquisador em debruçar-se sobre os estudos acerca do governo de Domiciano pode ter sido sintoma do momento que a historiografia europeia passava na segunda metade dos oitocentos, sobretudo a francesa com relação a alemã. Theodor Mommsen coordenou a monumental compilação epigráfica em latim chamada *Corpus Inscriptionum Latinarum*, que teve sua primeira edição publicada no ano de 1861, em território germânico. Foi um marco na historiografia sobre as sociedades do Mediterrâneo Antigo e instigou historiadores à produção de uma história global ou mesmo total que contemplasse toda a documentação disponível sobre o objeto investigado (LEGRAND, 1994, p. 64). Vale ressaltar que uma das mudanças ocorridas nos oitocentos foram os movimentos de nacionalização e formação dos Estados Nacionais bem como a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871). Em 1873, no entanto, Theodor Mommsen publicou um artigo intitulado *Etude sur Pline le Jeune* (2013). Nele, o autor apresentou uma atualização em termos da cronologia da correspondência pliniana, acompanhada de uma pesquisa sobre a vida do escritor, seguido por considerações acerca do poeta Marcial e por fim, teceu considerações sobre o governo de Trajano. Ao abordar a Guerra Suevo-Sármata (89-97), no entanto, o autor alegou não estar preparado para estabelecer uma cronologia daquele conflito porque o mesmo deveria ser feito com relação ao governo do último dos flavianos. Teria sido esse o pontapé para que Gsell adentrasse nessa seara conflituosa. Em seu *Essai*, portanto, Gsell (1894) utilizou os métodos de pesquisa e de trato documental da historiografia alemã e em sua narrativa utilizou um gênero que foi bastante execrado pelos historiadores germânicos, a biografia que era considerada pelos alemães como uma história-ficção (LEGRAND, 1994, p. 65; MOMIGLIANO, 1991, p. 9-13).

De uma maneira geral, o *Essai* foi uma obra bastante influente quando de sua publicação como livro no final dos oitocentos. Foi uma das principais fontes de informações sobre Domiciano e sua imagem imperial durante boa parte do século XX e influenciou estudos de Syme (1930), Sutherland (1935), Scott (1975) [1936], Robathan (1942), Toynbee (1944), Smallwood (1956), Dorey (1960), Pleket (1961), Waters (1963; 1964), Garzetti (1974), Devreker (1977), Jones (1973; 1974; 1979; 1992), para citar alguns. Cerca de cem anos depois de sua primeira publicação, ainda figurava na bibliografia de autores da década de 1990 como Jones (1992) e Southern (1997). Essa influência, no entanto, abriu precedente para alguns anacronismos iniciados por Gsell (1894) e perpetuados por historiadores ao longo do século XX e em alguns textos publicados nas duas primeiras décadas do século XXI. Alguns problemas, como veremos ao longo desse tópico permaneceram, como a não definição do conceito de autocracia, bastante difundido na historiografia aqui elencada para explicar, de forma eufemística, tanto o caráter quanto a natureza do governo de Domiciano.⁶⁹

Em *The imperial finances under Domitian, Nerva and Trajan*, Syme (1930) defendeu a hipótese de que Domiciano teria sido um imperador com política exitosa em termos de gerenciamento de fronteiras. O autor teceu críticas às narrativas que afirmavam que Trajano precisou se movimentar para sanar um possível rombo nas contas públicas deixado por Domiciano e proveniente dos considerados gastos excessivos e exagerados daquele imperador. Esse desfalque teria sido causado por conta da tirania de Domiciano

⁶⁹ O conceito de autocracia aparece no *Dicionário de Política* (2004) associado ao de ditadura. De acordo com aquele verbete, autocracia não possui uma conotação precisa e nem classifica um tipo particular de sistema político concreto. É um termo abstrato comumente utilizado em dois significados principais. Um particular que compreende o grau máximo de absolutismo na direção da personalização do poder. E no aspecto geral, autocracia significaria um governo absoluto no sentido de que um indivíduo que detém o poder ilimitado sobre seus súditos. O chefe de governo de um regime absolutista é um autocrata desde que suas ações não sejam freadas por outras forças políticas (STOPPINO, 2004, p. 368-379). De acordo com a *Encyclopédie Larousse en ligne* (1971), autocracia é um sistema político no qual o poder é detido por um único homem que o exerce como um governante absoluto. Um dos exemplos dados trata-se do Czar russo Ivan III que em 1500 adotou o título de autocrata, que seus sucessores levaram até 1917. Na visão de Loewenstein (1976, p. 33), autocracia significa a concentração de poder político nas mãos de um único detentor. Numa autocracia há apenas um sujeito detentor do poder de decisão que poderia ser um indivíduo ou ditador, uma assembleia, um comitê, uma junta ou um partido político. De todo modo neste regime não há nenhum controle efetivo sobre o poder exercido pelo agente. O monopólio político do único detentor do poder não está submetido a nenhum limite constitucional e seu poder configura-se como absoluto (LOEWENSTEIN, 1976, p. 51). Em nosso entendimento, o conceito de autocracia não abarca a complexidade do Principado nem as características do governo de Domiciano porque, além de anacrônico, o termo funciona como um eufemismo para evitar-se o uso do adjetivo tirano para se referir ao último flaviano. Em nosso entendimento, o governo de Domiciano deve ser nomeado como foi o de seus antecessores e seus sucessores, ou seja, Principado. Defendemos que o termo tirano foi herança de um conjunto de lugares-comuns retóricos para caracterizar um tipo de comportamento político específico e considerado pelos antigos como sendo inerentes à uma conduta tirânica.

e seus gastos exorbitantes (SYME, 1930, p. 56). O autor também defendeu a ideia de que a administração do sucessor de Domiciano, Nerva, teria sido incompetente porque não contava com o apoio da plebe e da guarda pretoriana. Assim, Domiciano foi descrito como um governante com laços sólidos com os legionários e que soube investir recursos para se manter no poder (SYME, 1930, p. 63). Na contramão, Sutherland (1935, p. 162) questionou Syme acerca da saúde financeira do Principado de Domiciano.

Que os “edifícios, espetáculos, *congiaria*, e o aumento do salário dos soldados devem certamente ter desaparecido com bastante dinheiro” é a conclusão algo relutante do Sr. Syme. Os edifícios continuam por considerar. O incêndio sob Tito deixou grandes danos para restauração imediata. O Anfiteatro, o *Templum Divi Vespasiani*, as Termas de Tito e o Arco de Tito estavam ainda inacabados, como é assinalado. O Panteão, o *Iseum* e o *Serapeum* também tiveram de ser restaurados; o *Odeum* e o Estádio deverão provavelmente estar ligados aos jogos do ano 86. As evidências epigráficas provam que o *Templum Castorum et Minervae* foi completado até 90. É certamente significativo que tenha havido, na primeira parte do seu reinado, tantas despesas (com o pagamento militar extra a aumentar de ano para ano), e que a sua reputação de “*inopia rapax*” tenha chegado tarde no seu reinado.⁷⁰ (SUTHERLAND, 1935, p. 159)

Como podemos observar a autora defendeu que na gestão de Domiciano o império foi alvo de muitas ocasiões que exigiram da administração pública ao menos uma saúde financeira estável. Mas, para ela, Domiciano não teria falido nem deixado as finanças com excedentes, uma vez que tanto as despesas realizadas pela *liberalitas* de Tito quanto o evergetismo de Domiciano em termos das suas construções não teriam permitido que o último flaviano equilibrasse o orçamento do império. Nerva teria enfrentado, portanto, pesadas despesas após o governo de Domiciano, mas que obteve sucesso porque teria garantido o início da administração de Trajano (SUTHERLAND, 1935, p. 162). Dessa forma, a autora retoma a ideia de Gsell (1894, p. 333) de que apesar da justiça com a qual Domiciano administrou as finanças externas, não teve o mesmo êxito na gestão dos cofres internos.

⁷⁰ That Domitian's “buildings, spectacles, *congiaria*, and the increase of the pay of the soldiers must certainly have run away with quite a lot of money” is Mr. Syme's somewhat reluctant conclusion. The buildings remain to be considered. The fire under Titus left wide damage for immediate restoration. The Amphitheatre, the *Templum Divi Vespasiani*, the Baths of Titus and the Arch of Titus were as yet unfinished, as is pointed out. The Pantheon, the *Iseum* and the *Serapeum* had also to be restored; the *Odeum* and the Stadium are probably to be connected with the games of A.D. 86. Epigraphic evidence proves the *Templum Castorum et Minervae* to have been completed by A.D. 90. It is surely significant that there was, in the first part of his reign, so much expenditure (with the extra military pay mounting up year by year), and that his reputation as “*inopia rapax*” came late in his reign.

A crítica de Syme (1930) se baseou nos relatos de Suetônio (*Dom.* 12) no qual o escritor relacionou a rapacidade de Domiciano ao descontrole financeiro do erário (DIAS, 2019, p. 32). Syme (1930, p. 66) defendeu que Domiciano levou a cabo sucessivas perseguições a membros senatoriais porque enfrentava diversas conspirações. Assim, para se manter no posto de imperador, Domiciano lançou mão de uma série de assassinatos, exílios e mesmo o confisco de posses de senadores e de suas famílias. O embate travado entre Syme (1930) e Sutherland (1935) em torno da questão da saúde financeira e dos motivos dos confiscos de bens da aristocracia depois do ano de 93 é digno de nota. A tese de Syme (1930, p. 66) preconizou que Domiciano teve a necessidade de efetuar os confiscos para minar a base da economia de seus oponentes políticos.

Sutherland (1935, p. 157-158), ancorada em Suetônio (*Dom.* 12), em Plínio, o Jovem (*Pan.* 42.1; 50; 55.5) e em Dião Cássio (67.4.5) defendeu a ideia de que Domiciano efetuou os confiscos por conta da possibilidade de acumular dinheiro. Além disso, para essa autora, Domiciano produziu uma arbitrária política de confisco e de venda de terras de senadores. Um pouco mais tarde, Garzetti (1974, p. 281) advogou que Domiciano teria seguido com as políticas econômicas adotadas por Vespasiano, porém, a recepção dessas ações pelos detratores da imagem do imperador foi descrita como os resquícios de uma gestão tirânica. No entanto, hipóteses híbridas ganharam espaço nesse debate e difundiram a ideia de que Domiciano promoveu os confiscos tanto para angariar recursos financeiros para os cofres públicos quanto para dilapidar o patrimônio de seus oponentes da aristocracia (ROGERS, 1984, p. 60-62).

Segundo Rogers (1984, p. 62) não há razões para acreditarmos que as receitas do Principado de Vespasiano tivessem decaído durante o governo de Domiciano. Taxas e tarifas foram mantidas como o *fiscus iudaicus* e foram rigorosamente coletadas.⁷¹

⁷¹ Thompson (1982, p. 329) teceu três considerações sobre o *fiscus iudaicus* no período de Domiciano. Primeiramente, que a rigorosa administração de Domiciano sobre a taxa envolveu a contratação de cobradores judeus e de perseguições aos devedores. Em segundo lugar, que o imperador Nerva considerou o imposto importante, mas que suspendeu as perseguições aos inadimplentes e utilizou isso como propaganda vituperiosa contra seu antecessor, Domiciano, como expresso em cunhagens entre 97 e 99. Por fim, que os últimos anos do Principado de Domiciano foram caracterizados por acusações de *impietas* contra cidadãos romanos como a Flávio Clemente em 95. Bruce (1964, p. 34-45) desenvolveu a ideia de que somente os judeus situados nas províncias orientais eram obrigados a pagar o imposto e que, posteriormente, o próprio Domiciano impôs a mesma cobrança aos judeus residentes na parte ocidental do império. Cidadãos romanos, acusados de *impietas* ou por adotar costumes judeus estavam incluídos entre os contribuintes, o que foi abolido por Nerva e utilizado como propaganda em cunhagens daquele imperador. A visão de Bruce, no entanto, foi considerada insuficiente se comparada com as de outros historiadores como Oesterley (1932, p. 454-455), Ginzburg (1931, p. 281-291) e por Smallwood (1956, p. 1-13) bem como por Thompson (1982, p. 331) cuja hipótese foi a de que Domiciano passou a cobrar este

Domiciano teria recebido recursos provenientes de diversas fontes que não somente das receitas acumuladas pelos antecessores.⁷² Domiciano teria passado a usar dos confiscos de propriedades da aristocracia senatorial após o ano de 93 de modo a suplementar os cofres públicos. Essa visão corroborou a hipótese de Syme (1930, p. 56) de que Domiciano efetuou os confiscos para causar transtornos financeiros a seus oponentes políticos.

O tesouro imperial não estava intocado quando da morte de Domiciano em 96, apesar da positividade que Syme (1930, p. 70) pretendeu esboçar. Para Rogers (1984, p. 77), o tesouro público naquela época pode não ter gozado de excedente, porque as políticas empreendidas por Nerva, como a formação de uma comissão de finanças, não refletia o trabalho de um imperador que poderia usufruir de um tesouro completo.⁷³ As conclusões do autor, portanto, foram três. Primeiramente, as receitas de Domiciano não foram maiores do que as de Vespasiano. Em segundo lugar, Domiciano precisou investir no exército para as campanhas que travou ao longo de seu governo. As provas de que o governo de Domiciano gozou de prosperidade foram os três *congiaria* que ofereceu aos súditos; os pagamentos aos legionários que ultrapassaram os oferecidos por Vespasiano; o fato de que a paz com o rei dos dácios, Decébalos, representou um gasto de cerca de 8 milhões de sestércios que colocou um sério ônus ao tesouro público até o início dos anos 90. Por fim, sua última conclusão foi a de que durante todo seu governo, Domiciano moveu-se para liquidar as dívidas tanto com os gastos públicos quanto com os credores (ROGERS, 1984, p. 78).

Desse modo, o autor concluiu que Domiciano morreu e deixou as contas públicas em dia, o que permitiu que Nerva continuasse o pagamento do donativo aos soldados,⁷⁴

imposto de judeus apóstatas, isto é, aqueles que deixavam de praticar a religião judaica e que a cunhagem de Nerva (RIC II 58) que estampava *FISCI IUDAICI CALUMNIA SUBLATA* (“abolido o sistema de acusações falsas na aplicação do imposto judaico”) representou a supressão por aquele imperador do assédio aos apóstatas e de suas famílias (Cass. Dio 67.14.1-2; 1.2; 65.9.1; 66.19.1).

⁷² Dião Cássio (67.1.3) e Frontino (*Aq.* 118) relataram o recebimento de somas de dinheiro por Domiciano como doações. Domiciano teria se recusado a receber as heranças de sujeitos que tinham herdeiros nos primeiros anos de seu Principado, mas em 93 teria recebido donativos de Júlio Agrícola bem como de outros (*Suet. Dom.* 9.2; 12.2; *Tac. Agr.* 43.4; ROGERS, 1984, p. 62).

⁷³ Syme (1930, p. 70) advogou por uma visão pejorativa de Nerva baseado na premissa de que o governo de Domiciano foi de completa estabilidade financeira bem como gozou de recursos excedentes. Essa hipótese foi rechaçada por Rogers (1984, p. 77) que contra-argumentou que tal versão era errônea e nesse ponto concordou com Sutherland (1935, p. 153-155). Extrapola o escopo da presente dissertação uma análise mais detalhada sobre o governo de Nerva (96-98), bem como sobre suas políticas financeiras. Para uma discussão introdutória sobre o governo de Nerva cf. Selvatici (2019, p. 267-292).

⁷⁴ Domiciano teria oferecido um donativo às tropas no início de seu Principado com um valor igual ao dado por Tito dois anos antes (Cass. Dio 66.26.3). Já o oferecido por Vespasiano em 70 teria sido mais modesto

bem como oferecer um *congiarium*. Domiciano conseguiu por meio dos confiscos equilibrar as contas públicas e a ideia de uma instabilidade financeira, portanto, não teria de fato acontecido (ROGERS, 1984, p. 77). Mais recentemente, no entanto, Dias (2019, p. 33) defendeu ser espinhoso o esforço de apreender se os confiscos eram por razão financeira, cujo foco seria o aumento do erário, ou puramente manobra política. Essas duas visões ainda poderiam ser consideradas em conjunto, porque além de verossímeis, devemos compreender que elas não se anulam. Desse modo, há uma aproximação entre Dias (2019) e Syme (1930) mesmo que a hipótese desse último seja de difícil comprovação documental.⁷⁵

Ainda sobre esse aspecto, Launaro (2016, p. 189-206) analisou o impacto da política econômica dos imperadores flavianos e identificou continuidades e desvios de condutas pretéritas. O autor caracterizou as políticas financeiras de Vespasiano como um momento de maximização das receitas públicas e a breve gestão de Tito (79-81) como um momento no qual o imperador demonstrou extrema generosidade nos gastos. Sobre o último imperador flaviano o autor defendeu a ideia de que os primeiros atos do governo de Domiciano foram marcados por iniciativas que seriam indícios de uma saúde financeira considerável, apesar dessas evidências estarem em fontes que normalmente o vituperavam⁷⁶ (Suet. *Dom.* 2.3; *Tit.* 9.3).

Outro ponto que o autor considerou foi o fato de que o programa de construções de Domiciano não somente promoveu o restauro de edifícios públicos destruídos pelo incêndio ocorrido em 80 como levou a cabo projetos anteriormente deixados pelos antecessores no poder (Suet. *Dom.* 5; GRIFFIN, 2000, p. 56-60; JONES, 1992, p. 79-98). Entre os anos de 83 e 84, Domiciano aumentou os salários dos soldados em Roma como forma de estreitar laços com aquele grupo (Suet. *Dom.* 7.2; Cass. Dio 67.3.5). Ancorado em Suetônio (*Dom.* 9.3) e pelas contribuições de Griffin (2000, p. 71), Launaro (2016, p. 201) advogou que Domiciano teria permanecido com a *liberalitas* de Tito. Domiciano

(Tac. *Hist.* 2.82). Um estudo detalhado acerca dos gastos feitos por Domiciano pode ser encontrado em Rogers (1984, p. 69-78).

⁷⁵ A historiografia posterior adotou essa tendência de notar a ausência de verificabilidade de uma suposta crise financeira no governo de Domiciano, o que já tinha sido sinalizado com Syme (1930) e foi compartilhado por Charles (2002, p. 25), Dias (2019, p. 33 e ss) e Griffin (2007, p. 77). Concordamos que em caso de grave desfalque nas finanças imperiais, o programa de construção domiciânico seria inviável. Domiciano precisou dar continuidade às construções iniciadas sob o governo de Tito, bem como arcar com as reconstruções após o incêndio de Roma, ocorrido em 80.

⁷⁶ Extrapola o escopo dessa dissertação uma análise detalhada sobre as políticas fiscais de Vespasiano e de Tito. Sobre cf. Launaro (2016, p. 197-200).

teria aumentado a quantidade de prata nas moedas de tipo denário e regressado ao padrão, sendo essa medida uma forma de impactar a economia (WALKER, 1976, p. 115; GRIFFIN, 2000, p. 72; LAUNARO, 2016, p. 201).

A leitura na qual Domiciano foi considerado um tirano, por seu turno, foi problematizada por Pleket (1961) que averiguou a validade do *topos* tirânico como forma de representar aquele imperador.⁷⁷ Por conta de uma imagem construída de Domiciano sobretudo por autores da Antiguidade que, mais tarde, foi assimilada pela tradição historiográfica moderna, fomos convidados a enxergar os atos daquele imperador como vívidas expressões da tirania. Domiciano foi descrito como um cruel autocrata e mesmo como tirano, como vimos no tópico anterior. O governo do último flaviano ficou caracterizado como sendo um período de terror e de extravagâncias, hipótese que buscou testar em seu artigo. Na visão do autor, o império necessitava ser bem administrado e Domiciano teve um senso de justiça social, sobretudo com relação às províncias. A concentração de recursos financeiros nas mãos de Domiciano teve duas motivações: primeiro, o autor advogou por uma ausência senatorial no tocante às questões da administração das províncias e, em segundo lugar a agressividade com a qual Domiciano tratou os membros senatoriais, motivada pelas constantes tentativas de conspiração, com maior ênfase para a Revolta de Antônio Saturnino, na Germânia Superior, em 89 (PLEKET, 1961, p. 312). A *inopia rapax*, assim definida por Suetônio, não teria origens financeiras, mas nessas tentativas de conspiração política.⁷⁸

Waters (1963, p. 198-218) questionou e buscou tecer algumas considerações acerca do advento e da posterior consolidação da segunda dinastia imperial romana. Uma das inferências foi a de que o primeiro *princeps* romano, Augusto, elaborou arranjos dinásticos influentes que permaneceram mesmo após a sua morte no início do século I.

⁷⁷ O autor elencou uma série de trechos de documentações literárias cujo mote era o de vitupério da imagem de Domiciano, tais como Plínio (*Ep.* 1.5.2,3,5,10; 3.2.3; 5.1.8; 7.19.4-6; 9.13.2; 8.14.7-8) e Tácito (*Agr.* 2.1; 42; 44.5; 45.1).

⁷⁸ De acordo com o *Oxford Latin Dictionary* (1968), *inopia* significa falta, algum querer ou escassez. *Rapax* é um adjetivo cujos sentidos são: ganancioso, voraz, furioso, avassalador. Pleket (1961, p. 300) elaborou alguns argumentos para sustentar essa ideia. Primeiramente, o governo de Domiciano estava em um contexto de instabilidade social e política, motivada pela fome e pela escassez de grãos na Península Itálica. Para o autor, isso fez com que o imperador se aproximasse dos mais desfavorecidos, o que irritava as elites. Em segundo lugar, Domiciano não teria tato (*tactfulness*) político, ou seja, não soube lidar com membros senatoriais de modo dissimulado. O autor, portanto, enxergou a política no Império Romano como uma representação teatral.

Augusto teria se tornado, portanto, sinônimo de *auctoritas*.⁷⁹ Seu herdeiro, Tibério, foi imediatamente associado à imagem imperial dada a adoção dele por Augusto. Assim, a posição social e a influência política de Augusto foi passada para seu herdeiro⁸⁰ (WATERS, 1963, p. 203-204). Podemos observar, contudo, uma forte base desse autor em outros como Ronald Syme, principalmente com sua obra *The Roman Revolution*, de 1939. Waters considerou o estabelecimento da *domus Caesaris* no final do século I AEC como uma revolução (WATERS, 1963, p. 207).

No que tangia ao estabelecimento da segunda dinastia, a dos flavianos (69-96), o autor considerou que a busca pela estabilidade bem como os conflitos tanto em nível representativo quanto em nível bélico protagonizados por Otávio, Marco Antônio e a rainha egípcia Cleópatra (SILVA, 2014, 119-172) que foram a tópica da década de 40 AEC, não podem ser comparados com o contexto do ano de 69 por alguns motivos. Em primeiro lugar os conflitos entre Galba e Oto, Oto e Vitélio e Vespasiano e Vitélio foram breves e pontuais, além de situados em partes específicas do império. Em segundo lugar, as destruições que ocorreram tanto em Cremona quanto os incêndios de construções em Roma aconteceram em um único ano, que não poderia ser comparado com os acontecimentos da década de 40 AEC.

Em nosso entendimento Waters (1963, p. 218) levou em conta o fato de que o ano de 69 foi um curto período de muitas incertezas. O jogo político não estava delimitado, nem mesmo o fato de o imperador estar em Roma era indicativo de permanência no poder. Em outras palavras, entrevemos uma verdadeira disputa tanto em termos de violência em campos de guerras quanto em termos de disputas imagéticas tal como exposto nos testemunhos monetários daquele período (ALMEIDA, 2017, p. 20).

⁷⁹ *Auctoritas* era um termo latino que designava a notoriedade de um sujeito bem como o grau de sua influência no seio social. Poderia representar liderança, poder de influência ou prestígio. Esse conceito está associado ao de augúrio que no campo do sagrado denominava a profecia interpretada pelos augures (sacerdotes romanos) durante o ritual de canto e voo de aves. *Auctoritas* relacionava-se também à noção de *dignitas* atrelada à reputação de alguma pessoa. Essa noção poderia ainda ser antônima de *potestas* no que dizia respeito a fonte da qual provinha ambas. *Auctoritas* advinha do senado, ao passo que *potestas* era proveniente do povo romano, como sublinhou Cícero (*Leg.* 3.28). De uma forma geral, *auctoritas* pode ser definida como expressão de poder proveniente do respeito às atitudes praticadas por algum sujeito que seriam dignas de serem a corporificação da sabedoria e da virtude e, portanto, transcendia qualquer tipo de exercício de determinada magistratura. “Trata-se, assim, de um conceito usado de modo amplo, mas sempre ligado à ideia de poder pessoal, não se restringindo necessariamente ao cômputo político ou ao poder legal. A *auctoritas* era algo que se conquistava e aprofundava a partir da atuação frente à sociedade” (SILVA, 2018, p. 178).

⁸⁰ Sobre a construção da imagem imperial de Otávio como Augusto cf. Silva (2001, p. 29-51) e Silva (2014, p. 61-118).

No entanto, Waters (1963, p. 218) desconsiderou o fato de que os recursos imagéticos formavam verdadeiras fontes de propagação de mensagens obviamente elogiosas ao imperador bem como ao próprio império, baseados primordialmente em motivos imagéticos e em epítetos e deuses característicos conforme o tipo de narrativa que se objetivava passar. Desse modo, entendemos que essas representações devem ser lidas por meio do conceito de *teatrocracia* porque compreendemos que todos os sistemas de poder constantemente produzem e reproduzem imagens públicas do regime que, por meio de dispositivos místicos, culturais ou do campo do sagrado, contribuem para a construção da *persona* do governante e para a teatralização do poder (BALANDIER, 1982, p. 10). Essa teatralização do poder será novamente abordada no Segundo Capítulo dessa pesquisa.

Waters (1964, p. 49-77) em *The character of Domitian*, defendeu que Domiciano foi equiparado a Tibério na categoria de maus imperadores porque ambos teriam falhado com o tato político com o senado.⁸¹ A ordem senatorial foi representada por esse autor como um órgão controlador das narrativas literária e historiográfica. Waters (1964, p. 54) procurou refutar três hipóteses provenientes de autores antigos pós-domiciânicos. A primeira tratou Domiciano como um governante que ascendeu à purpura imperial com um apetite incontrolável por poder, que havia sido reprimido pelo pai e pelo irmão. A segunda assertiva era a de que Domiciano foi um sanguinário bem como suas ações flertavam sempre com a luxúria. A terceira era a de que Domiciano foi incompetente em termos de matéria militar.

Na visão de Waters (1964, p. 65), a chave para entendermos a narrativa imposta pela tradição pós-domiciânica que buscou vituperar a imagem daquele imperador baseava-se no tipo de relação que Domiciano teria nutrido com o senado. Não somente a história do império estava nas mãos daquela aristocracia, mas a própria opinião pública. A autocracia de Domiciano no gerenciamento do império foi tido por esse autor como uma oposição contínua ao poder dos senadores e o que concedeu palco para que narrativas tirânicas emergissem, como as de Plínio, o Jovem, (*Pan.* 54; 66) e as de Tácito (*Agr.* 3) que reportaram à posteridade em seus escritos que o senado passou a discutir futilidades durante o Principado do último flaviano. No entanto, apesar dessa oposição entre a autocracia de Domiciano com os interesses senatoriais, houve progressões de carreira dos

⁸¹ O autor utilizou a mesma noção que Pleket (1961, p. 300) de *tactfulness*.

senadores durante aquele Principado. Por um lado, se nos primeiros anos de seu governo Domiciano procurou monopolizar as honras republicanas aos seus *amici* – seguindo uma política parecida com a de Vespasiano e a de Tito – por outro lado esse comportamento não obteve continuidade. Entre 70 e 81, os anos em que Vespasiano e Tito estiveram à frente do Principado, cerca de três quartos de todos os consulados ordinários foram ocupados por membros da família imperial (WATERS, 1964, p. 66).

Jones (1973, p. 79-91), que levou em conta as discussões existentes até sua época, notadamente Pleket (1961) e Waters (1964; 1969), observou nas fontes literárias em prosa uma distorção acerca da história do governo de Domiciano no que dizia respeito ao senado, descrito quase sempre como amedrontado e intimidado, persistentemente desprezado pelo imperador e uma das vítimas das paranoias do *princeps* ocorridas após a Revolta de Antônio Saturnino na Germânia em 89. Essa hipótese, aliás, foi defendida por Pleket (1961, p. 297), a de que após 89 Domiciano se tornara mais desconfiado e mais agressivo. Durante os primeiros dois anos de seu governo, entre 81 e 83, a atitude de Domiciano acerca do consulado ordinário seguiu as diretrizes de Vespasiano. Em 82, por exemplo, o imperador dividiu o consulado com o primo Tito Flávio Sabino. Em 83, seu colega foi Petúlio Cerial, outro parente dos flavianos dessa vez por casamento. Entre 83 e 88, no entanto, Domiciano se afastou dessa política de Vespasiano e permitiu que sujeitos de fora da *gens Flavia* ocupassem cinco dos dez consulados ordinários restantes. Entre 89 e 96, Domiciano deixou definitivamente as políticas de Vespasiano e mesmo ele passou a ocupar menos consulados ordinários. Não podemos afirmar se isso foi uma resposta aos acontecimentos de 89. Domiciano ocupou três dos dezesseis consulados ordinários durante os oito últimos anos de seu governo. Em 95, Domiciano dividiu o consulado com Flávio Clemente, irmão de Flávio Sabino (com quem dividiu o consulado em 82), o que poderia ser um indício de que Domiciano visava o preparo dos filhos de Clemente como seus sucessores (JONES, 1973, p. 81-82).

Em *Domitian and the Senatorial order: a prosopographical study of Domitian's relationships with the Senate* publicado em 1979, Brian Jones buscou compreender as relações de Domiciano com o senado com base nas carreiras daqueles que ocuparam um assento. O autor refutou fortemente as colocações de Suetônio porque não considerou essa fonte como representativa da complexidade que teria sido o governo daquele imperador. Os títulos e os cargos que figuram em moedas nos tempos de seu pai e de seu irmão, por exemplo, quebram hipóteses de que Domiciano não estava preparado para

governar. Além disso, ao longo de todo o seu Principado, Domiciano tentou conquistar os senadores ao empreender sucessivas campanhas militares na Germânia com o desejo de agradar sujeitos que almejavam a expansão territorial do império. A principal hipótese defendida pelo autor foi a de que Domiciano tratou os pretorianos proconsulares de maneira diferente do modo que fez Vespasiano em termos da política de promoções (JONES, 1979, p. 49).

As questões acerca das representações históricas de Domiciano, porém, formaram a tópica de *The historical Domitian: illustrating some problems of historiography*, publicado em 1989, por Pieter Botha. O mote desse artigo foi o do problema histórico da imagem de Domiciano que imputava ao historiador o contato direto com fontes muito limitadas e por vezes tendenciosas. Na visão de Botha (1989, p. 49), o *Panegírico* de Plínio, o Jovem, distorceu a figura de Domiciano como o mesmo autor fez em suas epístolas. A leitura daquele panegírico em 1º de setembro do ano 100, quando Plínio e Cornuto Tertúlio se tornaram cônsules sob Trajano, representou uma reconciliação entre o imperador e o senado, depois dos conflitos vivenciados durante a gestão de Domiciano e que não teriam sido apaziguados no curto tempo de Nerva, conforme defendemos no tópico anterior. O autor considerou o texto elogioso a Trajano como uma espécie de manual no qual constava a ideia de que o senado fazia de um imperador bom e virtuoso, ou seja, o caráter pedagógico e aconselhador do elogio. Dessa forma, o *Panegírico* retrataria muito mais sobre a maneira pela qual a imagem de Domiciano foi utilizada após a sua morte do que sobre a sua própria *persona* imperial (BOTHÁ, 1989, p. 49). Acrescentamos que o texto pliniano poderia representar a forma pela qual a história do governo de Domiciano foi recepcionada por parte de um discurso definitivamente senatorial.

Foi no ano de 1992 que tivemos um novo marco historiográfico dentro da revisão acadêmica sobre Domiciano com *The Emperor Domitian*, de Brian Jones. O autor concluiu que Domiciano foi odiado por ter perseguido senadores, pela aplicação de sua política financeira e pela crescente arrogância. Para o autor, analisar o caráter de Domiciano esbarra em duas problemáticas, a saber, o viés da documentação literária e os padrões de julgamento adotados pela aristocracia. Nessa obra, Jones seguiu os passos de Syme (1930), Pleket (1961) e Waters (1964). Uma das contribuições inovadoras desse livro foi o fato de que seu autor atribuiu importância à corte de Domiciano. Sobre o caráter daquele imperador, Jones (1992, p. 193) ressaltou a existência de dois fatores distintos

que tornavam o percurso mais complexo. O primeiro percalço seria a concepção e os padrões de julgamento contidos nas fontes literárias fabricadas pelas antigas aristocracias, que representou uma mudança da narrativa após a morte de Domiciano.⁸² Em sua visão, não importava quem fosse o imperador porque o regime contemporâneo seria intocável, ao passo que o antecessor seria considerado menor, o que mais tarde seria teorizado por Charles (2002, p. 19).

O segundo problema residia no fato de que as fontes literárias emanariam o que uma pequena parcela do império pensava acerca do papel do imperador e que tal visão seria fabricada pelo tipo de relação que o *princeps* teve com aquela ordem. Dessa forma, a apreensão da personalidade de Domiciano seria uma tarefa muito difícil por conta da parcialidade das fontes. Apesar de defender essa ideia, Jones (1992, p. 196) apresentou suas impressões acerca do caráter de Domiciano. Para o autor, Domiciano seria supersticioso, desconfiado e desprovido de senso de humor. Teria uma personalidade reclusa bem como não teria a capacidade de se envolver com os membros da aristocracia o que teria permitido aos seus detratores o representarem como moroso e sombrio, diferentemente de Vespasiano e de Tito. O Domiciano de Jones teria passado a maior parte do tempo ao lado de seus cortesãos e não com os senadores, fato esse que fez o autor concluir que o último imperador flaviano teria sido vítima de membros de sua corte. Nas palavras do autor:

Em 18 de Setembro de 96, Domiciano foi assassinado numa conspiração palaciana e substituído, no mesmo dia (*eodem die*), por um dos seus *amici*, o senador M. Coceio Nerva: os *Fasti* de Óstia registram precisamente o que aconteceu. Não foi imprevisto. Segundo Suetônio (*Dom.* 17.1), quando os conspiradores estavam hesitando sobre quando e como matá-lo, foram abordados pelo mordomo de Domitila, Estefano: durante alguns dias, ele fingiu um ferimento, cobrindo seu braço com ataduras para esconder uma adaga. Logo, isso não foi feito no calor do momento. Não há dúvida de que os conspiradores tiveram tempo para assegurar o apoio de Nerva e da guarda pretoriana. O fato de o terem feito (como é geralmente assumido) não é de modo algum certo.⁸³ (JONES, 1992, p. 193)

⁸² Por exemplo, Marcial que elogiou o novo palácio de Domiciano (8.36.1), no entanto, após a morte do patrono reprovou as ações do imperador como extravagâncias (12.15.4-5).

⁸³ *On 18 September 96, Domitian was murdered in a palace conspiracy and replaced, on the very same day (eodem die), by one of his amici, the senator M. Cocceius Nerva: the Fasti of Ostia record precisely what happened. It was not unplanned. According to Suetonius (Dom. 17.1), when the plotters were hesitating about when and how to kill him, they were approached by Domitilla's steward Stephanus: for some days, he feigned an injury, covering his arm with bandages so as to conceal a dagger. So it was not done on the spur of the moment. There is no doubt that the conspirators had the time to secure the support of Nerva and of the praetorian guard. That they did so (as is generally assumed) is by no means certain.*

A respeito da corte imperial de Domiciano, em *Domitian and the court*, Jones (1994, p. 329-335) buscou compreender o poder imperial como uma Monarquia em sua essência, que se movia com o imperador e sua comitiva. Sob Domiciano a corte imperial ou a *aula* desempenhou um papel proeminente no regime. A corte de Domiciano possuía suas próprias características bem como poderia se mover com o *princeps* em suas campanhas militares ou quando estivesse em sua Vila Albana, que foi um local de importantes eventos políticos e culturais.⁸⁴ Domiciano, no entanto, preferia um estilo de governo autocrático e monárquico, o que teria sido representado pelo fato de que o poder real residia onde quer que o imperador estivesse no momento e onde quer que ele escolhesse estabelecer sua corte. Para o autor, portanto, o governo de Domiciano demonstrou a irrelevância do senado e que, para além disso, Roma já não importava mais como centro do poder imperial.⁸⁵ Diferentemente de Devreker (1977, p. 224) que matizou a importância e a relevância do *consilium*, Jones (1994, p. 329) defendeu que desde o advento do Principado a corte imperial assumiu a forma de fonte de toda a influência política.

A conclusão do autor foi a de que a atitude de Domiciano para com seus cortesãos foi determinante para o seu destino (JONES, 1994, p. 334). Baseado primordialmente nos relatos de Dião Cássio, Juvenal, Marcial, Estácio e de Suetônio, no entanto, de forma bastante literal, o autor repetiu o lugar-comum no qual Domiciano foi uma pessoa inábil em termos de diálogo com outros segmentos de poder, bem como sua narrativa amiúde partiu dos acontecimentos de setembro de 96 como parâmetro de análise de quinze anos de governo, no que diz respeito ao trato político do imperador. Assim, Jones (1994, p. 335) concluiu que os cortesãos de Domiciano arquitetaram a sua morte por causa da falta de diálogo entre o imperador e sua corte, tal como sugeriram Dião Cássio e Suetônio.⁸⁶ Defendemos que as fontes escritas pelos autores acima citados seriam melhor exploradas no campo das representações, afinal tratamos de uma biografia suetoniana, um texto

⁸⁴ Domiciano adquiriu a vila de Pompeu localizada em Albano e morou por lá durante o governo de Vespasiano, situada a 20 quilômetros de distância da Via Ápia. A documentação literária alegava que aquela era a residência favorita de Domiciano (Suet. *Dom.* 4.4; 19; Tac. *Agr.* 45.1; Cass. Dio 67. 1.2; Juv. 4.99-101; Stat. *Silv.* 2.5.28; 4.2.66). Temos notícias da existência de outras vilas imperiais como a de Túsculo, Âncio, Gaeta, Anxur, na atual Terracina (Mart. 5.1) e Baiae, costa noroeste do Golfo de Nápoles (Mart. 4.30; Plin. *Pan.* 82.1; JONES, 1992, p. 97-98).

⁸⁵ O autor pontuou que Domiciano deixou Roma por cinco vezes para expedições militares separadas: entre 82 e 83 para o Reno, em 85 e em 86 para o Danúbio, em 89 para o Reno e para o Danúbio e em 92 para o Danúbio (JONES, 1994, p. 330).

⁸⁶ Essa hipótese já foi matizada por pesquisadores cujos trabalhos estão situados no século XXI, como Charles (2002, p. 19-49), Collins (2009, p. 73-106) Dészpa (2016, p. 168-169), Dias (2019, p. 56-59) e Szoke (2020, p. 430-452).

historiográfico de Dião Cássio, uma sátira escrita por Juvenal e dois conjuntos de poemas escritos por Marcial e por Estácio que possuíam regras próprias que regulamentavam cada campo discursivo.

Ainda sobre a matéria do isolamento de Domiciano, o livro de Patricia Southern intitulado *Domitian: tragic tyrant* (1997) apresentou um estudo acerca do caráter de Domiciano, mas com base em documentação essencialmente vituperiosa sobre aquele *princeps*. Para a autora, um exame do caráter de Domiciano deve começar pela juventude do imperador, porque segundo ela os eventos ocorridos durante a infância poderiam definir atitudes futuras, consciente ou inconscientemente na sua vida adulta. A autora mencionou o fato de que a deusa Minerva foi considerada por Domiciano como sendo a sua mãe e explicou essa aproximação como produto da vulnerabilidade do imperador porque experimentou a orfandade materna. Compreendemos que as escolhas de determinadas divindades feitas pelos imperadores expressavam o desejo de legitimação da *domus* bem como da ascendência do imperador. Durante a República, por exemplo, Júlio César aproximou-se da deusa Vênus e chegou a cunhar moedas com a tipologia venusiana (Crawford 480/8). No Principado, Augusto teve uma atitude parecida com Apolo (RIC I 170). Domiciano, por sua vez optou por Minerva, deusa relacionada aos assuntos bélicos e apareceu em, pelo menos, quatro tipos de cunhagens (RIC II 321; RIC II 584; RIC II 591; RIC II 720).

Sistemas de poder estão constantemente em negociação com recursos imagéticos, religiosos e culturais para o estabelecimento da sua legitimidade e isso não foi diferente no Principado de Domiciano quando levamos em conta o peso da figura de Minerva para o *princeps*. Em nosso entendimento, portanto, o argumento de Southern (1997, p. 121) não se sustenta porque outras lideranças do mundo romano também buscaram vincular-se a determinadas deidades com o propósito de construir e de transmitir certas imagens do regime⁸⁷ (CHABREČKOVÁ, 2017, p. 45). A narrativa da autora foi extremamente teleológica e desconsiderou, portanto, o uso político das representações de Domiciano com deuses, ao chamar tal relação como fruto da orfandade e de um instinto de sobrevivência (SOUTHERN, 1997, p. 121). De fato, compreendemos essa aproximação

⁸⁷ A ideia de divindade patrona teria sido uma herança helenística, uma vez que aqueles soberanos costumavam escolher deuses como protetores pessoais. Essa escolha era, amiúde, acompanhada de alegações de descendência direta e cooperava para a construção da imagem pública do governante (SCOTT, 1975, p. 166).

como uma forma encontrada pelo governo de Domiciano para forjar uma realidade, uma imagem e de assegurar a manutenção do próprio poder do imperador que visava construir a representação de um ordenamento social particular (CHARTIER, 1991, p. 177).

Além disso, a autora assinalou que as ações de Domiciano de perseguir opositores, de exilar pessoas e outras seriam produtos de um medo do *princeps* do sentimento de perda que teria sido uma constante em sua vida a começar pela orfandade materna. A Revolta de Antônio Saturnino de 89 teria rompido com as alianças entre Domiciano e os militares e causado paranoia no imperador com relação à sua segurança pessoal (SOUTHERN, 1997, p. 125). Não concordamos com essa hipótese por pelo menos três razões. A primeira, e nisso concordamos com Dias (2019, p. 51), Southern (1997, p. 195) possui uma narrativa bastante teleológica sobre o governo de Domiciano, em que praticamente todos os atos do imperador foram resultados de seu passado considerado por ela difícil. Ao seguir as narrativas de vitupério como Suetônio, Plínio, o Jovem e Tácito, por exemplo, a autora desconsiderou o papel ativo que esses autores exerceram na produção desses discursos e assumiu, ingenuamente, que tais relatos são os mais próximos da verdade.⁸⁸ Além disso, entendemos como problemática a desconsideração do papel desempenhado pelas regras retóricas implícitas nessas fontes, o público a que se destinava bem como a maneira pela qual a comunicação se realizava (DIAS, 2019, p. 52). O segundo ponto pelo qual discordamos de Southern (1997) compreende a insistente preocupação da autora em captar o caráter de Domiciano exposto nas fontes em termos de psicologia e a falta de uma análise que levasse em conta as disputas políticas representadas nas documentações. Em sistemas de poder são comuns as disputas políticas sejam elas de ordem simbólica ou mesmo disputas sangrentas por meio de guerras (CHARTIER, 1991, p. 177). Numa sociedade fortemente estratificada como a que havia na Roma Antiga, conspirações eram, via de regra, formas de se alcançar posições de poder (ALFARO, 2016, p. 90).

O terceiro ponto sobre o qual discordamos ancora-se na desconsideração dos testemunhos contidos na poesia, por exemplo, nos epigramas de Marcial e nos poemas de Estácio. Como abordamos na Introdução, o elogio no Mundo Antigo – para além da noção contemporânea de mera adulação –, segundo o pensamento retórico, tinha também uma

⁸⁸ Esses autores, por exemplo, escreveram boa parte de suas obras sobre Domiciano após o assassinato deste, o que nos indica – para além de fazer ou não fazer justiça ao imperador – que tais produções discursivas foram eivadas de interesses políticos dos diversos atores envolvidos (DIAS, 2019, p. 52).

função de aconselhamento: era uma estratégia de convencimento (GIESEN, 2016, p. 71; GIESEN; LEITE, 2019, p. 102). A *Retórica* de Aristóteles preconizou que o orador poderia elogiar e ao mesmo tempo aconselhar o elogiado a seguir determinado caminho. O inverso também seria válido porque ao aconselhar sobre alguma pauta, o orador poderia enaltecer algum aspecto digno de ser elogiado (Arist. *Rh.* 1368a).

Essa questão justifica a assertiva de que no *Panegírico*, de Plínio, o Jovem, temos a definição de uma série de comportamentos esperados pelos membros senatoriais e cavaleiros, cujo objetivo seria aconselhar Trajano de como manter o contexto de estabilidade política, mediante a garantia da segurança (*securitas*) e da *dignitas* dos grupos que rondavam o imperador (ALFARO, 2016, p. 91; Plin. *Pan.* 3.4). Portanto, defendemos que uma análise sobre Domiciano deve levar em consideração também as narrativas presentes em textos poéticos, pois constituíam formas de agir na realidade política do Principado, a partir da criação de um discurso ético do exercício do poder imperial (ALFARO, 2016, p. 92).

A preocupação com a dimensão documental das narrativas poéticas e literárias parece ter ganhado fôlego na historiografia mais recente produzida a partir da virada do milênio. No alvorecer do século XXI temos um aprofundamento da revisão historiográfica não apenas sobre Domiciano, mas sobre o período flaviano como um todo. Obras coletivas reuniram diversos autores das mais variadas áreas do conhecimento, como latinistas, historiadores, arqueólogos e outros que lançaram novos questionamentos a novas documentações disponíveis. Um deles foi o *Flavian Rome: culture, image, text* organizado por William Dominik e Anthony James Boyle (2002). A introdução da obra apresentou uma revisão historiográfica acerca do período político em questão, a partir de textos em prosa e em versos da Antiguidade e de autores contemporâneos acerca dos três flavianos (BOYLE; DOMINIK, 2002, p. 4). Dentre os capítulos dessa obra, Cody (2002, p. 122-143) enxergou diferenças entre as tipologias de imagens do período republicano para o flaviano em moedas, como alguns títulos como *Germanicus* de Domiciano bem como o de *Augustus*, e o que se manteve foi a representação de Roma como vitoriosa frente aos inimigos na gesta bélica (CODY, 2002, p. 123). Destacamos outras contribuições dessa obra no que diz respeito a uma nova aristocracia que emergiu quando da ascensão dos flavianos (MELLOR, 2002, p. 69); as representações da vitória e dos derrotados nas moedas (CODY, 2002, p. 103); bem como aos estudos sobre a dimensão literária da realidade histórica dos flavianos como a poesia e os jogos de Domiciano

(HARDIE, 2002, p. 125); a representação de Domiciano nas *Silvas* de Estácio (NEULANDS, 2002, p. 499); e, em obras de Flávio Josefo sobre o triunfo de Vespasiano e Tito na Judeia, em 71, bem como suas representações nas práticas letradas e nas moedas (BEARD, 2002, p. 543; MASON, 2002, p. 559).

Além desse, temos a segunda edição do *Cambridge Companion to Ancient History* intitulado *The high Empire AD 70 – 192* (2007), organizado por Alan Bowman, Peter Garnsey e Dominic Rathbone. No capítulo *The Flavians*, Mirian Griffin defendeu que as práticas letradas poéticas e as moedas podem trazer novas concepções sobre o governo de Domiciano. Enquanto Marcial celebrou as construções de Domiciano e de Tito, Estácio nas *Silvae* exaltou os novos templos e as virtuosas performances de Domiciano nas Saturnálias, bem como a colossal estátua equestre de Domiciano (*Silv.* 1,1) e a *Via Domitiana* (*Silv.* 4,3). A documentação literária de teor laudatório pode fornecer indícios de comportamentos que se esperavam do imperador, bem como permite entrever que tipos de *exempla* Domiciano e sua corte desejavam seguir. As moedas podem, também, ser compreendidas como sinais visíveis das representações em torno de Domiciano que seriam versificadas pelos poetas contemporâneos e fornecem um manancial cronológico do longo Principado daquele governante, uma vez que foi o maior de sua dinastia e um dos que mais carece de informações históricas menos enviesadas (GRIFFIN, 2007, p. 56).

Além dos *companions*, especificamente a respeito dos testemunhos encomiásticos em verso, Cairolli (2011) apontou que as representações de Domiciano em epigramas de Marcial que ora louvam, ora comentam os feitos do *princeps*, edificavam imagens do poder imperial. O autor conclui que o discurso epidítico norteia as representações nos epigramas de Marcial, bem como as relações de patronato que o poeta visava se aproximar por meio de seus poemas. Além disso, esse estudo nos apresentou uma forma de abordagem em nível do discurso acerca da construção da imagem imperial de Domiciano a partir da aproximação deste com figuras mitológicas, uma vez que tanto nas moedas analisadas quanto nos poemas encontrou-se a tentativa de verter ao imperador as qualidades contidas nos mitos ou nos títulos cunhados nas moedas ou versificados nos poemas (CAIROLLI, 2011, p. 84).

Em *Damning Domitian: A Historiographical Study of Three Aspects of His Reign*, de Britta Johansson (2013), a autora utilizou como fontes documentais as obras de Tácito, Suetônio, Plínio, o Jovem, Dio Cássio e Eusébio de Cesareia. Seu foco foi o de

compreender a construção da imagem de Domiciano nas obras dos autores supramencionados. A autora dividiu sua análise em três eixos, a saber, a crueldade de Domiciano e sua relação com os membros senatoriais, a administração imperial domiciânica e a política religiosa de Domiciano. Esses três eixos foram considerados os principais motivos de sua *damnatio memoriae* e posterior vitupério nas fontes contemporâneas e na historiografia, bem como utilizadas para elaborar uma comparação entre Domiciano e os demais imperadores – posteriores e antecessores. A hipótese de Johansson (2013, p. 11) foi a de que os relatos de vitupérios descritos nos textos dos autores posteriores ao século I sobre a suposta tirania de Domiciano são exageros retóricos.

A autora compreendeu que esses retratos foram produzidos pela tradição, sobre o que concordamos apenas parcialmente, por dois aspectos. Primeiramente discordamos da autora quando essa considerou a retórica como um exagero ou mesmo como algo supérfluo ou conceito afilhado ao de inverossimilhança. O segundo aspecto de que discordamos foi que devemos compreender essas narrativas como construções sociais e políticas que guardam íntimo contato com suas respectivas realidades. Pensamos que não constitui o trabalho do historiador a apreensão de um Domiciano mais verdadeiro que o retratado em outro texto histórico, mas o de compreender como essas narrativas – circunscritas aos seus respectivos lugares, tempos e componentes regulatórios – construíram identidades, alteridades, representações.

Outra obra coletiva que abrangeu estudos sobre o período flaviano, *A companion to the Flavian Age*, foi organizado por Andrew Zissos (2016) e contou com textos sobre a estrutura do império, os elementos socioculturais e o legado deixado pela dinastia dos Flávios. Destacamos o capítulo de Alessandro Galimberti *The Emperor Domitian* (2016, p. 92-108). Segundo o autor, Domiciano teve especial interesse nas províncias gregas e hispânicas. Uma das evidências seria os cultos a Asclépio em Pérgamo e a Deméter, em Éfeso, província na qual também foi construído um templo ao imperador. Domiciano teria adotado títulos em Atenas como o de arconte (chefe dos magistrados), de *strategos* (chefe militar ou chefe político) em Pérgamo e de *hieromnemon* (religioso oficial) em Bizâncio. Na Hispânia, Domiciano concedeu o *Ius Latii* (direito romano) aos moradores das províncias além de erigir estátuas em Salpensa, Málaga e em Irni (GALIMBERTI, 2016, p. 102).

O autor concordou com Jones (1992, p. 196) de que apesar de as fontes literárias demonstrarem uma imagem tirânica do período do governo de Domiciano, os historiadores erraram em reduzir esse momento e esse sujeito à categoria de tirano. Houve mortes de membros senatoriais durante todo o Principado. Para o autor, um dos ganhos com Domiciano foi a consolidação da estrutura organizacional do poder no Império Romano, uma sólida política externa e o rigor na política fiscal. Além disso houve uma preocupação com o planejamento urbano e com a administração imperial. Dessa forma, Domiciano não seria simplesmente um tirano, teria sido um governante que exerceu o poder de forma pragmática, sem que sua política negligenciasse a esfera religiosa e o rigoroso respeito às tradições romanas (GALIMBERTI, 2016, p. 104-105).

Nessa esteira temos Pilar Fernández Uriel (2016), autora de *Titus Flavius Domitianus, de princeps a dominus: um hito en la transformación del Principado* em que a autora teceu comparações entre as figuras de Nero e a de Domiciano. A autora cunhou um neologismo, o *domicianismo* – em paralelo com o *neronismo* – uma categoria na qual buscou englobar a personalidade política e a noção de soberania de Domiciano. Segundo ela, as políticas desse *princeps* foram continuadas pelos sucessores. O governo de Domiciano não teria significado o fim de uma era, mas constituiu uma fase importante dentro do regime político do Principado. Por fim, a autora destacou que em vez de caracterizarmos Domiciano como um autocrata ou tirano sanguinário – como quer a tradição escrita pós-96 – devemos considerar a eficiência de suas políticas administrativas, econômicas, bem como o projeto governamental que, segundo a autora, foi um programa no qual se assentaram as bases do governo romano do século II (FERNÁNDEZ URIEL, 2016, p. 281).

Fernandez Uriel (2016) foi criticada por Dias (2019, p. 25), que enxergou problemas em sua historiografia. Para ele, a autora naturalizou em sua obra os atributos ligados a Domiciano e o fez sem se preocupar com os possíveis interesses envolvidos na construção das narrativas tirânicas. Alfaro (2016, p. 89) seguiu nessa mesma direção ao dizer que as fontes literárias relativas aos imperadores do século I – o autor citou as *Vidas* de Suetônio como exemplo – foram utilizadas sem se levar em conta as relações de poder envolvidas na construção desses discursos. Para esse autor, não havia regras claras na sucessão imperial e o Principado renascia a cada investidura. Essa ausência motivava a formação endógena e/ou exógena à corte imperial de facções que poderiam promover conspirações contra os soberanos. Dessa forma, Alfaro (2016, p. 91) defendeu uma

criação de um projeto pliniano – o autor utilizou como documento o *Panegírico a Trajano* de Plínio, o Jovem – em que por meio dos elogios direcionados a Trajano, houvesse um diálogo no sentido da previsibilidade dos comportamentos esperados pelos aristocratas e pelos *amici* do imperador. A forma por que esta comunicação se colocaria seria a ritualização de condutas consideradas virtuosas e, em contrapartida, aquelas condutas rejeitadas se tornariam motivos de vitupério – o que se revelaria uma forma de controle do corpo do imperador.

Em *Imperador ou tirano: comunicação e formas sociopolíticas sob(re) o Principado de Domiciano*, tese defendida na Universidade Federal de Ouro Preto, Mamede Queiroz Dias (2019) apontou que os documentos literários, os testemunhos monetários e a arquitetura até 96 eram de caráter elogioso a Domiciano. Após o assassinato daquele a inclinação passou do elogio ao vitupério. Esse fenômeno teve como principal expoente a produção de narrativas escritas por membros senatoriais e equestres entre os dois séculos que sucederam os eventos de 96. Dessa forma, a historiografia dos séculos XX e XXI replicou essa polarização que se encontra nos textos em prosa e alguns em verso (DIAS, 2019, p. 232). Para o autor, os discursos que foram produzidos quando da ascensão dos flavianos se apropriaram de *topoi* vituperiosos à *persona* imperial.

O próprio poeta, douto no manejo da palavra, também funcionava como um perpetuador de memórias.⁸⁹ Os documentos utilizados por Dias (2019) foram um inventário de moedas comemorativas dos Jogos Seculares de 88 divididas em dois grupos, a saber, as moedas de tipos simbólicos (que apresentam objetos ou monumentos simbólicos) e as de tipos narrativos (no qual os motivos cunhados apresentam uma cena ou a narração de algum evento), o poema 1.6 das *Silvas* de Estácio sobre as Saturnais de Domiciano datado de 93 e 95 e a topografia dos espaços em que os *Ludi* e as Saturnais eram realizados. Desse modo, o autor considerou pertinente levar em conta os espaços pelos quais a comunicação de Domiciano com públicos variados e amplos ocorria (DIAS, 2019, p. 235). O autor chegou a algumas conclusões. Primeiramente, as cunhagens apresentaram diálogos com os Jogos Seculares de Augusto, ocorridos em 17 AEC. O autor defendeu que o ano de 88 foi marcado como aquele no qual Domiciano inaugurou um novo século, momento de uma restauração moral e urbanística em solo romano e que

⁸⁹ Uma discussão ampla acerca da função do poeta como perpetuador de memórias bem como no lugar social do vate na sociedade romana do Principado pode ser encontrada em Silva (2014, p. 93-118) e em Silva (2018, p. 142-269), respectivamente.

denunciou um caráter paradoxal do Principado de constante resgate por insígnias republicanas⁹⁰ (DIAS, 2019, p. 236). Apreendemos com essa historiografia, portanto, a ideia de comunicação como preponderante para compreendermos as mensagens contidas nas moedas, bem como aquelas contidas na *Aquileida*.

À guisa de conclusão, notamos que desde fins do século XIX a historiografia passou a problematizar as representações de Domiciano que nos foram legadas por meio das documentações em prosa, bem como a levar em consideração os testemunhos poéticos e da cultura material. Essas fontes passaram a fornecer outras facetas de Domiciano que fizeram frente àquelas contidas nos testemunhos em prosa. No alvorecer do século XXI houve uma intensa produção e diversificação de temáticas e um interesse particular com o período flaviano. Questões sobre se Domiciano foi ou não foi um tirano, se foi ou não foi mais autocrata do que seus antecessores, voltaram à tona. Defendemos que o termo tirano foi uma construção retórica que se tornou uma categoria na qual governantes eram encaixados conforme os contextos sócio-políticos. Assim como Nero, Domiciano entrou para o *hall* de imperadores com aspirações tirânicas quando comparados com outros césares, como no caso do *Panegírico a Trajano* de Plínio, o Jovem.

Ao longo de nossa exposição identificamos pelo menos três problemas a partir do exame da fortuna crítica de Domiciano que foram o conceito de tirano que por muitos séculos foi dominante na escrita da história e nas fontes documentais, o conceito de autocracia e, finalmente, a desconsideração da retórica na produção dos discursos da Antiguidade. Em nosso entendimento, portanto, fontes documentais como as *Vidas* de Suetônio, as *Histórias* de Tácito, as epístolas e o *Panegírico* de Plínio, o Jovem e a *História Romana* de Dião Cássio possuem em comum *topos* da tirania que por muitos anos foi simplesmente aceito pela historiografia, que ecoou um discurso senatorial que construiu a imagem de Domiciano como tirano.

⁹⁰ O autor aqui se referiu a um estudo de Aloys Winterling (2012, p. 4-26), que em um artigo se debruçou acerca da noção de loucura imperial nos Principados de Calígula (37-41), Nero (54-68) e Domiciano (81-96). O autor defende que as fontes de Suetônio, Tácito e Dião Cássio nos revelam que aqueles imperadores ditos como virtuosos são retratados como *primus inter pares*, ou seja, que suas condutas não deixavam transparecer o sistema paradoxal no qual vigorou durante a experiência do Principado. Tal paradoxo residia na ideia de que havia um corpo político tradicionalmente republicano (a *res publica* que havia deposto o último rei da Roma Arcaica em 509 AEC) que coexistia com um sistema no qual um indivíduo tinha pretensões monárquicas, em outras palavras, o imperador. A ruptura seria causada quando os demais atores políticos notassem que o imperador não zelava mais pela ideia de paridade entre os indivíduos como deveria ser respeitada numa República (WINTERLING, 2012, p. 17).

A *damnatio memoriae* sofrida pelo último dos flavianos propagou um vitupério à sua imagem mais do que o seu esquecimento. Domiciano se tornou um modelo a não ser seguido. Consideramos o conceito de autocracia como uma forma anacrônica e eufemística de representar o governo e o caráter de Domiciano. Assim como seus antecessores, Domiciano governou em um Principado. Outros imperadores como Cláudio cometeram assassinatos durante seu governo e não sofreram o mesmo tratamento das fontes que foram escritas após a sua morte. Defendemos a necessidade de um olhar voltado para essas documentações em prosa e em verso com base nos preceitos da retórica antiga que regulamentava o pensamento e o discurso também no período imperial.

Outro problema que observamos foi o do denominado período do terror que apareceu pela primeira vez no *Essai* e que representou uma forma anacrônica de enxergar final do governo de Domiciano (GSELL, 1894, p. 177-185). O período do terror que teria se iniciado no ano 90 e tem momentos classificados por Gsell (1894, p. 181) como mais duros entre os anos de 93 a 96, conforme dissemos, foi o resultado de uma narrativa senatorial que amplificou os momentos conflituosos entre Domiciano e seus opositores. A imagem desse *princeps* nos parece mais matizada quando nos debruçamos sobre as documentações contemporâneas ao seu governo e que nos informam as outras faces de Domiciano além da sua preocupação em demonstrar a extensão de seu poder no Império Romano. Tanto as moedas quanto as letras produzidas durante o governo de Domiciano utilizaram dos preceitos retóricos de sua época que ao longo do tempo se tornaram mais sistematizadas por retores como Quintiliano e, mais tarde Menandro, o retor. Antes de analisarmos o nosso *corpus* documental, portanto, faz-se necessário que dissertemos sobre o interdiscurso retórico e literário que Domiciano pareceu fazer questão de compor em vida.

1.3 DOMICIANO, AS LETRAS E O INTERDISCURSO RETÓRICO

No Mundo Antigo, conforme mencionamos na Introdução dessa dissertação, o elogio fazia parte das relações sociais e políticas entre os sujeitos que orbitavam a casa imperial romana. Além da sua vertente retórica, o elogio possuía ainda a característica de aproximar poetas da zona de influência do imperador por meio das letras. Durante o Principado de Domiciano, irromperam diversas inovações no que dizia respeito às competições artísticas e esportivas em Roma e em outras localidades como em Alba

Longa, lugar em que o próprio *princeps* mantinha sua residência privada. De acordo com Nauta (2002, p. 329), sob Domiciano o Império Romano assistiu à emergência de pelo menos duas formas pelas quais o imperador manteve relações com as letras após a sua ascensão, quais sejam, o patronato comunitário e o patronato pessoal.

O patronato por sua vez foi alvo de muitos estudos de fôlego dentro da historiografia. Autores como Saller (1989), Wallace-Hadrill (1996), Nauta (2002), Leite (2003), Konstan (2005) e Baptista e Leite (2019) se debruçaram sobre essa relação existente entre uma plêiade de autores e poetas circunscritos no período imperial romano e o próprio imperador. As relações de patronato e de clientelismo podem ser caracterizadas como sendo um conjunto de formas de socialização entre as elites políticas romanas e clientes provenientes de diversas ordens sociais que se beneficiavam mutuamente numa relação assimétrica. Esses benefícios eram concedidos por patronos que poderiam ser pessoas ligadas à aristocracia, ao senado e mesmo à casa imperial romana em troca de serviços prestados pelos clientes. No limite, o patronato pode ser entendido como uma relação baseada na troca recíproca entre dois indivíduos de estamentos sociais distintos, ou seja, daqueles que ofertavam benesses e outros que receberiam esses bens em troca de alguma prestação de serviço (SALLER, 1989, p. 8).

Na lógica de ascensão política dentro do Principado, o patronato político tornava-se um caminho viável para aqueles indivíduos que desejassem alcançar determinada magistratura. Uma das formas encontradas por esses sujeitos foi a aproximação com as pessoas próximas ao imperador, os *amici caesaris*, que podem ser descritos como um grupo formado por senadores, equestres, favoritos, libertos e membros da corte imperial (JOLY, 2007, p. 9). Saller (1989, p. 66) procurou dividir em dois subgrupos os *amici caesaris* em *amicus superiores* (formado pelos senadores e cavaleiros) e *amicus inferiores* subdividido em três subgrupos formados pelos literatos e oradores, pelos médicos e preceptores imperiais e pelas mulheres e libertos imperiais. Os oradores e os homens das letras, por conta do manejo da palavra, estavam próximos daqueles senadores e cavaleiros com *status* elevado e que mantinham proximidade com o *princeps*. Os médicos e preceptores imperiais prestavam serviços diretamente à família imperial. Por fim, as mulheres e os libertos eram de suma importância em termos de influência política. Essa visão tripartite do patronato político foi matizada posteriormente por pesquisadores interessados nas fronteiras e nas zonas de influência que membros teoricamente de baixo *status* social tinham se comparados aos senadores:

Ele [Saller] divide os agentes ora de acordo com as posições oficiais que possuem no governo, ora de acordo com o grau de proximidade que mantêm com o imperador. Nota-se que, em sua análise, acaba por predominar o primeiro critério, pois é este que define quem é de alto ou de baixo *status*. Assim os libertos são inferiores aos senadores, mas por outro lado, pelo segundo critério (proximidade com o imperador) um liberto imperial poderia estar situado na mesma posição que um influente senador. Ao descartar este dado, cujas próprias evidências documentais citadas apoiam, Saller passa a imagem de que as relações de patronato restringem-se à elite aristocrática, estando o restante da sociedade alheia a tal fenômeno (JOLY, 2007, p. 9).

A hipótese de Saller (1989), portanto, propaga uma ideia na qual a própria aristocracia exercia a maior parte da influência política sob o Principado e fecha as portas para outras formas de relacionamento. Uma delas, sobre a qual nos apoiamos posto que poetas como Estácio estavam nela inseridos, é a do patronato literário, que se constituía como uma forma de exercer influência política e angariar benefícios de patronos próximos ao ou mesmo do próprio imperador. Sendo Domiciano um indivíduo com reconhecida preocupação com o fazer literário de sua época – o que foi atestado até mesmo por seus detratores – escritores e poetas contemporâneos ao seu regime encontraram no elogio à sua pessoa uma forma de acumular recursos financeiros, capital político e prestígio social na sociedade romana (Stat. *Achil.* 1.14-19; Suet. *Dom.* 2.2; Tac. *Hist.* 4.86).

É notável a presença do tema das letras em prosa e em verso nas documentações escritas sobre o Principado de Domiciano. Suetônio (*Dom.* 2.2) e Tácito (*Hist.* 4.86.2) atestam uma dita hipocrisia por parte do último flaviano quando abordam a sua predileção juvenil às letras. De acordo com esses autores, Domiciano teria abandonado o fazer literário ao assumir a púrpura imperial (Suet. *Dom.* 20), apesar do imperador ter sido elogiado algumas vezes por Quintiliano (*Inst.* 10.1.91) e por Estácio por sua poesia (*Achil.* 1.16-17). A predileção de Domiciano para com a poesia épica aparece nos primeiros versos da *Argonautica* de Valério Flaco, poeta flaviano, que homenageou o Principado de Vespasiano em sua epopeia mitológica (V. Fl. 1.12-14; NAUTA, 2002, p. 327; BAPTISTA, 2019, p. 77).

Na condição de *princeps*, porém, Domiciano aparentou não ter se descuidado das letras. O último imperador da dinastia flaviana parece ter seguido uma tradição de seus predecessores e familiares, Vespasiano e Tito, que investiram em atividades literárias. Segundo Suetônio (*Vesp.* 18) e Tácito (*Dial.* 9.5) Vespasiano teria oferecido quinhentos

mil sestércios ao poeta Saleio Basso e distribuído presentes e recompensas a poetas durante o seu Principado. Anteriormente, Nero havia instituído as *Neronia* ou os Jogos Quinquenais que, mais tarde, foram ampliados por Domiciano (Suet. *Ner.* 12; *Dom.* 4). Como imperador, Domiciano instituiu ainda os Jogos Capitolinos, em 86, em homenagem à reforma que ordenou no Templo de Júpiter Capitolino – anteriormente deteriorado pelo incêndio de 69, reconstruído por Vespasiano em 75 e novamente incendiado em 80 sob Tito (Mart. 4.54; Juv. 6.387; Suet. *Dom.* 4.4). Esses jogos passaram a ocorrer a cada quatro anos na cidade de Roma a partir do ano de 86, entre os meses de maio e de junho, e tinham como atrações os eventos literários, musicais e as corridas de cavalos e as competições atléticas. Esse evento ainda contava com a participação do próprio imperador como o mestre de cerimônia, ocasião em que Domiciano utilizava a *purpurea toga Graecanica*, um traje triunfal utilizado pelos imperadores romanos em cidades gregas⁹¹ (COLEMAN, 1986, p. 3100; NAUTA, 2002, p. 329).

Outro evento que passou a ser celebrado sob o Principado de Domiciano foram os Jogos Albanos, a partir de 88 (Mart. 4.1). Esses jogos foram estabelecidos por Domiciano em homenagem à deusa Minerva, que era considerada a sua patrona (CHABREČKOVÁ, 2017, p. 45). Os eventos eram realizados anualmente no mês de março na residência privada do imperador localizada em Alba Longa. Na ocasião ocorriam algumas atrações como as competições entre poetas e oradores, as *venationes* ou as caças a animais e apresentações teatrais (Cass. Dio 67.1-2). Estácio teria participado desses dois eventos promovidos sob o *imperium* de Domiciano. Primeiramente teria ganho os Jogos Albanos em 90. Nessa ocasião o vate teria apresentado o seu poema que tinha como matéria as campanhas de Domiciano contra os povos germânicos e dácicos. O pouco conhecido e hoje perdido poema épico denominado *De Bello Germanico* teria outorgado a Estácio os louros correspondentes (Stat. *Silv.* 3.5.28-29; 4.2.66-67). Em contrapartida, já no final de sua vida, Estácio teria participado dos Jogos Capitolinos, mas não conquistado o primeiro lugar (Stat. *Silv.* 5.3.227-233). De acordo com Augoustakis (2016, p. 378) e Hardie (2002, p. 141), esses dois festivais promovidos por Domiciano nos revelam a exigência do regime de apresentações de apoio político nos domínios público e privado. Segundo Nauta (2002, p. 329), os Jogos Capitolinos aconteciam na cidade de Roma e com a expectativa de um público amplo, diferentemente dos Jogos Albanos que ocorriam na

⁹¹ Outros imperadores utilizaram as mesmas vestes tais como Cláudio em Nápoles (Cass. Dio 60.6) e Adriano em Atenas (Cass. Dio 69.16).

residência privada do imperador e que, por isso, tinham uma audiência bastante restrita aos convidados imperiais.

O programa construtor de Domiciano também parece ter atingido locais dedicados às letras, como as bibliotecas. O próprio poeta Marcial (5.5) em seus *Epigramas* apontou a disposição das obras em uma biblioteca em que advertiu a Sexto – a quem o edifício estava sob tutela – que seu livro ficasse ao lado dos de poetas como Catulo, ao passo que o épico de Domiciano sobre a guerra do Capitólio de 69 ficasse disposto entre os grandes poetas. Na perspectiva de autores como Nauta (2002, p. 327-329), Augoustakis (2016, p. 379) e Baptista (2021, p. 237), a preocupação de Domiciano para com o estado físico das bibliotecas do império seria expressão da cultura literária de sua época. Domiciano teria restaurado a biblioteca no Pórtico de Otávia, reconstruído a biblioteca do Palatino e a ampliado, e restaurado ainda o local do acervo de obras do Templo da Paz, que havia sido obra de Vespasiano (COLEMAN, 1986, p. 3095; BAPTISTA, 2021, p. 237).

A atividade literária de Domiciano atestada por Marcial no referido poema (5.5) nos apresenta ainda outra questão que se relaciona com a erudição do imperador. Apesar de Suetônio (*Dom.* 2.2) ter demarcado o fim da atividade literária de Domiciano a partir de 81, Marcial e outros autores parecem divergir daquele escritor. Para Coleman (1986, p. 3092) Domiciano teria tido uma educação retórica e oratória bastante robusta, uma vez que ainda jovem precisou discursar e representar os poderes de seu pai no conturbado momento do Ano dos Quatro Imperadores, como vimos nas páginas anteriores, primeiramente discursando para o senado romano (*Tac. Hist.* 4.40-47) e depois dialogando com os pretorianos amotinados (*Tac. Hist.* 4.46). Estácio (*Silv.* 5.3.178-180) teria nos deixado pistas de que seu pai teria sido o preceptor de Domiciano. Se acreditarmos nas epístolas plinianas, Domiciano teria escrito cartas e, portanto, também dominado esse gênero de escrita (*Plin. Ep.* 10.58.5). Suetônio (*Dom.* 18.2) atribui ao último flaviano a produção de um tratado sobre a preservação dos cabelos escrito em prosa. Concordamos com Coleman (1986, p. 3095) que apontou que os registros históricos que possuímos nos permitem entrever que Domiciano foi alguém interessado nas letras e na retórica, além de ter sido uma pessoa que apreciava e respeitava a poesia épica.

Em dado momento, porém, ao analisar a composição da *Aquileida* enquanto uma poesia épica subversiva, Benker (1987, p. 59) defendeu que Estácio ao elogiar Domiciano

nas *Silvas* estaria na realidade zombando da *persona* imperial. A autora tomou como parâmetro os autores que escreveram sobre Domiciano após a sua *damnatio memoriae* para caracterizar os últimos anos de seu governo como uma tirania, mas não levou em conta os usos e os abusos de lugares-comuns do vitupério na composição dessas narrativas, o que Baptista e Leite (2021, p. 269) apontaram recentemente. Não concordamos com a assertiva de Benker (1987) tanto porque a autora desconheceu o vitupério como uma prática de difamação de *exempla* históricos romanos – apontados anteriormente por Dunkle (1971, p. 12-20) – quanto porque, segundo Coleman (1986, p. 3115) as restrições de determinados temas nas práticas letradas circunscritas no Principado eram, via de regra, implícitas no sistema imperial, o que, em nosso entendimento, não seria uma exclusividade de Domiciano a censura a quaisquer tipos de vitupério a sua *persona*.⁹² Além disso, como bem ressaltou Nauta (2002, p. 387) os poetas flavianos escreviam suas obras dentro de um relacionamento individual com a corte imperial e, por isso, estavam circunscritos em um processo contínuo de negociação e troca que, dentro da lógica do patronato e do clientelismo, exigia deles a elaboração de elogios ao *princeps* para o recebimento de benesses materiais e imateriais.

Exemplos dessas distribuições de benefícios materiais ou imateriais não faltaram nas documentações poéticas do período flaviano. As conexões entre os poetas e a casa imperial, inclusive, foram alvo de reflexões dos próprios vates. Estácio (*Silv.* 4. *Praef.* 28-30) sugeriu que fosse mais proveitoso para o poeta que entregasse seus escritos ao imperador antes de publicá-los em uma coleção. Algumas pessoas próximas ao imperador ainda poderiam ser alvos desses poetas, tais como Vitório Marcelo. Segundo Estácio (*Silv.* 4.4.58; 487-494), Marcelo era uma das pessoas leais a Domiciano e por isso tinha a permissão de ler os textos que eram enviados para o imperador. A publicação do quarto livro das *Silvas* pode ter sido condicionado ao aval e ao apoio de Marcelo, que chancelou a obra devido ao grau de seu prestígio social por ser uma figura pública e favorecida por Domiciano (COLEMAN, 1986, p. 3102).

A casa imperial, por sua vez, alvo dos elogios dos poetas, também ofertava benesses aos vates pelo reconhecimento e a imortalização nas letras. Domiciano teria

⁹² O fenômeno da contrapropaganda, ou seja, a difamação da honra de um imperador predecessor realizada pelo atual não foi restrita no Mundo Antigo romano. Os exemplos de Otávio e Marco Antônio/Cleópatra (SILVA, 2014, p. 159-172) e de Caracala e Geta (GONÇALVES, 2013, p. 210-220) são dignos de nota.

recompensado o epigramatista Marcial com o *ius trium liberorum*.⁹³ Estácio por seu turno teria sido agraciado pelo imperador por volta do ano 91 quando numa *Silva* (3.1.61-64) mencionou que o patrono teria dado a ele o direito de usufruto das águas de um aqueduto que servia a *domus* albana de Domiciano, o que parece ter sido cobiçado por Marcial (9.18) em seus poemas⁹⁴ (NAUTA, 2002, p. 374).

Em suma, o que podemos compreender sobre o patronato e o clientelismo literário é que poetas estavam à procura de patronos para viabilizarem a sua profissão e/ou contribuírem para com o seu prestígio social.⁹⁵ Em contrapartida tanto os patronos não conectados quanto aqueles atrelados à *domus* imperial e mesmo o imperador teriam a garantia da imortalização nas letras em prosa e em verso dos escritores clientes. Estava nas mãos desses autores a propagação de representações e ideias políticas acerca de uma personalidade e, em nosso caso, da fabricação da imagem pública de Domiciano por meio do elogio ao imperador nas práticas letradas poéticas. Autores como Estácio tinham à sua disposição as recomendações retóricas necessárias para a produção das imagens laudatórias e cortesãs, além das prerrogativas esperadas dentro do gênero proposto pelo escritor que, para efeitos dessa dissertação, se trata do gênero épico de tipo mitológico.

O elogio nas letras tem precedentes anteriores à emergência do Principado na história romana. Uma das primeiras obras com teor panegírico a que temos registro remonta à Atenas Clássica, de autoria do retórico ateniense Isócrates que elogiou a magnanimidade da Hélade em seu *Panegírico*, em 380 AEC (SILVA, 2009, p. 139). No contexto romano restaram doze panegíricos em suas formas integrais, quais sejam, o *Panegírico a Trajano*, de Plínio, o Jovem, e os demais textos laudatórios datados entre os anos de 289 à 389 que homenagearam os imperadores Maximiano, Constâncio Cloro, Constantino, Juliano e Teodósio. O texto que aparentemente estabeleceu a *laudatio* imperial foi o discurso pliniano de agradecimento a Trajano no ano 100. No *Panegírico a Trajano*, Plínio exaltou a devoção filial, a honestidade, a bondade, a *liberalitas*, a

⁹³ Tratava-se de um privilégio concedido a um cidadão romano que possuía pelo menos três filhos ou a um liberto que tivesse quatro filhos. Datado da época de Augusto, especificamente entre 18 AEC e 9 EC, foi uma forma de conter a queda do número da população. Aquele que fosse agraciado com o privilégio estava isento de praticar serviços públicos e poderia usufruir do tempo para o *otium* e ao fazer literário. O *ius trium liberorum* vigorou até os tempos de Justiniano que o aboliu em 534 (Mart. 3.95.5-6; FRANK, 1975, p. 41-52).

⁹⁴ Frontino (*Aq.* 3.2; 88.2; 99.3; 103; 105.1; 111.1) nos descreve que as questões relativas à distribuição da água e sobre a manutenção e construção dos aquedutos romanos eram de atribuição imperial e Marcial (9.18.5-8) parece corroborar essa ideia.

⁹⁵ A exceção talvez seja Sílio Itálico. Acerca disso cf. Augoustakis (2010, p. 1-23).

modéstia, a justiça e a franqueza do herdeiro de Nerva (Plin. *Pan.* 2.6; 54.5). Além disso, determinou que a tirania era uma forma de governo diametralmente oposta aos princípios da *res publica*, na concepção senatorial, e que a melhor forma de educar um *princeps* novo era vituperar as ações condenáveis de seus antecessores (Plin. *Pan.* 45.3-6).

Os encômios foram antes de tudo exemplos de divulgação dos atos dos imperadores e da outra face do poder em Roma: a necessidade de agradar os súditos e/ou concidadãos. Pelas orações laudatórias, podemos perceber o que os oradores, e aqueles que eles representavam, desejavam do soberano. Os panegíricos foram, portanto, constituídos por uma amalgama de desejos, ambições e frustrações (GONÇALVES; FRANCHI, 2013, p. 150).

A partir do exposto pelas autoras, podemos entender como as letras e as recitações públicas dos encômios imperiais possuíam o seu peso dentro do jogo político. Por meio das letras os escritores poderiam representar os desejos de uma ordem, aconselhar o imperador a tomar determinadas decisões sobre vários assuntos, dissuadi-lo ou simplesmente amplificar as virtudes que seriam caras ao governo imperial.⁹⁶ Conceito caro à historiografia latina, a virtude ou *virtus* poderia denotar as qualidades do indivíduo que prestava serviços à comunidade romana, expressada pelas boas ações adequadas à uma conduta comedida e moderada. Por meio da evocação e da exaltação pública dos vícios e das virtudes a sociedade romana poderia rememorar aqueles indivíduos cujos exemplos poderiam ser imitados ou evitados (Cic. *Deiot.* 2.36; BALMACEDA, 2015, p. 49-50).

Domiciano foi tomado após a sua morte como sendo a nítida expressão do oposto da conduta virtuosa por parte de um imperador. Autores como Schulz (2019), Baptista (2021) e Baptista e Leite (2021) apontaram a construção retórica da imagem tirânica feita por Plínio, Tácito e Suetônio para vituperar Domiciano. Em outro extremo, porém, esses mesmos autores representaram positivamente figuras consideradas virtuosas e utilizaram, como base, de lugares-comuns do elogio. No *Agricola*, por exemplo, Tácito (*Agr.* 4.2; 8.3) mencionou as qualidades de seu sogro Júlio Agrícola e retratou a vida deste como oposta à conduta de Domiciano. Júlio Agrícola era admirado pela sua *moderatio* e

⁹⁶ Acrescentamos que apesar da retórica aristotélica preconizar a separação dos gêneros retóricos em deliberativo, judiciário e epidítico, podemos encontrar elementos deliberativos em discursos de elogio ou de vitupério. A categorização desses gêneros não os restringe de serem utilizados em um mesmo discurso de forma conjunta.

valentia, pela sua *sapientia* (Agr. 4.3), pela sua destreza militar (Agr. 4.5), pelo seu *cursus honorum* (Agr. 5.1; 7.3), pela demonstração de *pietas*, *temperantia*, *verecundia*, *prudentia*, *iustitia*, *gravitas*, *severitas*, *miserericordia*, *integritas* e *abstinentia* (Agr. 7.2-3; 8.1-3; 9.2-4). Tácito (Agr. 18.4-6; 21.2) ainda amplificou a *ratio* e o *ingenio* de seu sogro, a sua *constantia*, a sua *clementia* e sua *gloria*.

Concordamos com Balmaceda (2015, p. 65) que compreendeu a *virtus* romana como um vocábulo eminentemente político. O indivíduo deveria provar a sua virtuosidade nas ações políticas públicas, ou seja, deveria demonstrar as suas qualidades pelo seu serviço para com o social. No caso do imperador a sua virtuosidade e as suas ações políticas deveriam contemplar os interesses das diversas ordens que orbitavam a sua zona de influência, tais como os senadores, os equestres, a população do império, os habitantes das províncias, seus libertos, os escritores, os cortesãos e outros. É nesse sentido que defendemos o uso político do elogio e do vitupério, como forma de propagar representações e ideias políticas capazes de influenciar a conduta dos imperadores romanos na gerência do Principado. Como vimos, os discursos de elogio à pessoa imperial foram recorrentes na história romana e não ficaram circunscritos aos primeiros séculos da Era Comum. As ações e as virtudes imperiais exaltadas foram paulatinamente sendo incorporadas nos tratados retóricos posteriores e ganharam uma sistematização nos escritos de Menandro, o Retor (séc. III-IV).

O elogio ao imperador, de acordo com a tardia sistematização de Menandro, era parte do encômio às ações dos indivíduos, de modo a exaltar as qualidades pessoais e políticas do alvo da *laudatio*. Em Menandro temos que os elogios aos bens da alma, do corpo e das ações exteriores como menores em termos de ênfase quando comparados ao aspecto da virtude que alçou o posto de principal motivo do elogio à pessoa do imperador. Os *tópoi* do elogio imperial que encontramos nos escritos de Menandro nos parece ter sido pensados em termos cronológicos, ou seja, dos dados biográficos às ações do imperador empossado. Essas seriam, portanto, as categorias do elogio ao *princeps*, conforme as referências de Menandro: a família (2.369.17-371.3), a origem (371.3-14), a natureza e seus subtópicos, quais sejam, o corpo (371.14-17), o crescimento (371.17-24), a educação (371.24-372.2) e as ações e os feitos (372.25-376.23).

O tratadista ainda ressaltou que o orador deveria reproduzir a natureza virtuosa do retratado, bem como as suas aptidões. As qualidades do elogiado deveriam ser enfatizadas

por meio do vitupério aos exemplos anteriores ou mesmo pela comparação de eras distintas. Menandro seguiu a classificação platônica das virtudes, quais sejam, a sabedoria, a moderação, a justiça e a virtude (*andreia*), segundo Ponce (1998, p. 222). No século I, contudo, o próprio Quintiliano – este contemporâneo a Domiciano – descreveu na sua monumental *Institutio Oratoria* que o panegirista deveria dividir por épocas e qualificar o *status* antes e depois do tempo em que o elogiado viveu. O orador poderia ainda enfatizar as virtudes do elogiado comparando-o a *exempla* como os do próprio Aquiles.

Por vezes se recorrerá também aos fatos do tempo anterior a seu nascimento, aos quais tiverem prometido fama futura através de oráculos ou respostas, como aquele que viesse a nascer de Tétis, segundo diziam os oráculos, haveria de ser maior que seu pai.⁹⁷ (Quint. *Inst.* 3.7.11)

Em Menandro (2.368.7-369.6), por sua vez, temos a sistematização das prerrogativas nas quais o panegirista poderia seguir como forma de orientar o seu elogio imperial. Primeiramente o tema do encômio, o imperador, deve ser amplificado, seja por meio de exemplos históricos ou mitológicos, seja por meio da exaltação de suas virtudes. O nascimento e as origens familiares podem oferecer dignidade e magnanimidade ao imperador alvo do elogio, bem como as considerações sobre como o elogiado enobrece a sua *patria*⁹⁸ (Men. Rhet. 2.369.19-371.14). Os atributos físicos do imperador podem amplificar ou mesmo materializar determinadas virtudes (Men. Rhet. 2.371.15-19). A juventude, compreendida como os momentos da infância e da adolescência, pode ser matéria de elogio quando atrelada à instrução educacional que teve o imperador. O desejo de aprender, demonstrações de agudeza, de curiosidade pela matéria ensinada, a facilidade com que cumpriu as tarefas, a eloquência em termos filosóficos e literários, assim como a destreza em assuntos militares podem ser utilizados pelo panegirista como formas de aproximação do *princeps* com os exemplos da juventude de Aquiles, por exemplo (Men. Rhet. 371.20-372.5; Stat. *Achil.* 1.1-19).

⁹⁷ As traduções da *Instituição Oratória* utilizadas nessa dissertação são de autoria de Bruno Fregni Bassetto (2015). *Illa quoque interim ex eo quod ante ipsum fuit tempore trahentur quae responsis vel auguriis futuram claritatem promiserint, ut eum qui ex Thetide natus esset maiorem patre suo futurum cecinisse dicuntur oracula.*

⁹⁸ Utilizamos a palavra latina *patria* no sentido de terra natal, local de nascimento do indivíduo.

As atividades exercidas pelo elogiado podem dar ensejo à amplificação de suas virtudes, bem como dar mostras de seu caráter. As ações a que o tratadista se referiu são aquelas que motivavam triunfos e vitórias militares ao imperador. Menandro (2.372.5-375.4) apontou que o que outorgava maior prestígio ao imperador eram os momentos de guerra porque a valentia do comandante militar ou *imperator* ficava em evidência. A descrição das vestimentas militares, das suas campanhas contra inimigos externos aos *limites* romanos e a narrativa das vitórias alcançadas poderiam demonstrar as virtudes imperiais.

A parte final do relato de Menandro (2.375.5-377.30) sobre as formas e as possibilidades disponíveis para que o orador ou o panegirista pudessem fabricar uma *persona* imperial a partir do elogio culminam naquilo que se poderia exaltar nos momentos de paz. Dentre as virtudes, temos a temperança, a justiça e a sabedoria. A amplificação da amabilidade para com os súditos, a acessibilidade da casa imperial, a legislação feita com justiça e o fim das leis injustas demonstrariam os exemplos de ações imperiais realizadas com sabedoria e temperança. O panegírico imperial poderia findar com um epílogo no qual o escritor pudesse comparar o Principado atual com os pretéritos, de forma a amplificar o imperador vigente e exaltar a prosperidade e a opulência das cidades que compunham o império (GIESEN; BAPTISTA, 2020, p. 250-254; DIAS; LEITE, 2018, p. 115-120). Ao atrelarmos esses preceitos retóricos sistematizados do elogio a produção e a difusão das imagens imperiais podemos relacioná-los sob o ponto de vista da propaganda. As mensagens deveriam ser positivas e enaltecidas da figura que personificava o poder, que em nosso caso tratava-se de Domiciano.

[...] a construção e a difusão sistemática de mensagens, por intermédio de vários suportes disponíveis, destinadas a um público difuso [...], e visando criar uma imagem positiva de determinados fenômenos, articular uma imagem do governante e estimular determinados comportamentos ligados à adesão dos súditos a este governante (GONÇALVES, 2013, p. 46).

Com esse arcabouço conceitual, portanto, que mescla a retórica epidítica com a noção de propaganda aplicada aos Estudos Clássicos, pretendemos estudar nossa documentação. No próximo capítulo analisamos nosso *corpus* documental composto pelas moedas de Domiciano a partir do exame das peças com base nos preceitos retóricos,

do epidítico, do binômio *representação e práticas* e do conceito de *propaganda*. Pretendemos defender, portanto, a primeira parte de nossa hipótese, a de que as emissões monetárias durante o governo de Domiciano buscaram fabricar e propagar imagens do *princeps* como dotado de virtudes bélicas, cujo governo exerceu a *liberalitas* chefiado por um representante dotado de *pietas* familiar e divina.

CAPÍTULO 2

IMPÉRIO DAS MOEDAS

Nesse capítulo, trazemos à discussão um *corpus* diverso, que demonstra outras representações do imperador: moedas cunhadas em Roma no governo de Domiciano para compreendermos como as ideias de *fortitudo*, *gloria* e *pietas* foram adaptadas ao discurso monetário. Analisamos um conjunto de moedas romanas cunhadas entre 81 e 96 e buscamos defender a primeira parte de nossa hipótese, a de que as representações de Domiciano buscavam transmitir ideias do poder imperial por meio das moedas de tipo simbólico e as de tipo narrativo e que a retórica tinha papel preponderante nas escolhas das imagens que seriam gravadas nas faces das peças. Advogamos por uma retórica monetária em que o discurso epidítico norteava as escolhas das imagens que visavam um tipo de comunicação com diferentes parcelas da sociedade do vasto Império Romano durante o Principado de Domiciano.

2.1 A MOEDA COMO FONTE HISTÓRICA

A moeda pensada como fonte possui algumas características que a torna particular dentro da disciplina histórica.⁹⁹ As cunhagens combinam imagens, textos e materialidade em uma única peça que possui significados para a interpretação e a estruturação da análise feita pelo historiador. Nesse capítulo, apresentamos nossa análise da documentação monetária elencada conforme nosso objetivo geral que é o de compreender a fabricação da imagem imperial de Domiciano a partir da aproximação do *princeps* com figuras divinas, semidivinas e históricas. Compreendemos que as moedas nos fornecem informações importantes acerca da constituição das mensagens transmitidas por causa de sua dupla natureza, além do fato de serem documentos tridimensionais: material, iconografia e escrita.

⁹⁹ Compreendemos o documento histórico como todo o tipo de recipiente de informações disponíveis sobre o passado humano e que pode ser utilizado pelo historiador em suas análises, de acordo com os seus métodos, teorias e hipóteses. Dessa forma, consideramos como fonte históricas documentos escritos, imagéticos, monetários, de cultura material e de outras naturezas, em suma, todo o monumento criado pelos sujeitos históricos em suas respectivas épocas para representação de determinados aspectos da vida social (MARROU, 1978, p. 62-63; LE GOFF, 1990, p. 535).

Começemos pela dupla natureza da moeda. Em primeiro lugar, as cunhagens são produzidas sempre por uma autoridade emissora que assegura o seu valor. Essas autoridades podem ser desde pessoas até instituições historicamente situadas. Logo, as moedas portam representações de regimes e tentativas de comunicação de determinadas decisões tomadas por um governo. Além disso, a segunda natureza da moeda consiste na penetração que as cunhagens têm na vida cotidiana das pessoas. Elas são utilizadas diariamente em trocas comerciais, no pagamento de tributos ou mesmo são tiradas de circulação por meio do entesouramento. Dessa forma, as moedas são documentos históricos simultaneamente ao fato de serem artefatos arqueológicos (KEMMERS; MYRBERG, 2011, p. 88; KEMMERS, 2019, p. 3).

Além dessa dupla natureza as moedas têm ainda o potencial semântico de possuir três dimensões que se coadunam e se complementam. As peças são fabricadas a partir de metais que, para efeito dessa pesquisa, variam entre o ouro, a prata e o bronze. Ao levarmos em consideração a variável da raridade, podemos inferir que as moedas de ouro possuíam um valor intrínseco maior do que as demais fabricadas em prata e em bronze. Logo, a materialidade nos parece ser um aspecto importante a ser levado em conta ao trabalharmos com os testemunhos monetários.¹⁰⁰ A dimensão das imagens nos permite entrever quais tipos de *designs* eram utilizados de modo a transmitir alguma mensagem. Essas imagens, por sua vez, poderiam ser acompanhadas por inscrições no averso e no reverso das moedas e representar a autoridade da cunhagem, seus atributos sociais e políticos e outros. Conforme defendido por Martins (2011, p. 209), as finalidades das imagens no contexto da emergência do Principado (séc. I AEC-I EC) possuíam três dimensões, quais sejam, a de trazer à tona elementos do passado, a de orquestrar o presente como poder, de modo a garantir a adesão ao governo por meio da propagação das atribuições acumuladas pelo *princeps* e a de dar ênfase no futuro como forma de perpetuação da imagética fabricada – principalmente no *post mortem* do imperador. Em nosso entendimento, portanto, ao associarmos essas três categorias e compreendê-las em conjunto podemos avistar as representações de regimes políticos, conjunturas sociais ou mesmo as formas pelas quais uma determinada sociedade forjava a sua própria realidade

¹⁰⁰ No Principado dos tempos de Augusto, um áureo de ouro equivalia a 25 denários de prata. Um *quinarius* também produzido a partir do ouro equivalia a 12,5 denários. Um denário de prata, por sua vez valia 16 asses de cobre, ao passo que um *quinarius* de prata correspondia a 8 asses de cobre. Um sestércio cunhado a partir do bronze valia 4 asses de cobre. Um dupôndio de bronze, 2 asses de cobre. Um *as* de cobre equivalia a 4 quadrantes de cobre. Um *semis* de bronze equivalia a 2 quadrantes de cobre (SEAR, 2000, p. 19).

por meio da prática de cunhagens. Além disso, pontuamos que se por um lado o círculo literário épico no Principado alcançava um público restrito – como veremos no Terceiro Capítulo –, por outro as imagens não verbais transmitidas por vias monetárias extrapolavam as barreiras impostas pelas diferenças sociais, econômicas e educacionais da época (CHARTIER, 2002, p. 220; MARTINS, 2011, p. 207).

Para essa pesquisa, selecionamos as moedas de Domiciano – cujos reversos apresentavam o imperador ao lado de deuses e de personagens históricas – disponíveis no catálogo *Online Coins of the Roman Empire* em três tipos de metais: ouro, prata e bronze. Dividimos nosso *corpus*, portanto, em três grandes grupos, conforme o metal utilizado na produção das peças: denominações de ouro, denominações de prata e denominações de bronze. Desses grupos, estabelecemos quatro subgrupos conforme o tipo reverso da moeda: gesta bélica, família, deidades e *ludi saeculares*.

Noreña (2001, p. 193) defende que as moedas produzidas no Principado foram meios privilegiados de propagação de concepções, de ideais e de propaganda da dinastia imperial sob a qual provinha a autoridade da cunhagem. Nesse sentido, uma vez que as moedas eram diariamente utilizadas pela população do vasto Império Romano, determinadas mensagens específicas e atuais provenientes das autoridades imperiais eram transmitidas a múltiplos grupos (ELLITHORPE, 2017, p. 180). Defendemos ainda que essa construção tinha como parâmetro o conceito retórico do *aptum* que significava na visão de Martins (2009, p. 175) a preocupação do orador com os elementos internos e externos do discurso.¹⁰¹

Como vimos no Primeiro Capítulo, a retórica antiga categorizou algumas formas as quais poderiam ser utilizadas pelos oradores para vituperar ou elogiar alguma personalidade pública, em especial o imperador. Ao retomarmos aos preceitos retóricos temos que o elogio poderia ser construído a partir da celebração de algumas dessas três categorias, a saber, as coisas externas, aos atributos do corpo e às características do ânimo do elogiado. A estirpe, a educação, a riqueza, o poder, as glórias militares, as ações e os feitos e as relações interpessoais constituiriam às coisas externas (Men. Rhet. 2.369.17-

¹⁰¹ O conceito retórico do *aptum* pode ser compreendido como adequação ou decoro. Essa adequação em um dado discurso equivalia a harmonia entre as partes internas que o constituíam (*aptum* interno), tais como as frases, os vocábulos empregados e os sons emitidos, e as partes externas (*aptum* externo) que correspondia no esforço feito pelo orador para motivar determinadas opiniões por parte do público (MARTINS, 2009, p. 175).

371.3; 372.25-376.23). A velocidade, a força, a elegância e o vigor seriam as subcategorias do corpo. A prudência, a justiça, a coragem e a modéstia seriam os atributos do ânimo ou da alma daquele que fosse elogiado (*Ad. Her.* 3.6.9-10; *Men. Rhet.* 2.371.14-17). Pontuamos, porém, que não tomamos nossa documentação como limitada a essas categorias do elogio retórico. Em nosso entendimento, essas categorias estavam disponíveis para serem utilizadas pelos fabricantes de discursos, uma vez que a retórica configurava-se um sistema de pensamento, uma forma de operar cognitivamente ou uma maneira de organização do argumento suportado em quaisquer suportes materiais, que visasse mover, ensinar ou deleitar a sua audiência (MARTINS, 2011, p. 40). É por entendermos o discurso demonstrativo ou epidítico como um recurso argumentativo que analisamos nosso *corpus* monetário para compreendermos quais virtudes, elementos distintivos e qualidades de Domiciano que foram exaltadas e amplificadas nas moedas contemporâneas ao seu governo.

Compreendemos que por meio dessas moedas a imagem pública de Domiciano pôde ser construída através da aproximação do imperador com deuses e figuras históricas. A partir da ideia retórica da comparação e da amplificação dos feitos do indivíduo, inferimos que Domiciano figurava nas moedas como alguém associado ao campo do sagrado (especificamente atrelado à Minerva e a Júpiter), além de ser representado como portador da *pietas* familiar a partir da presença das figuras de parentes divinizados ou vivos. Além disso, as vitórias militares de Domiciano, representadas em cenas de batalhas ou em alegorias do imperador sendo coroado por Vitória, demonstram o uso de acontecimentos recentes na fabricação da imagem pública do *princeps*, especificamente, as guerras contra os povos germânicos, o que criava a metáfora de que a vitória de Domiciano era a glória de Roma. Esse conjunto de moedas com motivos militares será objeto de análise do próximo tópico.

2.2 GERMANIA CAPTA

Pontuamos que no período da emergência da dinastia flaviana, Roma conhecia um grande número de imagens cunhadas em moedas. No decorrer dos séculos, as cunhagens apresentavam figuras inéditas (principalmente após algum evento notável) e outras imagens eram comumente retrabalhadas nas peças. Eventos expressivos como as vitórias nas guerras eram, portanto, momentos emblemáticos para que fossem apresentados em

moedas e esse tema foi bastante utilizado nas cunhagens flavianas. Conforme Cody (2002, p. 102-103) observou, as maneiras pelas quais Vespasiano, Tito e Domiciano adotaram e adaptaram imagens monetárias correntes constitui um campo de estudos bastante frutífero em termos históricos. Um dos aspectos característicos das moedas flavianas de tipo bélico é a forma pela qual os ateliês de moeda romana enxergavam Roma e o imperador com relação tanto aos antepassados quanto aos povos vencidos.

Logo após o suicídio de Nero em 68, as cunhagens romanas tomariam os tipos monetários notadamente republicanos e augustanos. Figuras como Galba, Vitélio e Vespasiano tiveram moedas cunhadas sob suas respectivas autoridades com motivos imagéticos que rememoravam o passado republicano e faziam reverência aos títulos inaugurados por Augusto. Seja pelo fato desses imperadores terem optado por afastarem-se do passado recente de Nero ou porque esses mesmos sujeitos alcançaram o poder pelas vias militares, o que temos são imagens e expressões latinas deliberadamente nostálgicas dos tempos de Augusto e da defesa da *res publica* (CODY, 2002, p 103-104). Até o início da dinastia flaviana, as figuras monetárias republicanas e augustanas existentes naquele momento somavam, pelo menos, quatro grupos distintos:

Os desenhos das moedas republicanas e augustanas retratando povos estrangeiros conquistados constituem quatro grupos iconográficos distintos que, em conjunto, constituem uma linguagem artística na qual os romanos desse período representavam suas relações com esses povos. Os grupos representam os conquistados em estágios significativos ao longo de um *continuum* de uma condição totalmente abjeta a um estado de quase igualdade. Em uma extremidade estão os tipos de *prouincia capta* (província capturada), em que o conquistado aparece de luto ou com as mãos amarradas de um prisioneiro. Em seguida, estão os tipos *supplicatio* (súplica) e *adoratio* (adoração), nos quais o provincial interage com Roma para pedir favor. Mais adiante no *continuum* estão os tipos de *prouincia restituta* (província restaurada), onde o provincial é levantado de uma posição ajoelhada para uma posição de pé por um representante de Roma. Na outra extremidade estão os tipos de *prouincia fidelis* (província fiel) em que um provincial fica literal ou figurativamente ao lado de um representante de Roma e frequentemente interage em pé de igualdade com ele. Cada uma dessas quatro composições republicanas e augustanas é recorrente nas moedas dos imperadores flavianos¹⁰² (CODY, 2002, p. 104-105).

¹⁰² *Republican and Augustan coin designs portraying conquered foreign peoples comprise four distinct iconographic groups that, taken together, constitute an artistic language in which the Romans of this period represented their relationships with these peoples. The groups represent the conquered at significant stages along a continuum from a totally abject condition to a state of near equality. At one end are the prouincia capta ('captured province') types, on which the conquered appears mourning or with the bound hands of a prisoner. Next are the supplicatio ('supplication') and adoratio ('adoration') types, on which the provincial interacts with Rome to sue for favour. Further along the continuum are prouincia restituta ('restored province') types, where the provincial is raised from a kneeling to a standing position by a representative*

O que pudemos compreender a partir do exame das moedas de Domiciano foi uma preocupação, além da *pietas* divina e familiar, com a divulgação de imagens de conquistas bélicas em cenas narrativas ou em tipos simbólicos. Já nos primeiros anos do Principado de Domiciano temos a presença de moedas que ressaltavam a filiação de Domiciano com Vespasiano de modo que o filho representasse uma espécie de continuador dos feitos militares do pai. As moedas a seguir apresentam imagens de deuses relacionados às questões bélicas e foram cunhadas especificamente entre 82 e 84, momento que marcou o início do governo de Domiciano e os primeiros conflitos armados contra os catos:



Fig. 3 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 82. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATORI] DOMITIAN[II] CAES[ARI] DIVI VESP[ASIANI] FILIO AVG[VSTO] P[ONTIFICI] M[AXIMI] TR[IBVNICIA] P[OTESTATE] P[ATER] P[ATRIAE] CO[N]S[VL] VIII*. Reverso: Marte vestindo manto em pé para a direita portando uma lança e um troféu. Inscrição: *S[ENATVS] C[ONSVLTVM]* RIC II 838.



Fig. 4 – Dupôndio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 84. Anverso: Busto de Domiciano com uma coroa radiada e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] X*. Reverso: Marte de pé à esquerda portando uma miniatura de Vitória e um troféu. Inscrição: *S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 216.

of Rome. At the other end are the provincia fidelis ('faithful province') types on which a provincial stands literally or figuratively next to, and often interacts on nearly equal footing with, a representative of Rome. Each of these four republican and Augustan compositions recurs on the coins of the flavian emperors.

Na primeira moeda temos o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita cercado pela inscrição “Imperador Domiciano César Augusto, filho do Divino Vespasiano, Pontífice Máximo, poder tribunício, pai da pátria, cônsul pela oitava vez”. No reverso temos a representação de Marte vestindo um manto e portando uma lança e um troféu, voltado para a direita e em pose atlética. Na segunda moeda temos o busto de Domiciano com coroa radiada voltado para a direita e cercado pelas inscrições identificadoras “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, cônsul pela décima vez”. No reverso temos Marte de pé e voltado para a esquerda portando uma miniatura da deusa Vitória e um troféu. A julgar pelas posições do busto de Domiciano e da personificação de Marte além das inscrições contidas nas duas peças – fabricadas em dois momentos diferentes – podemos inferir que se em 82, no início de seu Principado, Domiciano propagou ser filho de um imperador divinizado que em vida foi um general vitorioso, em 84 o mesmo deus entregava ao último flaviano a vitória. Como argumenta Martins (2011, p. 150) as moedas romanas apontam para momentos emblemáticos que aconteciam no presente e rememoravam determinados passados imediatos por meio da escolha de figuras que traziam de volta eventos representativos para o governo. O acúmulo das prerrogativas imperiais tais como expostas nos anversos e nos reversos também poderiam ser ostentadas pelo imperador e se tornavam ingredientes importantes na fabricação de sua imagem pública. Vale ressaltar que em 84, Domiciano estava em expedição militar contra os catos e havia acabado de ser agraciado pelo senado com o título de Germânico conquistado após derrotar por hora o exército cato.

A respeito das representações de Domiciano nas cunhagens ao longo dos anos 80 que visaram celebrar as conquistas do último flaviano, passamos à análise desse conjunto monetário que denominamos como *GERMANIA CAPTA* (Germânia capturada). Domiciano empreendeu, como vimos no Primeiro Capítulo, algumas expedições militares contra os povos germânicos ao longo da década de 80. Contra os catos, o imperador guerreou entre os anos de 82 e 83 e recebeu as saudações correspondentes entre os meses de junho de 83 a setembro de 84. No final de 83, portanto, Domiciano celebrou seu triunfo contra os catos e teve o título de *Germanicus* ou “Conquistador da Germânia” em documentos oficiais e em moedas a partir de agosto daquele ano. Em nosso entendimento, essas emissões estavam conectadas à prerrogativa do elogio às ações e aos feitos de Domiciano, assim como a força e a *fortitudo* expressas pelo imperador em batalha (*Ad Her.* 3.7.14; *Men. Rhet.* 2.372.25-376.23) como podemos observar no exemplar a seguir.



Fig. 5 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 84. Anverso: Busto de Domiciano, laureado e drapeado, voltado para a esquerda. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DIVI VESP[ASIANI] F[ILIVS] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] X*. Reverso: Domiciano avançando com o cavalo na direção do inimigo. Inscrição: *P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TRIB[UNICIA] P[OTESTAS] III IMP[ERATOR] VII P[ATER] P[ATRIAE] S[ENATVS] C[ONSULTVM]*. RIC II 205.

Na peça acima podemos conferir no anverso o busto de Domiciano laureado, drapeado e voltado para a esquerda. Circunda a imagem a seguinte inscrição “Imperador César Augusto Domiciano Germânico, filho do Divino Vespasiano, cônsul pela décima vez”. No reverso temos uma cena na qual vemos o imperador montado em um cavalo avançando contra um inimigo. A inscrição que acompanha essa cena apresenta as demais atribuições acumuladas por Domiciano até o ano da cunhagem da moeda, em 84 “Pontífice Máximo, Poder Tribunício pela terceira vez, Imperador pela sétima vez e Pai da Pátria”, além da marca oficial da chancela senatorial, ou seja, “Decreto do Senado”.

A construção da imagem de Domiciano que temos, de acordo com Tiron (2015, p. 258), o representa como um general vitorioso, a partir da presença do cavalo e da posição do inimigo germânico. As moedas cunhadas como forma de celebração das vitórias militares de Domiciano sobre os germânicos até o ano de 85 apresentaram algumas variações em termos de iconografia. Além do tipo de reverso monetário apresentado acima – o cavalo que ataca o inimigo – temos outros em que Domiciano aparece em frente a um cativo rendido (RIC II 274) e outro em que o imperador aparece subjugando a personificação do rio Reno (RIC II 278). Reproduzimos as moedas abaixo:



Fig. 6 – Sestércio de Bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 85. Anverso: Busto de Domiciano laureado, com *aegis* e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XI*. Reverso: Cativo germânico, em pé, com as mãos amarradas e voltado para a esquerda. À direita há um troféu, um elmo e um manto. A Germânia está sentada à esquerda cercada de armas e enlutada. Inscrição: *GERMANIA CAPTA S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 274.



Fig. 7 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 85. Anverso: Busto de Domiciano laureado e com *aegis* voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XI*. Reverso: Personificação do Rio Reno reclinada à esquerda; Domiciano de pé voltado para a esquerda e segurando uma lança e um *parazonium*. Inscrição: *S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 278.

Na primeira peça (RIC II 274) temos no anverso a imagem do busto de Domiciano, laureado, com *aegis*¹⁰³ e voltado para a direita, circundado pela inscrição “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, cônsul pela décima primeira vez”. No reverso temos a representação de um cativo com as mãos amarradas, de pé e voltado para a esquerda. À direita do cativo temos um troféu, um elmo e um manto, ao passo que à

¹⁰³ De acordo com a língua grega, *aegis* denota a pele de uma cabra que se atribui ser de Amalteia ou de Aegis, um monstro com quem Minerva lutou e matou. Logo após ter assassinado o monstro, a deusa teria revestido seu peito com a pele da criatura para que servisse como vestimenta, mas também como amuleto contra perigos e como prova cabal de sua bravura. No contexto do Principado, os imperadores costumavam aparecer em moedas e em estátuas com o peito coberto pelo apetrecho, o utilizando como uma couraça (SOURVINOU-INWOOD, 2016).

esquerda encontra-se a personificação da Germânia sentada em volta à armamentos jogados no chão. As inscrições “Germânia” ao lado da imagem da alegoria sentada a identifica como a personificação de um povo enlutado e desarmado, ao passo que “Capturada” ao lado do cativo em pé e de mãos amarradas remete aos soldados germânicos vencidos. O troféu situado ao centro das duas pessoas representa a vitória dos romanos.

Na segunda peça (RIC II, 278), por sua vez, temos a mesma imagem de Domiciano que vimos na primeira moeda (RIC II 274), e com as mesmas inscrições. A novidade é que o receptor poderia olhar, no reverso, a personificação do rio Reno reclinado e voltado para a esquerda. Domiciano aparece de pé e porta uma lança e um parazonio, respectivamente, símbolos bélico e da *virtus*. A centralidade da imagem é indicada pelas letras *S* e *C* que representam a chancela senatorial para a cunhagem da moeda. Podemos inferir, portanto, que a vitória de Domiciano sobre os germânicos alegorizada pela imagem do imperador montado em um cavalo e as demais em que ele aparece em posição superior aos rendidos estabelece a mensagem de que o triunfo do *princeps* foi sinônimo da magnanimidade de Roma. A relação entre Domiciano e seus soldados também foi representada nas cunhagens, conforme podemos observar na próxima moeda:



Fig. 8 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 85. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XI*. Reverso: Domiciano em pé, à esquerda, apertando as mãos com o oficial à esquerda, sobre o altar; ao lado do altar jaz dois soldados, um segurando o estandarte, o outro uma lança e um escudo. Inscrição: *S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 282.

O anverso dessa moeda apresenta o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita acompanhado da inscrição “Imperador César Domiciano Augusto Germânico,

cônsul pela décima primeira vez”. No reverso da peça temos Domiciano de pé, voltado para a direita em sinal de aperto de mãos com um oficial situado à sua esquerda, sendo que o imperador está sobre um altar. Atrás do oficial há dois soldados, um deles porta um estandarte e outro uma lança e um escudo. Toda a cena fica no centro da moeda e separa as letras *SC* que representam que a cunhagem foi credenciada pelo senado romano. A mensagem que podemos inferir que a moeda buscou transmitir era a da concórdia e da subordinação dos soldados para com o seu comandante, nesse caso Domiciano. Como vimos anteriormente a concórdia era um valor importante para o estabelecimento e para a própria manutenção da dinastia vigente. Por um lado, a concórdia entre os familiares respaldava e propagava a imagem de uma *domus* organizada e chefiada pelo imperador, por outro a concórdia entre os soldados e o seu comandante poderia propagar a ideia de que Roma contava com um exército disciplinado e coeso, livre de discórdias internas que pudessem fragmentá-lo. O estandarte, por exemplo, consistia em um mastro adornado com bandeiras e insígnias e representava a afiliação dos soldados à uma unidade militar específica, possivelmente, a legião *I Minervia* criada por Domiciano em 82 e nomeada em homenagem à deusa Minerva (GALIMBERTI, 2016, p. 100), o que poderia explicar a presença de um altar. Se, por um lado as representações de Domiciano acompanhado de seus soldados indicavam a coesão e subordinação dos militares ao imperador, por outro diversas moedas louvavam as vitórias do terceiro *princeps* da dinastia flaviana, o que demonstrava um *continuum* dentro da produção monetária daquela *domus*. Sobre esse assunto, podemos comparar a iconografia de outras duas moedas, a primeira cunhada sob a autoridade de Vespasiano e a outra sob a de Domiciano, respectivamente.



Fig. 9 – Áureo de ouro cunhado sob a autoridade de Vespasiano entre 69 e 70. Anverso: Busto de Vespasiano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAESAR VESPASIANVS AVG[VSTVS]*. Reverso: Judéia sentada à direita, com uma das mãos apoiadas no queixo. A sua esquerda

jaz um *tropaeum* ou troféu montado com os armamentos bélicos do inimigo judeu. Inscrição: *IVDAEA*. RIC II 3.

Nesse áureo podemos ver o busto de Vespasiano com uma coroa de louros na cabeça rodeado pela inscrição “Imperador César Vespasiano Augusto”. A coroa de louros representava a vitória nas artes e em matéria militar na Antiguidade romana. A ceca seguinte apresenta a personificação da Judeia sentada com o braço direito apoiando o queixo, logo atrás dela está um *tropaeum* que consistia em um amontoado de armamentos dos inimigos que eram empilhados pelos vencedores. Dentre os armamentos eram amontoados os escudos, as espadas e a armadura dos inimigos em comemoração à vitória dos vencedores que nesse caso eram os romanos chefiados por Tito e Vespasiano. O *tropaeum* ou o troféu demarcava o local em que o inimigo tinha sido derrotado e algo do tipo apareceu em moedas romanas pela primeira vez no ano 6 AEC para celebrar a vitória de Augusto sobre as quarenta e cinco tribos dos Alpes (STRONG, 2016). Podemos observar que a próxima moeda guarda semelhanças com a de Vespasiano (RIC II 3), mas a que apresentamos foi cunhada sob a autoridade de Domiciano:



Fig. 10 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 85. Anverso: busto de Domiciano laureado, com *aegis* e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] POTESTAS III*. Reverso: personificação da Germânia sentada à direita, com o braço direito sobre a perna direita e apoiando a cabeça; ela está sentada sobre um escudo. Há uma lança quebrada próxima a ela. Inscrição: *IMP[ERATOR] VIII CO[N]S[VL] XI CENSORIA POTESTAT[E] P[ATER] P[ATRIAE]*. RIC II 325.

No anverso dessa moeda de tipo simbólico temos a imagem do busto imperial rodeada pela inscrição “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, Pontífice Máximo, Poder Tribunício pela quarta vez”. A imagem no reverso representa os territórios germânicos e, conseqüentemente, remete aos povos com os quais os exércitos

romanos batalharam ao longo da década de 80. As demais inscrições representam os poderes militar, consular e de censura perpétua, além de atribuir a Domiciano o título de pai da pátria “Comandante militar pela oitava vez, cônsul pela décima primeira vez, poder censório, Pai da Pátria”. Chamamos atenção para o fato de a moeda representar a personificação de Germânia em sinal de luto, sentada sobre materiais bélicos, respectivamente, um escudo e uma lança partida ao meio, o que indica mais do que a rendição, a derrota. Conforme vimos nas outras moedas, e na própria cunhagem de Vespasiano, esse tipo reverso propagava a mensagem da vitória romana frente aos inimigos na gesta bélica. De acordo com Beard (2007, p. 19-21) moedas de alto valor, presumivelmente os áureos, eram cunhados pelos generais vitoriosos para serem distribuídas nas procissões triunfais desde os tempos da República.¹⁰⁴ Podemos sugerir, portanto, que as moedas do tipo reverso militar ou *provincia capta*, como ressalta Cody (2002), suportadas em moedas como áureos representavam a vontade do governo de Domiciano – e dos demais flavianos – de propagar a imagem de generais vitoriosos e de fazer ecoar que a glória pessoal do imperador era sinônimo da grandiosidade de Roma. O elogio ao feito militar de Domiciano corresponde, desse modo, à subcategoria epidítica das ações e dos feitos e, por meio da exaltação dessa vitória a magnanimidade de Roma pôde se tornar sinônimo do sucesso da destreza militar do imperador. Outras peças representavam esse triunfo de forma mais explícita, como no próximo exemplar.

¹⁰⁴ Uma procissão triunfal tratava-se de uma cerimônia de solenidade na qual um general vitorioso adentrava os portões de Roma carregado numa carruagem puxada por quatro cavalos. Elefantes também poderiam ser utilizados nessas solenidades. Além da carruagem, os cativos e os espólios eram apresentados diante da população no momento da procissão. O destino era o Capitólio, local em que eram oferecidos sacrifícios em honra de Júpiter. A partir do momento em que terminava uma batalha ou uma guerra, era de praxe que o *imperator* encaminhasse ao senado um despacho chamado *litterae laureatae* em que comentava suas lutas e como havia vencido o inimigo (Liv. 46.1; Plin. *HN*. 15.40). Com esse documento em mãos o senado deliberava uma *supplicatio* (ação de graças pública) que em muitas ocasiões precedia a realização do triunfo. Havia algumas regras a serem seguidas por quem pretendesse enviar ofícios ao senado para a realização de triunfos, tais como o pleiteante ter ocupado ao menos um dos cargos de pretor, cônsul ou ditador (Liv. 28.38; 31.20). Em 81 AEC, porém, essa regra foi burlada por Pompeu que triunfou antes de exercer algum desses cargos supramencionados (Plut. *Pomp.* 14.22; Cass. Dio 36.8). Outra regra – que funcionou durante os primeiros anos da República – era a de que o magistrado deveria estar cumprindo as funções no cargo no momento em que a vitória havia sido obtida, bem como quando o triunfo fosse celebrado (Liv. 8.26; 34.45). A guerra vencida deveria ter sido travada sob os auspícios do general ou imperador (Val. Max. 2.8; Liv. 31.48). Havia a exigência de que ao menos cinco mil inimigos tivessem sido mortos em uma única batalha e que a perda de soldados romanos fosse menor do que as baixas dos rivais (Val. Max. 2.8; Liv. 33.22). As batalhas deveriam ser competidas justamente e os domínios de Roma ampliados (Cic. *Deiot.* 5; Liv. 31.5; 36.1). Por último, finda as guerras, a província deveria ser pacificada para que o exército fosse retirado dos campos de batalhas, para que desse modo, os soldados partícipes das contendas pudessem se apresentar no triunfo (RAMSAY, 1875, p. 1163-1165).



Fig. 11 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 88. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *DOMITIANVS AVGVSTVS*. Reverso: Domiciano laureado e vestido com uma *toga picta* numa quadriga triunfal portando um ramo de oliveira e um cetro. O carro é decorado com a imagem da deusa Vitória. Inscrição: *GERMANICVS CO[N]S[VL] XIII*. RIC II 561.

Nessa peça temos no anverso o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita cercado pela inscrição que o identifica como “Domiciano Augusto”. O reverso monetário representa o imperador laureado e vestido com uma *toga picta* ou capitolina, uma vestimenta utilizada pelos generais em procissão triunfal e pelos cônsules e imperadores quando havia a celebração de jogos.¹⁰⁵ O cetro, conforme vimos anteriormente representava um símbolo de poder, ao passo que o ramo de oliveira era um símbolo de paz para os romanos (Verg. *Aen.* 8.114-119; 9.95-103). A inscrição que acompanha a imagem enfatiza o título outorgado pelo senado em homenagem ao desfecho das guerras contra os catos em 84 “Germânico” seguido pelo momento em que a cunhagem foi realizada “Décimo quarto consulado”, ou seja, no ano de 88. A moeda provavelmente estava relacionada aos Jogos Seculares de 88, mas em nosso entendimento, a imagem do reverso remetia também ao triunfo de Domiciano por conta da sua vitória contra os catos em 84/85. De fato, Frontino (*Str.* 1.3.10) – que havia sido membro das tropas do último flaviano durante as guerras dos anos 80 – relatou que a vitória de Domiciano proporcionou um aumento de 46 milhas no *limes* romano próximo ao Elba (GALIMBERTI, 2016, p. 99).

O ano de 88 ainda representou uma retomada de conflitos no Danúbio que foram vencidos pelos exércitos romanos sob o comando de Técio Juliano. No final de 88 e inícios de 89, porém, Domiciano encontrava-se na altura do rio Reno por conta da sedição

¹⁰⁵ Teria sido introduzida por Túlio Hostílio juntamente com a *toga praetexta*, segundo Plínio, o Velho e Macróbio (*HN.* 9.39.63; *Sat.* 1.6).

promovida por Lúcio Antônio Saturnino, suprimida definitivamente em janeiro de 89. No outono de 89, por sua vez, Domiciano retornou a Roma para a ocasião de uma celebração triunfal sobre os catos – uma vez que eles tinham apoiado Saturnino – e os dácios. Os ânimos voltaram a se exaltar no ano de 92 contra os marcomanos, os quados e os iáziges que haviam penetrado nos territórios da Panônia e vencido uma das legiões romanas, a *XXI Rapax*. Esses conflitos militares permitiram que Domiciano, após tê-los vencido no início de 93, fosse aclamado quando do seu último regresso a Roma, momento em que celebrou seu último triunfo (GALIMBERTI, 2016, p. 98). O tema da vitória, portanto, figurou constantemente em moedas de Domiciano.



Fig. 12 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 88. Anverso: busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VII*. Reverso: Vitória avançando para a direita segurando uma coroa de louros e uma folha de palmeira. Inscrição: *IMP[ERATOR] XIII CO[N]S[VL] XIII CENS[ORIA] P[OTESTATE] P[ATER] [PATRIAE]*. RIC II 588.

Nessa peça temos no anverso o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita rodeado pela inscrição que identifica a autoridade da cunhagem “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, Poder Tribunício pela sétima vez”. No anverso, por sua vez, temos a personificação da deusa Vitória portando uma coroa de louros, símbolo da honra e da vitória militares romanas que coroava o triunfo do comandante bem-sucedido. A folha de palmeira que a deusa porta, além de símbolo judeu como temos nas moedas de Vespasiano de tipo *IVDAEA CAPTA*, era símbolo da vitória e se relacionava com os votos de longevidade e de permanência do império.¹⁰⁶ Além disso a palma também

¹⁰⁶ RIC II 4, RIC II 159, RIC II 163 e RIC II 167 são alguns exemplos.

poderia representar a alegria (*hilaritas*) e as ideias de abundância, *pietas*, saúde e de felicidade (STEVENSON, 1889, p. 596).

As inscrições que temos no reverso monetário acima apresentado remetem às atribuições políticas e militares de Domiciano “Comandante pela décima quarta vez, cônsul pela décima quarta vez, poder censório e Pai da Pátria”. Podemos supor, portanto, que a moeda passava a mensagem de que Domiciano era um comandante militar e defensor de Roma cuja cidade estava protegida por seu guardião e pai da *patria*. Além disso, os objetos portados pela personificação da deusa Vitória no reverso dessa moeda de ouro representavam simbolicamente a destreza militar e o desejo por um império longo e próspero sob o comando do último flaviano.

Esses tipos monetários que representavam as vitórias dos imperadores flavianos foram produzidos nos governos de Vespasiano, Tito e Domiciano. As moedas do tipo *CAPTA* foram, por exemplo, frequentemente emitidas nos ateliês de moeda romanas durante os quase trinta anos da segunda dinastia romana. Após o triunfo sobre os revoltosos na Judeia, vencidos por Tito em 71, que culminou na destruição do Templo de Jerusalém, em Roma foi cunhada uma série de moedas cuja inscrição em comum foi *IVDAEA CAPTA* ou “A Judeia capturada”. De uma maneira geral essas moedas apresentavam sempre um ou mais cativos ajoelhados, sentados ou em pé, parcial ou totalmente vestidos ao lado de um troféu ricamente adornado com armaduras e armamentos dos derrotados (CODY, 2002, p. 106).

A imagem do cativo prostrado perante a figura de um romano triunfante não foi uma introdução flaviana, mas uma apropriação dessa cena que remetia aos tempos de Augusto.¹⁰⁷ Em um denário (RIC I 275b) cunhado entre os anos 29 e 27 AEC, por exemplo, Augusto buscava transmitir mensagens taxativas sobre seus algozes Marco Antônio e Cleópatra, logo após tê-los vencido na Batalha do Ácio ocorrida em 31 AEC. Augusto, na condição de comandante do nascente império naquele momento, apresentou o Egito de Cleópatra como um crocodilo dócil, o que outorgava o *status* de aliado do povo

¹⁰⁷ Essa, porém, não foi uma novidade nas cunhagens dos tempos augustanos. Alguns exemplos de gauleses representados como cativos na cunhagem romana remontam aos tempos da República. Cf. RRC 438.1 e RRC 468.2. Augusto teria, portanto, reciclado o tema em suas cunhagens durante as contendas contra o Egito de Cleópatra.

romano à província egípcia e, simultaneamente, de vencida pelos primeiros¹⁰⁸ (SILVA, 2014, p. 79).

O que temos, portanto, com toda essa explicação é a adaptação dos tipos monetários outrora utilizados por Augusto nas cunhagens dos flavianos desde Vespasiano e Tito. Argumentamos que essas emissões monetárias seguiam uma tradição ao emular uma vitória emblemática para o estabelecimento do próprio Principado como foi a Batalha do Ácio. Conforme estabelece Quintiliano (*Inst.* 3.7.11) os eventos anteriores ao nascimento do elogiado podem ser utilizados como prelúdios para a fama futura do alvo do elogio, como o próprio mito de Aquiles ou a lembrança dos eventos do Ácio e de Jerusalém com Vespasiano e Tito por meio das moedas. As vitórias militares de Domiciano foram, assim como as de seus antecessores, atreladas de forma frequente a figuras divinas em cunhagens fabricadas ao longo das décadas de 80 e 90, conforme no exemplar a seguir que apresenta um elemento tipicamente relacionado à Minerva, deusa patrona do imperador, a *aegis*:



Fig. 13 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 85. Anverso: Busto de Domiciano laureado, com *aegis* e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XI*. Reverso: Vitória em pé à direita, apoiando o pé em um elmo, inscrição *DE[VICTIS] GER[MANIS]* no escudo preso ao troféu; Germânia sentada e enlutada voltada para a direita. Inscrição: *S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 285.

Nessa peça temos o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita com *aegis* rodeado pela inscrição “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, cônsul pela décima primeira vez”. No reverso, por sua vez, vemos a deusa Vitória, de pé e voltada

¹⁰⁸ Sobre os conflitos entre Otávio, Marco Antônio e Cleópatra durante o Segundo Triunvirato, cf. Silva (2014, p. 66-84; 157-172).

para a direita, com o pé sobre um elmo, portando um escudo com a inscrição *DEVICTIS GERMANIS* ou “germânicos conquistados”. Ao lado da deusa está a personificação da Germânia sentada e em posição de luto. A deusa Vitória era a personificação da conquista militar para os romanos e na composição imagética referia-se à dimensão sagrada do triunfo latino contra os germânicos. Desse modo, podemos supor que a mensagem dirigida foi a de que o pacto entre os planos do sagrado e do profano, a *pax deorum*, assegurou que os deuses estivessem do lado dos romanos.¹⁰⁹ Júpiter e Vitória apareceram juntos em moedas de Domiciano até o último ano de seu Principado, como no exemplo abaixo:



Fig. 14 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 95 e 96. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XVII CENS[OR] PER[ERPEVVS] P[ATER] P[ATRIAE]*. Reverso: Júpiter sentado à esquerda segurando uma miniatura de Vitória na destra e um cetro vertical na mão esquerda. Inscrição: *IOVI VICTORI S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 794.

Nessa peça temos no anverso o busto de Domiciano laureado e circundado pelas inscrições identificadoras “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, cônsul pela décima sétima vez, censor perpétuo, pai da pátria”. Na cena seguinte temos a personificação de Júpiter sentada aparentemente no lado oposto ao busto imperial cunhado no anverso e portando uma lança na mão esquerda e a miniatura de Vitória que, a nosso ver, parece segurar uma pequenina coroa de louros. Ao analisarmos os dois lados da moeda podemos supor que Júpiter parece receber a miniatura de Vitória dos romanos o que a inscrição “Para Júpiter vitorioso” parece nos indicar. A representação que temos

¹⁰⁹ A *pax deorum* tratava-se do estabelecimento do equilíbrio das relações entre os planos divino e o humano por meio da devoção dos segundos pelos primeiros e da observância dos rituais sagrados (SILVA, 2001, p. 47). Retornaremos a questão divina no próximo tópico.

é a de que a vitória de Roma, dedicada a Júpiter, confunde-se com a vitória do Germânico Domiciano. Vitória também aparece em outro sestércio coroando Domiciano, como podemos ver a seguir:



Fig. 15 – Sestércio em bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 86. Anverso: Busto de Domiciano laureado, com *aegis* e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XII CENS[OR] PER[PETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]*. Reverso: Domiciano em pé à esquerda, segurando um raio e uma lança, sendo coroado pela Vitória. Inscrição: *S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 474.

Finalmente, temos no anverso desse sestércio a imagem do busto de Domiciano voltado para a direita, como nas moedas anteriores, rodeado pela inscrição “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, cônsul pela décima segunda vez, censor perpétuo e Pai da Pátria”. O título de censor perpétuo assumido por Domiciano outorgou-lhe o poder de definição da composição senatorial. Com a censura por tempo vitalício, Domiciano pôde, portanto, admitir e excluir membros da ordem senatorial¹¹⁰ (WINTERLING, 2012, p. 19). No anverso da moeda, porém, o que chama atenção é o imperador, que porta um raio e uma lança, e está sendo coroado pela deusa Vitória. O raio remete ao deus Júpiter e a lança remete aos armamentos bélicos (STEVENSON, 1889, p. 487). Ressaltamos que essa peça apresenta semelhanças com uma moeda de menor valor, mas com uma iconografia digna de nota:

¹¹⁰ O imperador anteriormente à emergência do título de censor perpétuo tinha o direito de influenciar na escolha dos senadores (WINTERLING, 2012, p. 19).



Fig. 16 – As de cobre cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 84. Anverso: Busto de Domiciano laureado, à direita com *aegis*. Inscrição *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] X*. Reverso: Júpiter de pé à esquerda segurando um raio na destra e uma lança na mão esquerda. Inscrição: *IOVI CONSERVATORI S[ENATVS] C[ONS]VLTVM*. RIC II 219.

Na peça acima podemos ver o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita e com *aegis*, elemento que remete à Minerva. A inscrição denota a autoridade emissora da moeda “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, Cônsul pela décima vez”. No reverso aparece Júpiter personificado, de pé e voltado para a esquerda, circundado pela inscrição “a Júpiter Protetor”. A deidade aparece portando um raio na destra e uma lança na mão esquerda. Podemos notar novamente a concórdia entre os planos do sagrado e do profano representados, respectivamente, pelo raio na mão de Domiciano e na coroação dele por Vitória e na representação de Júpiter na segunda moeda em pose semelhante. Tais representações foram canceladas pelo senado, o que indicam as inscrições das letras *SC* logo abaixo das figuras de Vitória e de Domiciano e ao lado de Júpiter. Essa forma de representação de Domiciano nos remete à ideia de equiparação entre o imperador e o deus Júpiter graças ao raio portado pelo *princeps*. Podemos propor, portanto, que as moedas propagaram representações de Domiciano como Júpiter. As representações de Domiciano ao lado de deuses, no entanto, não figuraram somente nas moedas relacionadas ao campo militar, ao relacionar a imagem de Domiciano com a proteção e glória de Roma. As representações monetárias feitas sob o regime de Domiciano a partir das efígies de seus familiares e antecessores na condução do império, entre eles seu pai Vespasiano, seu irmão Tito, seu filho morto ainda na infância e com algumas mulheres como sua sobrinha Júlia e sua consorte Domícia Longina, além de deuses e deusas do panteão romano formaram o segundo grupo de cunhagens analisadas no tópico a seguir.

2.3 *GENS FLAVIA* E O CAMPO DO SAGRADO

Durante o Principado, os retratos das mulheres que compunham a *domus* imperial eram imagens importantes na máquina propagandística da dinastia vigente. Mulheres, mães, esposas e imperatrizes eram representadas e tiveram seus rostos gravados em moedas, o que atesta o fato de que exerciam influência política no seu entorno. Além disso, de acordo com Gonçalves (2013, p. 108), as cunhagens que exibiam em seus dois lados as imagens de familiares do *princeps* configuravam-se como vetores propagandísticos da continuidade dinástica e da concórdia entre os entes. A representação do imperador ao lado de sua esposa e dos filhos revelava-se como uma forma de propagação da concórdia, ou seja, a família estava em sintonia e compartilhava dos mesmos interesses, sem querelas internas que pudessem fomentar discórdias (Cic. *Rep.* 1.49).

As consortes desempenhavam importantes papéis sobretudo nos bastidores do poder do Império Romano, apesar de não terem uma atribuição oficial até o fim do Principado. As imperatrizes, porém, eram figuras que possuíam relevância nos eventos públicos ao lado dos imperadores, uma vez que acompanhavam o soberano em solenidades, além de oferecerem recepções a senadores e figurarem como confidentes do *princeps*. Eram elas ainda que geravam os possíveis herdeiros da púrpura imperial e esse atributo conferia às consortes certa proximidade com a esfera do poder decisório (GONÇALVES, 2013, p. 91). Domícia Longina, por exemplo, foi agraciada com o título de Augusta logo no início do governo de Domiciano.¹¹¹ Mesmo após a morte do imperador, Domícia foi uma figura influente durante o Império Romano dos antoninos (VARNER, 1995, p.187).

Nascida entre os anos de 51 e 55, Domícia Longina foi filha do general neroniano Gneu Domício Corbulo, conhecido pelas vitórias militares e diplomáticas romanas na Armênia e celebradas pelo último imperador da dinastia júlio-claudiana. Antes de se casar com Domiciano, Domícia foi esposa de Élio Lâmia. Na década de 70, Domiciano e Domícia teriam se aproximado, fazendo com que ela se divorciasse de Lâmia para se

¹¹¹ Augusta era o título dado às imperatrizes consortes e as filhas dos imperadores desde pelo menos o ano 14. Lívia Drusila foi a primeira imperatriz a receber essa titulação e antes de Domícia ter sido agraciada em 80, foram *Augustae* Antônia Menor (mãe de Cláudio, em 41), Agripina, a Jovem (esposa de Cláudio e mãe de Nero, em 50), Popeia Sabina (esposa de Nero, em 63), Cláudia (filha de Nero, em 63) e Domitila, a Jovem, filha de Vespasiano, antes da década de 80 (STEVENSON, 1889, p. 98).

casar com o novo marido. O casamento teria sido vantajoso em termos políticos para os flavianos uma vez que Domícia era filha de um general vitorioso que manteve relações diretas com a casa imperial neroniana. Além disso, Tito não teve filhos homens e o matrimônio de Domiciano poderia gerar possíveis herdeiros. Em 73, portanto, Domícia deu à luz o primeiro filho com Domiciano, mas que parece ter vivido brevemente e falecido pouco tempo depois do pai ter assumido a púrpura imperial, em 82 (Suet. *Dom.* 3.1; JONES, 1992, p. 162; VARNER, 1995, p. 188). Domícia e seu primogênito figuraram moedas de Domiciano como no exemplar a seguir:



Fig. 17 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 81 e 82. Anverso: Busto de Domícia Longina drapeado e voltado para a direita. Cabelo preso em coque. Inscrição: *DOMITIAE AVG[VSTAE] IMP[ERATORIS] CAES[ARIS] DIVI F[ILIO] DOMITIAN[II] AVG[VSTO]*. Reverso: Domícia sentada à esquerda, segurando o cetro mão esquerda e o estendendo para uma criança de pé à esquerda. Inscrição: *DIVI CAESAR[IS] MATRI S[ENATVS] C[ONSVLTV]M*. RIC II 132.

A representação de Domícia nas moedas produzidas sob a autoridade de Domiciano que sobreviveram até nossos tempos apresenta a imperatriz em pelo menos dois retratos: como mãe do divino César e relacionada a divindades (cunhagens de 81-82, 83/84-88) e como uma matrona (a partir de 89). Na peça acima temos a representação da esposa de Domiciano no anverso como a mãe do divino César. O busto da imperatriz aparece drapeado, voltado para a direita. Seus cabelos aparecem em coque, um penteado notadamente helênico, embora os cachos que se acumulam na sua testa sejam reconhecidos enquanto um estilo de penteado flaviano (VARNER, 1995, p. 190; SILVA, 2014, p. 158). A inscrição no anverso a representa como “Domícia Augusta, mãe do divino filho do imperador César Domiciano Augusto”, ou seja, a identifica enquanto Augusta e mãe do então herdeiro de Domiciano. O reverso da moeda apresenta a

imperatriz sentada com um cetro na mão esquerda e o estendendo para uma criança. O cetro era uma haste cerimonial que poderia ter diversos tamanhos, era decorada com joias e gravuras. Era um objeto que representava, portanto, a autoridade e a sucessão imperial (SILVA, 2014, p. 160). Podemos entender, portanto, que a imagem nos apresenta a mensagem da mãe que gerou o herdeiro do *princeps* – o que também é mencionado pela inscrição “Mãe do divino César” – e o cetro indica o processo da passagem da autoridade de Domiciano para seu herdeiro o que nos permite inferir ser uma forma de propagar a estabilidade do império por meio da mensagem da continuidade dinástica. Domícia também aparece em moedas com imagens religiosas como no exemplo abaixo:



Fig. 18 – Dupôndio de bronze cunhado em Roma, sob autoridade de Domiciano, entre 81 e 82. Anverso: Busto de Domícia drapeado à direita. Cabelos presos em trança. Inscrição: *DOMITIA AVGVSTA IMP[ERATORIS] CAES[ARIS] DIVI F[ILIO] DOMITIAN[II] AVGVSTO*. Reverso: Domícia em pé e à esquerda do altar sacrificando com a pátera e segurando um cetro. Inscrição: *DIVI CAESARIS MATER S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 136.

Novamente o penteado de Domícia é bastante característico das mulheres flavianas, dessa vez amarrados em trança. No anverso temos o busto de Domícia drapeado e voltado para a direita. A inscrição novamente remete ao fato de Domícia ser a mãe do divino César, herdeiro de Domiciano, como na peça anterior, o que a eleva em *status* (RIC II 132). O reverso da moeda apresenta uma cena que simboliza a *pietas* da imperatriz, uma vez que é ela quem aparece de pé e à esquerda de um altar sacrificial. Domícia porta uma pátera e um cetro. A pátera consistia em um prato ou um vaso redondo e raso utilizado pelos romanos em cerimônias religiosas e em libações de vinho aos deuses, servindo também como recipiente do sangue das vítimas imoladas. Esse objeto representante do campo do sagrado aparece em moedas romanas nas mãos de divindades

como um símbolo das honras prestadas a elas e nas mãos daqueles que ministravam essas homenagens. Nas mãos do *princeps*, a pátera significava o ofício do pontificado máximo (STEVENSON, 1889, p. 606). De modo geral, a pátera simbolizava uma característica das religiões tradicionais romanas. Com bastante frequência aqueles que aparecem portando uma pátera em moedas são representados ao lado de um altar, o local a que o líquido suportado era destinado (WILLIAMS, 2007, p. 152). Podemos deduzir, portanto, que essa moeda buscava transmitir a mensagem de virtuosidade e de *pietas* para com o campo do sagrado representado pela consorte de Domiciano e, por conseguinte, demarcar a presença desses predicados na *domus* do último flaviano.

O sagrado e o profano são uma das características marcantes que foram forjadas pelas sociedades ao longo da história para dar sentido ao mundo. As sociedades da Antiguidade, como a dos romanos, possuíam em comum a característica da oposição entre o território habitado pela humanidade (Cosmos) e aquele sublime, morada dos deuses. O homem religioso tende, por isso, a desejar viver o mais próximo possível dos deuses ou, pelo menos, mais próximo das manifestações divinas. Dessa forma, as cerimônias religiosas estavam atreladas ao *modus vivendi* dos antigos cotidianamente de modo a assegurar uma concórdia entre o sagrado e o profano (ELIADE, 1992, p. 27).

A relação entre os romanos e os deuses era uma das condições necessárias para que houvesse harmonia entre os dois planos. A moeda, além de representar que Domícia era mãe do herdeiro de Domiciano, apresenta a imperatriz como dotada de *pietas* e zelosa com o campo do divino, além de representar a veneração familiar assegurada pela imagem da consorte no reverso da peça (RIC II 136). Domiciano, portanto, estaria rodeado de pessoas que, pela magnanimidade cesariana, ganhavam destaque. A representação de Domícia como mulher munida da *pietas* poderia ir de encontro às aspirações do governo do último flaviano, na medida em que, de acordo com o *Auctor Ad Herennium* (3.7.10), o elogio poderia ser feito por meio da exaltação das relações sociais nutridas pelo elogiado. Domiciano, dessa forma, poderia ser mostrado como o responsável pela concórdia entre os deuses e os mortais (*pax deorum*) por meio da exposição e da exploração da imagem de sua própria família como exemplo da veneração para com o campo do divino. Na próxima moeda essa ideia nos parece ficar mais explícita:



Fig. 19 – Denário de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 82 e 83. Anverso: Busto de Domícia drapeado e à direita com os cabelos presos em trança. Inscrição: *DOMITIA AVGVSTA IMPERATORIS DOMITIANI*. Reverso: *Pietas* sentada à esquerda portando um cetro na mão esquerda e estendendo a destra para uma criança de pé à esquerda. Inscrição: *PIETAS AVGVSTA*. RIC II 156.

Apesar do estado fragmentado da peça podemos entrever que o seu anverso guarda similaridades com a moeda anterior (RIC II 136). Temos, portanto, o busto de Domícia drapeado e voltado para a direita com os cabelos amarrados em tranças. A inscrição apresenta a mulher como esposa de Domiciano “Domícia Augusta, (esposa) do imperador Domiciano”. O reverso da moeda apresenta a inscrição que pode ser interpretada como evocação da concórdia entre Domícia, Domiciano e o filho do casal, “A *Pietas* Augusta”. Em consonância com as inscrições do anverso que mostram o grau de proximidade de Domiciano com Domícia, marido e mulher, a personificação da *Pietas* como deusa coroa a união e transmite a ideia de unidade familiar. A personificação dessa virtude aparece sentada à esquerda portando um cetro na mão esquerda enquanto estende a destra na direção de uma criança. Na cunhagem abaixo, a consorte aparece também atrelada à deusa Vênus:



Fig. 20 – Cistóforo de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 82. Anverso: Busto de Domícia drapeado e voltado à direita. Cabelos presos em trança. Inscrição *DOMITIA*. Reverso: Vênus de pé, encostada numa coluna, portando um elmo e uma lança. Inscrição: *AVG[VSTA]*. RIC II 847.

A mensagem dessa moeda parece bem mais direta do que as dos exemplares anteriores. No anverso temos o busto da imperatriz drapeado e voltado à direita com o seu nome inscrito logo à sua frente “Domícia”. No reverso temos a imagem da deusa Vênus que está em pé e apoiada numa coluna, portando um elmo e uma lança – objetos notadamente bélicos. É possível supor que o público receptor dessas moedas eram indivíduos situados no exército romano. Ellithorpe (2017, p. 166) aponta que a maior parte das moedas do Principado com motivos imagéticos militares aparecem em tipos de moedas cunhadas em prata e que, além disso, o principal público receptor dessas denominações seriam os soldados por conta dos pagamentos. Os militares eram pagos três vezes por ano e sob Domiciano, como vimos anteriormente, os soldados tiveram aumento nos seus vencimentos: de 225 para 300 denários em 84. A moeda acima assemelha-se a um tetradracma cunhado na Ásia Menor e descrito por Varner (1995, p. 201) como uma forma de representação de Domícia como Vênus Augusta. Assim como no nosso exemplar, Vênus aparece no reverso do tetradracma apoiada em uma coluna, portando um elmo e uma lança que seriam motivos imagéticos tipicamente relacionados a *Venus Victrix*. O que vemos é que a imperatriz novamente aparecia como uma forma de expressão dos valores da *pietas* flaviana para com o campo do sagrado. Em 44 AEC, por exemplo, o então ditador Júlio César teve autorização senatorial para cunhar moedas que representassem a sua imagem e no reverso de uma delas (RRC 41/1) vemos a representação de Vênus, de quem ele reivindicava ser descendente (SILVA, 2014, p. 64). Argumentamos que, por meio da representação de sua consorte como Vênus Augusta, o regime de Domiciano pôde fabricar e propagar uma imagem pública na qual podia se conectar com Júlio César. Houve cunhagens em que Domícia foi representada juntamente com seu filho e outras com seu marido, como apresentamos a seguir.



Fig. 21 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 82 e 83. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado à direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIANVS AVG[VSTVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS]*. Reverso: Busto de Domícia drapeado. Cabelos presos em trança. Inscrição: *DOMITIA AVGVSTA IMP[ERATORIS] DOMIT[IANI]*. RIC II 148.

Como podemos observar, o anverso da moeda apresenta o busto de Domiciano laureado, voltado para a direita e rodeado com as seguintes inscrições “Imperador César Domiciano Augusto, Pontífice Máximo”. As inscrições remetem aos títulos políticos de Domiciano, assim como à sua atribuição de chefe da religião romana. No reverso temos o busto de Domícia Longina, drapeado e com os cabelos presos em trança, rodeado pela inscrição “Domícia Augusta, esposa do imperador Domiciano”. Os bustos dos dois estão voltados para a direita em um sinal de concórdia, o que, em nosso entendimento, representava a harmonia da dinastia flaviana. A imagem poderia passar a mensagem da concórdia existente entre o casal.

Por sua vez, o filho de Domiciano – embora tenhamos poucas informações históricas acerca do herdeiro – também aparece em cunhagens durante os anos 80. De fato, o primogênito de Domiciano nasceu no ano de 73, mas teria falecido antes de completar os dez anos de idade, em 82 (Suet. *Dom.* 3.1; Mart. 4.3; JONES, 1992, p. 37). O herdeiro, sem nome conhecido na historiografia e deificado após a sua morte, foi constantemente representado nas cunhagens de Domiciano.



Fig. 22 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob autoridade de Domiciano, entre 82 e 83. Anverso: Busto de Domícia drapeado e voltado para a direita, com os cabelos presos em trança e cacheados na frente. Inscrição: *DOMITIA AVGVSTA IMP[ERATOR] DOMIT[IANI]*. Reverso: Filho de Domiciano ainda bebê no globo rodeado por sete estrelas. Inscrição: *DIVVS CAESAR IMP[ERATORIS] DOMITIANI F[IILIUS]*. RIC II 152.

O anverso dessa moeda apresenta Domícia Longina com os cabelos amarrados em trança e com o penteado característico das mulheres flavianas, conforme descrevemos anteriormente. A inscrição enfatiza a posição da mulher como consorte e mãe do herdeiro de Domiciano, “Domícia Augusta, (esposa) do imperador Domiciano”. No reverso temos a inscrição “Divino César, filho do imperador Domiciano” que rodeia a imagem de um bebê em cima de um globo rodeado por sete estrelas. As sete estrelas na cunhagem romana antiga representavam a distinção das figuras das personalidades nas moedas. Distinguiam, por exemplo, os filhos dos imperadores assim como quando o herdeiro falecia (STEVENSON, 1889, p. 746). As sete estrelas representavam, no caso do herdeiro morto, que seu espírito foi recebido pelos deuses e colocado entre as estrelas. Temos, portanto, uma homenagem feita ao herdeiro de Domiciano que faleceu precocemente no ano de 82, mas que politicamente, serviu para transmitir a mensagem de que o jovem fora deificado e que, além de filho de deuses, o último flaviano também gerou uma deidade. Identificamos nessa moeda a subcategoria da estirpe como forma de elogio a Domiciano que aparece como sendo pai de um deus, conforme o estabelecido na *Retórica a Herênio* (*Ad Her.* 3.6). Em nosso entendimento a *pietas* foi explorada como forma de veicular a imagem de Domiciano como pai de um deus, seu filho falecido.

Além de Domícia e seu filho, outros representantes da *gens Flavia* aparecem em cunhagens de Domiciano datadas dos primeiros anos de seu governo. Júlia, filha de Tito e Arrecina, foi, por isso, sobrinha de Domiciano. Júlia nasceu no início dos anos 60, era cerca de dez anos mais nova do que o último flaviano e teria sido criada pela mesma ama que cuidou de Domiciano, se considerarmos o relato de Suetônio (*Dom.* 17.3). No final da década de 70, ela teria se casado com Sabino IV, mas de acordo com as fontes de vitupério, Domiciano a teria seduzido e assassinado seu marido (Suet. *Dom.* 22).

Nas fontes antigas que falam sobre Júlia foi registrada uma história na qual a moça teria sido obrigada a cometer um aborto após as investidas de Domiciano. O aborto teria sido a causa da precoce morte de Júlia nos anos 90 (Plin. *Ep.* 4.11.6; Juv. 2.29-33; Suet. *Dom.* 22), algo que foi considerado pela historiografia uma fabricação vituperiosa contra

Domiciano (JONES, 1992, p. 38-39; SZOKE, 2020, p. 430). Assim como Domícia, Júlia fez parte da corte imperial de Domiciano como membro da família flaviana, havendo um relato de Dião Cássio (67.4.2) que a representa como alguém com certo papel político, uma vez que ela teria recomendado ao *princeps* que Júlio Urso fosse nomeado cônsul sufecto em 84. Júlia também foi representada nas moedas, como nas peças abaixo, atrelada ao pai já deificado, Tito.



Fig. 23 – Cistóforo de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 82. Anverso: Busto de Júlia drapeado à direita com os cabelos enrolados na frente e amarrados em coque logo atrás. Inscrição: *IVLIA AVGVSTA DIVI TITI FILIA*. Reverso: Vesta sentada à esquerda segurando um paládio na destra e um cetro em transversal na mão esquerda. Inscrição: *VESTA*. RIC II 848.

Nessa moeda temos o busto de Júlia drapeado e voltado para a direita com os cabelos amarrados em coque. A inscrição identifica o parentesco de Júlia com o pai então deificado Tito, “Júlia Augusta, filha do divino Tito”. No reverso da peça, sob a identificação de Vesta, temos a deusa homônima sentada à esquerda portando um paládio na mão direita e um cetro na esquerda, sendo o primeiro símbolo atrelado à deusa Minerva (imagem de Palas que teria sido dada de presente aos troianos e que Enéias se apossou e levou para a Península Itálica juntamente com os deuses domésticos) e o segundo um símbolo de poder (Dion. Hal. *Ant. Rom.* 1.68.4). Podemos notar que a moeda propagava a íntima relação que a *domus flavia* tinha com o plano do sagrado por meio da deificação de seus entes falecidos, nesse caso, Tito, novamente nos remetendo às relações de parentesco que elevariam a estirpe da *gens flaviana*.



Fig. 24 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 82 e 83. Anverso: Busto do Divino Tito à direita. Inscrição: *DIVVS TITVS AVGVSTVS*. Reverso: Busto de Júlia drapeado à direita. Seus cabelos estão enrolados na frente e presos em coque. Inscrição: *IVLIA AVGVSTA DIVI TITI F[ILIA]*. RIC II 147.

Na segunda moeda podemos ver a representação do Divino Tito, no anverso, em que seu busto aparece à direita e com sua cabeça adornada com um diadema. A inscrição que aparece “Divino Tito Augusto” representa a deificação de Tito sob o Principado de Domiciano. Além disso Domiciano converteu em templo a casa em que ele próprio nasceu em 51, o Templo da Gente Flávia (Stat. *Silv.* 5.1.240-241; JONES, 1992, p. 162). Anos mais tarde a própria Júlia também seria deificada após a sua morte e sua imagem seria cunhada em moedas de ouro ainda sob a autoridade de Domiciano (RIC II 683). A moeda acima representa a incursão de Domiciano em apresentar-se não apenas como imperador zeloso com o divino, mas também envolto a outras personalidades de sua família deificadas. A construção, portanto, poderia propagar a mística divina que envolvia Domiciano, como sendo aquele que descendia do divino. Por fim, vale ressaltar que Vespasiano e Domitila, os pais de Domiciano, foram deificados postumamente e apresentados em conjunto nas moedas do último flaviano, como no exemplo a seguir.



Fig. 25 – Áureo cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 82 e 83. Anverso: Busto de Vespasiano laureado e voltado à direita. Inscrição: *DIVVS AVGVSTVS VESPASIANVS*. Reverso: Busto da

Divina Domitila, drapeado, à direita; cabelo em trança longa. Inscrição: *DIVA DOMITILLA AVGVSTA*. RIC II 146.

Nessa peça temos o busto do Divino Vespasiano, laureado e voltado para a direita envolto pela inscrição “Divino Augusto Vespasiano”. No reverso, por sua vez, vemos o busto drapeado da Divina Domitila, esposa de Vespasiano e mãe de seus filhos. A imagem é circundada pela inscrição “Divina Domitila Augusta”. Flávia Domitila, uma liberta latina, era filha de Flávio Liberal e casou-se com Vespasiano na década de 30. A historiografia nos relata que o casamento com Domitila teria sido muito vantajoso para Vespasiano, uma vez que a herança de Flávio Liberal teria sido deixada para a filha. Conforme dissertamos no Primeiro Capítulo, com Vespasiano Domitila teve três filhos, respectivamente, Tito, Flávia Domitila e Domiciano (LEVICK, 1999, p. 13). Domitila, no entanto, morreu antes da ascensão de Vespasiano ao Principado (antes de 69); por sua vez, Vespasiano faleceu em 79. Sob Domiciano ambos foram deificados (JONES, 1992, p. 162). Em nosso entendimento, portanto, ao deificar sua família Domiciano buscou edificar uma imagem sublime para a sua dinastia e simultaneamente, situar-se o mais próximo do campo do sagrado.¹¹² Isso se torna mais evidente quando analisamos as moedas nas quais Domiciano aparece ao lado de deuses. Essa incursão nas representações de *princeps* na cunhagem em conjunto com o campo do sagrado tem como emblema as emissões em que o imperador aparece atrelado a deuses, como no exemplo a seguir.



Fig. 26 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 81. Anverso: busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIANVS*

¹¹² Essa não parece ter sido uma novidade introduzida por Domiciano. Em seu *Panegírico a Trajano*, Plínio, o Jovem, ressaltou que Tibério ofereceu a apoteose a Augusto para que pudesse introduzir a acusação de lesa-majestade, que Nero o fez para Cláudio como forma de zombaria, que Tito divinizou Vespasiano e que Domiciano a Tito, sendo que o último flaviano assim procedeu para que fosse considerado irmão e filho de deuses (Plin. *Pan.* 11.1).

AVG[VSTVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS]. Reverso: golfinho enrolado em uma âncora. Inscrição:
TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VII [DES[IGNATVS] VIII P[ATER] P[ATRIAE]. RIC II 53.

Nessa moeda podemos observar no seu anverso o busto do então recém aclamado Domiciano, laureado e voltado à direita. A seguinte inscrição circunda a imagem imperial “Imperador César Domiciano Augusto, Pontífice Máximo” e representa as atribuições de Domiciano. No reverso vemos um golfinho enroscado numa âncora. O animal era consagrado ao deus Apolo que teria se transformado em golfinho, de acordo com os hinos homéricos¹¹³ (*Hymn. Hom. Ap.* 3.391-404). A inscrição que acompanha a imagem, “Poder Tribunício pela sétima vez, Cônsul designado pela oitava vez, Pai da Pátria”, evoca as outras atribuições de Domiciano. Em nosso entendimento, a moeda representa a aproximação da imagem do *princeps* com o deus Apolo tal como o reverso nos indica. Considerado a divindade relacionada às práticas poéticas e musicais, podemos deduzir que Domiciano foi associado a Apolo/Febo por conta de um duplo significado representado por aquela deidade, conforme descreve Martins (2011, p. 175), “ao mesmo tempo em que detém o poder bélico do arco, também é tido como aquele que cultua os dons da lira”. Como vimos no Primeiro Capítulo, Domiciano levou a cabo algumas batalhas contra os povos germânicos o que garantiu a sua pessoa o acúmulo de titulações como as de *Imperator* e a de *Germanicus*. Ao mesmo tempo em que se dedicou aos assuntos bélicos, porém, Domiciano teria sido caracterizado como amante das letras como Estácio (*Achil.* 1.14-19) e Suetônio (*Dom.* 2.2) relataram. Outro elemento que endossa essa dupla representação – militar e amante das letras – seria a coroa de louros que adorna a cabeça de Domiciano no anverso, símbolo por excelência de Apolo/Febo, que representava o triunfo bélico romano e o prêmio oferecido aos poetas em certames

¹¹³ Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral (2004). “Enquanto nisto cismava, sobre o pélagos purpúreo, notou a nau veloz; nela havia varões valorosos, cretenses da minoica Cnossos, que ao soberano os sacros ritos celebram e declaram os decretos de Febo de áurea espada; todos os oráculos que possa exprimir a partir do loureiro, sob os flancos do Parnaso. Estes, cobiçando comércio e riquezas, numa negra nave, rumo à arenosa Pílas e aos nativos de Pilos, vogavam. Ao seu encontro vinha Febo Apolo. Em pleno ponto, em delfim disfarçado, sobre a nau veloz se atira, e sobre ela se estira, hórrido monstro imano. E se algum deles pensava em gritar um comando, a todo lado o lançava e os lenhos da nau sacudia.”. ταῦτ’ ἄρα ὀρμαίνων ἐνόησ’ ἐπὶ οἴνοπι πόντῳ νῆα θοῆν: ἐν δ’ ἄνδρες ἔσαν πολέες τε καὶ ἐσθλοί, Κρήτες ἀπὸ Κνωσοῦ Μινωίου, οἳ ῥα ἄνακτι ἱερά τε ῥέζουσι καὶ ἀγγέλλουσι θέμιστας φοῖβου Ἀπόλλωνος χρυσαόρου, ὅτι κεν εἴτη χρείων ἐκ δάφνης γυάλων ὕπο Παρνησοῖο. οἱ μὲν ἐπὶ πρῆξιν καὶ χρήματα νηὶ μελαίνῃ ἐς Πύλον ἡμαθόεντα Πυλογενέας τ’ ἀνθρώπους ἐπλεον: αὐτὰρ ὁ τοῖσι συνήντετο Φοῖβος Ἀπόλλων: ἐν πόντῳ δ’ ἐπόρουσε δέμας δελφίνι ἐοικώς νηὶ θοῆῃ καὶ κεῖτο πέλωρ μέγα τε δεινόν τε: τῶν δ’ οὔτις κατὰ θυμὸν ἐπεφράσαθ’ ὥστε νοῆσαι [ἐκβάλλειν δ’ ἔθελον δελφῖν’: ὁ δὲ νῆα μέλαιναν] πάντοσ’ ἀνασσειάσασκε, τίναςσε δὲ νῆα δοῦρα. οἱ δ’ ἀκέων ἐνὶ νηὶ καθήατο δειμαίνοντες.

literários (Stat. *Achil.* 1.10). Dessa forma, a moeda propagava essa ideia, a de um imperador ilustrado, tal como Apolo, em matéria bélica e erudita.

Outras divindades ressaltavam a *pietas* de Domiciano para com o plano do sagrado, como as representações de Juno, Cibele e Serápis, retratados nos exemplos a seguir:



Fig. 27 – Cistóforo de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 82. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAESAR DOMITIANVS AVG[VSTVS]*. Reverso: Vista frontal de um templo de quatro colunas: no centro jaz a estátua de Júpiter sentado entre as de Juno e Minerva. No frontão há uma quadriga no centro e estátuas nos cantos. Inscrição: *CAPIT[OLIVM] RESTIT[VIT]*. RIC II 842.

Nessa peça temos o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita cercado pelas inscrições “Imperador César Domiciano Augusto”. As inscrições identificadoras contidas nessa peça aparecem sem muitas abreviações, com destaque para “César Domiciano” escritas completamente. Domiciano teria dado continuidade nas obras do Capitólio após a morte de Tito e completado as reformas sob seu Principado. A moeda parece celebrar o feito e dedicar a sua autoria a Domiciano, pois no reverso temos um templo de quatro colunas com as estátuas de Júpiter entre as de Juno e Minerva, e o frontão é adornado com detalhes estatuários e com uma quadriga logo acima. Júpiter é filho da deusa Cibele, considerada entre os romanos como a *Magna Mater* e de Saturno. A história de Júpiter dá conta de que o deus na juventude teria salvo seus irmãos, os demais deuses do Olimpo, ao fazer seu pai vomitar, uma vez que Saturno devorava a sua prole. Júpiter ficou conhecido como o deus soberano dos raios, das chuvas e das tempestades na Antiguidade romana. Ele desposou sua irmã Juno com quem teve três filhos, Hebe, Marte e Ilítia. A deusa Minerva teria nascido da cabeça de Júpiter. Juno, a

protetora das esposas e dos partos, era representada em conjunto com seu marido Júpiter e a deusa Minerva, formando a Tríade Capitolina¹¹⁴ (BINA, 2015, p. 167-169). Em nosso entendimento, a moeda propagava a mensagem de que o imperador era o patrono que reformou o Capitólio, como indicaria a inscrição no reverso “Monte Capitolino restaurado”. Conforme Martins (2011, p. 182), na impossibilidade de representar monumentos grandiosos fora dos limites de Roma, as moedas se tornavam importantes vetores propagandísticos das construções ou das reconstruções empreendidas pelos imperadores. Esse tipo de cunhagem pode, portanto, ser compreendida de acordo com o autor como uma figuração da figuração ou mescla entre monumento e documento, nos moldes de Le Goff (1990, p. 534). Novamente a *pietas* para com os deuses é ressaltada pelas cunhagens, uma vez que o monumento retratado era um templo religioso. Essa temática aparece em cunhagens praticamente em todos os anos do Principado de Domiciano, como nos exemplos a seguir:



Fig. 28 – Denário de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 95 e 96. Anverso: Busto de Domiciano sem adornos à direita. Inscrição: *DOMITIANVS AVG[VSTVS] GERM[ANICVS]*. Reverso: Cibele de pé e à esquerda dentro de um templo de quatro colunas. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR]*. RIC II 813.

¹¹⁴ A Tríade Capitolina teria sido uma invenção etrusca trazida para Roma no período monárquico. A primeira associação reunia os deuses Júpiter, Marte e Quirino que eram considerados os deuses supremos do Capitólio. Mais tarde, o culto aos deuses Júpiter, Juno e Minerva estabeleceu essas entidades como a tríade divina do Capitólio (RYBERG, 1931, p. 145).



Fig. 29 – Denário de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 95 e 96. Anverso: Busto de Domiciano sem adornos à direita. Inscrição: *DOMITIANVS AVG[VSTVS] GERM[ANICVS]*. Reverso: Serápis e Cérbero sentados dentro de um templo de quatro colunas. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR]*. RIC II 812.

Nessas peças temos nos aversos o busto de Domiciano sem adornos e cercado pelas inscrições “Domiciano Augusto Germânico”. Em conjunto com o seu reverso podemos notar que o imperador é atrelado a um templo no qual temos a estátua do deus Serápis sentado ao lado de Cérbero.¹¹⁵ O culto a Serápis (deus de origem sincrética, especificamente egípcia e grega) ganhou notoriedade e maior peso a partir de 70, durante o governo de Vespasiano. De fato, a partir da ascensão de Vespasiano houve a implementação daquele deus nas cunhagens flavianas, porque o fundador da dinastia teria atribuído as suas façanhas militares em Alexandria a Serápis (ROSA, 2006, p. 146; NEIVA, 2015, p. 169). As inscrições nas duas peças completam a identificação da autoridade emissora “Imperador César”. Podemos sugerir que a mensagem propagada nessas peças buscou atrelar a imagem de Domiciano ao sagrado, as suas credenciais o afastavam de um cidadão comum e ressaltava a sua posição de primeiro entre os iguais, além de mostrar a *pietas* divina e familiar do imperador para com as deidades cunhadas nas moedas que representavam a continuidade com o estilo monetário instituído sob Vespasiano.

A devoção de Domiciano por deidades motivou ainda outras representações dele atrelado ao campo do sagrado. Domiciano tornou a deusa Minerva como a sua padroeira e, conforme defendido por Chabrečková (2017, p. 45), a divindade marcou presença

¹¹⁵ Cérbero era um cão monstruoso de cinquenta cabeças que guarnecia o Hades, segundo os relatos de Hesíodo (*Theog.* 306). Na iconografia romana, por sua vez, Cérbero foi representado com uma cabeça de leão no centro e com duas cabeças de cachorro em lados opostos (SMALLWOOD, 1990, p. 93).

ostensiva em moedas de prata e de ouro cunhadas durante o governo daquele *princeps*, como no exemplar a seguir:



Fig. 30 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 82. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIANVS AVG[VSTVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS]*. Reverso: Busto de Minerva com elmo e *aegis* voltada para a direita. Inscrição: *TR[IBVNICIA] POT[ESTAS] II CO[N]S[VL] VIII DES IX P[ATER] P[ATRIAE]*. RIC II 138.

Na moeda acima temos no anverso o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita, circundado pela inscrição “Imperador César Domiciano Augusto, Pontífice Máximo”. A efígie do imperador está voltada para a direita e no reverso temos o busto representativo da deusa Minerva com elmo e a *aegis* rodeada pela inscrição “Poder Tribunício pela segunda vez, Cônsul pela oitava vez e designado pela nona vez, Pai da Pátria”. O fato de a moeda ser um áureo, ou seja, uma denominação monetária fabricada em ouro, nos informa que a peça não era comum. O ano de 82 representava o primeiro momento em que Domiciano estaria na condição de imperador sem a presença de seu pai e de seu irmão.

Em nosso entendimento, essa moeda representava uma mensagem direta para aquele que a portasse, a de que (no anverso) Domiciano passava a ser Augusto e herdeiro do posto deixado por Tito e que (no reverso) a sua legitimidade provinha da providência divina personificada pela imagem da deusa Minerva. Ela era considerada a deusa da poesia, da medicina, da guerra, da estratégia militar, da sabedoria, do comércio, da coragem, do heroísmo, da bravura, da justiça, das artes e da habilidade. Conforme explicamos anteriormente Minerva completava a Tríade Capitolina ao lado de Júpiter e Juno (ROSE; SCHEID, 2016). Destacamos a disposição dos dois bustos, uma vez que no reverso a deusa aparece à esquerda enquanto no anverso Domiciano aparece na direita.

Dada todas as atribuições da deusa podemos compreender que a escolha de Domiciano de tornar Minerva a sua patrona poderia ser relacionada com as características bélicas e de sagacidade representadas pela deidade. No caso da moeda acima, a qualidade ressaltada nos parece ser a bélica. No limite, Domiciano e Minerva são apresentados como as duas faces da mesma *persona*. Entre os anos de 83 a 96 temos documentados outros quatro tipos reversos em que a padroeira do último flaviano foi representada. O caráter bélico alegorizado pela deusa nos parece relevante. Apresentamos abaixo os quatro tipos da associação de Minerva a Domiciano.



Fig. 31 – Denário de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, entre 90 e 91. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] X*. Reverso: Minerva de pé e voltada à direita sobre o topo de uma coluna rostral, portando uma lança e um escudo. Há uma coruja à sua direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] XXI CO[N]S[VL] XV CENS[OR] P[ERPETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]*. RIC II 720.



Fig. 32 – Denário de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 88. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VII*. Reverso: Minerva avançando para a direita, portando uma lança e um escudo. Inscrição: *IMP[ERATOR] XV CO[N]S[VL] XIII CENS[ORIA] P[OTESTATE] P[ATER] P[ATRIAE]*. RIC II 591.



Fig. 33 – Denário de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 88. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICA] P[OTESTAS] VII*. Reverso: Minerva de pé, com elmo e voltada para a esquerda, segurando uma lança. Inscrição: *IMP[ERATOR] XIII CO[N]S[VL] XIII CENS[ORIA] P[OTESTATE] P[ATER] P[ATRIAE]*. RIC II 584.



Fig. 34 – Denário de prata cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 85. Anverso: Busto de Domiciano laureado, com *aegis* e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICA] P[OTESTAS] IIII*. Reverso: Minerva de pé e voltada para a esquerda, segurando um raio e uma lança. Há um escudo no chão à direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] VIII CO[N]S[VL] XI CENSORIA POTESTAT[E] P[ATER] P[ATRIAE]*. RIC II 321.

Primeiramente, temos Minerva situada à direita, portando uma lança na destra e um escudo na mão esquerda (RIC II 720). Outra representação monetária apresenta a deusa de pé sobre uma tribuna, voltada para a direita, portando uma lança na mão direita, um escudo na mão esquerda e com uma coruja aos seus pés (RIC II 591). Em outro tipo de reverso monetário, Minerva aparece voltada para a esquerda, portando uma lança na destra e com a mão esquerda apoiada no quadril (RIC II 584). Finalmente, temos o quarto e último tipo no qual a deusa aparece voltada para a esquerda, portando um raio na mão direita, com uma lança à sua esquerda e um escudo reclinado e próximo a seus pés (RIC

II 321). Embora, o primeiro tipo fosse comum na gestão de outros imperadores como Cláudio, os outros três foram forjados durante o governo de Domiciano, o que nos permite inferir que houve por parte da corte do último flaviano a intenção de aproximá-lo do campo do sagrado (CHABREČKOVÁ, 2017, p. 55). Além disso, as qualidades bélicas representadas pela deusa trajada sempre com vestimentas de combate ressaltam não somente a filiação de Domiciano como devoto e seguidor de Minerva, mas também como comandante supremo do exército e defensor do império.

Domiciano ainda manteve aproximações com outras divindades tais como Júpiter e Ísis. Ambos receberam templos novos construídos sob a autoridade do *princeps*. Júpiter também foi homenageado com a restauração dos seus dois templos no Capitólio (Templo de Júpiter Ótimo Máximo e de Júpiter Custódio). Além disso o deus foi agraciado com a realização dos Jogos Capitolinos em 86, evento de caráter esportivo que passou a ser celebrado a cada quatro anos, com competições atléticas, corridas e concursos artísticos de música e poesia. Domiciano também aparece como Júpiter em cunhagens monetárias conforme veremos a seguir (RIC II 474). Os deuses Ísis e Serápis, por sua vez, eram considerados os padroeiros dos imperadores flavianos por conta da história que envolvia Tito e Vespasiano que teriam ambos se refugiado no templo dos deuses durante o cerco viteliano em 69. Domiciano reconstruiu o Templo de Ísis e Serápis que foi destruído no incêndio em 80 o que teria colaborado com a imagem pública do último flaviano, uma vez que ele teria escapado dos seguidores de Vitélio disfarçado de sacerdote de Ísis (Eutrop. *Brev.* 7.23.5; CHABREČKOVÁ, 2017, p. 56; JONES, 1992, p. 103).

As moedas que analisamos até o momento podem ser identificadas como sendo de tipos simbólicos. Retomamos às noções de Sobocinski (2006, p. 586) a respeito dos reversos monetários em que personificações de virtudes ou de deuses aparecem nas cunhagens. As moedas de tipos simbólicos são caracterizadas pelo fato de apresentarem iconografia conceitual ou a personificação de alguma entidade característica com o que era esperado, em termos de condutas, de um imperador ou de um membro da aristocracia. Com base no exposto por Metcalf (1993, p. 346), respaldado e ampliado por Ellithorpe (2017, p. 176) e sintetizado por Dias (2019, p. 138-150) – a partir das ideias de Sobocinski (2006, p. 580) acerca de Domiciano – inferimos que por meio das cunhagens simbólicas, o último flaviano buscou propagar imagens que remetiam à *pietas* familiar e à manutenção das relações com o campo do sagrado.

O respeito às tradições romanas, ou o *mos maiorum*, eram atribuições que deveriam ser levadas em consideração pelos membros da ordem aristocrata e senatorial, não sendo diferente para o *princeps*. Cícero (*Rep.* 5.1) foi enfático ao afirmar que residia nos costumes ancestrais dos romanos, o denominado *mos maiorum*, o fundamento da glória de Roma. Por *mos maiorum* entendemos o conjunto de elementos conceituais que tinham em comum a sua posição na história idealizada de Roma e outorgava à ordem aristocrática romana a sua identidade. Esse conjunto de amplos elementos podem ser elencados como sendo os seguintes valores: *fides*, *pietas*, *religio*, *disciplina*, *gravitas et constantia*, *virtus* e *dignitas et auctoritas*¹¹⁶ (MARTINS, 2014, p. 87). O abandono dessas características pelo *vir* ou o homem aristocrata representava uma explicação plausível para os tempos de agitação social na República, de acordo com Cícero (*Rep.* 5.1; *Off.* 1.33.121). Vale ressaltar que na visão ciceroniana a aristocracia deveria ser educada dentro de uma série de condutas de indivíduos portadores da *virtus*, a expressão latina da excelência na gesta bélica e da lisura na vida pública. Outros elementos que deveriam fazer parte da educação da aristocracia romana seriam a *dignitas*, a *gloria*, a *fides*, o *honor*, e a *gravitas* (LEMOS, 2010, p. 47).

A retórica foi o instrumento através do qual se deu a fabricação e a propagação das imagens públicas de Domiciano. Essa dimensão do saber também fazia parte desses elementos distintivos e identificadores da aristocracia. Na Roma Antiga, a educação retórica constituiu-se como um elemento de distinção social. Jovens das elites senatorial e aristocrata frequentavam aulas de retórica em que debatiam declamações e outros textos de cunho oratório. Compreendemos que por meio desses exercícios os jovens romanos refletiam acerca das virtudes e vícios que moldavam o *status quo* romano, ou seja, por meio da retórica o *modus vivendi* daquela elite passava por manutenção. Durante a

¹¹⁶ *Fides* trata-se da condição de ter confiança depositada em algum indivíduo, remete também às ideias de confiança, tutela, promessa, garantia, honestidade, honra, senso de dever para com os outros, lealdade, credibilidade e prova (ROSE; SCHEID, 2016). O termo *disciplina* remete às noções de ensino, instrução, treinamento, estudos, disciplina, sistema, prática e método. Além dessas noções o termo possui como sentidos a ideia de conduta ordeira baseada no treinamento moral e militar, e o de ordem mantida em um grupo de pessoas sob o comando de um indivíduo (STOLL, 2007, p. 453). Observados separadamente, os termos *gravitas* e *constantia* possuem sentidos diferentes. *Gravitas* remete acepções dúbias como peso, lentidão e severidade, ao passo que o mesmo termo indica dignidade, importância, seriedade, gravidade, grandeza e autoridade (Liv. 31.7; Cic. *Tusc.* 5.12.34; Caes. *BGall.* 4.3.4; Quint. *Inst.* 9.4.140). *Constantia* significa imutabilidade, a manutenção da mesma atitude ou conduta, firmeza, autodomínio, firmeza de caráter e adesão às obrigações (Liv. 22.58). Por fim, *dignitas* significa aptidão para exercer tarefas, adequação, dignidade, a qualidade de ser digno, excelência, aparência distintiva e *status*. Além disso, o conceito denotava pessoas de alto escalão ou posição, possuidoras de estima e de honrarias (Cic. *Inv. Rhet.* 2.166).

República romana a educação retórica foi restrita a uma parcela da elite que dispunha de tempo e de recursos financeiros que permitiam o acesso a essa educação. Os poucos que não compunham essa elite, mas que conseguiam penetrar nessa seara, eram treinados conforme os preceitos educacionais esperados para um jovem romano aristocrático (CORBEILL, 2007, p. 82).

Dessa forma, compreendemos que a retórica permitia à aristocracia romana obter os recursos necessários para a manutenção da ordem, além de outorgar elementos identitários de senadores e mesmo do *princeps*. Defendemos ser plausível a nossa inferência porque, se a retórica fazia parte do sistema educacional dos jovens aristocratas, as moedas – enquanto dispositivos comunicacionais e meio de propaganda do governo que portava o discurso oficial do império e permitia a sua propagação com os segmentos sociais existentes – eram pensadas retoricamente para a fabricação, a manutenção e a legitimação do poder imperial.

Essas representações do *princeps* nas cunhagens podem, portanto, ser lidas por meio da chave da retórica do epidítico. Representações de teor laudatório eram condições necessárias para o alcance do prestígio social na Roma Antiga, bem como ao constructo de uma *persona* imperial devota e representante de determinados setores sociais alegorizados nas moedas por meio das imagens e inscrições, como ocorreu no caso da ordem aristocrática. Podemos inferir, portanto, que tais inscrições e imagens contidas no *corpus* monetário analisado buscaram fabricar uma figura de Domiciano como um imperador dotado de virtudes, devoção divina e representante direto da aspiração aristocrata de *vir bonus* ou de imperador ideal de acordo com a nossa análise das moedas. Essas associações entre o imperador e os deuses formaram a tônica das emissões dos *Ludi Saeculares*, cunhagens que apresentaram ainda cenas do imperador em cerimônias do evento e de alguns dos acontecimentos daqueles jogos.

2.4 LUDI SAECULARES

O relato mais completo e abrangente a respeito da celebração dos *Ludi Saeculares* sob Augusto que temos disponível na contemporaneidade são de autoria do historiógrafo Zósimo, que teria vivido entre os séculos V e VI de nossa era. No livro II de *História Nova*, o escritor grego narra algumas informações a respeito das origens daqueles jogos,

assim como sobre as atividades que aconteciam durante as festividades utilizando como parâmetro os Jogos Seculares de Augusto celebrados em 17 AEC. Inicialmente, os jogos seculares possuíam essa denominação por causa do vocábulo *saeculum* que, para os romanos, era o nome dado à duração máxima da vida de um indivíduo, ou seja, entre cem e cento e dez anos (Zos. 2.1). Após Augusto, Cláudio celebrou os jogos em 47 em comemoração aos oitocentos anos da fundação da cidade de Roma, a despeito dos cem anos instituídos por Augusto como o intervalo entre uma festividade e outra. Após Cláudio, por sua vez, Domiciano ordenou os *Ludi* em 88 exatamente cento e cinco anos após os celebrados por Augusto, ou seja, o último flaviano retornou ao padrão estabelecido pelo fundador da primeira dinastia romana. Assim como Otávio Augusto, Domiciano pretendia inaugurar um novo *saeculum*, uma nova era no Império Romano sob a sua égide. Cento e dez anos depois de Domiciano, Septímio Severo ordenou os Jogos Seculares ao lado de seus filhos Caracala e Geta (Zos. 4.3).

O último grupo de moedas que analisamos corresponde àquele formado pelas cunhagens comemorativas dos Jogos Seculares celebrados sob Domiciano em 88. Esse grupo de moedas abarcam peças com reversos simbólicos e narrativos que em nosso entendimento visaram propagar a *liberalitas* de Domiciano, assim como sua *pietas* para com o campo do sagrado. Os momentos festivos eram acontecimentos que permitiam que o poder do imperador alçasse patamares representativos, uma vez que o patrocínio era amiúde atribuído à sua pessoa.

Nos momentos festivos, ele [o imperador] era a imagem da generosidade, ao promover distribuições de dinheiro e/ou alimentos, da força, ao ser aclamado pelas legiões e pela plebe urbana de Roma ou das cidades provinciais, do pontificado, ao realizar importantes ritos religiosos, responsáveis por garantir o apoio das divindades à continuidade do Império, entre outras imagens a ser analisadas (GONÇALVES, 2013, p. 115-116).

A partir do exposto pela autora podemos observar o potencial comunicativo que os *Ludi Saeculares* representaram para a fabricação da imagem pública de Domiciano. Sugerimos que esse conjunto monetário construiu e buscou propagar a *liberalitas* de Domiciano à população romana, além de expressar a *pietas* religiosa do *princeps* e de transmitir os votos de continuidade do Império Romano aos deuses por meio das cenas que retratavam o imperador em rituais. Os preparativos dos jogos tinham início com a

convocação popular feita pelos arautos. No verão, os quindécênviros (grupo o qual o próprio imperador poderia compor) se sentavam sobre um estrado no Capitólio ou próximo ao templo do Palatino para oferecer à população (formada por homens livres) os produtos que seriam utilizados na purificação de seus lares, tais como, tochas, enxofre e esparto – o que era denominado como os *suffimenta* (Zos. 5.1-2). Na moeda abaixo, podemos entrever uma representação do momento em que os *suffimenta* eram distribuídos:



Fig. 35 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 88. Anverso: busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VIII CENS[OR] PER[ERPETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]*. Reverso: Domiciano sentado à esquerda no *suggestum* que porta a inscrição *SVF[FIMENTA] P[OPVLO] D[ATA]*, alcançando o cidadão de pé à direita, que estende sua mão; criança de pé ao centro, mãos erguidas; templo com quatro colunas logo atrás. Inscrição: *S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 609.

Temos no anverso dessa moeda novamente o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita com as inscrições “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, Pontífice Máximo, Poder Tribunício pela oitava vez, Censor Perpétuo, Pai da Pátria”. No reverso temos Domiciano oferecendo os *suffimenta* à população, o que nos indicam a iconografia e as inscrições “Donativos concedidos à população”. Ao contrastarmos essa moeda com o relato de Zósimo (5.2) temos que o próprio imperador foi representado como aquele que oferece à sua população os donativos a serem utilizados na purificação dos lares dos cidadãos. Há, porém, um silêncio por parte da tardia descrição de Zósimo sobre a participação do imperador na cerimônia de distribuição dos *suffimenta*. Na peça acima (RIC II 609) na cena de distribuição de *suffimenta* à população, Domiciano personifica uma autoridade que pratica a generosidade ou *liberalitas*.

No anverso da moeda apresentada (RIC II 609), portanto, a cena representa Domiciano sentado sobre um *suggestum* (plataforma elevada) oferecendo *suffimenta*. A inscrição sela a mensagem a ser passada “[Domiciano] ofereceu *suffimenta* à população” o que reforça o nosso argumento da propagação da imagem de autoridade provida de *liberalitas* e principalmente de *pietas*. Esses donativos eram compostos por enxofre, betume e de outras soluções inflamáveis que serviam como materiais para o asseio das residências. Esses materiais eram distribuídos à população poucos dias antes do início das celebrações dos Jogos Seculares para serem usados em rituais de purificação (STEVENSON, 1889, p. 764). A cena do imperador distribuindo esses *suffimenta* a um indivíduo e a uma criança representa e ecoa a imagem do zelo com o qual o *princeps* praticava a sua *liberalitas* assim como, por serem doações que serviam para a purificação religiosa, a *pietas* para com o sagrado era também propagada.

No que diz respeito à inclusão dos títulos do anverso podemos supor que, sendo as moedas objetos sagrados, que começaram a ser fabricadas no templo de Juno *Moneta*, a inserção dessas designações e dessas prerrogativas outorgava prestígio à autoridade monetária. As moedas tinham como característica a rápida difusão, fosse em distribuições à plebe (*congiaria*), fosse mediante o comércio. Além disso, a escolha dos acontecimentos que seriam representados nas cunhagens, bem como a maneira pela qual se daria essa representação, segundo Burke (2004, p. 215-216), seriam testemunhas oculares da natureza do contexto sociopolítico no qual a cunhagem estava circunscrita. De uma forma geral, podemos compreender que tudo aquilo que figurava na moeda, quer fossem personificações quer fossem as inscrições, era fruto do investimento das autoridades monetárias para a difusão de imagens públicas imperiais aptas ao seu contexto, ou seja, daquilo que se gostaria de ser mostrado oficialmente e daquilo que era o esperado pelos súditos.

A moeda exprime a intenção do representado, no caso, o imperador ou um general, como ele gostaria de ser visto, o que desejaria veicular, mas também o que a sociedade esperava de alguém com seu status, com sua preeminência. Para além da própria intenção do representado, entendemos também que as mensagens impressas nas moedas são comuns a um grupo que pretende dar sentido às disputas, atribuindo a um líder uma condição superior. A moeda buscava difundir as glórias obtidas pelo soberano. As mensagens eram breves e compreensíveis mesmo aos iletrados – mesmo os humildes reconheceriam, por exemplo, a deusa Vitória ao ver na moeda uma figura feminina alada (SILVA, 2014, p. 65).

Em confluência com o trecho supramencionado, podemos sugerir que ao divulgar os títulos como os de *imperator*, Augusto, pontífice máximo e censor perpétuo, a imagem construída de Domiciano buscou propagar a extensão da sua autoridade política, militar e religiosa e essas prerrogativas eram esperadas da pessoa do *princeps*. Nesse sentido, na peça a seguir (RIC II 608), por sua vez, Domiciano aparece como um imperador dotado da *pietas* divina, uma vez que é o próprio *princeps* quem recebe os donativos (*fruges*) das mãos das pessoas, produtos agrícolas que seriam utilizados como oferendas aos deuses. Podemos entrever, portanto, uma dupla imagem fabricada para Domiciano, que o representava como o patrono dos jogos e como partícipe das cerimônias religiosas tradicionais:



Fig. 36 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 88. Anverso: busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VIII CENS[OR] PER[ERPETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]*. Reverso: Domiciano sentado à direita sobre um *suggestum* com a inscrição *FRVG[ES] AC[CEPIT]*, segurando a pátera, de frente para dois cidadãos segurando sacos. Há um templo de quatro colunas logo atrás. Inscrição: *CO[N]S[VL] XIII LVD[IS] SAEC[VLARIBUS] A POP[VLO] FRVG[ES] AC[CEPIT] S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 608.

Durante os eventos preparatórios dos *Ludi Saeculares*, a população se reuniu no Capitólio, no Palatino ou no templo de Ártemis situado no Aventino para que pudessem realizar o depósito do trigo, da cevada e da fava, entre os dias 29 e 31 de maio. Esse depósito era chamado de *fruges* (Zos. 5.2). Como podemos observar na moeda acima (RIC II 608), no anverso temos o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. A figura é rodeada pelas inscrições “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, Pontífice Máximo, Poder Tribunício pela oitava vez, Censor Perpétuo e Pai da Pátria”, todas as principais atribuições acumuladas por Domiciano até aquele momento. Digno de

nota é o reverso, pois apresenta uma cena na qual é Domiciano quem está sentado recebendo os *fruges* de dois indivíduos que portam sacos para o transporte das oferendas. Em nosso entendimento, esse reverso dialoga fortemente com um áureo de Otávio Augusto, o qual presumimos ter sido uma imagem imitada por Domiciano, em termos retóricos.



Fig. 37 – Reverso de um áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Augusto, em 16 AEC.
 Reverso: Augusto togado e sentado numa plataforma elevada entregando *suffimenta* a dois cidadãos togados. Há um cesto no chão. Inscrição: *L MECENIVS AVG[VSTVS] SVF[FIMENTA] P[OPVLO]*. RIC I 350.

Como salienta Dias (2019, p. 157) ao comparar a moeda de Domiciano (RIC II 608) à cunhagem exposta acima, fabricada em 16 AEC sob Augusto, é o próprio imperador (Domiciano) quem figura como aquele que recebe de seus súditos as oferendas correspondentes aos deuses. Os assim chamados *fruges* eram as primeiras ofertas de frutas, de trigo, de cevada e de outros grãos feitos pelo *populus* para que se pudesse proceder às oferendas às deidades, costumeiras do início dos Jogos Seculares. Ao fim dos eventos os *fruges* eram distribuídos à população romana (STEVENSON, 1889, p. 68). Podemos aventar que Domiciano buscou associar os seus jogos àqueles celebrados por Augusto não somente ao respeitar o intervalo temporal de cem anos, mas fabricando uma imagética imitativa do primeiro *princeps* romano. Retoricamente o que temos é um processo de *imitatio* levado a cabo por Domiciano do precedente augustano, de modo que tal expediente o associaria diretamente ao Principado de Otávio Augusto.

Após as cerimônias preparatórias representadas pelos *suffimenta* e pelos *fruges*, conforme observamos, a celebração tinha início. Pela noite, após o recolhimento dos *fruges*, aconteciam as celebrações solenes em homenagem às Moiras, com o sacrifício de

nove cabras e nove cordeiros.¹¹⁷ Próximo ao início dos festejos que aconteceriam no Campo de Marte, nas margens do rio Tibre em Tarento eram realizadas oferendas aos deuses Júpiter, Juno, Febo, Leto e Ártemis (Zos. 5.2). Além desses sacrifícios e dessas oferendas, uma porca prenha era imolada em homenagem à deusa Telo ou *Terra Mater*, na noite do segundo dia dos festejos, como podemos observar no reverso da moeda abaixo:



Fig. 38 – Sestércio de bronze cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 88. Anverso: Busto de Domiciano lareado, com *aegis* e voltado para a direita. Inscrição: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VIII CENS[OR] PER[PETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]*. Reverso: Domiciano de pé sobre o altar. Uma porca prenha é levada para o sacrifício. Telo reclinada e segurando cornucópias, grãos e papoulas, à esquerda. Há flautistas e tocadores de lira logo atrás. Inscrição: *CO[N]S[VL] XIII LVD[OS] SAEC[VLARES] FECIT S[ENATVS] C[ONSVLTVM]*. RIC II 613.

No anverso dessa moeda, a inscrição “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, Pontífice Máximo, Poder Tribunício pela oitava vez, Censor Perpétuo, Pai da Pátria” circunda a imagem do busto imperial de Domiciano, voltado para a direita, portando uma *aegis*. No reverso monetário encontramos mais uma cena que, dessa vez, demonstra um momento no qual uma porca é levada ao sacrifício enquanto flautistas e tocadores de lira entoam músicas. Domiciano aparece à esquerda, de pé e próximo ao altar sacrificial parecendo aguardar a chegada do animal trazido pelo *victimarius*.¹¹⁸ A deusa Telo (*Tellus Mater*) aparece reclinada, divindade que representava a Terra e o solo fértil (AUGOUSTAKIS, 2010, p. 97). A inscrição que circunda a cena de teor religioso é

¹¹⁷ Eram as três filhas de Nyx, respectivamente, Cloto, Láquesis e Átropos, deusas do destino (Hes. *Theog.* 221-225).

¹¹⁸ Era o magistrado encarregado dos sacrifícios em rituais religiosos na Roma Antiga. No Principado, o *victimarius* teria composto um colégio próprio (ROSE; NORTH, 2015).

a de “no seu décimo quarto consulado, [Domiciano] fez os Jogos Seculares”. De acordo com Dias (2019, p. 159) a porca emprenhada era o animal abatido especificamente em homenagem à deusa Telos e o sacrifício era realizado na região de Tarento (extremo sul da Península Itálica). Esse sacrifício poderia acontecer na noite do segundo ou do terceiro dia das festividades, de acordo com Zósimo (5.5).

Tanto Dias (2019) quanto Sobocinski (2006) compreenderam que os tipos monetários que apresentamos até o momento eram formas sistemáticas de transmissão de mensagens bastante flexíveis. Esse tipo de cunhagem parece ter privilegiado, sobretudo, a presença de Domiciano nos momentos em que praticava atos que exaltavam a sua *pietas* e exercia a sua *liberalitas*. Dessa forma, a amplificação das virtudes da *pietas* e da *liberalitas* nessas moedas fabricava uma imagem pública que elogiava as ações de Domiciano como o patrono e o principal responsável pela realização dos Jogos Seculares, além de demonstrar o apreço do *princeps* para com as religiões e as liturgias romanas tradicionais. Concordamos com a ideia de que dada a raridade do ouro em comparação com as ligas metálicas de bronze, é possível que os exemplares que representavam cenas tenham sido os mais difundidas no Império Romano (DIAS, 2019, p. 162).

Após os sacrifícios que listamos nas páginas anteriores, eram preparadas tendas que serviam como abrigo para teatros temporários. Hinos escritos recentemente e feitos especificamente para a ocasião dos Jogos Seculares eram cantados por jovens coristas nessas estruturas montadas (Zos. 5.3). No segundo dia de festejos, após a realização de sacrifícios no Capitólio, as pessoas se dirigiam até o teatro para assistirem a espetáculos dedicados aos deuses Febo e Ártemis. No último dia dos festejos, especificamente no momento em que o oráculo ordenasse, mulheres casadas se reuniam no Capitólio para as orações a Juno (Zos. 5.4). Enquanto isso, no Templo de Febo situado no Palatino, jovens de ambos os sexos cantavam hinos compostos especialmente para os Jogos Seculares em grego e em latim em que pediam aos deuses a salvaguarda das províncias submetidas ao domínio romano. Os jogos eram encerrados no dia 3 de junho com a celebração de espetáculos circenses depois dos quais ocorriam as distribuições dos *fruges* (Zos. 5.5). Na moeda abaixo temos a representação de um *ludio*, um indivíduo que se vestia com túnicas escarlates com cintos de bronze, usava elmos decorados com penas e portava espadas. Ele poderia ainda carregar escudos e lanças mais curtas. Os *ludiones* eram os principais responsáveis pelas procissões lúdicas e entoavam hinos e performavam danças (Dion. Hal. Ant. Rom. 2.71; 7.72).



Fig. 39 – Áureo de ouro cunhado em Roma, sob a autoridade de Domiciano, em 88. Anverso: Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrição: *DOMITIANVS AVGVSTVS GERMANICVS*. Reverso: *Ludio* avançando para a esquerda, portando um escudo e um bastão. Inscrição: *CO[N]S[VL] XIII LVD[OS] SAEC[VLARES] FEC[IT]*. RIC II 595.

Nessa peça temos no seu anverso o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. A inscrição ao redor da imagem identifica a autoridade sob a qual a moeda foi cunhada, Domiciano Augusto Germânico, de forma explícita, sem abreviações. No reverso temos a figura de um *ludio* voltado à esquerda portando um escudo e um bastão. A inscrição que aparece no anverso pode ser traduzida como “no décimo quarto consulado, [Domiciano] ordenou os Jogos Seculares”. A personificação do *ludio* representa um dos espetáculos que aconteciam nos *Ludi Saeculares*, as apresentações teatrais. Esse é um exemplo de moeda de tipo simbólico cunhada em ouro: em vez de cenas com o imperador ao lado da população ou dos festejos realizados durante o evento, o que temos é uma personificação que retrata uma das competições que aconteciam na ocasião. Concordamos com Sobocinski (2006, p. 588) e com Dias (2019, p. 153) que defendem que a presença de um *ludio* – em vez de um arauto – nas cunhagens comemorativas dos *Ludi* de Domiciano corresponde a uma tentativa de apagamento ou mesmo de distanciamento dos jogos celebrados por Cláudio em 47 e uma aproximação com aqueles celebrados pelo fundador do sistema político do Principado, Otávio Augusto. Esse afastamento teria sido estratégico porque, de acordo com Suetônio (*Claud.* 21.2), durante os jogos de Cláudio os arautos teriam sido motivo de riso por parte do público.

Pudemos traçar algumas considerações acerca da fabricação da imagem pública de Domiciano por meio das cunhagens pertencentes ao tema dos *Ludi Saeculares*. Em primeiro lugar, ao propagar a sua imagem nos reversos monetários dos eventos preparatórios ao início dos Jogos Seculares, Domiciano pôde vincular a sua imagem

imperial aos temas da *pietas* (*suffimenta*) e da *liberalitas* (*fruges*), uma vez que ele aparecia no recolhimento e na distribuição de artefatos e de gêneros agrícolas junto a população, artigos que serviriam de oferendas e de purificadores divinos. Em segundo lugar, Domiciano buscou se apropriar das cerimônias de sacrifício características desses jogos para que, desse modo, pudesse se mostrar como um imperador zeloso para com o campo do divino. A *pietas* divina foi reivindicada pelo imperador nas cunhagens feitas em comemoração aos Jogos Seculares. Em terceiro lugar, ao realizar esse evento no ano de 88, Domiciano pôde filiar seu governo ao de Otávio Augusto porque seus jogos foram celebrados cento e cinco anos depois daqueles feitos pelo primeiro imperador do Principado, o que garantia o respeito ao intervalo temporal augustano. Por meio das cunhagens dos *Ludi Saeculares*, Domiciano buscou se aproximar das tradições inauguradas por Augusto e, dessa forma, vincular o seu governo e a sua imagem pública ao fundador do Principado.

Conforme sustentamos no Primeiro Capítulo, a retórica antiga determinava os instrumentos que poderiam ser utilizados pelos oradores e demais profissionais para o fabrico de imagens de pessoas alvos de elogio ou de vitupério. No caso de Domiciano, especificamente nas moedas que analisamos ao longo desse capítulo, a sua imagem pública foi fabricada por meio da exaltação e da amplificação dos seguintes elementos: *fortitudo* e *gloria* em matéria militar, *pietas* familiar e divina e *liberalitas* para com o *populus*. Desse modo, consideramos que as representações monetárias de Domiciano podem ser lidas por meio da chave do epidítico. Essas representações de conotação laudatória configuravam-se como condições essenciais para que o indivíduo alcançasse o prestígio social no Principado. As moedas de tipo *GERMANIA CAPTA* foram cunhagens que rememoraram os feitos bélicos de Domiciano por meio da filiação dessas vitórias ao passado recente do império e a deidades como Marte, Júpiter e Minerva. Assim como Otávio Augusto saiu vencedor dos conflitos contra Marco Antônio e Cleópatra (*AEGYPTO CAPTA*) pondo fim às guerras sociais, e Vespasiano e Tito foram os vitoriosos das contendas entre os romanos e os judeus em 70 (*IVDAEA CAPTA*) – além de terem posto o ponto final nos conflitos gerados pelo Ano dos Quatro Imperadores –, Domiciano triunfou sobre os germânicos e os subjugou ao longo dos anos 80 e 90 colaborando para a manutenção da paz e da magnanimidade do império (*GERMANIA CAPTA* e *DEVICTIS GERMANIS*). Os valores representados pela coragem ou *fortitudo* e glória que pudemos compreender como sendo os atributos externos de acordo com a

retórica epidítica (*Ad Her.* 3.10) foram demonstrados por meio das cenas em que Domiciano triunfa sobre os inimigos. A sua vitória correspondia, portanto, à própria magnanimidade de Roma. As moedas da série familiar e divina colaboraram para a elaboração e a propagação da imagem pública de um *princeps* com estirpe elevada, uma vez que Domiciano foi apresentado como sendo filho, irmão e pai de deuses, respectivamente, de Vespasiano, de Tito e de seu próprio filho, morto ainda criança. As moedas da série *Ludi Saeculares*, por sua vez, contribuíram para a construção da imagem imperial de Domiciano como alguém devoto às religiões tradicionais romanas e praticante da *liberalitas*. Em nosso entendimento, portanto, tais inscrições e imagens contidas no *corpus* monetário buscaram apresentar a figura de Domiciano como um imperador dotado de *fortitudo*, *gloria*, *liberalitas* e *pietas*.

No próximo capítulo analisamos nossa documentação poética, a *Aquileida*, de Estácio à luz das categorias de elogio imperial e das virtudes que identificamos a partir do exame da documentação monetária. Dividimos nossa análise em três momentos. Primeiramente abordamos os primeiros dezenove versos da epopeia sobre Aquiles de modo a compreender o emprego dos adjetivos latinos *magnanimus* e *magnus* que Estácio utilizou em seus épicos ora para se referir a Domiciano, ora para aludir a Aquiles. Em segundo lugar apresentamos nossa análise sobre a educação de Aquiles como forma de exaltação das virtudes imperiais conectadas à justiça, à bravura ou *fortitudo* e à *gloria*. Por fim, apresentamos como a *pietas* familiar e para com o campo do divino alegorizados na história de Aquiles pode estar conectada com esse ideal no período flaviano.

Buscamos defender que a *Aquileida* foi um produto cultural de sua época que buscou propagar as ideias e as representações políticas caras ao período flaviano no geral e, em particular, os do Principado de Domiciano e ao próprio *princeps* que foi associado a Aquiles. Isso foi possível graças à relação que Domiciano nutria com as letras durante o seu governo na condição de uma das principais fontes de prestígio disponíveis a Estácio, a quem o vate devia reverência. A referida épica, portanto, compôs o que podemos denominar como literatura cortesã porque ecoava vozes conectadas diretamente aos interesses imperiais, bem como à manutenção do *status quo* do governo de Domiciano, como procuramos demonstrar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

IMPÉRIO DAS LETRAS

Nesse capítulo analisamos nossa documentação poética, a *Aquileida*, de Estácio à luz das categorias de elogio imperial tais como apresentamos no capítulo anterior. Dividimos nossa análise em três momentos. Primeiramente abordamos os primeiros dezenove versos da epopeia sobre Aquiles de modo a compreender o emprego dos adjetivos latinos *magnus* e *magnanimus* que Estácio utilizou ora para se referir a Domiciano, ora para aludir a Aquiles. Em segundo lugar apresentamos nossa análise sobre a educação de Aquiles como forma de exaltação das virtudes imperiais conectadas à justiça, à bravura ou *fortitudo* e à *gloria*. Por fim, apresentamos como a *pietas* familiar e para com o campo do divino alegorizados na história de Aquiles pode estar conectada com esse ideal no período flaviano.

3.1 MAGNÂNIMO EÁCIDA, MAGNO CÉSAR

A *Aquileida* tem como tema as façanhas do mítico herói grego Aquiles desde seu nascimento. Ao analisar a épica estaciana como uma narrativa episódica, Ganiban (2015, p. 75) apontou que logo no próêmio da epopeia Estácio atribui a Aquiles o epíteto de *magnanimus*. De acordo com o *Oxford Latin Dictionary* o adjetivo *magnanimus* referia-se a nobreza de espírito, à coragem, à ousadia e a generosidade daquele que o portava. Ainda de acordo com o verbete, *magnanimus* era um epíteto convencionalmente atribuído a monarcas e heróis. A palavra deriva da junção dos vocábulos *magnus* e *animus* que significam, respectivamente, grande, alto ou ótimo e alma, espírito, princípio distinto do corpo (Cic. *Tusc.* 1.80; *Fin.* 5.38; *Or.* 3.67; 9; 138; GLARE, 1968, p. 1063). O adjetivo latino *magnanimus* possui relação com o termo grego *megathumos* que na *Ilíada* de Homero foi constantemente empregado para qualificar os heróis (*Il.* 20.179-181; 1.135; 6.145; KOZIAK, 2000, p. 54). Na visão de Ganiban (2015, p. 75), o termo *magnanimus* destacava o estilo elevado condizente com o gênero épico que rememorava o precedente meônio, ou seja, aos poemas homéricos. De fato, ao voltarmos para os textos latinos em versos podemos observar o uso do epíteto *magnanimus* em Catulo para retratar o lendário

rei Minos (64.85) “*magnanimum ad Minoa venit sedesque superbas*”,¹¹⁹ Vergílio para caracterizar o herói Enéias (*Aen.* 1.260) “*magnanimum Aenean*”, o deus Júpiter (*Aen.* 12.144) “*magnanimi Iovis*” e para adjetivar heróis ao longo da *Eneida* (6.307; 649) “*magnanimum heroum*” e “*magnanimi heroes*” e Ovídio que nas *Metamorfofes* utilizou do termo para representar Aquiles (*Ov. Met.* 13.298) “*nec se magnanimo maledicere sentit Achilli?*”.¹²⁰

Estácio, porém, utilizou desse epíteto em suas três obras poéticas sobreviventes para qualificar não somente os seus heróis. Há a presença desse epíteto nas *Silvas*, na *Tebaida* e, como vimos na *Aquileida*, sendo que o termo nas duas primeiras obras foi o mote dos estudos de Barchiesi (1996, p. 49-50). Partimos da prerrogativa que esse autor defendeu em seu estudo, o de que o termo *magnanimus* aparece na poética estaciana muito mais do que uma forma de caracterizar um herói, mas também como forma de homenagear Domiciano, o imperador cuja obra de Estácio foi contemporânea. No final da *Tebaida*, especificamente nos últimos versos do Livro XII, por exemplo, lemos uma menção a Domiciano feita por Estácio tal como exposta a seguir:

Acaso durarás muito e, sobrevivendo a teu autor, serás lida, ó *Tebaida*, tão cuidada por mim por duas vezes seis anos? Certamente já a Fama atual fez para ti um caminho benigno e começou a mostrar-te, jovem, aos leitores futuros. Já o magnânimo César se digna a conhecer-te, e a juventude itálica te aprende em seu estudo e te memoriza. Vive, eu te peço; mas não provoca a divina *Eneida*, apenas segue-a de longe e venera sempre seus passos. Em breve, se a ti ainda alguma inveja cobre em mágoa, ela passará, e tuas honras merecidas serão oferecidas após a minha morte.¹²¹ (*Stat. Theb.* 12.810-819)

Numa evidente inspiração horaciana proveniente do *Carmina* 3.30, Estácio termina a sua épica olhando para o que realizou durante muitos anos. Por meio dos seus versos, Estácio supera a deusa da morte, assim como Horácio (*Carm.* 3.30) o fez, de acordo com Silva (2014, p. 97). No caso de Estácio, o adjetivo *magnanimus* referiu-se a

¹¹⁹ Tradução de João Ângelo Oliva Neto (1996) “a Minos megalômano e soberbas sedes”.

¹²⁰ Tradução de Domingos Lucas Dias (2017). “sem se aperceber de que está a caluniar o valoroso Aquiles?”.

¹²¹ Tradução nossa. *durabisne procul dominoque legere superstes,/o mihi bissenos multum uigilata per anos/Thebai? iam certe praesens tibi Fama benignum/strauit iter coepitque nouam monstrare futuris./iam te magnanimus dignatur noscere Caesar,/Itala iam studio discit memoratque iuuentus./uiuue, precor; nec tu diuinam Aeneida tempta,/sed longe sequere et uestigia semper adora./mox, tibi si quis adhuc praetendit nubila liuor,/ occidet, et meriti post me referentur honores.*

César, ou seja, a Domiciano. Em outros momentos Estácio refere-se a reis na *Tebaida* com o mesmo adjetivo, o que atesta o seu uso para o elogio à bravura do soberano:

As pugnas dos mais velhos e os vultos terríveis
dos bravos [*magnanimum*] reis, ali, vou moldar, firmar no alto
domo as armas buscadas que com sangue meu
trouxe – as que da tomada Tebas darás, Palas.¹²²
(Stat. *Theb.* 2.732-735)

Na *Aquileida* a palavra que abre a épica qualifica Aquiles como um magnânimo eácida, filho do deus Júpiter:

Conta, deusa, o magnânimo eácida [Aquiles] e a formidável raça,
pelo Tonante, proibida de subir ao pátrio céu.
Embora as ações do varão sejam muito famosas pelo canto
meônio, mais ainda, porém, está faltando: percorrermos toda a vida do herói
– assim é nosso desejo – e narrarmos com trombeta
duliquia que ele em Ciros se ocultou em véus, e não pararmos em Heitor
arrastado,
mas despojarmos de Tróia inteira a juventude.¹²³
(Stat. *Achil.* 1.1-7)

E o adjetivo *magnus* encerra o proêmio da *Aquileida* no verso final da dedicatória que Estácio faz a Domiciano e estabelece a comparação entre o imperador e o Pelida:

Mas tu, [Domiciano], a quem primeiro as virtudes gregas e itálicas
invejam há muito, em quem os gêmeos louros dos poetas e
dos chefes florescem rivais — já há tempos os primeiros sofreram o abandono
— dá vênica e permite a este temente trabalhar neste
pó por um tempo: é o treino para teu tema, preparo longo e ainda não confiante.
O grande Aquiles será teu prelúdio.¹²⁴ (Stat. *Achil.* 1. 14-19)

¹²² Tradução de Leandro Dorval Cardoso (2018). *hic ego maiorum pugnas uultusque tremendos/magnanimum effingam regum, figamque superbis/arma tholis, quaeque ipse meo quaesita reuexi/sanguine, quaeque dabis captis, Tritonia, Thebis.*

¹²³ Tradução de Natan Henrique Taveira Baptista (2021). *Magnanimum Aeaciden formidatamque Tonanti/progeniem et patrio vetitam succedere caelo./diva, refer. quamquam acta viri multum inclita cantu/Maeonio (sed plura vacant), nos ire per omnem—/ sic amor est—heroa velis Scyroque latentem/Dulichia profferre tuba nec in Hectore tracto/sistere, sed tota iuvenem deducere Troia.*

¹²⁴ Tradução de Natan Henrique Taveira Baptista e Leni Ribeiro Leite (2019). *At tu, quem longe primum stupet Itala virtus/Graiaque, cui geminae florent vatunque ducumque/certatim laurus—olim dolet altera vinci—./da veniam ac trepidum patere hoc sudare parumper/pulvere: te longo necdum fidente paratu/molimur magnusque tibi praeludit Achilles.*

O que podemos inferir a partir desses excertos é que Estácio utilizava os mesmos adjetivos para qualificar personagens mitológicos como heróis e reis gregos (*Stat. Theb.* 2.731-735; *Achil.* 1.1-7), para homenagear o imperador (*Theb.* 12. 810-819) e para compará-lo com outros *exempla* (*Achil.* 1.14-19). *Magnanimus* denotava uma qualidade representativa do heroísmo épico, campo literário ao qual Estácio buscava a filiação. Ao retornarmos ao que a retórica epidítica romana aconselhava, o orador poderia amplificar o caráter do alvo de seu elogio por meio do uso de *exempla* provenientes da história ou da mitologia latinas (*Men. Rhet.* 2.368.7-369.6; *Quint. Inst.* 3.7.10-11). A nosso ver, portanto, ao produzir a dedicatória a Domiciano na *Aquileida* Estácio construiu o elogio imperial por meio da amplificação do caráter do *princeps* ao empregar um adjetivo heroico. Embora a crítica literária e historiográfica tenha duvidado da sinceridade do encômio nos versos de Estácio ao último imperador flaviano, é plausível supor que a *Aquileida* – se não o foi por causa da prematura morte de seu poeta – ao menos foi projetada para ser recitada a uma audiência contemporânea a Domiciano.¹²⁵

Um dos primeiros estudos que temos sobre a aproximação da *Aquileida* como um texto inserido no interdiscurso retórico epidítico foi a tese de Margit Benker (1987). Nela, a autora defendeu que o sistema de patronato e de clientelismo imperial romano praticamente obrigava os escritores a subordinarem-se a seus patronos, os imperadores. A autora ainda apontou que essa subserviência do vate e dos escritores de prosa romanos seria produto de uma sociedade acostumada ao culto imperial excessivo (sobretudo nos Principados de Nero e de Domiciano) sendo a homenagem ao *princeps* um item obrigatório e esperado pela audiência. Segundo a autora, a *recusatio* que Estácio empregou por duas vezes nos seus épicos conhecidos (*Achil.* 1.17-19; *Theb.* 1.17-21) seria uma forma de crítica velada a um imperador tirano que, como representado por Suetônio (*Dom.* 13.2), se comprazia em ser chamado de *dominus et deus* (BENKER, 1987, p. 70).

¹²⁵ A poética estaciana de encômio imperial foi vista pela crítica especializada por meio de um duplo prisma antagônico, ou seja, ou tratava-se de uma mera bajulação ou de subversão ao poder do César por meio de um elogio cravejado de ironias (LEITE, 2014, p. 38; NEWLANDS, 2002, p. 18-19). As recitações públicas eram as principais formas de divulgação dos textos em prosa e em verso no contexto imperial romano. Podemos conceber a prática da leitura no Império Romano como auditiva, distante do estilo contemporâneo da leitura silenciosa. Assim, pensamos que os textos como a *Aquileida* eram criados como discursos a serem verbalizados em recitações públicas, em encontros privados ou em concursos literários como aqueles promovidos por Domiciano. Entretanto, os poemas poderiam circular por meio material, ou seja, em livros, apesar das recitações serem importantes do ponto de vista da produção e do aprimoramento do texto pelo poeta (LEITE, 2013, p. 85). Segundo Augoustakis (2016, p. 383), as recitações públicas logo se tornaram verdadeiros meios de comunicação entre os escritores e o público. A produção poética perpassava alguns estágios, tais como: a recitação inicial, o envio de cópias preliminares a determinados indivíduos e, por fim, a propagação dos poemas em formato de livro (FANTHAM, 1996, p. 16).

Benker (1987) utilizou em sua tese uma série de escritores romanos posteriores à morte de Domiciano, mas desconsiderou que eles utilizaram de *topoi* retóricos do vitupério para maldizer o filho de Vespasiano (BATISTA; LEITE, 2021, p. 263). Apesar disso, a autora salientou que a *Aquileida* foi um texto escrito durante o governo de Domiciano e que por isso necessitava registrar nos seus versos o reconhecimento daquele Principado.

Na mesma esteira que Benker (1987) outro autor também localizou a *Aquileida* como uma obra que se referia a Domiciano – mesmo que David Konstan (2016) tenha posto em dúvida a lealdade de Estácio para com o imperador. Para esse autor, na *Aquileida* Domiciano foi explicitamente comparado a Aquiles. Os dois primeiros versos do próêmio (Stat. *Achil.* 1.1-2), no entanto, seriam formas veladas de vitupério ao imperador porque se tratariam de uma alusão à predileção de Vespasiano por Tito, que teria afastado Domiciano do poder logo no início da dinastia flaviana. A hipótese de Konstan (2016, p. 379) propõe que esses dois primeiros versos do próêmio da *Aquileida* representaram um desafio às pretensões divinas de Domiciano. Aqui identificamos uma fragilidade no argumento do autor, uma vez que ele rememora uma passagem suetoniana que, por sua vez, está inserida na categoria do vitupério da pretensão, conforme defendido por outros autores como Schulz (2019, p. 280) e Baptista e Leite (2021, p. 269-270) posteriormente. Além disso, na visão do autor, os versos sinalizavam que Aquiles nunca alcançaria o pátrio céu, ou seja, o Olimpo, por causa de uma artimanha de Júpiter que impediu que Tétis engravidasse dele. Mas, no verso final do próêmio que faz parte da dedicatória a Domiciano, a voz do poeta o exaltou como um sucessor épico de Aquiles.

Konstan (2016, p. 382-383) analisou a *Aquileida* como uma alegoria da história de vida de Domiciano antes e depois de se tornar o imperador de Roma. Consideramos essa incursão problemática por alguns motivos. Primeiramente, quando tratamos de um texto ficcional como é o caso da *Aquileida* precisamos compreender que seu objetivo inicial era o de narrar uma história não comprometida com o factual. Em segundo lugar, conforme defendido por Baptista (2019, p. 76), o contexto das práticas letradas latinas no período flaviano esteve muito atrelado aos ideais bélicos e à personificação de virtudes atléticas e militares, como a audácia, a honra, a fama e a glória. Nesse sentido concordamos com Baptista (2019) no que concerne ao fato de o mito representar nesse contexto literário flaviano uma forma para os poetas criarem artisticamente o seu mundo social e contribuir para a construção de uma identificação coletiva de determinados emblemas do poder esperados pela audiência da época. Assim como Benker (1987),

Konstan (2016) sustentou as suas hipóteses nas quais defendeu uma suposta subversão como chave de leitura da *Aquileida*, mas apoiando-se preponderantemente em uma documentação pós-96, inserida em um contexto antonino, de vitupério a Domiciano. A fragilidade do argumento do autor ainda foi realçada por ele próprio, quando classificou toda e qualquer comparação empírica entre uma épica mitológica e a trajetória de vida de Domiciano como impossível, por causa da ausência de um ponto de comparação óbvio¹²⁶ (KONSTAN, 2016, p. 378).

Entretanto, conforme já defendido por autores como Barchiesi (1996; 2021) e Baptista (2019), se por um lado o caráter fabular pode nos impedir de equiparar a vida de Domiciano ao breve relato épico de Aquiles, por outro podemos entrever algumas aproximações feitas pelo poeta que sobrepuseram o imperador ao *exemplum* mítico. Esse debate teve início com os estudos de Scott (1933) que identificou nas *Silvas* uma plêiade de elogios à *persona* imperial.

De acordo com o Scott (1933, p. 259), Domiciano foi comparado nas *Silvas* a deuses como Júpiter; a imagem de Minerva que figura como sua patrona também se fez presente; e o *princeps* ainda foi representado como divino germânico. O último flaviano também foi retratado como sendo o fundador de uma nova era em Roma (*Silv.* 1.1.61-62; 1.4.4; 1.4.46-47; 5.1.37-38; 3.3.64-65; 4.3.128-129; 5.2.170). Além dessas representações nas *silvas* de Estácio, podemos encontrar momentos nos quais Domiciano foi comparado ou associado a um conjunto de personalidades históricas ou semidivinas ou divinas: ele é maior do que Cúrcio¹²⁷ (*Silv.* 1.1.75), que Claudio Etrusco (3.3.64; 183-184) além das menções que o poeta fez ao *numen* imperial (*Silv.* 4.3.61-62; 140; 4.4.57; 5.1.164-165; 5.2.154). Na *silva* 1.1 que elogiou a estátua equestre de Domiciano no

¹²⁶ Nas palavras do autor em tradução nossa: “Eu não gostaria de afirmar que a *Aquileida* é uma alegoria direta, com Aquiles substituindo Domiciano, embora uma comparação com o grande herói homérico não seja, em princípio, desfavorável. Como não sabemos como Estácio pode ter desenvolvido o caráter de Aquiles, não é possível traçar paralelos plausíveis com o imperador”. Trecho original: *I would not wish to claim that the Achilleid is a straightforward allegory, with Achilles standing in for Domitian, though a comparison with the great Homeric hero would not in principle be unflattering. Since we do not know how Statius might have developed Achilles’ character, it is not possible to draw plausible parallels with the emperor* (KONSTAN, 2016, p. 382)

¹²⁷ De acordo com Tito Lívio (6.6), a partir de um relato que se popularizou na Península Itálica no século IV AEC, tratava-se de Marco Cúrcio, um cavaleiro romano que se ofereceu aos inferos para salvar a cidade de Roma ao se jogar com seu cavalo em um fosso localizado no Fórum que ficou conhecido como Lago Cúrcio. O local em que o lago se situava tornou-se, com o tempo, uma estrutura no meio do Fórum (BAPTISTA, 2021, p. 400).

Fórum,¹²⁸ por exemplo, Estácio introduz uma prosopopeia de Marco Cúrcio, que estaria surpreso com o monumento feito em homenagem ao imperador:

A princípio, apavorou-se com o aspecto imenso e o esplendor brilhante do maior cavalo, por três vezes trepidante afundou no tanque seu árduo pescoço, vendo aquele que governa, logo alegrou-se: “Salve, filho e pai dos grandes deuses, divindade conhecida por mim de longe. Agora é feliz, agora é venerável o meu pântano, foi concedido a mim vê-lo perto, ver teu esplendor imortal da minha sede vizinha. Por uma vez, eu fui autor e promotor da salvação romana: com longo Marte, tu, as batalhas de Jove, tu, as lutas do Reno, tu, o sacrilégio civil, tu domas a tardia montanha com pactos. Se meus tempos tivessem gerado-te, eu não iria ousar, tu mergulharias no profundo poço, mas Roma seguraria tuas rédeas”.¹²⁹ (Stat. *Silv.* 1.1.71-83)

Estácio evocou, apesar de não citar explicitamente o nome do herói, Cúrcio como vindo das profundezas para admirar o monumento erigido em honra a Domiciano no Fórum do qual o próprio personagem mítico era tido como um guardião. Dessa forma, por meio do *exemplum* e da prosopopeia de Cúrcio, Estácio pôde alegorizar na *Silva* 1.1 a magnanimidade, a suntuosidade e a enormidade da estátua equestre de Domiciano e, dessa forma, transpor esses predicados para o próprio imperador. Para Baptista (2021, p. 400-401), Estácio utilizou desse *exemplum* mitológico por conta de seu sentido para a história de Roma e, acrescentamos, como uma forma de exaltação do motivo pelo qual a estátua foi erigida: a celebração da vitória de Domiciano como sinônimo da glória do Império Romano. A prosopopeia de Marco Cúrcio vem colaborar, portanto, com o programa elogioso do poema.

Com base nisso, o maior aumento possível das características monumentais foi efetuado, mostrando que a estátua equestre de Domiciano excedia em tamanho e valor qualquer outro objeto cultural do passado. Isso mostra também o modo

¹²⁸ Foi um monumento erigido sob a ordem senatorial e inaugurado em 91 como forma de homenagear as conquistas militares de Domiciano durante as guerras contra os povos germânicos ao longo da década de 80 e inícios da de 90 (TUCK, 2016, p. 117). Um estudo bastante completo que relacionou a estátua e a poesia de Estácio à imagem pública de Domiciano e ao planejamento urbano de Roma pode ser encontrado em Baptista (2021, p. 312-408).

¹²⁹ Tradução de Natan Henrique Taveira Baptista (2021). *ac primum ingentes habitus lucemque coruscant/ expavit maioris equi terque ardua mersit/colla lacu trepidans, laetus mox praeside viso:/“salve, magnorum proles genitorque deorum,/auditum longe numen mihi! nunc mea felix,/nunc veneranda palus, cum te prope nosse tuumque/immortale iubar vicina sede tueri/concessum. semel auctor ego inventorque salutis/Romuleae: tu bella Iovis, tu proelia Rheni,/tu civile nefas, tu tardum in foedera montem/longo Marte domas. quod si te nostra tulissent/saecula, temptasses me non audente profundo/ire lacu, set Roma tuas tenuisset habenas”*.

minucioso por que Estácio controla alusões mitológicas e usos míticos dentro de sua poesia. Quando o poeta elenca as características do entorno topográfico, sua prática não se afasta do constatado. Por meio de uma amálgama consistente entre passado e presente, entre mito e história, Estácio constrói uma descrição dos arredores da estátua preocupada não somente com a dimensão elogiosa, pois o poeta pode através do pretexto elogioso do *Ecus* dialogar com o poder político que coordenava os espaços e as topografias (BAPTISTA, 2021, 359).

Estácio utilizou, portanto, de exemplos míticos e históricos para amplificar e celebrar a magnanimidade de Domiciano. Ao nos debruçarmos sobre a documentação poética estaciana, podemos notar um constante emprego desse expediente retórico, o da comparação da figura de Domiciano com elementos da história romana, como forma de amplificação da *persona* de imperial. Em nosso entendimento, os exemplos provenientes da poética estaciana nos permitem inferir que Estácio elevou a *persona* imperial aos *exempla* mitológicos e históricos que evocou como meio de comparação. Ainda nas *silvas*, Estácio comparou e associou Domiciano com outros sujeitos da história de Roma e do campo do sagrado, tais como a Apolo e a César (*Silv.* 5.13-15), a Marte, a Pólux, a Baco (*Silv.* 1.1.18; 3.1.169-179), a Júlio César e a Augusto (*Silv.* 2.7.67; 1.1.84). A comparação de Domiciano com figuras semidivinas como forma de amplificação de suas virtudes imperiais, porém, não foi uma característica exclusiva da poesia de Estácio. Nos *Epigramas* de Marcial, outro poeta que viveu sob a égide do período flaviano, encontramos outras expressões dessas comparações como a do exemplo abaixo:

César, dignando-se a descer no hercúleo rosto
 deu à via Latina novos templos
 ali onde, buscando-se o bosque da Trívia,
 lê-se oito marcos da cidade-chefe.
 Antes com voto e sacrifício cultuado,
 hoje o Alcides menor reza ao maior.
 A este, pedem riquezas uns, outros mais glórias;
 àquele fazem, salvos, menor voto.¹³⁰
 (Mart. 9.64)

Ao analisar o referido poema de Marcial, Cairoli (2011, p. 75) apontou que Domiciano é apresentado nesse epigrama como aquele que cede ao semideus Hércules o

¹³⁰ Todas as traduções dos epigramas de Marcial utilizadas nessa dissertação são de autoria de Fábio Paifer Cairoli (2014). *Herculis in magni voltus descendere Caesar/dignatus Latiae dat nova templa viae./qua Triviae nemorosa petit dum regna, viator/octavum domina marmor ab urbe legit./ante colebatur votis et sanguine largo./maiores Alciden nunc minor ipse colit./hunc magnas rogat alter opes, rogat alter honores;/illi securus vota minora facit.*

seu rosto. O poema tratava de uma estátua erigida a Hércules na via Ápia. A estátua ao portar o rosto de César significaria uma honra para Hércules porque materializaria uma metáfora de magnificência ao imperador (CAIROLI, 2011, p. 76). Em outras palavras, Domiciano seria maior do que o próprio Hércules. Aqui novamente notamos o emprego do *exemplum* histórico representado por Domiciano como sendo superior à matéria mitológica dentro de uma poesia elogiosa ao imperador. Em outro poema, Marcial enfatizou o *status* inferior de Hércules quando comparado a Domiciano:

Alcides, já reconhecido do Tonante
 pois tens o belo rosto do deus César,
 se tivesses tal rosto então, tal compleição,
 quando deteve monstros tua mão,
 servo humilde do rei de Argos nunca serias
 nem sofrerias sob nocivo jugo,
 mas mandarias no Eristeu e o falso Licas
 prêmio cruel de Nesso não traria;
 sem passar pela pira, seguro, verias
 a estrela do teu pai que a dor te deu;
 nem lã darias à soberba dona lídia,
 nem Estige ou tartáreo cão verias.
 Já tens favor de Juno; de Hebe, tens cuidados:
 se a ninfa te notar, te manda um Hilas.¹³¹
 (Mart. 9. 65)

Segundo Cairolli (2011, p. 77) nesse poema temos a confirmação e a ratificação de que ao receber o rosto de Domiciano a estátua de Hércules assumiu um *status* maior do que se portasse o do semideus. Assim, Domiciano se tornava novamente superior a Hércules. O último exemplo que Cairolli (2011) trabalhou em seu estudo buscou justificar a superioridade do *princeps*:

Ápia, em que, igual a Alcides, César venerável
 é sacro, glória das ausônias vias,
 se desejas saber do outro Alcides os feitos,
 eis: a Líbia tomou e os raros pomos;
 da Amazona com pelta tirou o cinto cítico;
 ao javali juntou tez de leão;
 cervo de brônzeos pés, das selvas e Estanfálides,

¹³¹ Alcide, Latio nunc agnoscende Tonanti,/postquam pulchra dei Caesaris ora geris,/si tibi tunc isti vultus habitusque fuissent,/cesserunt manibus cum fera monstra tuis:/Argolico famulum non te servire tyranno/vidissent gentes saevaque regna pati,/sed tu iussisses Eurysthea; nec tibi fallax/portasset Nessi perfida dona Lichas,/Oetaei sine lege rogi securus adisses/astra patris summi, quae tibi poena dedit;/Lydia nec dominae traxisses pensa superbae/nec Styga vidisses Tartareumque canem./nunc tibi Iuno favet, nunc te tua diligit Hebe;/nunc te si videat Nympha, remittet Hylan.

do céu, tomou; cão trouxe do Estige;
 vetou trazerem aos mortais a fértil Hidra,
 banhou os bois da Hespéria em rio toscano.
 Este, o menor. O maior Hércules, que a sexta
 Pedra a partir do Albano já venera,
 o palácio salvou dos governos malfeitos;
 jovem, começou guerras por seu Jove;
 sozinho embora possuísse as rédeas júlias
 relegou e em seu mundo foi o terceiro;
 esmagou cornos sármatas no Istro três vezes
 e os cavalos lavou na neve gética;
 muito modesto recusando seus triunfos
 do norte trouxe o nome vencedor;
 deu templo ao deus, moral ao povo, à espada folga,
 astros ao seus, aos céus, coroa a Júpiter.
 Para tanto, o poder que é de Alcides não basta:
 que o deus empreste o rosto ao pai tarpeio.¹³²
 (Mart. 9.101)

Aqui notamos uma explícita comparação entre as realizações de Domiciano e aos feitos do herói mítico Hércules. Marcial elencou algumas das ações de Domiciano antes e durante o seu Principado como o cerco viteliano em 69 (Mart. 9.101.14), quando esteve no comando de Roma durante a ausência de Vespasiano e de Tito após a deposição de Vitélio, mas renunciou o poder quando da chegada do pai (9.101.15), o fato de ter sido o terceiro de sua família a ocupar o posto imperial (9.101.16), as guerras contra os sármatas iniciadas em 89 (9.101.17-18) e a recusa do título de Dácico quando lhe foi oferecido após o final dos conflitos contra os germânicos no final dos anos 80 (9.101.19), mas da Germânia ele trouxe o título de Germânico (9.101.20). Apesar dos feitos bélicos, Marcial concluiu o centésimo primeiro poema do nono livro de epigramas enfatizando que Domiciano trouxe a paz para a cidade, deu moral à população e observou os cultos tradicionais (9.101.21-24).

A partir do exposto julgamos viável supor que Estácio, por fazer parte do mesmo campo literário que os demais poetas do período flaviano, ao elogiar Domiciano no prêmio da *Aquileida* utilizou dos expedientes retórico-poéticos da comparação e da

¹³² *Appia, quam simili venerandus in Hercule Caesar/consecrat, Ausoniae maxima fama viae,/si cupis Alcidae cognoscere facta prioris,/disce: Libyn domuit raraque poma tulit,/peltatam Scythico discinxit Amazona nodo,/addidit Arcadio terga leonis apro,/aeripedem silvis cervum, Stympthalidas astris/abstulit, a Stygia cum cane venit aqua,/fecundam vetuit reparari mortibus hydram,/Hesperias Tusco lavit in amne boves./Haec minor Alcides: maior quae gesserit audi,/sextus ab Albana quem colit arce lapis./adseruit possessa malis Palatia regnis,/prima suo gessit pro Iove bella puer;/solus Iuleas cum iam retineret habenas,/tradidit inque suo tertius orbe fuit;/cornua Sarmatici ter perfida contudit Histri,/sudantem Getica ter nive lavit equum;/saepe recusatos parcus duxisse triumphos/victor Hyperboreo nomen ab orbe tulit;/templa deis, mores populis dedit, otia ferro,/astra suis, caelo sidera, sarta Iovi./Herculeum tantis numen non sufficit actis:/Tarpeio deus hic commodet ora patri.*

amplificação mediante o confronto de *exempla* para celebrar a figura imperial em sua obra. Defendemos que na *Aquileida*, o *exemplum* histórico de Domiciano é mais elevado do que o *exemplum* mitológico representado pelo guerreiro Aquiles em termos de virtudes bélicas e literárias. O herói foi assim o prelúdio de Domiciano o que representava a passagem *magnusque tibi praeludit Achilles* (Stat. *Achil.* 1.19), “o grande Aquiles será teu prelúdio”, em que Estácio revelou ainda estar despreparado para realizar uma obra sobre os feitos do imperador. Essa associação foi além porque Aquiles não foi apenas um *exemplum* para exaltar as qualidades de Domiciano, mas serviu de parâmetro para que dentro da narrativa – quando levamos em consideração o elogio dentro do contexto da épica, ou seja, a história do guerreiro Aquiles – o *princeps* superasse o personagem em termos de virtudes.

Entendemos a épica mitológica como um produto cultural de sua época de produção que, apesar de ter tratado do ficcional, continha os elementos e os conceitos de seu momento de criação. A poesia mitológica foi uma forma de monumentalização do poder e de propagação de ideias e representações políticas condizentes ao período flaviano. Como defendeu Barchiesi (2021, p. 66) a temática da Guerra de Troia que a *Aquileida* possui representava o significado que os romanos atribuíam ao bélico, qual seja, o de unificação, de conquista. Além disso, a Guerra de Troia figurou como uma alegoria que preludiava o Império Romano, haja vista que, de acordo com o mito, foi por conta do ataque grego à cidade troiana que Enéias e os troianos fugiram e navegaram até o Lácio. O prelúdio em nosso entendimento, portanto, configurava uma Roma que seria governada por alguém maior do que o mito que originou a fuga dos troianos, aquele que era maior do que Aquiles, Domiciano.

Apesar de não se aprofundar no debate, Barchiesi (2021, p. 66-67) levou em consideração o uso do vocábulo *magnanimus* na *Aquileida* e na *Tebaida* que se referia, respectivamente, a Aquiles e a Domiciano. Na sua perspectiva, Aquiles denominado em dois momentos – na abertura e no verso final do próêmio – como magnânimo eácida o foi após Domiciano ter sido chamado de magno César, o que indica uma clara superioridade do imperador sobre o mito dentro da poética de Estácio. Além disso, não podemos pensar que a representação imperial terminava nas dedicações ao soberano nos primeiros versos dos épicos estacianos, mas como indicou Penwill (2013, p. 29-30) precisamos compreender as passagens encomiásticas enquanto pertencentes ao enredo da história que será narrada na épica.

Nessa esteira, Baptista (2019, p. 86) apontou que os épicos mitológicos flavianos possuíam em comum a característica de serem portadores das representações e das ideias políticas de sua época de produção, além de terem exercido o papel de difusores de mensagens ideológicas por meio da circulação de suas obras. Na *Silva* 5.2 entre os versos 153 a 166, Estácio, que se encontrava com a saúde débil, advertiu ao amigo Crispino que estava reunindo forças para que a sua *Aquileida* fosse lida mesmo que parcialmente:

Feliz és tu, Optato, que, confiante na tua juventude verde, corajoso em cada viagem, e enfrentas a paliçada, tu também, por acaso – que a divindade do nosso príncipe te proteja – com a espada ao teu lado, e como camarada incansável da tua alma-amiga, como foi o fiel Pilades, ou como filho de Menécio durante a guerra de Tróia. Porque tal é a vossa concordância, tal é o vosso amor, e eu rezo para que possa durar para sempre. A minha idade vigorosa está a passar-me; daqui apoiarei a vossa luta com os meus votos e súplicas – ai de mim – mas se eu disser as minhas queixas como de costume, e o Senado de Rômulo vier ouvir os meus poemas, vós, Crispino, sentireis a minha falta, e o meu Aquiles passará os olhos por todos os degraus sem vos encontrar. Mas serás maior no teu regresso – e as previsões dos poetas não são em vão – e aquele que agora te abrir as águias militares também te dará passagem, grau por grau, até que sejas cercado pelos jejuns altivos e te vejas sentado na cadeira curul como o teu pai.¹³³ (Stat. *Silv.* 5.2.152-167)

Mesmo que incompleto, um texto na Antiguidade romana poderia ser apresentado para receber críticas e sugestões a quem fosse da confiança do escritor. A *Aquileida*, mesmo não tendo sido finalizada, foi produzida para ser lida e ouvida pelos membros mais elevados da sociedade romana como nos indicou o próprio Estácio (*Silv.* 5.2.162) no trecho acima. Assim podemos afirmar que os poetas romanos atuavam como mediadores em termos político-culturais, por meio do uso retórico da palavra e, dessa forma, poderiam influenciar, forjar ou construir o mundo social em que estavam circunscritos (CHARTIER, 2002, p. 220). Dessa forma, no que diz respeito à posição do poeta épico flaviano, concordamos com Baptista (2019, p. 89) que diz ser o poeta

¹³³ Tradução de Francisco Torrent Rodríguez (2008). *Felix qui viridi fidens, Optate, iuventa/durabis quascumque vias vallumque subibis, forsán et ipse latus (sic numina principis adsint)/cinctus et unanimi comes indefessus amici, quo Pylades ex more pius, quo Dardana gessit/bella Menoetiades. quippe haec concordia vobis, hic amor est; duretque, precor! nos fortior aetas/iám fugit; hinc votis animum precibusque iuvabo, et mihi. sed questus solitos si forte ciebo/et mea Romulei venient ad carmina patres, tu deeris, Crispine, mihi, cuneosque per omnes/te meus absentem circumspectabit Achilles./sed venies melior (vatum non irrita currunt/omina); quique aquilas tibi nunc et castra recludit, idem omnes perferre gradus cingique superbis/fascibus et patrias dabit insedis curules.*

“autoconsciente da complexa posição de seu lugar social dentro do império, já que, pela própria natureza de sua *ars*, estava submetido ao patronato e à relação com as elites”.

Assim, entendemos que ao referir-se a Aquiles com o mesmo adjetivo que se referiu a Domiciano na *Tebaida*, Estácio buscou elogiar – assim como outros poetas como o próprio Marcial – a magnanimidade das ações de Domiciano como *princeps* por meio da *Aquileida*. Interpretamos a *Aquileida* como um texto que suportou as representações e as ideias políticas, os ideais bélicos e literários caros ao período flaviano. Ao mesmo tempo que Estácio exaltou as práticas letradas, musicais e bélicas de Aquiles, o poeta o caracterizou como um *exemplum* a ser superado por Domiciano. No próximo tópico analisamos as categorias do epidítico e as virtudes alegorizadas na *Aquileida* de Estácio para caracterizar o personagem Aquiles e averiguamos como esses ideais caminhavam *pari passu* com a educação e com a *pietas* familiar e divina circunscritas no período flaviano.

3.2 EDUCAÇÃO GUERREIRA

A *Aquileida* conta no primeiro livro os acontecimentos da infância de Aquiles, as suas atividades exercidas sob a tutela de Quíron e a posterior mudança de identidade do Pelida a mando da mãe. Os temas da infância e da educação heroica presentes nas práticas letradas latinas, por sua vez, podem ser compreendidas como um *topos* dentro das narrativas poéticas. Como afirmou Mota (2020, p. 122), na qualidade de um lugar-comum dentro da poética romana, temos personagens que tinham como futuro o triunfo em um conflito, mas que, por meio das artimanhas do destino, acabaram se desviando da sina e traçaram caminhos diferentes do esperado.

No contexto flaviano não foi diferente. A épica mitológica foi um expediente usado pelos poetas romanos para propagar, por meio das letras e das personagens, determinados modelos comportamentais do corpo do *vir romanus* e daqueles e daquelas que figuravam na audiência. Podemos pensar o épico mitológico como testemunhas engajadas de seu contexto histórico recente, que em nosso caso se tratava do Principado de Domiciano (81-96). Por meio das letras, Estácio e outros puderam edificar imagens do imperador e refletir sobre o poder no Principado através dos mitos. Concordamos com Bernstein (2016, p. 399) que apontou que devemos interpretar as epopeias mitológicas

como propagadoras de representações políticas da atuação de líderes em termos tipológicos. Os reis Adrasto na *Tebaida* e Licomedes na *Aquileida*, ambas épicos escritas por Estácio seriam, por exemplo, modelos tipológicos de monarcas que foram incapazes de resguardar as suas filhas das ameaças estrangeiras.

Assim, entendemos que na *Aquileida* a vida do guerreiro mítico Aquiles poderia conter elementos dessas ideias e representações políticas caras ao momento do Principado de Domiciano. Algumas dessas representações e ideias podem ser entrevistadas nos últimos versos que restaram no segundo livro da *Aquileida*. Nele temos apenas 167 versos que narram a despedida de Aquiles da ilha de Ciro e a partida do Pelida na nau de Ulisses e Diomedes rumo a Guerra de Tróia. Durante o trajeto, os gregos pediram que Aquiles revelasse a educação que tivera ao longo da sua estadia no monte de Quíron. Estácio descreve que o centauro ensinou a Aquiles a correr e a transitar em locais de difícil acesso (*Achil.* 2.102), a praticar saltos a distância e a escalar (*Achil.* 2.138-140), a enfrentar os perigos das matas (*Achil.* 2.140-143), a praticar o pugilismo, a luta e o arremesso de discos como forma de recreação (*Achil.* 2.154-156), a manejar as armas desde a mais tenra idade (*Achil.* 2.106-107), a treinar com outros jovens (*Achil.* 2.128-130), as noções de coragem e de força (*Achil.* 2. 143-153), a música, a medicina (*Achil.* 2. 159-167) e a justiça (*Achil.* 2. 163-165). Podemos entrever nesses trechos alguns conceitos caros à *virtus* romana relacionados ora à educação do jovem imberbe romano, ora aos atributos esperados pela *persona* imperial, tais como *fortitudo* e *gloria*. Iniciamos nossa análise com o excerto a seguir:

Já então tinha as armas na mão, já então tinha a aljava no ombro, e o prematuro amor pelo ferro, e a pele endurecida por muito sol e muito frio; nem tinha membros afrouxados pela cama macia, mas a dura pedra partilhada com o enorme mestre. Mal a minha vida rude tinha visto o ciclo das estações virar doze vezes, quando já me forçava a correr à frente dos rápidos cervos e dos Lápitais e a seguir em seu curso os dardos lançados.¹³⁴ (Stat. *Achil.* 2.106-112)

A educação militar que o centauro Quíron ofereceu a Aquiles ocupou muitos momentos do segundo canto da *Aquileida*. No trecho acima vemos que o Pelida foi

¹³⁴ Tradução nossa. *iam tunc arma manu, iam tunc cervice pharetrae./et ferri properatus amor durataque multo/sole geluque cutis; tenero nec fluxa cubili/membra, sed ingenti saxum commune magistro./vix mihi bis senos annorum torserat orbis/vita rudis, volucris cum iam praevertere cervos/et Lapithas cogebat equos praemissaque cursu/tela sequi;*

treinado a manejar armamentos como nos indicou Estácio ao dizer que o guerreiro portava uma aljava. Em termos simbólicos, a aljava e o arco e flecha estão atrelados à deusa Ártemis ou Diana, que representava a caça a animais selvagens. Em termos de representações romanas, Diana/Ártemis figurava sempre com uma aljava em seus ombros e acompanhada de um cão de caça ou de um veado (Hom. *Il.* 21.470; Hor. *Ep.* 17). Essa representação figurou em moedas de Augusto como no exemplar abaixo:



Fig. 40 – Áureo cunhado em Lugdunum, sob a autoridade de Augusto, entre 11 e 10 AEC. Anverso: busto de Augusto laureado e voltado para a direita rodeado pelas inscrições *AVGVSTVS DIVI F[ILIVS]* “Augusto, da prole do divino César”. Reverso: Diana drapeada e voltada para a direita portando um arco na mão esquerda e puxando a flecha da aljava com a destra. Inscrição: *IMP[ERATOR] XII SICIL[IA]* “Comandante militar pela décima segunda vez na Sicília”. RIC I 196.

De acordo com Stevenson (1889, p. 743) essa cunhagem proveniente dos tempos de Augusto representado como associado a Diana passou a ser fabricada no contexto da reconquista pelo *princeps* da ilha de Sicília (a qual é representada pela abreviação *SICIL*, no reverso). Augusto teria instituído o sacerdócio àquela deusa e dedicado a sua vitória na Sicília à ela e a Apolo. Diana assim representaria desde os tempos de Augusto os bons agouros em termos militares, o que aparece no reverso com a inscrição *Imperator* que aqui tem o significado de comandante das forças militares romanas. A atribuição de Diana como o símbolo da bravura, da caça selvagem e, com Augusto, da vitória militar nos possibilita inferir que ela também estava associada à própria preparação do soldado para os combates. Na perspectiva de Mota (2020, p. 132), os rapazes romanos ainda imberbes costumavam se envolver com práticas esportivas nas quais as habilidades militares eram postas a prova, tais como a equitação, o manejo com os carros de combate e o treino com disparos em arco e flecha e lançamento de dardos. Há em Vergílio uma descrição parecida quando o poeta narra as atividades de Ascânio na *Eneida*:

Já, vencido o caminho, os mensageiros
 Torres e árduos palácios descobriam.
 Chegam-se: às portas a puerícia e a flórea
 Juventude a cavalo se exercitam;
 Carros domam na arena, ou rijos arcos
 Nervudo o braço tende e frechas tira;
 Desafiam-se ao curso e ao pugilato.¹³⁵
 (Virg. *Aen.* 7.160-166)

A partir do exposto podemos inferir que as atividades, que Estácio descreveu como as praticadas pelo lendário guerreiro Aquiles, correspondiam ao esperado pelos jovens aristocratas que dispunham de tempo e de recursos humanos para o treinamento militar. Esse treinamento visava o ensino e o aprimoramento das técnicas militares para futuros romanos desejosos em desbravar os meandros dos fronts bélicos. O próprio imperador poderia participar, e de certo modo esperavam isso de sua pessoa, dessas atividades a fim de demonstrar a sua *fortitudo*, ou seja, a sua valentia, bravura e coragem frente o inimigo. Nossa inferência encontra respaldo ainda em outra documentação, dessa vez o *Panegírico a Trajano*, em que Plínio, o Jovem, elogiou as atividades de Trajano para realçar a sua *fortitudo* em detrimento de sua antítese, Domiciano:

Pois que pausa tens senão correr pelos bosques, fazer as feras saírem de seus esconderijos, subjugar os imensos cumes das montanhas e andar sobre rochedos escarpados, sem a ajuda da mão de ninguém, da orientação de ninguém e, em meio a isto, ir até os bosques sagrados com devoção e apresentar-te aos deuses? Em outros tempos, estas eram as práticas e os prazeres da juventude, com estas artes os futuros generais eram instruídos: competir na corrida com animais velozes, no vigor com os ferozes, na destreza com os hábeis.¹³⁶ (Plin. *Pan.* 81.1-2)

Em Plínio, portanto, encontramos algumas atividades atribuídas a Trajano que o auxiliavam a consolidar a sua *fortitudo*. Dentre elas, temos as corridas, as caças a animais selvagens, as escaladas em montanhas, as competições de velocidade contra animais velozes, as lutas contra animais ferozes e habilidosos. Na *Aquileida* podemos encontrar

¹³⁵ Tradução de Manoel Odorico Mendes (2005). *iamque iter emensi turris ac tecta Latinorum/ardua cernebant iuvenes muroque subibant./ante urbem pueri et primaevae flore iuventus/exercentur equis domitantque in pulvere currus./aut acris tendunt arcus aut lenta lacertis/spicula contorquent, cursuque ictuque lacessunt:/cum praevectus equo longaevi regis ad auris.*

¹³⁶ *Quae enim remissio tibi, nisi lustrare saltus, excutere cubilibus feras, superare immensa montium iuga, et horrentibus scopulis gradum inferre, nullius manu, nullius vestigio adiutum; atque inter haec pia mente adire lucos, et occurrere numinibus? Olim haec experientia iuventutis, haec voluptas erat; his artibus futuri duces imbuebantur: certare cum fugacibus feris cursu, cum audacibus robore, cum callidis astu.*

reminiscências dessas atividades feitas pelo personagem Aquiles, o que nos permite compreender a sua educação como aquilo que era esperado pela audiência de Estácio da *persona* imperial:

Ensina-me agora a atravessar imensos fossos com um salto, agora a subir ao topo de uma montanha alta com o mesmo passo com que se foge através de uma planície, a receber no meu escudo curvo, em batalhas simuladas, as enormes pedras que me atirou, a penetrar em cabanas ardentes e, estando a pé, a parar a carruagem de uma quadriga que fugiu.¹³⁷ (Stat. *Achil.* 2.138-141)

A correspondência do trecho estaciano acima com o excerto pliniano (*Pan.* 81.1-2) nos parece notável, a partir do que Estácio descreveu: Aquiles foi ensinado a saltar de fossos, a escalar montanhas, a lutar com outros jovens com o auxílio de seu escudo, a evitar se queimar em locais que ardiam em chamas e a domar cavalos. Na *Eneida* vergiliana temos que Ascânio na juventude praticava as *pugnae simulacra* que consistiam em exercícios práticos semelhantes às batalhas em caso de guerras (Virg. *Aen.* 5.546-168; RANCE, 2000, p. 268). Para os romanos, o treinamento militar por meio das batalhas simuladas propiciava às tropas a experiência necessária e a mais próxima dos desafios que os soldados e os generais enfrentariam em casos de conflitos reais. Muito mais do que meros jogos, as *pugnae simulacra* constituíam-se como verdadeiros exercícios que punham em xeque a destreza militar e a *fortitudo* dos militares porque eram obrigados a superarem seus medos no enfrentamento do inimigo¹³⁸ (RANCE, 2000, p. 271). A *fortitudo* poderia ser demonstrada ainda a partir da destreza do jovem em termos de caça a animais selvagens, conforme Plínio relatou no seu *Panegírico* (81.2-3) e Estácio alegorizou na sua *Aquileida*:

Ele próprio, sentado na sua imensa caverna, aguardava as minhas façanhas, caso eu voltasse coberto de sangue negro; e não me deixava beijá-lo sem antes examinar as minhas armas. E já eu me tornava apto às contendidas com espadas

¹³⁷ Tradução nossa. *nunc docet ingentes saltu me iungere fossas, nunc caput aerii scandentem prendere montis, quo fugitur per plana gradu, simulacraque pugnae/ excipere inmissos curvato umbone molares./ardentesque intrare casas peditumque volantis/sistere quadriugos.*

¹³⁸ Essas simulações de lutas foram retomadas durante os tempos de Júlio César e seguidas por outros imperadores como Calígula, de acordo com Suetônio, e chamados de *Ludus Troiae* (*Iul.* 39; *Calig.* 18.3).

com os jovens da vizinhança, e não me escapava nenhum aspecto da guerra cruel.¹³⁹ (Stat. *Achil.* 2.126-130)

Aqui temos a descrição de que Quíron esperava que Aquiles retornasse para a caverna em que residiam no Monte Pélion coberto de manchas de sangue tanto em si, quanto em suas armas. Em nosso entendimento, essas manchas de sangue seriam as provas cabais de que o jovem estivera praticando a caça a animais selvagens e que, vitorioso, regressava a seus aposentos trazendo as marcas de seu triunfo. Ao cruzarmos a nossa inferência e o trecho estaciano com o panegírico pliniano, temos que a prática era uma prerrogativa esperada do *princeps*, se tomarmos o texto laudatório a Trajano como uma forma de aconselhamento de quais habilidades seriam esperadas pelo imperador naquele momento:

E não seria considerada uma honra medíocre em tempos de paz afastar dos campos a invasão das feras e libertar o trabalho dos camponeses de algum perigo como este. Esta glória também era atribuída àqueles príncipes que não podiam obtê-la. Era atribuída, além disso, ao ponto de capturarem feras domesticadas e enfraquecidas pelo cativeiro e, em seguida, soltas para o divertimento próprio (por que não?), fingindo ter alguma habilidade. Porém, para nosso príncipe, o trabalho de captura-las e de busca-las é o mesmo, e o maior e mais gratificante esforço é o de encontra-las.¹⁴⁰ (Plin. *Pan.* 81.2-3)

Plínio pareceu ressaltar quais as atividades que Trajano exercia como forma de menosprezar a atitude que Domiciano teve para com elas. Mas, o que nos interessa desse excerto é a ideia de que a *fortitudo* deveria ser performada, ou seja, aquele que reivindicava necessitava da apresentação de provas concretas para que fosse agraciado com as devidas pompas ou *gloria*. Essas demonstrações da educação de Aquiles, portanto, nos parecem próximas daquilo que era esperado pelos romanos dos imperadores em termos de *fortitudo*. No excerto a seguir, o poeta descreveu como Aquiles se preocupou

¹³⁹ Tradução nossa. *ipse sedens vasto facta expectabat in antro./si sparsus nigro remearem sanguine; nec me/ante nisi inspectis admisit ad oscula telis./iamque et ad ensiferos vicina pube tumultus/aptabar, nec me ulla feri Mavortis imago/praeteriit.*

¹⁴⁰ *nec mediocre pacis decus habebatur submota campis irruptio ferarum, et obsidione quadam liberatus agrestium labor. Usurpabant gloriam istam illi quoque principes, qui obire non poterant: usurpabant autem, ut domitas fractasque claustris feras, ac deinde in ipsorum quidem ludibrium emissas, mentita sagacitate colligerent. Huic par capiendi quaerendique sudor, summusque et idem gratissimus labor, invenire.*

com a reação de Quíron em uma dada situação que poderia envergonhá-lo enquanto pupilo:

Eu estava tentando me segurar, mas a violência da correnteza e a tontura causada pelo vazamento de água ao meu redor me fizeram desistir; ele, do alto da margem que se inclinava para mim, dirigiu-se a mim com ameaças furiosas e subjugou-me com seus insultos para me envergonhar. Não parti sem ter recebido a ordem: assim me levava a sublime glória e não havia tarefas dolorosas sob tal testemunha. Na verdade, lançar longe em meio às nuvens os discos Ebálios, praticar as brilhantes lutas e fazer voar as luvas, eram para mim um jogo e um descanso.¹⁴¹ (Stat. *Achil.* 2.149-155)

Aqui podemos observar uma maior descrição das atividades exercidas por Aquiles sob a orientação do centauro Quíron, de acordo com a versão do mito produzido pelo poeta Estácio. Segundo o vate, Aquiles estava relutante em atravessar a correnteza do rio e foi insultado por seu mestre para que, dessa forma, despertasse a sua *fortitudo* e pudesse cumprir o desafio. As outras atividades a que Aquiles estava submetido eram o arremesso de discos e as lutas ou *pugilatus* contra oponentes. De acordo com Murray (2010, p. 18), a incorporação da luta entre dois oponentes no contexto romano teve mudanças quando comparada com a luta grega, o seu precedente mais próximo. Os romanos incorporaram à luta um instrumento para a proteção das mãos do pugilista que era constituído de uma junta de metal que formava uma luva conhecida por *caestus*. Dessa forma, o *caestus* romano passou a propiciar maior grau de combatividade que as juntas de couro gregas, tendo inclusive o poder de matar o oponente caso o golpe fosse demasiado forte. O vocábulo latino aparece no excerto acima da *Aquileida* (*Achil.* 2.155) e na própria *Eneida* quando Vergílio (*Aen.* 5. 404-484) refere-se à natureza brutal do aparato. Além disso, um mosaico datado do século II mostra a cena descrita por Vergílio na qual o personagem Entelo, vencedor do *pugilatus*, desferiu um golpe mortal em um touro que ganhou como prêmio por ter vencido a luta. O personagem utilizava o *caestus* romano:

¹⁴¹ Tradução nossa. *stabam equidem, sed me referebat concitus amnis/et latae caligo fugae; ferus ille minari/desuper incumbens verbisque urgere pudorem./nec nisi iussus abi: sic me sublimis agebat/gloria, nec duri tanto sub teste labores./nam procul Oebalios in nubila condere discos/et liquidam nodare palen et spargere caestus./ludus erat requiesque mihi.*

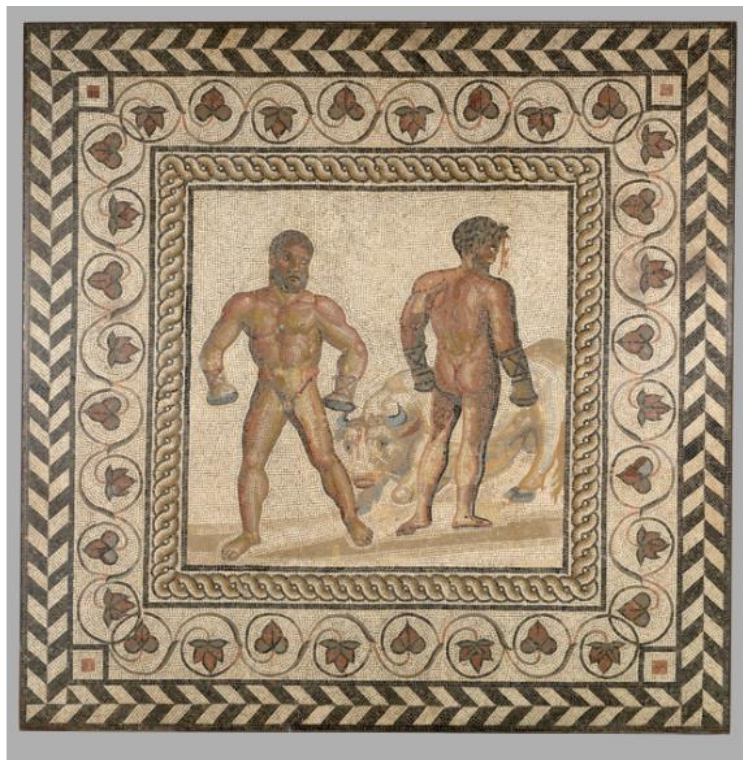


Fig. 41 – Mosaico do combate entre Dares e Entelo, ca. 175-200 EC. Tesselas de pedra e de vidro. Villelaure, França. Dimensões: 208 × 208 × 8 cm. The J. Paul Getty Museum, Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos. Disponível em: <https://www.getty.edu/art/collection/objects/6573/unknown-maker-mosaic-floor-with-combat-between-dares-and-entellus-gallo-roman-ad-175-200/>. Acesso em 05 Out. 2021.

Partindo das ideias de que a arte musiva em contexto romano possuía pelo menos duas razões, quais sejam, as de afirmação da opulência das elites latinas e a exibição de uma cosmovisão por parte dessa aristocracia, uma vez que os mosaicos via de regra estavam situados em ambientes com grande circulação de pessoas, conforme indicou Silva (2013, p. 169), a imagem datada do século II nos permite tecer algumas ideias. Primeiramente, que o mito de Entelo e de Dares era amplamente conhecido no Império Romano e o seu conhecimento era capaz de revelar o prestígio e o *status* social do indivíduo; e, em segundo lugar, nos permite compreender o *caestus* como um aparato esportivo difundido entre os romanos. Portanto, podemos entender que Estácio utilizou de caracteres latinos para compor o personagem Aquiles e o representou como portador das virtudes caras ao momento do Principado de Domiciano, como vimos, em termos da *fortitudo* e da *gloria* atreladas ao sucesso militar, o que era esperado pela audiência do vate.

Como defendeu Baptista (2019, p. 74), assim como nos tempos de Vespasiano com as *Argonauticas* de Valério Flaco, a epopeia mitológica dos tempos de Domiciano buscou propagar as representações corporais heroicas condizentes ao período flaviano do Império Romano, dinastia que emergiu por meios bélicos. O espírito agonístico representado por Aquiles na *Aquileida* de Estácio estava, portanto, conectado às virtudes atléticas e bélicas tais como a *fortitudo* e a *gloria*, uma vez que o contexto poético flaviano deu ênfase à descrição de histórias míticas de conflitos bélicos entre romanos e não romanos. A épica pensada como um produto cultural pôde, portanto, portar – dentro desse contexto – as representações e as ideias políticas que fabricaram a atmosfera do período flaviano, qual seja, o de imperadores/generais.

3.3 A PIETAS DE AQUILES

Como vimos anteriormente, a história do guerreiro Aquiles tal como contada por Estácio tratou da infância do Pelida em que sua mãe Tétis o obrigou a se disfarçar de mulher para evitar a guerra. O tema da mudança de sexo do *vir* nas práticas letradas latinas, porém, não ficou restrito apenas ao poema épico de Estácio. Personagens como Tirésias, Hermafrodito, Ífis e Cênis foram amplamente conhecidos graças às *Metamorfoses* de Ovídio (*Met.* 3.316-338; 4.285-388; 9.666-797; 12.140-207; 459-535). De acordo com Carvalho (2012, p. 58) o próprio Ovídio ao construir as suas *Metamorfoses* elaborou um texto cuja principal característica foi o hibridismo com o qual edificou as histórias, ou seja, havia elementos épicos mesclados a momentos líricos, passagens elegíacas e trechos dramáticos. A própria *Aquileida* foi alvo de estudos recentes que enfatizaram o hibridismo genérico como sendo uma característica daquela épica (DAVIS, 2015, p. 157). O que nos parece importante salientar nesse ponto é o uso dos expedientes retóricos por Estácio para retratar de forma convincente os motivos que levaram Aquiles a aceitar o destino imposto pela mãe, qual seja, o de se esconder na ilha de Círos disfarçado de mulher. Para tanto, a personagem Tétis usou de argumentos retóricos dos *exempla* de divindades e de personagens mitológicos para demonstrar ao filho que não seria vergonhoso aceitar a sua decisão e evitar a guerra. Além disso, em nosso entendimento, nesse episódio Aquiles foi construído como um personagem que exerceu a *pietas*, ou seja, aceitou o embuste materno sem pestanejar também por reverência a sua mãe.

No campo literário romano alguns personagens foram representados como os detentores ou mesmo como os *exempla* da prática da *pietas*, uma vez que o cumprimento das obrigações para com a família, para com a *patria* e para com as divindades era concretizado por meio das práticas realizadas pelo indivíduo (BURGESS, 1972, p. 48). A *pietas* romana figurou no épico de Vergílio, a *Eneida*, personificada e exemplificada por meio do personagem Enéias. Estácio (*Silv.* 3.3.188-191) descreveu Enéias e Lauso – filho do rei etrusco Mezêncio (*Verg. Aen.* 10.829-832) – como sendo expoentes *exempla* de *pietas* (RIPOLL, 2015, p. 426). As ações de Enéias descritas por Vergílio no poema que se tornou um dos marcos do gênero na Antiguidade demonstravam que o personagem cumpria com as suas obrigações para com o seu pai, este estando vivo ou morto (*Virg. Aen.* 3.480; 5.26), para com os seus companheiros (*Aen.* 6.176; 6.232), no exercício das atividades administrativas e burocráticas (*Aen.* 1.220-305) e nos momentos em que precisou liderar (*Aen.* 5.286; 5.418; 9.255).

Nos poemas de Estácio também encontramos momentos nos quais o poeta descreve a *pietas* como sendo uma das ideias praticadas pelos seus personagens e pelo próprio Domiciano. Na *Tebaida*, por exemplo, temos o emprego dos vocábulos *impius*, *nefas* e *scelus* – antônimos da noção romana de *pietas* – utilizados pelo poeta para descrever e adjetivar os crimes cometidos por parentes contra a família, contra a *patria* e contra os deuses. Nesse épico, a voz do poeta Estácio demonstrou estar preocupada com os horrores e com as instabilidades que seriam produtos fabricados pela violência desmedida (*Stat. Theb.* 7.763-765; 9.665-667; 9.882-887; 10.548; 6.144; 5.592; 6.161; 3.458; 6.945; 3.54; 3.214; BURGESS, 1972, p. 54).

O exercício da *pietas* também apareceu nas descrições que Estácio fez sobre as ações de Domiciano. O imperador apareceu como aquele que assegurava a paz para os romanos por meio das campanhas militares, mas ainda cultivava uma docilidade com a qual agraciava seus súditos. As *Silvas* foram os poemas nos quais o imperador personificou a imagem de guerreiro e de propagador da paz, defensor perpétuo do Império Romano e governante justo, como podemos entrever nos excertos abaixo:

Agora, deixe que se impressione a fama primeira do cavalo dardânio – muito conhecido em tempos passados –, que encolheu os sagrados cumes de Díndimo e Ida pelas árvores cortadas: nem esta estátua conteria Pérgamo da muralha despedaçada, nem os meninos misturados na multidão e as virgens meninas, nem o próprio Enéias, nem o grande Heitor a poderiam conduzir. Tu adicionas

e, enquanto aquele nocivo cavalo escondeu os cruéis aqueus, isto recomenda o dócil cavaleiro: agrada olhar o rosto que mistura os sinais da guerra, carregado de tranqüila paz.¹⁴² (Stat. *Silv.* 1.1.7-16)

Nesse excerto podemos observar que Domiciano foi tratado como um governante pacificador. A guerra e as contendas dentro e fora de Roma desapareceriam porque Domiciano, máxima expressão da *pietas*, figuraria como o restituidor da paz. O imperador ainda apareceria como o protetor supremo do Império Romano porque, de acordo com Criado (2015, p. 297), ele guardava consigo a sua espada embainhada (Stat. *Silv.* 1.1.43-54), mas pronta para ser usada na defesa dos interesses dos romanos. A estátua equestre de Domiciano, materialização do elogio à destreza militar do imperador, como vimos anteriormente, estampou moedas durante o seu Principado, como no exemplar abaixo:



Fig. 42 – Sestércio de cobre cunhado em Roma entre 95 e 96 sob autoridade de Domiciano. Anverso: o busto de Domiciano laureado e voltado para a direita. Inscrições: *IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] COS XVII CENS[OR] PER[ERPETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]*, Reverso: estátua equestre de Domiciano inaugurada em 91. Domiciano está montado no cavalo com sua mão direita erguida para frente. Abaixo a inscrição *SC* ou *SENATUS CONSULTUM*. RIC II 797.

Podemos ler nessa moeda as titulações que Domiciano portava entre os anos de 95 e 96, portanto, nos últimos anos de seu Principado. No anverso, a efígie de Domiciano encontrava-se laureada e voltada para a direita, além de estar circundada pela inscrição “Imperador César Domiciano Augusto Germânico, Cônsul pela 17ª vez, Censor Perpétuo

¹⁴² Tradução de Natan Henrique Taveira Baptista (2021). *Nunc age fama prior notum per saecula nomen/Dardaniū miretur equi, cui uertice sacro/Dindymon et caesis decreuit frondibus Ide:/hunc neque discissis cepissent Pergama muris/nec grege permixto pueri innuptaeque puellae/ipse nec Aeneas nec magnus duceret Hector./adde quod ille nocens saeuosque amplexus Achiuos,/hunc mitis commendat eques: iuuat ora tueri/mixta notis belli placidamque gerentia pacem.*

e Pai da Pátria”. O título de Germânico celebrava a vitória de Domiciano como comandante das forças do exército romano que subjugaram os inimigos durante as campanhas nos anos 80 e 90, conforme vimos no Segundo Capítulo. No reverso temos a representação da estátua equestre de Domiciano na qual o imperador aparecia montado a cavalo e com o braço direito erguido para a frente. A chancela senatorial aparece na inscrição *SC* o que nos revela que a cunhagem foi autorizada pelos senadores. A partir do pressuposto de que a imagem do soberano está sempre em constante revisão e é diretamente proporcional aos eventos emblemáticos que acontecem sob seu governo, além do fato da variável da emulação com personalidades ilustres da história como inspiração, como apontaram Burke (2009, p. 13-14) e Gonçalves (2013, p. 12), a estátua equestre de Domiciano representava a transmissão dos valores acima explicitados. Personalidades como Júlio César e Alexandre, o Grande também tiveram o seu poder monumentalizado na forma de estátuas e o próprio Estácio na mesma *Silva* rivalizou a de Domiciano com as dos primeiros, (Stat. *Silv.* 1.1.17-21; 89).

A localização da estátua equestre em termos de historiografia causa dissenso entre os especialistas.¹⁴³ Segundo Estácio (*Silv.* 1.1.22-31), ela estaria centralizada na praça do Fórum, nas imediações do Lago Cúrcio. A estátua estaria cercada de templos religiosos como o Templo do Divino Júlio e a Basílica Júlia logo à direita e à esquerda estaria a Basílica Emília. Logo atrás da estátua havia algumas edificações sagradas, quais sejam, o Templo da Concórdia e o do Divino Vespasiano, o Templo de Vesta e do Comício das Vestais além do Templo de Castor e Pólux. O rosto da estátua fitaria o horizonte em direção sudeste, especificamente a Domus Flávia localizada no Palatino, além do Templo de Vênus Genetrix e o Fórum Júlio (BAPTISTA, 2021, p. 321). Independente da veracidade ou inveracidade da geografia versificada por Estácio, o fato é que essas referências endossam o argumento de que a estátua equestre de Domiciano refletiria o desejo de propagação e de monumentalização da imagem do imperador como alguém vitorioso na guerra e como aquele que traria a paz para os romanos, inspirado pelos ancestrais divinizados e dos próprios deuses.

Podemos compreender, portanto, que a propagação de um emblema tão característico como uma estátua equestre em moedas representou a vontade do governo

¹⁴³ Extrapola o escopo dessa pesquisa o debate arqueológico e historiográfico travado entre os especialistas acerca da localização geográfica da estátua equestre de Domiciano. Sobre esse tema cf. Baptista (2021, p. 319-342).

de Domiciano em elaborar uma imagem para o imperador na qual ele figurasse como sendo o restituidor da paz, o defensor da cidade e o general vitorioso cuja força motriz de seu sucesso fosse proveniente da presença constante dos deuses, como nos lembrou Menandro, o Retor (Men. Rhet. 372.5-375.4). A moeda, o poema e a estátua, três suportes diferentes, performavam o poder do imperador, a sua magnanimidade e a glória do Império Romano.

Na visão de Criado (2015, p. 297), quando comparou a *pietas* de Domiciano nas *Silvas* e aquela associada ao personagem Teseu na *Tebaida*, o *princeps* não teve a sua imagem representada na poesia estaciana tão distante da construída pelo vate para o líder ateniense. Teseu aparece como sendo um líder justo cuja ira seria despertada pela inobservância dos tebanos para com a *pietas*, ou seja, a *impietas* (Stat. *Theb.* 12.589). O próprio elemento bélico teria uma conotação em que se daria menor ênfase às suas perdas e maior destaque às suas motivações. Para a autora, a guerra foi tratada na *Tebaida* como sendo um mal para todos os lados, tanto para os atenienses quanto para os tebanos, mas o senso de urgência em se alcançar a paz e o restabelecimento da lei tornaria o conflito justo (Stat. *Theb.* 12.165-166; 590-591; 642-648; 782-783). A autora terminou a sua análise defendendo que a caracterização de Teseu na *Tebaida* refletiu a ideologia da guerra romana em que o bélico seria um remédio bastante amargo e um ato político controverso, mas também uma via importante para que o pacifismo fosse restabelecido. Lucano (9.20-30; 90-214; 256-283; 292-293; 385; 560-561) teria reconhecido no seu épico sobre as guerras civis republicanas que o elemento bélico seria parte intrínseca do restabelecimento da ordem (CRIADO, 2015, p. 297).

A partir desses exemplos dados ao longo das últimas páginas, podemos concluir que a *pietas* foi uma noção fortemente utilizada por Estácio na construção do caráter dos seus personagens, bem como serviu como mote para a fabricação da imagem imperial de Domiciano. Acreditamos que o mesmo processo figurou na *Aquileida* e que o personagem Aquiles foi construído com base na *pietas* familiar e divina ao aceitar a farsa montada por sua mãe, Tétis que também era uma deusa. Com isso, podemos defender que a *pietas* foi uma noção que caracterizou as ações do imperador e poderia ser um dos atributos esperados de sua pessoa e, por causa disso, foi também um valor cultivado no Império Romano flaviano no geral e no Principado de Domiciano em particular. No excerto abaixo podemos compreender como Tétis convenceu o seu filho a aceitar o disfarce e a reação de Aquiles a isso:

Se, querido filho, um destino justo me tivesse trazido o casamento que me prometeu, eu abraçaria a ti, um grande astro, nas regiões celestes; feita mãe pelo grande céu, não temeria as pobres Parcas nem os destinos terrenos. Agora, tua origem é desigual, meu filho, e o caminho da morte está fechado apenas para tua mãe; além disso, os temidos momentos se aproximam e os perigos chegaram na última volta. Que nós cedamos, e abandona um pouco os teus orgulhos masculinos e sê digno das roupas que eu visto. Se o Tiríntio (Hércules) carregou os trabalhos domésticos lídios e as macias rocas de fiar com sua mão áspera, se a Baco é digno caminhar varrendo seus passos com a sua túnica dourada, se Júpiter tomou o aspecto de uma virgem, se a mudança de sexo não tiver diminuído o grande Ceneu, permita, peço-te, que as ameaças e essa nuvem pérfida se retirem. Em breve te devolverei aos campos e à caverna do centauro; por essa glória e pelas alegrias vindouras da juventude, se por ti experienciei as terras e um marido humilde, se te armei, recém-nascido, com o severo rio Estige – quem dera completamente! –, aceita por um tempo, essas roupas seguras que não prejudicam teu espírito. Por que viras a cabeça e o que preparam esses olhos? Temes tornar-te suave com esta vestimenta? Juro por ti, querida criança, pelas águas onde nasci: Quiron não saberá.¹⁴⁴ (Stat. *Achil.* 1. 252-274)

Estácio empregou nesse excerto uma série de *exempla* no discurso de Tétis para convencer Aquiles de que o disfarce não seria uma atitude de menor valentia por parte do herói. Tétis utilizou de *exempla* mitológicos para demonstrar ao filho que apesar de parecer uma donzela, a sua virilidade não ficaria abalada, uma vez que há uma clara distinção entre o ser e o parecer.

Tétis, presumimos, não queria de fato que Aquiles fosse uma filha de Licomedes, mas diz “aos olhos do mundo deixai que seja uma donzela”, utilizando *sit* (ser) como uma forma abreviada de *videatur* (parecer) ou *habeatur* (ser considerado como). Isto pode ser visto como um floreio de retórica ou um lapso descuidado de pouca consequência, exceto que a diferença entre parecer uma mulher e tornar-se uma mulher foi precisamente o que Tétis não conseguiu captar quando pôs Ceneu ao lado de Hércules. O erro final de Tétis confunde tornar-se e parecer-se de forma que delinea sugestivamente a controvérsia entre as concepções essencial e performativa de gênero, que será um ponto de disputa durante a estada de Aquiles em Ciro.¹⁴⁵ (HESLIN, 2005, p. 137)

¹⁴⁴ Tradução nossa. *Si mihi, care puer, thalamos sors aequa tulisset, quos dabat, aetheriis ego te complexa tenerem/sidus grande plagis, magnique puerpera caeli /nil humiles Parcas terrenaque fata vererer./ nunc inpar tibi, nate, genus, praecclusaque leti/tantum a matre via est; quin et metuenda propinquant /tempora et extremis admota pericula metis./cedamus, paulumque animos submitte viriles/ atque habitus dignare meos. si Lydia dura/ pensa manu mollesque tulit Tirynthius hastas,/si decet aurata Bacchum vestigia palla/ verrere, virgineos si Iuppiter induit artus,/ nec magnum ambigui fregerunt Caenea sexus:/hac sine, quaeso, minas nubemque exire malignam./mox iterum campos, iterum Centaurica reddam/lustra tibi: per ego hoc decus et ventura iuventa/e gaudia, si terras humilemque experta maritum/te propter, si progenitum Stygos amne severo/ armavi—totumque utinam!—, cape tuta parumper/tegmina nil nocitura animo. Cur ora reducis/quidve parant oculi? pudet hoc mitescere cultu?/per te, care puer, cognata per aequora iuro./nesciet hoc Chiron.*

¹⁴⁵ *Thetis does not, we presume, really want Achilles to be a daughter of Lycomedes; she means to say “in the eyes of the world let him be a maiden,” using sit “be” as a shorthand for videatur “seem” or habeatur*

Essa aproximação dos versos da *Aquileida* com a tradição mitológica também criou a situação apta à troca de papéis de Aquiles, pois os *exempla* evocados são de deuses e semideuses que ultrapassaram os limites impostos pela sua condição. As barreiras do gênero, porém, não eram de fácil escape. Como mencionamos acima, Tétis apresentou uma confusão entre o parecer e o ser mulher. Entretanto, os antigos enxergavam os papéis sociais de forma diferente do mundo contemporâneo. Estácio continuou a história de Aquiles e ressaltou a insistência de sua mãe para que o garoto aceitasse a farsa:

A mãe, já cúmplice, aproveita o ensejo:
 “Filho, é tão grave entre elas fingir danças
 e os braços dar num jogo? Tal não há
 sob o Ossa e no Pélion? Quisera amores
 unir e ter no seio um outro Aquiles!”
 Sossega e ledo enrubesce e a audaz vista
 disfarça e mais brando as vestes repele.
 Vendo-o a mãe, dúbio e a querer ser forçado,
 lança-lhe a túnica, e assim solta o rígido
 colo e o grave ombro abaixa e afrouxa os fortes
 braços e doma os cabelos revoltos
 e a ele passa os colares diletos;
 contendo os passos dele à barra ornada,
 instrui-lhe o andar e o pudor ao falar.
 Como as ceras pelo hábil dedo ganham
 vida e formas, seguindo a mão e o fogo,
 tal era a deusa mudando seu filho.
 Pouco lutou, pois ele guarda, avessa
 à força viril, graça extrema; e o sexo
 ambíguo engana e o oculta em tênue traço.¹⁴⁶
 (Stat. *Achil.* 1.318-337)

Nesse trecho podemos observar o momento em que Estácio nos apresentou a mudança imposta por Tétis a seu filho. Destacamos a pouca resistência que o garoto expressou e a conformidade que demonstrou ao aceitar o destino materno. O viril Aquiles

“be considered as.” This might be thought a flourish of rhetoric or a careless slip of little consequence, except that the distinction between seeming a woman and becoming a woman was precisely what Thetis failed to grasp when she put Caeneus alongside Hercules. Thetis’ final blunder confuses being and seeming in a way that adumbrates suggestively the controversy between essentialist and performative conceptions of gender that will be a point of contention during Achilles’ stay on Scyros.

¹⁴⁶ Tradução de Daniel da Silva Moreira (2014). *Occupat arrepto iam conscia tempore mater: “Hasne inter simulare choros et bracchia ludo/nectere, nate, graue est? Gelida quid tale sub Ossa/Peliacisque iugis? O si mihi iungere curas/atque alium portare sinu contingat Achillen!”/Mulcetur laetumque rubet uisusque proteruos/obliquat uestesque manu leuiore repellit./Aspicit ambiguu genetrrix cogique uolentem/iniecitque sinus; tum colla rigentia mollit/submittitque graues umeros et fortia laxat/bracchia et inpexos certo domat ordine crines/ac sua dilecta ceruice monilia transfert;/et picturato cohibens uestigia limbo/incessum motumque docet fandique pudorem./Qualiter artificii uicturae pollice cerae/accipiunt formas ignemque manumque sequuntur,/talis erat diuae natum mutantis imago./Nec luctata diu; superest nam plurimus illi/ inuita uirtute decor, fallitque tuentes/ambiguus tenuique latens discrimine sexus.*

deixou a sua força homérica característica adormecida para que com graça pudesse obedecer a mãe na artimanha. Na visão de Benker (1987, p. 90-91), porém, o momento do disfarce de Aquiles seria uma forma velada que foi encontrada por Estácio para vituperar Domiciano, dado o episódio do cerco viteliano de 69 documentado por Suetônio (*Dom.* 1.2-3) e por Tácito (*Hist.* 3.74; 86). Não concordamos com esse paralelismo por conta de alguns dados fornecidos pelo próprio poeta e por outras documentações. Em primeiro lugar, Estácio (*Achil.* 1.5-7) no próêmio da *Aquileida* deixou claro que a finalidade da sua obra era a de completar o canto homérico, ou seja, a *Ilíada* com toda a história do guerreiro Aquiles. Em segundo lugar, o disfarce de Aquiles e a sua infância não eram novidades advindas da *Aquileida*, mas amplamente conhecidos no Mundo Antigo nas letras (Hom. *Il.* 2.268-694; 11.771-790; 9. 668; 16.37; Apol. Rh. Arg. 4.869; 816; Aristoph. *Nu.* 1068; Ov. *Met.* 13.162) e na iconografia como os afrescos das casas dos *Dioscuri*, na de Apolo e na dos *Ubonis*, em Pompeia que retratavam cenas do herói sendo descoberto por Ulisses e Diomedes como relatado na própria *Aquileida* (BEARD, 2016, p. 173; Stat. *Achil.* 1.867-888). Em terceiro lugar como podemos observar nos últimos três versos acima, Estácio deixou evidente que a masculinidade de Aquiles não havia sido solapada pela mentira materna, mas adormecida em nome de sua obediência, o que em nosso entendimento demonstrou a *pietas* do herói, uma vez que Tétis era a sua mãe e também uma deusa. Apontamos, portanto, a fragilidade do argumento de Benker (1987) e defendemos que Estácio não buscou vituperar Domiciano na *Aquileida*, mas construir um herói dotado das qualidades esperadas por uma audiência romana. O disfarce, portanto, iniciou-se nos versos supracitados e culminou na apresentação do guerreiro como a irmã de Aquiles nos versos seguintes:

Eles seguem em frente, e Tétis, eloquente,
de novo adverte, de novo aborrece: “Portanto, assim, meu filho,
tenhas o passo, assim o rosto e as mãos, e imita as companheiras
com modos fingidos, para que não te suspeites o rei e te proibas
de entrar na corte feminina, e findem os nossos enganos”.
Diz, e não para de ajeitá-lo com toques frequentes.
Assim também quando Hécate, cansada, retorna
para o seu pai e irmão da virginal Terápinis, sua mãe a acompanha
e cobre seus ombros e braços desnudos;
ela mesma arruma o arco e a aljava, e puxa para baixo
a veste dobrada e se orgulha em lhe ajeitar os cabelos dispersos.
De imediato ela se aproxima do rei e lá, em presença dos altares,
diz: “Trago a ti, rei, a irmã de meu Aquiles –
não vês como é robusto o semblante, semelhante ao do irmão?
Vigorosa, buscava armas para carregar no ombro, e um arco

e, ao modo das Amazonas, afastar o casamento.
 Mas já me preocupo o bastante com o rapaz;
 que ela carregue o cesto cerimonial e as oferendas, e que tu, soberano,
 controle sua teimosia e a mantenha em seu sexo, até a idade núbil
 e o fim do pudor; nem permita que ela se exercite
 em lutas violentas nem que erre nas caçadas selvagens.
 Mantém-na em casa em reclusão entre semelhantes moças;
 lembra-te em especial de evitar o litoral e o porto.
 Há pouco viste as velas dos frígios: navios que cruzam o mar
 já aprenderam a destruir lealdades mútuas”.
 Consente o rei com as palavras, e recebe o Eácida
 velado pelo engenho da mãe – quem poderá se opor às mentiras
 dos deuses? Mais que isso, ele a venera com mão súplice
 e agradece por ter sido o eleito; nem a turba de pias jovens
 de Esquiros demoram em observar com muitos olhares
 a face da nova virgem, o quanto ela as ultrapassa em altura,
 o quanto é larga nos ombros e peito.¹⁴⁷
 (Stat. *Achil.* 1.338-369)

Nesse excerto podemos observar que o poeta descreveu como Tétis estabeleceu uma série de exigências para afastar o filho já disfarçado dos afazeres bélicos. A ideia de que, ao se disfarçar, Aquiles perderia a sua masculinidade esbarrava no diálogo de Tétis com Licomedes, em que a deusa relatou que a então jovem seria robusta tal como o semblante do irmão (Stat. *Achil.* 1.351-353). Tétis não buscava transformar o filho em uma mulher, mas que aos olhos das outras pessoas Aquiles parecesse ser uma (HESLIN, 2005, p. 137). Mães que escondiam os filhos para evitar algum destino fatal não nos parecem uma invenção de Estácio, pois há outras situações semelhantes na mitologia, como, por exemplo, Astíanax escondido por Andrômaca (Sen. *Troad.* 437-489). Aquiles permaneceu ocultado em véus durante um tempo na ilha de Licomedes, mas não tardou para que o ser e o parecer se tornassem um fardo, o que novamente deixou em evidência

¹⁴⁷ Tradução de Leni Ribeiro Leite (2016). *Procedunt, iterumque monens iterumque fatigans/blanda Thetis: 'Sic ergo gradum, sic ora manusque,/nate, feres comitesque modis imitabere fictis,/ne te suspectum molli non misceat aulae/rector et incepti pereant mendacia furti./' dicit et admoto non cessat comere tactu./sic ubi virgineis Hecate lassata Therapnis/ad patrem fratremque redit, comes haeret eunti/mater et ipsa umeros exsertaque brachia velat;/ipsa arcum pharetrasque locat vestemque latentem/deducit sparsosque tumet componere crines./Protinus adgreditur regem atque ibi testibus aris/'Hanc tibi' ait 'nostri germanam, rector, Achillis —/nonne vides ut torva genas aequandaque fratri?—/tradimus. arma umeris arcumque animosa petebat/ferre et Amazonio conubia pellere ritu./sed mihi curarum satis est pro stirpe virili;/haec calathos et sacra ferat, tu frange regendo/indocilem sexuque tene, dum nubilis aetas/solvendusque pudor; neve exercere protervas/gymnadas aut lustris nemorum concede vagari./intus ale et similes inter seclude puellas;/litore praecipue portuque arcere memento./vidisti modo vela Phrygum: iam mutua iura/fallere transmissae pelago didicere carinae./Accedit dictis pater ingenioque parentis/occultum Aeaciden—quis divum fraudibus obstat? —/accipit; ultro etiam veneratur supplice dextra/et grates electus agit: nec turba piarum/Scyriadum cessat nimio defigere visu/virginis ora novae, quantum cervice comisque/emineat quantumque umeros ac pectora fundat.*

que o guerreiro manteve a sua essência e que o herói encontrava-se entre a *pietas* e a *impietas* com relação à sua mãe. Essa dúvida vem à tona no texto, na seguinte passagem:

Por quanto tempo enfim você suportará a vontade de uma mãe medrosa? E perderá a primeira juventude em doce cativeiro? Não é permitido empunhar as armas de Marte, nem perseguir as feras medrosas? Onde estão as planícies e os rios da Hemônia? Buscas, Espérquio,¹⁴⁸ me ver nadar e meus cabelos prometidos? Ou não há mais cuidado para um aluno desertor, e se diz que, distante, fui levado para as sombras do Estige, e Quiron, órfão de filho, chora a minha morte? Tu, Pátroclo, agora lanças meus dardos com a mão, tu dobras meu arco e montas a carruagem que foi criada para mim; quanto a mim, só sei esticar meus braços com tirsos decorados com videiras e giro a roca – tenho vergonha e me custa confessá-lo –. Ainda mais, estás tomado pelo fogo da jovem amada, em chamas iguais, e escondes noite e dia. Por quanto tempo esconderás a ferida que arde em seu coração? Não provarás ser homem – que vergonha! – nem no amor?¹⁴⁹ (Stat. *Achil.* 1.624-639)

Nesse excerto encontramos um solilóquio no qual Aquiles se encontrava em profunda crise interna entre o continuar atuando como moça e o assumir seu verdadeiro eu. Aquiles reclamou do papel que sua mãe o impôs porque ansiava por retornar para os braços de seu preceptor, o centauro Quiron. O herói se comparou com Pátroclo ao notar a disparidade das ações praticadas pelos dois (Stat. *Achil.* 1.632-636). O conflito interno descrito no solilóquio nos revela a construção de um herói que encontrava-se entre o obedecer e o desobedecer, que transitava entre, no caso de Aquiles, a *pietas* e a *impietas* filial. Esse embate interior fez com que Aquiles violentasse uma das filhas de Licomedes, Deidamia e que depois revelasse à princesa a farsa criada por sua mãe:

Eu sou aquele – o que temes? – que minha nereida mãe por pouco não pariu de Júpiter e que ela enviou para ser criado nos bosques e neves da Tessália. Eu não teria vestido esses trajes, coberturas indignas, se a ti não houvesse visto no

¹⁴⁸ De acordo com os relatos homéricos, nas margens do rio Espérquio Aquiles teria cortado uma mecha de seus cabelos e a colocado nas mãos do cadáver de Pátroclo para que o espírito de seu amado a levasse até Plutão (*Il.* 23.140-141). O rio se localizaria na Tessália e levaria o nome do deus Esperqueu, pai de Menéstio que seria um dos comandantes do exército chefiado por Aquiles e que teria desposado a meia-irmã do Pelida, Polidora (*Il.* 16.137).

¹⁴⁹ Tradução nossa. “*Quonam timidae commenta parentis/usque feres? primumque imbelli carcere perdes/florem animi? non tela licet Mavortia dextra,/non trepidas agitare feras? ubi campus et amnes/Haemonii? Quaerisne meos, Sperchie, natatus/promissasque comas? an desertoris alumni/nullus honos, Stygiasque procul iam raptus ad umbras/dicor, et orbatus plangit mea funera Chiron?/tu nunc tela manu, nostros tu dirigis arcus/ nutritosque mihi scandis, Patrocle, iugales:/ast ego pampineis diffundere brachia thyrsis/et tenuare colus—pudet haec taedetque fateri —/iam scio. quin etiam dilectae virginis ignem/aequaevamque facem captus noctesque diesque/dissimulas. quonam usque premes urentia pectus/vulnera? teque marem—pudet heu!—nec amore probabis?*”

litoral; eu me contive por ti; lidei com lâ, por ti, eu toquei esses tambores efeminados. Por que choras, tornada nora do vasto mar? Por que te queixas quando gerarás poderosos netos para os céus? Antes jazerá Ciro atravessada pelo fogo e pelo ferro e essas muralhas serão invertidas em fortes tempestades, do que tu pagues nossa união por uma morte cruel; não mais obedecerei a minha mãe em tudo.¹⁵⁰ (Stat. *Achil.* 1.650-660)

Nesse trecho podemos notar o triunfo da *impietas* filial, quando Aquiles revelou a Deidamia o embuste de sua mãe e terminou o diálogo bradando que não se submeteria mais às vontades da nereida. O fato que nos parece interessante é o de que a *impietas* filial aconteceu no momento em que Aquiles cometeu o *struprum* contra Deidamia, mas diferentemente do que Sexto Tarquínio fez com Lucrécia segundo os relatos de Tito Lívio (1.57) e Dioniso de Halicarnasso (5.1), ele acalmou a vítima e afirmou que ela geraria um neto dos deuses. A questão da motivação do ato violento contra Deidamia nos parece ser uma resposta do personagem à mentira que o levou a reprimir a sua essência naquele momento. De acordo com Moura (2009, p. 67) o símile do leão amansado pelo domador utilizado por Estácio nas *Silvas* (*Silv.* 2.5) e na *Aquileida* (*Achil.* 1.858-863) foi empregado na história de Aquiles como forma do poeta versificar a negação temporária do caráter bélico do herói. O domador seria a sua mãe Tétis e Aquiles ao avistar e se apaixonar por Deidamia como vimos no excerto anterior e, logo depois, quando o herói avistou as armas trazidas por Ulisses e Diomedes foram a deixa para que o instinto guerreiro retornasse ao Pelida.

Ele [Aquiles] já estava tirando seu manto do peito quando, como ordenado, o Argita deu um estrondo de trombeta: elas fogem, jogando presentes por todos os lados, e choram perto de seu pai e acreditam que a batalha tinha começado. As vestes dele, intactas, caíram do peito, e já o escudo e a lança mais curta são tomados pela sua mão – (estranha verdade) – e ele parece exceder em altura o general de Ítaca e o da Etólia, tamanho brilho de Marte e as armas repentinas confundem com a terrível luz a casa. Enorme a cada passo, como se já buscando Heitor, ele está de pé no meio da casa tremente e a filha de Peleu não é mais encontrada.¹⁵¹ (Stat. *Achil.* 1.875-885)

¹⁵⁰ Tradução nossa. “*Ille ego—quid trepidas?—genitum quem caerula mater/paene Iovi silvis nivibusque inmisit alendum/ Thessalicis. nec ego hos cultus aut foeda subissem/tegmina, ni primo te visa in litore: cessi/te propter, tibi pensa manu, tibi mollia gesto/tympana. quid defles magno nurus addita ponto?/quid gemis ingentes caelo paritura nepotes?/”Sed pater—” ante igni ferroque excisa iacebit/Scyros et in tumidas ibunt haec versa procellas/moenia, quam saevo mea tu conubia pendas/funere: non adeo parebimus omnia matri.*”

¹⁵¹ Tradução nossa. *iam pectus amictu/laxabat, cum grande tuba sic iussus Agyrtes/insonuit; fugiunt disiectis undique donis/ inplorantque patrem commotaque proelia credunt./illius intactae cecidere a pectore vestes,/iam clipeus breviorque manu consumitur hasta —/mira fides—Ithacumque umeris excedere*

Como podemos observar nesse excerto, Ulisses e Diomedes chegaram na ilha de Ciro com presentes femininos para as filhas do rei Licomedes, mas colocaram entre eles armamentos bélicos. O avistar esses objetos despertou Aquiles e revelou-se o herói homérico. No segundo livro da *Aquileida*, Aquiles apareceu se desculpando com a mãe e afirmando “eu te obedeci, minha mãe, embora suas ordens fossem intoleráveis para mim, eu te obedeci demais¹⁵²” (Stat. *Achil.* 2.17), o que nos indica uma escusa do personagem e mesmo uma justificativa que para o gênero épico nos parece plausível, a de que o herói deveria seguir o seu destino tal como expresso no poema homérico. Tal como Andrômaca, Tétis apenas retardou a morte do filho e o conseguiu por meio do uso de sua dupla natureza, mãe e deusa, a quem Aquiles deveria honrar com a *pietas*.

Ao longo desse capítulo procuramos demonstrar dois princípios os quais constituem a segunda parte de nossa hipótese de trabalho. Primeiramente, buscamos demonstrar que Estácio comparou e deu superioridade a Domiciano a partir da história de Aquiles dentro da *Aquileida* por meio dos adjetivos *magnanimus* e *magnus*. Eles aparecem em alguns momentos na *Tebaida* e nas *Silvas* como forma de qualificação de heróis míticos e como forma de expressão da magnanimidade de Domiciano. Além disso, buscamos refutar as hipóteses de Benker (1987) e de Konstan (2016) de que a história de Aquiles seria um *fac simile* da história de Domiciano, ao defendermos que a *Aquileida* tratou-se de um produto cultural de ficção, embora embebido de conceitos e de imagens marcadamente romanos.

Buscamos defender ainda que na *Aquileida* temos momentos em que a matéria bélica aparece interligada aos conceitos de *fortitudo* e de *gloria*. Além disso, a guerra figurou como um remédio amargo, mas necessário para o estabelecimento da tão almejada *pax* entre os romanos. Como vimos anteriormente, Domiciano empreendeu diversas guerras contra os germânicos ao longo de seu Principado. A própria dinastia flaviana nasceu de contendas bélicas motivadas pelo Ano dos Quatro Imperadores e o triunfo dos generais como candidatos ao Principado. O espírito agônico representado pela *Aquileida* na figura de Aquiles pode ser, portanto, expressão das virtudes atléticas e bélicas que

visus/Aetolumque ducem: tantum subita arma calorque/Martius horrenda confundit luce penates./inmanisque gradu, ceu protinus Hectora poscens,/stat medius trepidante domo, Peleaque virgo/quaeritur.

¹⁵² Tradução nossa. *Paruimus, genatrix, quamquam haut toleranda iuberis,/paruimus nimium.*

formaram a tônica dos governos dos imperadores flavianos no geral e no de Domiciano especificamente.

Outro conceito que abordamos ao longo desse capítulo foi o de *pietas* filial e para com os deuses. Acreditamos que para além do elogio à *persona* de Domiciano, Estácio construiu a sua épica sobre a história de Aquiles a partir dos valores romanos esperados pela sua audiência, apesar do mito ser de origem helênica. Aquiles somente aceitou o embuste criado pela mãe porque a sua cólera homérica deu lugar à *pietas* filial e divina, por conta da dupla natureza de Tétis como mãe e como deusa. Assim, acreditamos ser plausível a hipótese de compreender a *Aquileida* como um dos vetores propagandísticos dos valores almejados pelo Principado de Domiciano, assim como as moedas, e também como um veículo de representações e de ideias políticas que permitiram a legitimidade do imperador e a fabricação de uma imagem de líder e guerreiro que superou Aquiles em termos de *fortitudo*, *gloria* e *pietas*.

CONCLUSÃO

Ao longo dessa dissertação buscamos responder a uma questão norteadora de nossos trabalhos, que inquiria as formas encontradas por Domiciano para a fabricação de sua imagem pública. Essa questão nos motivou a buscar compreender os mecanismos de propagação de representações e ideias políticas da *persona* imperial nas práticas latinas, o que nos levou a adotar um *corpus* documental contemporâneo ao governo de Domiciano, ou seja, circunscrito entre os anos de 81 a 96 e que fosse uma amostra significativa da versão oficial da história do Principado do último imperador da dinastia flaviana.

As moedas nos apresentaram diversas facetas de Domiciano, porque estavam presentes durante os principais acontecimentos que elevaram a *domus* de Vespasiano à condição de casa imperial. Imagens que rememoravam os acontecimentos dos tempos de Otávio Augusto, por exemplo, formaram a tônica das moedas dos flavianos desde a ascensão de seu primeiro representante. As práticas monetárias e as práticas letradas foram vetores por excelência da propaganda imperial dos flavianos, utilizadas amplamente por todos os imperadores daquela dinastia ao longo de quase trinta anos.

Nas letras, a *Aquileida*, escrita pelo poeta napolitano Públio Papínio Estácio, configurava-se um documento pouco compulsado pela historiografia internacional e nacional acerca das representações do Império Romano de Domiciano. Como exposto, a *Aquileida*, porque mitológica, foi preterida amiúde pela crítica em benefício das documentações escritas em prosa – em sua maioria contrárias ao governo de Domiciano – o que transformou aquele *princeps* em um tirano também em parte da historiografia. Como vimos, ao compreendermos a história de Domiciano desde a ascensão da dinastia flaviana após o Ano dos Quatro Imperadores pudemos compreender que a sua imagem foi bastante utilizada por Vespasiano e por Tito, seus antecessores na púrpura imperial romana. Conforme debatemos no Primeiro Capítulo, a imagem de Domiciano como possível herdeiro do Império Romano foi forjada ainda durante os governos de Vespasiano e de Tito, como atesta a documentação monetária.

Centramos a nossa análise, todavia, no governo de Domiciano por entendermos a carência na historiografia brasileira acerca da história daquele imperador tomado, amiúde,

como um tirano. As perguntas derivadas da questão norteadora de nossa pesquisa foram fundamentais para que pudéssemos compreender tanto nas moedas quanto na *Aquileida* as possíveis formas encontradas por Domiciano e seus cortesãos para a fabricação da imagem pública do governante máximo do império naquele momento. De que maneira as representações e as ideias políticas do poder imperial foram propagadas durante o governo de Domiciano? Como a *persona* imperial foi representada? Como os aparatos políticos, literários, retóricos e imagéticos permitiram a produção e a propagação das mensagens imperiais? Foram essas as principais perguntas que fizemos ao nosso conjunto de documentações e que buscamos responder ao longo dos três capítulos que compõem essa dissertação.

No Segundo Capítulo dessa pesquisa, buscamos defender a primeira parte de nossa hipótese. Domiciano foi representado nas cunhagens produzidas sob seu Principado como um governante dotado de *pietas* familiar e divina, de *liberalitas* e a sua vitória em campo militar foi associada ao precedente augustano e à magnanimidade do próprio Império Romano. Essas representações monetárias buscaram apresentá-lo como um imperador que reverenciava seus antepassados históricos, tais como Otávio Augusto, Vespasiano, Tito e seu filho falecido, sendo os dois últimos deificados durante o Principado de Domiciano. Ele figurava, portanto, como filho, irmão e pai de deuses, herdeiro de uma história cuja matéria militar e hereditariedade formaram a tônica da dinastia flaviana.

Ainda, as moedas de cunho militar representaram uma continuidade corporificada pelo governo de Domiciano como herdeiro de Vespasiano e Tito em matéria bélica. Como vimos, Domiciano empreendeu expedições militares contra os povos germânicos desde a sua ascensão à púrpura imperial em 81. Aos demais títulos, Domiciano agregou o de *Germanicus* para enfatizar nas moedas que ele havia triunfado sobre os inimigos. Nos anos 90, uma colossal estátua equestre foi construída no Fórum sob a chancela senatorial para exaltar e comemorar as vitórias militares de Domiciano. Essas glórias militares foram as matérias necessárias para que nas moedas Domiciano figurasse como o símbolo da magnanimidade do império.

A cunhagem comemorativa dos *Ludi Saeculares*, Jogos Seculares celebrados sob Domiciano em 88, representaram outro momento no qual o imperador teve a sua imagem associada à *pietas* divina e à *liberalitas* para como a população romana, bem como

reafirmar os laços de seu governo com o de Augusto. Domiciano aparecia nos reversos monetários durante o recolhimento dos *fruges*, os donativos de produtos agrícolas oferecidos pela população durante o início dos jogos, nos rituais de sacrifícios e na distribuição dos *suffimenta*, materiais oferecidos às pessoas para que pudessem efetuar a purificação. Conforme exposto no Segundo Capítulo, a associação do governante ao campo do sagrado colaborava com a teatralidade do poder, uma vez que a sua ascensão e manutenção de seu *status* como *princeps* tinha o respaldo divino.

As representações constituem formas de construção de mundos conforme as aspirações de grupos por vezes antagônicos. Por meio das práticas e das apropriações, indivíduos e segmentos sociais elaboram o seu mundo particular no qual as representações simbólicas do poder constituem as formas de dominação mais sofisticadas (CHARTIER, 2002; BOURDIEU, 2005). Por meio de uma moeda é possível transmitir símbolos, insígnias, histórias e versões de acontecimentos históricos marcantes como o nascimento de um herdeiro, o fim de uma guerra, o início de outra, a paz selada, as festividades políticas e religiosas e mesmo os triunfos dos vencedores em contraste com a desonra dos perdedores – na visão dos primeiros.

Pensamos, dessa forma, que por meio do expediente retórico, as moedas de Domiciano puderam fabricar para o imperador imagens simbólicas que celebravam a sua *persona* de acordo com o que movia os múltiplos receptores das moedas. Cenas cunhadas em moedas exaltavam a *liberalitas* imperial a partir da exposição do imperador oferecendo distribuições e recebendo oferendas da população, bem como o apresentava em cenas de batalhas contra inimigos prostrados de modo a amplificar a sua bravura no fronte, ao passo que as cunhagens em que seus familiares figuravam demonstravam as ideias de *pietas* familiar, *pietas* divina e também de *concordia*. A concórdia compreendida como a união entre indivíduos que comungam dos mesmos interesses, de uma mesma vontade, ideias ou sentimentos permeou as moedas cunhadas no Principado de Domiciano ao relacionar o imperador em harmonia com a sua família, com os deuses e com o exército, o que propagava a imagem de estabilidade entre os planos terreno e sagrado.

Dessa forma, no caso do Mundo Antigo, os triunfos, as construções arquitetônicas, os elogios à *persona* imperial, os usos das moedas e outras formas de monumentalização do poder eram maneiras utilizadas para a representação do poderio do *princeps* e para a

propagação da sua magnanimidade. Ao longo de nossa análise constatamos, portanto, que a construção da imagem imperial de Domiciano expressa por meio das moedas representou o imperador como possuidor da *pietas* divina e em extrema concórdia familiar (moedas do tipo família), detentor da *liberalitas* (moedas do tipo *Ludi Saeculares*), herói vencedor de guerras e comandante supremo dos exércitos romanos, continuador das glórias militares de Otávio Augusto, Vespasiano e Tito, conquistas bélicas pessoais as quais a vitória do homem se confundia com a magnanimidade de Roma e conseqüentemente do Império Romano como um todo (*GERMANIA CAPTA*).

No Terceiro Capítulo da presente pesquisa, buscamos defender a segunda parte de nossa hipótese. A *Aquileida* foi um vetor importante na construção da mística que envolvia o poder de Domiciano como imperador porque Estácio nutria relações de patronato e clientelismo com aquele *princeps* e, como em outros poemas, precisou efetuar elogios à sua *persona*. Como vimos, Estácio expressava em versos constantemente a magnanimidade de seu patrono máximo, Domiciano, ao compará-lo com *exempla* mitológicos e históricos. Na *Aquileida*, a imagem de Domiciano fabricada por Estácio foi a de um imperador que seria maior do que a história do guerreiro grego Aquiles em termos de *pietas* divina e familiar, assim como em virtudes bélicas, respectivamente, a *gloria* e a *fortitudo*. Domiciano foi descrito, portanto, como aquele que superava em virtudes o herói grego que foi o responsável pela debandada dos últimos troianos para o Lácio, local que mais tarde foi o palco da emergência da sociedade romana.

Autores como Scott (1975), Burke (2009), Gonçalves (2013) e Chabrečková (2017) apontaram a relação existente entre o culto imperial e as imagens de guerreiros e líderes característicos da Antiguidade como parâmetros comparativos para a fabricação da *persona* pública de soberanos. Alexandre, o Grande, Júlio César, Hércules e Aquiles figuravam como *exempla* disponíveis para que a mente dos poetas e dos monetaristas pudessem maquinar as melhores formas de expressar a grandeza do imperador vigente e para fabricar a aura imperial que fosse a mais apta. Portanto, podemos compreender como recorrentes as associações entre os imperadores romanos vivos e os *exempla* do passado como formas de justificação das ações dos primeiros como expressões por excelência da presença dos antepassados. Andar à sombra da ancestralidade, fosse ela divina, mitológica ou histórica, representava uma forma importante de demonstração de *pietas* e de reverência para com a história de Roma. A retórica contemporânea a Domiciano preconizava que a associação do elogiado aos heróis mitológicos ou históricos, por

exemplo, constituía uma forma de agregação dos valores e das virtudes representados pelos *exempla* no alvo do elogio (Quint. *Inst.* 3.7.11; Men. *Rhet.* 2.1-2.370; 2.368.7-21-369.6).

Não nos parece que os romanos tivessem dificuldades para associarem a imagem de seus soberanos aos *exempla* de condutas virtuosas. Como bem pontuou Gonçalves (2013, p. 184), assim como os imperadores, os heróis do passado praticavam atividades e realizações próximas daquilo que era esperado para o *princeps*. Do mesmo modo que os heróis, os imperadores precisavam atuar em muitas esferas da vida humana para que, dessa forma, pudessem praticar ações em benefício do público. Na retórica romana, por exemplo, uma das prerrogativas para o elogio aos homens era se o alvo da *laudatio* tivesse ou não praticado alguma ação que beneficiasse a população (Quint. *Inst.* 3.7.10-16; Men. *Rhet.* 2.1-2-2.372). Tanto para os exemplos mitológicos como Aquiles, quanto para os soberanos, eram realizadas cerimônias e festividades que visavam a perpetuação e a propagação das glórias representadas por eles. De forma parecida, esperava-se dos imperadores o alcance de glórias bélicas que serviam como forma de inscrição do nome do governante na história romana.

Como exposto no decorrer do Terceiro Capítulo, Estácio representou Domiciano, portanto, como um exemplo histórico maior que o exemplo mitológico proveniente de Aquiles. A história que norteou a épica estaciana, todavia, não ficou restrita ao elogio imperial, mas à propagação dos ideais de *pietas*, *gloria* e *fortitudo* os quais, em nosso entendimento, representaram as características visadas pela aristocracia, pelos soldados e pela população do vasto Império Romano. Apesar de se tratar de uma épica com assunto helênico, buscamos defender que a *Aquileida* foi embebida pelo seu contexto de produção, qual seja, o período flaviano. Defendemos, portanto, que a *Aquileida* foi um produto cultural de sua época e que o seu conteúdo correspondia aos anseios e às aspirações de uma audiência romana imperial.

Buscamos compreender a dimensão simbólica do governo de Domiciano de modo a demonstrar que o simbólico colaborou na cooptação das diferentes forças provenientes dos mais variados grupos sociais existentes na época – com graus distintos de coesão –, como o exército, a aristocracia senatorial e a população do vasto Império Romano. Domiciano pôde ter um governo estável por quinze anos, portanto, porque soube manejar o sistema imagético e mesmo produzir e propagar imagens de si e do seu governo por

meio das moedas e das letras, mesclando e divulgando que a sua glória como *princeps* representava a estabilidade de Roma. Por meio dessas representações propagandísticas, Domiciano buscou mostrar-se como um imperador dotado das virtudes esperadas do governante por seus súditos, tais como a *pietas*, a *gloria*, a *liberalitas*, a *concordia* e a *fortitudo*, expressões da magnanimidade que deveria ser a tônica daquele que vestisse a púrpura imperial. Em nosso entendimento, portanto, defendemos ser plausível supor que a propaganda foi uma variável importante na manutenção do poder de Domiciano. O seu oposto, a contrapropaganda – ou o vitupério? – pode ter sido inclusive um dos expedientes utilizados pelos detratores de Domiciano para vituperá-lo após o seu assassinato e pode ter servido como uma forma de transpor ao último flaviano o mal-estar entre a *domus* imperial e o senado.

Sobre esse momento, o pós-assassinato de Domiciano, entretanto, possuímos poucos estudos de fôlego. Ainda nos parece lacunar na historiografia o emblemático ano de 96 o qual ficou marcado pelo assassinato de Domiciano em seus próprios aposentos e a ascensão do *princeps senatus* Nerva no dia seguinte. Algumas perguntas sobre esse momento são dignas de nota. De que forma os atores políticos outrora engajados nas causas flavianas moveram-se no sentido da nova conjuntura Nerva-Antonina? Como os grupos senatoriais pró-Domiciano reagiram à morte do imperador? Qual foi a posição do exército romano, que sob a tão propalada versão senatorial de que Domiciano exerceu a tirania, foi justamente o governo que concedeu sucessivos aumentos dos vencimentos anuais para aquele grupo? Quais as reações dos populares ao assassinato de um imperador que, sob a sua égide, gozaram de pelo menos três *congiiaria*? Documentos produzidos durante e após o governo de Domiciano, materiais e escritos, poderiam auxiliar pesquisas futuras a responder a essas perguntas e mesmo a fomentar novos questionamentos.

Desse modo, podemos concluir que nas moedas de tipo militar, Domiciano figurou como um herói que demonstrava a sua magnanimidade como sinônimo da glória do seu exército e do próprio império. Nas moedas em que as imagens de familiares eram expostas, pudemos constatar a preocupação de Domiciano em demonstrar a continuidade dinástica dos flavianos, a concórdia entre os planos sagrado e profano e da *pietas* para com os seus antecessores divinizados. Nas moedas que celebraram os *Ludi Saeculares*, por sua vez, a imagem pública de Domiciano foi fabricada de modo a exaltar a *pietas* divina, a vinculação de seu governo ao Principado de Otávio Augusto e a *liberalitas* imperial para com a população romana, assim como expressar o desejo da continuidade

do Império Romano sob a égide divina. Na *Aquileida* de Estácio a representação de Domiciano alçou outro patamar, uma vez que tratava-se de um texto épico mitológico. No poema, Domiciano foi associado às virtudes da *pietas*, *gloria* e da *fortitudo*, depois de ter sido mencionado como um *exemplum* maior do que o representado por Aquiles. Além disso, Estácio pôde demonstrar na sua épica essas virtudes como sendo expressões por excelência do contexto flaviano, dinastia que emergiu e se manteve por vias bélicas. Domiciano foi maior do que Aquiles em termos de virtudes para com os deuses (*pietas*), de coragem (*fortitudo*) e de glória (*gloria*) e essas representações foram uma das formas encontradas pelo seu governo para viabilizar a manutenção do *status quo* de seu Principado.

REFERÊNCIAS

DOCUMENTAÇÃO ESCRITA

ESTACIO. **Silvas**. Traducción de Francisco Torrent Rodríguez. Madrid: Gredos, 2008.

ESTÁCIO. Tebaida. In: CARDOSO, Leandro Dorval. **A Tebaida, de Públio Papínio Estácio**: introdução, tradução e comentários (cantos I-V). 2018. 3 tomos. Tese (Douorado em Estudos Clássicos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Clássicos, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2018.

STACE. **Achilléide**. Texte établi et traduit par Jean Méheust. Paris: Société d'Édition Les Belle Lettres, 1971.

STATIUS. **Silvae**. Translated by D.R. Shackleton Bailey. Cambridge, London: Harvard University, 2003.

STATIUS. **Thebaid**. Translated by J. H. Mozley. London: Loeb Classical Library, 1928.

DOCUMENTAÇÃO MONETÁRIA

CRAWFORD, Michael. **Roman Republican Coinage**. vol. 1. Cambridge: Cambridge University, 1974.

MATTINGLY, Harold; SYDENHAM, Edward Allen. **The Roman Imperial coinage: Vespasian to Hadrian**. Volume II. London: Spink and Sons, 1926.

ONLINE COINS OF THE ROMAN EMPIRE. Disponível em <http://numismatics.org/ocre/>. Acesso em 29 de Dez. 2021.

DOCUMENTAÇÃO IMAGÉTICA

MOSAICO DO COMBATE ENTRE DARES E ENTELO, ca. 175-200 EC. Tesselas de pedra e de vidro. Villelaure, França. Dimensões: 208 × 208 × 8 cm. The J. Paul Getty Museum, Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos. Disponível em: <https://www.getty.edu/art/collection/objects/6573/unknown-maker-mosaic-floor-with-combat-between-dares-and-entellus-gallo-roman-ad-175-200/>. Acesso em 05 Out. 2021.

OBRAS DA ANTIGUIDADE

AMIANO MARCELINO. **Historia**. Edición de Luisa Harto Trujillo. Madrid: Gredos, 2002.

ANÔNIMO. **O hino homérico a Apolo**. Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. Campinas: Unicamp, 2004.

ANÔNIMO. **Retórica a Herênio**. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

APOLLONIUS OF RHODES. **Argonautica**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ARISTÓFANES. **Lisístrata e As nuvens**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Mário da Gama Cury. Brasília: UnB, 1992.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2 ed. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.

AURELIUS VICTOR. **De Caesaribus**. Translated by W. Bird. Liverpool: Liverpool University Press, 1994.

CAIUS JULIUS CAESAR. **Caesar's Gallic War**. Translated by W. A. Mc Devitte. New York: Harper & Brothers, 1869.

CASSIUS DIO. **Roman History**. Cambridge: Harvard University Press, 1914.

CATULO. **O livro de Catulo**. Tradução de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

CÍCERO. Da Invenção. In: ILUNGA, Kabengele. **O Da Invenção, de Marco Túlio Cícero**: tradução e estudo. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2009.

CÍCERO. Da República. In: BERNARDO, Isadora Prévide. **O De Republica, de Cícero**: natureza, política e história. Dissertação (Mestrado em Filosofia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.

CICERO. **De Legibus**. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

CICERO. **De Natura Deorum**. Leipzig: Teubner, 1917.

CICERO. **De Officiis**. Translated by Walter Miller. Cambridge: Harvard University Press, 1913.

CICERO. **M. Tulli Ciceronis Orationes**. Established by Albert Curtis Clark. Oxford: Typographeo Clarendoniano, 1918.

CICERO. **Philippics**. Translated by C. D. Yonge. London: George Bell & Sons, 1903.

CICERO. **The Letters of Cicero**. Translated by Evelyn Shuckburgh. London: George Bell and Sons, 1909.

CICERO. **Tusculanae Disputationes**. Leipzig: Teubner, 1918.

DIONISO DE HALICARNASO. **Historia Antigua de Roma**. Madrid: Gredos, 1984.

EUTROPIUS. **The Breviarium ab Urbe condita**. Translated by Harold Bird. Liverpool: Liverpool University Press, 2011.

- FLAVIO JOSEFO. **Antigüedades Judías**. Edición de José Vera Donado. Madrid: Akal, 1997.
- FLAVIO JOSEFO. **La guerra de los júdios**. Ciudad de Mexico: Porrúa, 2003.
- FRONTINUS. **Stratagems and Aqueducts of Rome**. Translated by Charles Bennett. London: Loeb Classical Library, 1925.
- HESÍODO. **Teogonia**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Ebooks Brasil, 2009.
- HORACE. **Horace, Satires, Epistles and Ars Poetica**. Translated by Rushton Fairclough. London: Harvard University Press, 1929.
- HORACE. **Odes and Epodes**. Edited with commentary by Paul Shorey. New York. Benj. H. Sanborn and Co, 1910.
- HORÁCIO. **Obras completas**: Odes, Epodos, Carme Secular, Sátiras e Epístolas. Tradução de Elpino Duriense, José Agostinho de Macedo, Antônio Luís Seabra e Francisco Antônio Picot. São Paulo: Cultura, 1941.
- JUVENAL. **Sátiras**. Tradução de Francisco Antônio Martins Bastos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.
- LIVY. **Ab Urbe Condita**. Cambridge: Harvard University Press, 1940.
- LUCANO. **Farsalia**. Introducción, traducción y notas de Antonio Holgado Redondo. Madrid: Gredos, 1984.
- MACROBIO. **Saturnales**. Traducción de Fernando Navarro Antolín. Madrid: Gredos, 2010.
- MARCIAL. Epigramas. In: CAIROLLI, Fábio Paifer. **Marcial Brasileiro**. (Tese) Doutorado em Letras Clássicas. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.
- MENANDRO EL RÉTOR. **Dos tratados de retorica epiditica**. Traducción y notas de Manuel García y Joaquín Gutiérrez Calderón. Madrid: Gredos, 1996.
- OROSIO. **Historias**. Madrid: Gredos, 1982.
- OVIDIO. **Fastos**. Traducción por Bartolomé Segura Ramos. Madrid: Gredos, 1988.
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo, Editora 34, 2017.
- PHILOSTRATUS. **Life of Apollonius of Tyana**. (Books I-IV). Edited by F. C. Conybeare. London: Loeb Classical Library, 1989.
- PLINIO EL JOVEN. **Cartas**. Traducción de Julián González Fernández. Madrid: Gredos, 2005.

PLÍNIO. Panegírico a Trajano. In: GIRON, Lucas Lopes. **Panegírico a Trajano**: tradução e estudo introdutório. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

PLINY THE ELDER. **The Natural History**. Translated by John Bostock. London: Taylor and Francis, 1855.

PLUTARCH. **Lives**. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1926.

QUINTILIANO. **Instituição Oratória**. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Unicamp, 2015.

SALÚSTIO. **Guerra Catilinária e Guerra Jugurtina**. Tradução de Barreto Feio. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.

SÊNECA. **As Troianas**. Tradução de Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Hucitec, 1997.

SENECA. **De Clementiae**. Edited by John Basore. London: Heinemann, 1928.

SUETÔNIO. **A vida dos doze Césares**: a vida pública e privada dos maiores Imperadores de Roma. 5 ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

TACITO. **Agrícola, Germania y Diálogo sobre los oradores**. Traducción de José María Requejo Prieto. Madrid: Gredos, 1981

TÁCITO. **Historiarum Libri**. In: SILVA, Frederico de Sousa. **Historiarum Libri**: estudo e tradução. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

TACITUS. **The Annals**. Translated by Alfred John Church, William Jackson Brodribb, Sara Bryant. New York: Random House, 1942.

TERTULLIAN. **Tertulliani Opera**. Pars I. Cambridge: Harvard College Library, 1890.

VALERIUS FLACCUS. **Argonauticon**. Established by Otto Kramer. Leipzig: Teubner, 1913.

VALERIUS MAXIMUS. **Factorvm et Dictorvm Memorabilivm**. Leipsig: Teubner. 1888.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Ebooks Brasil, 2005.

ZÓSIMO. **Nueva Historia**. Introducción, traducción y notas de José Candau Morón. Madrid: Gredos, 1992.

OBRAS GERAIS

ALFARO, Juan Pablo. Memoria y proyecto político en el Panegírico de Plinio. **Romanitas**, Vitória, n. 8, p. 86-105, 2016.

ALMEIDA, João Paulo Pereira de. **As cunhagens de Galba (68-69 d.C.):** propaganda do poder nas moedas romanas. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em História Ibérica) – Programa de Pós-Graduação em História Ibérica, Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, 2017.

ALMEIDA, Priscilla Adriane Ferreira. **Íliada Latina:** tradução e estudo literário da adaptação da *Íliada* de Homero na Antiguidade latina. 2012. 202f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

ALSTON, Richard. **Aspects of Roman history AD 14-117.** London: Routledge, 2005.

ARENA, Valentina. Roman oratorical invective. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (eds). **A companion to Roman rhetoric.** Oxford: Blackwell, 2007.

AUGOUSTAKIS, Antony. Literary culture. In: ZISSOS, Andrew (ed). **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome.** Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

AUGOUSTAKIS, Antony. **Motherhood and the Other:** Fashioning Female Power in Flavian Epic. Oxford: Oxford University Press, 2010.

AUGOUSTAKIS, Antony. Silius Italicus, a Flavian poet. In: AUGOUSTAKIS, Antony (ed). **Brill's Companion to Silius Italicus.** Brill: London, 2010.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena.** Brasília: UnB, 1982.

BALMACEDA, Catalina. Virtus romana en la frontera norte del imperio: germanos y britanos según Tácito. In: SILVA, Gilvan Ventura da; SILVA, Érica Christhyane Moraes da (orgs). **Fronteiras e identidades no Império Romano:** aspectos sociopolíticos e religiosos. Vitória: GM Editora, 2015.

BAPTISTA, Natan Henrique Taveira. Corpo heroico, ideal flaviano: uma leitura da Argonáutica de Valério Flaco. **ArtCultura,** Uberlândia, n. 38, v. 21, p. 73-89, 2019.

BAPTISTA, Natan Henrique Taveira. **Erigindo Germânico:** Domiciano e seu programa construtor em Roma a partir da retórica laudatória de Estácio (81-96). 2021. 854f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2021.

BAPTISTA, Natan Henrique Taveira; LEITE, Leni Ribeiro. Recusatio e encômio a Domiciano nos proêmios épicos de Estácio. **Ágora.** Aveiro, n. 21, p. 117-135, 2019.

BAPTISTA, Natan Henrique Taveira; LEITE, Leni Ribeiro. Revisiting Domitian: Epideictic Portraits of a Controversial Emperor. In: DEVILLERS, Olivier; SEBASTIANI, Breno Battistin (éd.) **Sources et modèles des historiens anciens.** Bordeaux: Ausonius, 2021.

BARCHIESI, Alessandro. La guerra di Troia non avrà luogo: il proemio dell' *Achilleide* di Stazio. In: MUNZI, Luigi (org). **Forme della parodia, parodia delle forme nel mondo greco e latino.** Napoli: Cangianno Grafica Napoli, 1996.

BARCHIESI, Alessandro. Rege sub uno: on the politics of Statius' *Achilleid*. In: MARSHALL, C. W. (ed). **Studies in Latin poetry and its reception:** Essays for Susanna Braund. London: Routledge, 2021.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEARD, Mary. **Pompeia**: a vida de uma cidade romana. Tradução: Cristina Cavalcante. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- BEARD, Mary. **The Roman Triumph**. The Belknap Press of Harvard University Press. Cambridge, 2007.
- BEARD, Mary. The triumph of Flavius Josephus. In: BOYLE, Anthony James; DOMINIK, William (eds). **Flavian Rome**: Culture, Image, Text. Boston: Brill, 2002.
- BELCHIOR, Ygor Klain. “Aquele único e longo ano de Galba, Otho e Vitélio” (Tac. Dial. 17): as guerras civis de 69. **Romanitas**, Vitória, n. 1, p. 170-187, 2013.
- BENKER, Margit. **Achill und Domitian**: Herrscherkritik in der “Achilleis” des Statius. 1987. 178f. Dissertation (Dokortitel in Sprach und Literaturwissenschaften) Friedrich Alexander Universität. Nurnberg, 1987.
- BERNSTEIN, Neil. Epic poetry: historicizing the Flavian epics. In: ZISSOS, Andrew (ed). **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.
- BINA, Tatiana. **Os panteões galo-romanos nos Pilares e “Colunas de Júpiter”**. 2 vols. 2015. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- BOISSIER, Gaston. **L’opposition sous les Césars**. Paris: Hachette, 1885.
- BOTHA, Peter. The historical Domitian: Illustrating some problems of historiography. **Neotestamentica**, Pretoria, n.1, v. 23, p. 45-59, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 2005.
- BOYLE, John Andrew; DOMINIK, William. Introduction: Reading Flavian Rome. In: BOYLE, Anthony James; DOMINIK, William (eds). **Flavian Rome**: Culture, Image, Text. Boston: Brill, 2002.
- BRAUND, Susan. Ending Epic: Statius, Theseus and a Merciful Release. **Proceedings of the Cambridge Philological Society**, Cambridge, v. 42, p. 1-23, 1997.
- BRUCE, Ian. Nerva and the fiscus iudaicus. **Palestine Exploration Quarterly**, Jerusalem, v. 96, 1964.
- BURGESS, J. F. Pietas in Vergil and Statius. **Proceedings of the Vergil Society**, London, n. 11, p. 46-61, 1972.
- BURKE, Peter. **A fabricação do rei**. A construção da imagem pública de Luís XIV. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. São Paulo: EDUSC, 2004.

CAIROLI, Fábio Paifer. A imagem de Domiciano em Marcial e em moedas de seu tempo. In: MARTINS, Paulo; CAIRUS, Henrique; OLIVA NETO, João Ângelo (orgs). **Algumas visões da Antiguidade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

CARDOSO, Leandro Dorval. **A Tebaida, de Públio Papínio Estácio**: introdução, tradução e comentários (cantos I-V). 2018. 3 tomos. Tese (Doutorado em Estudos Clássicos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Clássicos, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2018.

CARLAN, Claudio Umpierre. Arqueologia e numismática: a História Antiga e a cultura material. **Agenda Social**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 1, p. 22-36, 2010.

CARLAN, Cláudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. **Moedas, a numismática e o estudo da história**. São Paulo: Annablume, 2012.

CARVALHO, Luíza Helena Rodrigues de Abreu. **Elementos de permanência do gênero silva da Antiguidade romana à Modernidade espanhola**: Estácio e Quevedo (sécs. I-XVII). 2018. 161f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2018.

CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de. Trocando de sexo: uma reflexão sobre gênero nas Metamorfoses de Ovídio. In: LEITE, Leni Ribeiro; SILVA, Gilvan Ventura da; CARVALHO, Raimundo Nonato Barbosa de. **Gênero, religião e poder na Antiguidade**: contribuições interdisciplinares. Vitória: GM Editora, 2012.

CESILA, Robson Tadeu. Intertextualidade e Estudos Clássicos. In: SILVA, Gilvan Ventura; LEITE, Leni Ribeiro. **As múltiplas faces do discurso em Roma**. Textos, inscrições, imagens. Vitória: Edufes, 2013.

CHABREČKOVÁ, Barbora. **The Imperial Cult During the Reign of Domitian**. 2017. 95f. Master Thesis (Classical Archeology). Faculty of Arts, Department of Archeology and Museology, Masaryk University. Brno, 2017.

CHARLES, Michael. Calvus Nero: Domitian and the mechanics of Predecessor Denigration. **Acta Classica**, Johannesburg, v. 45, p. 19-49, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 11, p. 173-191, 1991.

CHAUDHURI, Primit. Flaminus' failure? Intertextual characterization in Silius Italicus and Statius. In: MANUWALD, Gesine; VOIGT, Astrid (eds). **Flavian epic interactions**. Boston: De Gruyter, 2013.

CHINN, Christopher. Intertext, metapoetry and visuality in the Achilleid. In: NEWLANDS, Carole; GERVAIS, Kyle; DOMINIK, William (eds). **Brill's Companion to Statius**. Boston: Brill, 2015.

CODY, Jane. Conquerors and Conquered on Flavian Coins. In: BOYLE, Anthony James; DOMINIK, William (eds). **Flavian Rome: Culture, Image, Text**. Boston: Brill, 2002.

COLEMAN, Kathleen Mary. The emperor Domitian and literature. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, Berlin, n. 5, v. 32, p. 3087-3115, 1986.

COLLINS, Andrew. The Palace Revolution: the assassination of Domitian and the accession of Nerva. **Phoenix**, Ottawa, n. 1, v. 63, p. 73-106, 2009.

CORBEILL, Anthony. Rhetorical education and social reproduction in the Republic and Early Empire. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (eds). **A companion to Roman rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007.

COTRIM, Irlan de Sousa. As múltiplas faces de Domiciano na historiografia de fins do século XIX ao alvorecer do século XXI. In: XXXVI SEMANA DE HISTÓRIA DA UFJF. ENTRE GOLPES E DEMOCRACIAS: NARRATIVAS HISTÓRICAS DE UM SONHO EM VERTIGEM. 2020. **Anais...** Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 369-384, 2020.

CRIADO, Cecília. The constitutional status of Euripidean and Statian Theseus: some aspects of the criticism of Absolute power in the Thebaid. In: DOMINIK, William; NEWLANDS, Carole; GERVAIS, Kyle (eds). **Brill's Companion to Statius**. Leiden: Brill, 2015.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura europeia e Idade Média latina**. 2ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DARWALL-SMITH, Robin Haydon. **Emperors and architecture: a study on Flavian Rome**. Bruxelles: Latomus, 1996.

DAVIES, M. Monody, choral lyric, and the tyranny of the hand-book. **The Classical Quarterly**, Cambridge, n. 1, v. 38, p. 52-64, 1988.

DAVIS, Peter. Statius' Achilleid: The paradoxical Epic. In: NEWLANDS, Carole; GERVAIS, Kyle; DOMINIK, William (eds). **Brill's Companion to Statius**. Boston: Brill, 2015.

DÉSZPA, Loránd. The Flavians and the Senate. In: ZISSOS, Andrew. (ed) **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

DEVREKER, John. La continuité dans le consilium principis sous les flaviens. **Ancient Society**, Leuven, v. 8, p. 223-243, 1977.

DIAS, Fabrizia Nicoli; LEITE, Leni Ribeiro. Categorias epidíticas nas epístolas 1 e 12 das Heroides, de Ovídio. **Roda da Fortuna**, João Pessoa, v. 7, p. 110-126, 2018.

DIAS, Mamede Queiroz. **Imperador ou tirano: Comunicação e formas sociopolíticas sob(re) o Principado de Domiciano (81-96)**. 2019. 274f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2019.

DOMINIK, William. Epigram and occasional poetry: social life and values in Martial's epigrams and Statius' Silvae. In: ZISSOS, Andrew (ed). **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

DOREY, T. A. Agricola And Domitian. **Greece & Rome**, Cambridge, n. 1, v. 7, p. 66-71, 1960.

DUNKLE, Roger. The Rhetorical tyrant in Roman historiography: Sallust, Livy and Tacitus. **The Classical World**, Baltimore, n. 1, v. 65, p. 12-20, 1971.

ELIADE, Micea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Tradução de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELLITHORPE, Corey. **Circulating Imperial Ideology**: Coins as Propaganda in the Roman World. 2017. 290f. Dissertation (PhD History). Department of History, University of North Carolina. Chapel Hill, 2017.

ENCYCLOPÉDIE LAROUSSE. Autocratie. Paris: Éditions Larousse, 1971. Disponível em: <https://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/autocratie/24279>. Acesso em 10 Nov. 2021.

FANTHAM, Elaine. **Roman literary culture from Cicero to Apuleius**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.

FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte. Sobrevivendo ao Principado: um estudo sobre a ‘Vida de Agrícola’, de Tácito. In: SILVA, Gilvan Ventura da; LEITE, Leni Ribeiro (orgs). **As múltiplas faces do discurso em Roma**. Textos, inscrições, imagens. Vitória: Edufes, 2013.

FEARS, Rufus. **The cult of virtues and Roman imperial ideology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

FERNÁNDEZ URIEL, Pilar. **Titus Flavius Domitianus de Princeps a Dominus**: un hito en la transformación del Principado. Signifer: Madrid, 2016.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. Numismática e História Antiga. I SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANTIGA: PESQUISA, PROBLEMAS E DEBATES. 1984, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, p. 48-59, 1984.

FLOWER, Harriet. Rethinking Damnatio Memoriae. **Classical Antiquity**, Baltimore, n. 17, v. 2, p. 155-183, 1998.

FONSECA, André Azevedo da. A imaginação no poder: o teatro da política na encenação da legitimidade. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 167-182, 2007.

FRANK, Richard. Augustus’ legislation on marriage and children. **California Studies in Classical Antiquity**, California, v. 8, p. 41-52, 1975.

FREITAS, João Victor Lanna de. **“Mais feliz que Augusto, melhor que Trajano” (Eutrópio, Breviário, VIII. 5.3)**: a construção do ideal de Optimus Princeps em Tácito e Plínio, o Jovem. 2015. 201f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana, 2015.

FURLANI, João Carlos. As moedas romanas e os estudos numismáticos contemporâneos. **Romanitas**, Vitória, n. 15, p. 218-225, 2020.

GALIMBERTI, Alessandro. The Emperor Domitian. In: ZISSOS, Andrew (ed). **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

GANIBAN, Randall. The beginnings of the Achilleid. In: NEWLANDS, Carole; GERVAIS, Kyle; DOMINIK, William (eds). **Brill's Companion to Statius**. Boston: Brill, 2015.

GARZETTI, Albino. **From Tiberius to the Antonines: A History of the Roman Empire, 14-192**. Translated by J. R. Foster, London: Methuen, 1974.

GIESEN, Kátia Regina. **O epidítico como recurso para a representação dos contemporâneos na epistolografia de Plínio, o Jovem**. 2016. 215f. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2016.

GIESEN, Kátia Regina; BAPTISTA, Natan Henrique Taveira. “et rei et famae bene consulit munificus imperator”: as estruturas epidíticas e as relações políticas no Panegírico a Teodósio, de Pacato Deprânio. **Roda da Fortuna**, Joao Pessoa, n. 1, v. 9, p. 245-274, 2020.

GIESEN, Kátia Regina; LEITE, Leni Ribeiro. **As cartas de elogio de Plínio, o Jovem**. Vitória: Edufes, 2019.

GINZBURG, Michael. Fiscus iudaicus. **Jewish Quarterly Review**, Philadelphia, v. 21, p. 281- 291, 1931.

GLARE, Paul. **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1968.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. A juventude dos imperadores romanos Caracala e Geta: questões políticas, familiares e numismáticas. **Romanitas**, Vitória, n. 16, p. 101-120, 2020.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. **A noção de propaganda e sua aplicação nos estudos clássicos**. O caso dos imperadores romanos Septímio Severo e Caracala. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Entre a lembrança e o esquecimento: construindo e apagando memórias no Mundo Romano. Uma análise da damnatio memoriae de Geta. **Hélade**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 12-25, 2003.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques; FRANCHI, Ana Paula. A construção dos panegíricos latinos e a idealização dos soberanos. In: SILVA, Gilvan Ventura; LEITE, Leni Ribeiro (orgs). **As múltiplas faces do discurso em Roma**. Textos, inscrições, imagens. Vitória: Edufes, 2013.

GRIFFIN, Miriam. **Nero: The End of a Dynasty**. London: Batsford, 2000.

GRIFFIN, Miriam. The Flavians. In: RATHBONE, Dominic; GARNSEY, Peter; BOWMAN, Alan (eds). **The High Empire, A.D. 70–192**. Cambridge University Press, 2007.

GSELL, Stéphane. **Essai sur le règne de l'empereur Domitien**. Paris: Thorin, 1894.

GSELL, Stéphane. Étude sur le rôle politique du Sénat Romain à l'époque de Trajan. **Année Mélanges de l'école Française de Rome**, Paris, n. 1, v. 7, p. 339-382, 1887.

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa**: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HAMMOND, Mason. **The Antonine Monarchy**. Rome: American Academy, 1959.
- HARDIE, Alex. Poetry and politics at the games of Domitian. In: BOYLE, Anthony James; DOMINIK, William (eds). **Flavian Rome**: Culture, Image, Text. Boston: Brill, 2002.
- HESLIN, Peter. **The transvestite Achilles**: gender and genre in Statius' Achilleid. Cambridge: University of Cambridge Press, 2005.
- HOBBSAWN, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Paz & Terra, 2015.
- HOWGEGO, Christopher. **Ancient history from coins**. London: Routledge, 2001.
- HURLET, Frédéric. Sources and Evidence. In: ZISSOS, Andrew (ed). **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.
- JOHANSSON, Britta. **Damning Domitian**: A Historiographical Study of Three Aspects of His Reign. 2013. 68f. Thesis (Degree of Bachelor of Arts) School of History, Philosophy, Religion and Classics, University of Queensland. Queensland, 2013.
- JOLY, Fábio. A escravidão no centro do poder: observações acerca da família Caesaris. **Fênix**, Uberlândia, v. 4, p. 1-11, 2007.
- JONES, Brian. Domitian And the court. **Pallas**, Paris, n. 40, p. 329-335, 1994.
- JONES, Brian. **Domitian and the Senatorial Order**: A Prosopographical Study of Domitian's Relationship with the Senate, AD 81-96. Philadelphia: American Philosophical Society, 1979.
- JONES, Brian. Domitian's advance into Germany and Moesia, **Latomus**, Bruxelles, v. 41, p. 329-35, 1982.
- JONES, Brian. Domitian's attitude to the senate. **AJPh**, Baltimore, v. 94, p. 70-90, 1973.
- JONES, Brian. Praetorian proconsuls under Domitian. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Stuttgart, Bd. 24, H. 4, p. 631-632, 1975.
- JONES, Brian. Senatorial influence in the revolt of Saturninus. **Latomus**, Bruxelles, v. 33, p. 529-535, 1974.
- JONES, Brian. The dating of Domitian's war against the Chatti. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Stuttgart, v. 22, p. 79-90, 1973.
- JONES, Brian. **The emperor Domitian**. London: Routledge, 1992.
- KEMMERS, Fleur. **The functions and use of Roman coinage**: an overview of 21st century scholarship. Boston: Brill, 2019.
- KEMMERS, Fleur; MYRBERG, Nanouschaka. Rethinking numismatics: the archeology of coins. **Archaeological Dialogues**, Cambridge, v. 16, n. 1, p. 87-108, 2011.

KONSTAN, David. **A amizade no Mundo Clássico**. Tradução Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

KONSTAN, David. Doubting Domitian's Divinity: Statius Achilleid 1.1–2. In: MITSIS, Phillip; ZIOGAS, Ioannis (eds). **Wordplay and powerplay in latin poetry**. Boston: De Gruyter, 2016.

KOSTER, Severin. **Die Invektive in der griechischen und römischen Literatur**. Meisenheim am Glan: Hain, 1980.

KOZIAK, Barbara. **Retrieving political emotion: thumos, Aristotle, and Gender**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

LAUNARO, Alessandro. The economic impact of Flavian rule. In: ZISSOS, Andrew (ed). **A companion to the Flavian Age**. Blackwell: London, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LEGRAND, Denis. L'Essai sur le règne de Domitien de S. Gsell et la réévaluation du règne de Domitien. **Pallas**, Paris, n. 40, p. 57-67, 1994.

LEITE, Leni Ribeiro. Arquitetura de uma nova poética: Estácio, Silvae, 3.1. **Phaos**, Campinas, v. 12, p. 29-44, 2014.

LEITE, Leni Ribeiro. Difusão e recepção das obras literárias em Roma. In: SILVA, Gilvan Ventura; LEITE, Leni Ribeiro (orgs). **As múltiplas faces do discurso em Roma**. Textos, inscrições, imagens. Vitória: Edufes, 2013.

LEITE, Leni Ribeiro. **Épica II**: Ovídio, Lucano, Estácio. Campinas: Unicamp, 2016.

LEITE, Leni Ribeiro. **O patronato em Marcial**. 2003. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro 2003.

LEITE, Leni Ribeiro. Imperadores Flavianos, poética e retórica. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v. 31, p. 85-101, 2018.

LEITE, Leni Ribeiro. O livro e o templo: poesia Flaviana e arte cotidiana. **Letras Clássicas**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 85-93, 2014.

LEITE, Leni Ribeiro; CARVALHO, Luiza Helena Rodrigues de Abreu. O gênero retórico demonstrativo e sua influência em obras poéticas segundo Menandro Retor, Horácio e Quintiliano. **Roda da Fortuna**, João Pessoa, n. 2, v. 4, p. 209-225, 2015.

LEMOS, Márcia Santos. O 'mos maiorum' e a fortuna do Império Romano no século IV d.C. **Dimensões**, Vitória, v. 25, p. 46-52, 2010.

LEVICK, Barbara. **Vespasian**. London: Routledge, 1999.

LIMA NETO, Belchior Monteiro. **Bandidos e elites cidadinas na África romana: um estudo sobre a formação de estigmas com base nas Metamorfoses de Apuleio de Madaura (século II)**. Vitória: Edufes, 2014.

LIMA, Francisco de Assis Costa de; BANDEIRA, Grace dos Anjos Freire. Figuras retóricas como reforço à amplificatio na Oratio Pro Sestio. **DLCV**, João Pessoa, n. 1, v. 15, p. 91-118, 2019.

LOEWENSTEIN, Karl. **Teoría de la constitución**. Barcelona: Ariel, 1976.

LÓIO, Ana Maria. Uma cidade que fala. Vozes urbanas nas *Silvas* de Estácio. In: PIMENTEL, Cristiana; BRANDÃO, José Luís; FEDELI, Paolo (orgs). **O poeta e a cidade no Mundo Romano**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012.

MARROU, Henri-Irenée. **Sobre o conhecimento histórico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARTINS, Paulo. **Imagem e poder**. Considerações sobre a representação de Otávio Augusto. São Paulo: Edusp, 2011.

MARTINS, Paulo. **Literatura Latina**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

MARTINS, Paulo. Os romanos, o direito, a imagem e a morte. In: JOLY, Fábio Duarte; FAVERSANI, Fábio (orgs). **As formas do Império Romano**. Mariana: Ufop, 2014.

MASON, Steve. Flavius Josephus in Flavian Rome: reading on and between the lines. In: BOYLE, Anthony James; DOMINIK, William (orgs). **Flavian Rome: Culture, Image, Text**. Boston: Brill, 2002.

MCNELIS, Charles. Similes and gender in the Achilleid. In: NEULANDS, Carole; GERVAIS, Kyle; DOMINIK, William (eds). **Brill's Companion to Statius**. Boston: Brill, 2015.

MÉHEUST, Jean. Introduction. In: STACE. **Achilléide**. Texte établi et traduit par Jean Méheust. Paris: Société D'Édition Les Belle Lettres, 1971.

MELLOR, Ronald. The new aristocracy of power. In: BOYLE, Anthony James; DOMINIK, William (eds). **Flavian Rome: Culture, Image, Text**. Boston: Brill, 2002.

MENDES, Norma Musco. O sistema político do Principado. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (orgs). **Repensando o Império Romano**. Vitória: Edufes, 2006.

METCALF, William. Whose Liberalitas? Propaganda and audience in the early Roman Empire. Milano, **Rivista italiana di numismatica e scienze affini**, n. 95, p. 337-346, 1993.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Les origenes de la biographie en Grèce ancienne**. Strasbourg, 1991.

MOMMSEN, Théodore. **Etude sur Pline le Jeune**. Paris: Nabu Press, [1873], 2013.

MOREIRA, Daniel da Silva. Estácio, Aquileida, I. 318-337: apresentação e tradução. **Scientia Traductionis**, Santa Catarina, n. 16, p. 184-188, 2014.

MOTA, Thiago Eustáquio Araújo. O tema da infância heroica na Eneida de Virgílio: os casos de Ascânio-Iulo e Camila, a rainha dos volscos. **Romanitas**, Vitória, n. 16, p. 121-141, 2020.

- MOURA, Fernanda Messeder. **O apelo e a unidade épica na Tebaida de Estácio**. 2011. 173f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
- MOURA, Fernanda Messeder. VT LEO, MILES: o emprego do símile em Estácio, Siluae 2,5, em contraste com o símile épico na Tebaida e Aquileida. **Aletria**, Belo Horizonte, n. 19, v. 3, p. 57-70, 2009.
- MURISON, Charles Leslie. M. Cocceius Nerva and the Flavians. **Transactions of the American Philological Association**, Baltimore, n. 1 v. 133, p. 147-157, 2003.
- MURISON, Charles. The revolt of Saturninus in Upper Germany. **Latomus**, Bruxelles, v. 29, p. 31-49, 1985.
- MURRAY, Steven Ross. Boxing gloves of the Ancient World. **Journal of combative sport**. Disponível em: https://ejmas.com/jcs/2010jcs/jcsart_murray_1007.html. Acesso em 05 Out. 2021.
- NAEREBOUT, Frederick. Domitian and religion. In: COMINESI, Aurora Raimondi; HAAN, Nathalie de; MOORMANN, Eric; STOCKS, Claire (eds). **God on Earth: Emperor Domitian. The re-invention of Rome at the end of the 1st century AD**. Leiden: Palma 24, 2021.
- NAUTA, Ruurd. **Poetry for patrons: literary communication in the age of Domitian**. Leiden: Brill, 2002.
- NEIVA, Caroline Oliva. O poder legitimador de Serápis. Uma análise da iconografia monetária alexandrina durante o período Antonino (96-192). **Revista Mundo Antigo**, Niterói, n. 7, v. 4, p. 165-179, 2015.
- NEWLANDS, Carole. **Statius: a poet between Rome and Naples**. London: Bristol Classical, 2012.
- NEWLANDS, Carole. **Statius' Siluae and the Poetics of Empire**. Cambridge: Cambridge, 2002.
- NICOLS, John. The emperor Vespasian. In: ZISSOS, Andrew (org.) **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.
- NOREÑA, Carlos. **Imperial Ideals in the Roman West: Representation, Circulation, Power**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- NOREÑA, Carlos. The communication of the Emperor's virtues. **Society for the Promotion of Roman Studies**, London, v. 91, p. 146-168, 2001.
- OESTERLEY, W. O. E. **A history of Israel II**. Oxford: Routledge, 1932.
- OGAWA, Milena Rosa Araújo. **Tácito e a retórica da decadência: um estudo sobre memória, identidade e educação à época de Domiciano**. 2017. 201f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017.

- OLIVEIRA, Alessandro Carvalho da Silva. A manutenção da amicitia a partir das estratégias de polidez nas Epistulae ad Familiares de Cícero. **Verbum**, São Paulo, n. 1, v. 10, p. 100-114, 2021.
- PENWILL, John. Imperial encomia in Flavian epic. In: MANUWALD, Gesine; VOIGT, Astrid (eds). **Flavian epic interactions**. Boston: De Gruyter, 2013.
- PETIT, Paul. **La paix romaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- PLEKET, Henry. Domitian, the Senate and the Provinces. **Mnemosyne**, Leiden, n. 14, p. 296-31, 1961.
- PONCE, María Jesús. Menandro Rétor y el discurso imperial. **Habis**, Sevilla, n. 29, p. 221-232, 1998.
- PORTO, Vagner Carvalheiro. **Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob Dominação Romana**. 2007. 2 tomos. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- PORTO, Vagner Carvalheiro. Vespasiano e o lado Oriental do Império. In: SILVA, Maria Aparecida de Oliveira; PORTO, Vagner Carvalheiro (orgs). **Imperadores Romanos, de Augusto a Marco Aurélio**. São Paulo: LABHAN/UFPI. LARP/MAE/USP, 2019.
- RAMSAY, William. Triumphus. In: SMITH, William (ed). **A Dictionary of Greek and Roman Antiquities**. London: John Murray, 1875.
- RANCE, Philip. Simulacra-pugnae: the literary and historical tradition of mock battles in the roman and early Byzantine army. **Greek, Roman, and Byzantine Studies**, Durham, v. 41, p. 223-275, 2000.
- RIPOLL, François. Statius and Silius Italicus. In: DOMINIK, William; NEWLANDS, Carole; GERVAIS, Kyle (eds). **Brill's Companion to Statius**. Leiden: Brill, 2015.
- ROBATHAN, Dorothy. Domitian's Midas touch. **TAPA**, Baltimore, v. 73, p. 130-44, 1942.
- RODRIGUES, Nuno Simões. Os Flávios. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de (orgs). **História de Roma II**. Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.
- ROGERS, Peter. Domitian and the finances of state. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Berlin, n. 33, p. 60-78, 1984.
- ROSA, Cláudia Beltrão da. A religião na Urbs. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (orgs). **Repensando o Império Romano**. Vitória: Edufes, 2006.
- ROSE, Herbert Jennings; NORTH, John. Victimarius. In: HAMMOND, Nicholas; SCULLARD, Howard Hayles (eds). **Oxford Classical Dictionary**. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-6798>. Acesso em 09 Nov. 2021. 2015.
- ROSE, Herbert Jennings; SCHEID, John. Fides. In: HAMMOND, Nicholas; SCULLARD, Howard Hayles (eds). **Oxford Classical Dictionary**. Disponível em:

<https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-6968>. Acesso em 09 Nov. 2021. 2016.

ROSE, Herbert Jennings; SCHEID, John. Minerva. In: HAMMOND, Nicholas; SCULLARD, Howard Hayles (eds). **Oxford Classical Dictionary**. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-4199?rskey=k078rQ&result=1>. Acesso em 22 Dez. 2021. 2016.

RYBERG, Inez Scott. Was the Capitoline Triad Etruscan or Italic? **The American Journal of Philology**, Baltimore, n. 52, v. 2, p. 145-156, 1931.

SALLER, Richard. Patronage and friendship in early Imperial Rome: drawing the distinction. In: WALLACE-HADRILL, Andrew (ed). **Patronage in ancient society**. London: Routledge, 1989.

SANTOS, Zilda Andrade Lourenço dos. **Argumentos retóricos na construção discursiva das Epístolas de Paulo e Sêneca**. Curitiba: Appris, 2020.

SCHEID, John. Deus, Divus. In: HAMMOND, Nicholas; SCULLARD, Howard Hayles (eds). **Oxford Classical Dictionary**. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-2132>. Acesso em 04 Nov. 2021.

SCHULZ, Verena. **Deconstructing Imperial Representation: Tacitus, Cassius Dio, and Suetonius on Nero and Domitian**. London: Brill, 2019.

SCOTT, Kenneth. Staius' adulation to Domitian. **The American Journal of Philology**, Baltimore, n. 3, v. 54, p. 247-259, 1933.

SCOTT, Kenneth. **The Imperial Cult under the Flavians**. Berlin: Kohlhammer, 1975.

SEAR, David. **Roman coins and their values**. The Republic and the twelve Caesars, 280 BC – AD 96. Volume I. London: Spink, 2000.

SELVATICI, Monica. Nerva. In: SILVA, Maria Aparecida de Oliveira; PORTO, Vagner Cavalheiro (orgs). **Imperadores Romanos de Augusto a Marco Aurélio**. São Paulo: LABHAM/UFPI; LARP/MAE/USP, 2019.

SILVA, Camilla Ferreira Paulino da. **A construção da imagem de Otávio, Cleópatra e Marco Antônio entre moedas e poemas (44 a 27 a. C.)**. 2014. 189f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014.

SILVA, Camilla Ferreira Paulino da. **A representação do lugar social do poeta no Principado de Augusto a partir das epístolas de Horácio**. 2018. 309f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

SILVA, Camilla Ferreira Paulino da; LEITE, Leni Ribeiro. Reinventing the concept of homo novus in Rome: Cicero as Horace's role model. **Topoi**. Rio de Janeiro, n. 45, v. 21, p. 602-619, 2020.

SILVA, Érica Cristhyane Morais da. A helenização de Roma: convergências e impasses. In: SILVA, Gilvan Ventura da (org). **Grécia, Roma e Oriente: da crise da pólis a época helenística (404-31 a.C.)**. Vitória: Flor & Cultura, 2009.

SILVA, Gilvan Ventura da. **A escalada dos imperadores proscritos: Estado, conflito e poder na Antiguidade Tardia (285-395)**. Vitória: GM Editora, 2018.

SILVA, Gilvan Ventura da. Imagens ‘bordadas’ na pedra: os mosaicos como fonte para o estudo da sociedade imperial romana. In: SILVA, Gilvan Ventura da; LEITE, Leni Ribeiro (orgs). **As múltiplas faces do discurso em Roma**. Textos, inscrições, imagens. Vitória: Edufes, 2013.

SILVA, Gilvan Ventura da. Política, ideologia e arte poética em Roma: Horácio e a criação do Principado. **Politéia**, Vitória da Conquista, v. 1, p. 29-52, 2001.

SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco. Diocleciano e Constantino: a criação do Dominato. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (orgs). **Repensando o Império Romano**. Vitória: Edufes, 2006.

SMALLWOOD, E. M. Domitian’s attitude to the Jews and Judaism. **CPh**, Chicago, v. 51, p. 1-13, 1956.

SMALLWOOD, Valerie. M. Herakles and Kerberos (Labor XI). **Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae**, Munich, v. 1, p. 85-100, 1990.

SMITH, William. Cistophorus. In: SMITH, William (ed.) **A Dictionary of Greek and Roman Antiquities**. London: John Murray, 1875.

SOBOCINSKI, Melanie. Visualizing Ceremony: The Design and Audience of the Ludi Saeculares Coinage of Domitian. **American Journal of Archaeology**, Boston, n. 110, v. 4, p. 581-602, 2006.

SOURVINOU-INWOOD, Christiane. Aegis. In: HAMMOND, Nicholas; SCULLARD, Howard Hayles (eds). **Oxford Classical Dictionary**. Disponível em: [https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-89#:~:text=Aegis%2C%20divine%20attribute%2C%20represented%20as,the%20gorgoneion%20\(see%20gorgo\).&text=308%E2%80%9310\)%20that%20the%20aegis,229%E2%80%9330](https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-89#:~:text=Aegis%2C%20divine%20attribute%2C%20represented%20as,the%20gorgoneion%20(see%20gorgo).&text=308%E2%80%9310)%20that%20the%20aegis,229%E2%80%9330). Acesso em 09 Nov. 2021. 2016.

SOUTHERN, Patricia. **Domitian: Tragic Tyrant**. New York: Routledge, 1997.

STEVENSON, Seth William. **Dictionary of Roman Coins**. London: G. Bell and Sons, 1889.

STOLL, Oliver. The religions of the armies. In: ERDKAMP, Paul (ed.) **A companion to Roman Army**. Oxford: Blackwell, 2007.

STOPPINO, Mario. Ditadura. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola (orgs). **Dicionário de política**. Brasília: UnB, 2004.

STROBEL, Karl. **Die Danaukriege Domitians**. Bonn: Rudolf Habelt, 1989.

STRONG, Donald Emrys. Trophies. In: HAMMOND, Nicholas; SCULLARD, Howard Hayles (eds). **Oxford Classical Dictionary**. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-6585?rskey=r0L9Vy&result=1>. Acesso em 22 Dez. 2021. 2016.

SUTHERLAND, Carol Humphrey Vivian. The State of the Imperial Treasury at the Death of Domitian. **JRS**, London, v. 25, p. 150-162, 1935.

SYME, Ronald. **Tacitus**. Oxford: Clarendon Press, 1958.

SYME, Ronald. The Imperial Finances under Domitian, Nerva and Trajan. **JRS**, London, v. 20, p. 55-70, 1930.

SZOKE, Martin. Condemning Domitian or um-damning themselves? Tacitus and Pliny on the Domitianic “Reign of terror”. In: AUGOUSTAKIS, Antony; BUCKLEY, Emma; STOCKS, Claire (eds). **Undamning Domitian?** Reassessing the Last Flavian princeps. Illinois: University of Illinois Press, 2020.

THOMPSON, Lee. Domitian and the Jewish tax. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Stuttgart, n. 3, v. 31, p. 329-342, 1982.

TIRON, Jocelyn. **L’idéologie politique des empereurs flaviens (69-96) à travers les sources épigraphiques et numismatiques**. 2015. 417f. Thèse (PhD Histoire). Département d’Histoire, Faculté des Arts, Université de Montréal. Montréal, 2015.

TOYNBEE, Jocelyn. Dictators and philosophers in the first century AD. **Greece & Rome**, Cambridge, n. 38, v. 13, p. 43-58, 1944.

TUCK, Steven. Imperial image-Making. In: ZISSOS, Andrew (ed). **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**. Vitória: Edufes, 2015.

URBAN, David. **The use of exempla from Cicero to Pliny the Younger**. 230 f. 2011. Dissertation (Doctorate in Philosophy). University of Pennsylvania. Philadelphia, 2011.

VAHL, Jessica. **Imperial representations of Clementia: from Augustus to Marcus Aurelius**. 85 f. 2007. Thesis (Master of Arts) McMaster University. Hamilton, 2007.

VARNER, Eric. Domitia Longina and the politics of portraiture. **American Journal of Archaeology**, Boston, n. 22, v. 99, p. 187-206, 1995.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto; COSTA, Alex Aparecido da. A imagem do príncipe ideal: as virtudes do imperador romano na concepção pliniana. **Diálogos**, Maringá, n. 3, v. 16, p. 971-995, 2012.

VERVAET, Frederik Juliaan. The remarkable rise of the Flavians. In: ZISSOS, Andrew. (ed). **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

WALKER, David. **The Metrology of the Roman silver coinage**. Part I: from Augustus to Domitian. Oxford: British Archaeological Reports, 1976.

- WALLACE-HADRILL, Andrew (ed). **Patronage in Ancient society**. London: Routledge, 1996.
- WALLACE-HADRILL, Andrew. The emperor and his virtues. **Historia**, Berlin, Bd. 30, H. 3, p. 298-323, 1981.
- WATERS, Kenneth. The Character of Domitian. **Phoenix**, Ottawa, n. 18, v.1, p. 49-77, 1964.
- WATERS, Kenneth. The second dynasty of Rome. **Phoenix**, Ottawa, v. 17, p. 198-218, 1963.
- WATERS, Kenneth. Traianus Domitiani Continuator. **The American Journal of Philology**, Baltimore, n. 4, v. 90 p. 385-405, 1969.
- WERNER, Erika Pereira Nunes. **Lá vem a noiva: o epithalamium e suas configurações no período helenístico à era flaviana**. 2010. 344f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- WILLIAMS, Jonathan. Religion and Roman Coins. In: RÜPKE, Jörg (ed). **A Companion to Roman Religion**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.
- WINTERLING, Aloys. Loucura imperial na Roma Antiga. **História**, Franca, n. 1, v. 31, p. 4-26, 2012.
- WOOD, Susan. Public images of the Flavian Dynasty: sculpture and coinage. In: ZISSOS, Andrew (ed). **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.
- ZISSOS, Andrew. Appendix 4: Lex de Imperio Vespasiani. In: ZISSOS, Andrew (org.) **A companion to the Flavian Age of Imperial Rome**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

APÊNDICE A

GRADE DE LEITURA DA *AQUILEIDA*

Documento: <i>Aquileida</i> Natureza: Poema épico Autor: Públio Papínio Estácio Principado: Domiciano Ano: 95					
	ATRIBUTOS FÍSICOS	ATRIBUTOS MILITARES	ATRIBUTOS RELIGIOSOS	EDUCAÇÃO	EPÍTETOS
DOMICIANO	***	Domiciano possui uma superioridade que surpreende as elites itálicas e gregas (Achil. 1.14)	A história de Aquiles será o prelúdio da história épica de Domiciano (Achil. 1. 17-19)	Florescem rivais o Domiciano poeta e o Domiciano guerreiro (Achil. 1.15-16)	<i>Tu</i> pronome em segunda pessoa do singular (Achil. 1.14)
AQUILES	Corpo ocultado por véus em Ciro (Achil. 1.5). Pele alva e cabelos dourados e semblante jovial (Achil. 1. 158-177). Cabelo e rosto fumegantes (Achil. 1.178-197). Pirra tem robusto semblante semelhante a Aquiles (Achil. 1. 350-351). Pirra ultrapassa as demais moças de Ciro em altura e nos ombros e peitos largos (Achil. 1.367-369).	As ações do personagem são famosas pelos canos homéricos, ou seja, a <i>Ilíada</i> narrou os feitos do semideus na Guerra de Tróia (Achil. 1.3-4). Pirra buscava armas e um arco para carregar nos ombros como as Amazonas (Achil. 1.352-354). Pirra está proibida de praticar lutas violentas, caçadas selvagens e deve evitar o litoral e os portos ficando reclusa com a turba de moças da ilha de Ciro (Achil. 1. 354-360). A educação dada por Quíron e a ancestralidade divina de Aquiles motivaram a chama	Formidável raça pelo Tonante (Achil. 1.2) Aquiles será considerado da prole de Júpiter (Achil. 1.77-94) Tétis convence Aquiles a vestir-se como donzela por meio de <i>exempla</i> : Baco; Hércules e Ônfale; Júpiter (Achil. 242-273). Comparação de Aquiles com Baco (Achil. 1.615-618). Aquiles é filho de Júpiter (Achil. 1. 652); Seu filho com Deidamia será neto de deuses do Olimpo (Achil. 1.657); Aquiles ameaça desobedecer a mãe (Achil. 1.660)	Quíron ensinou a Aquiles: noções de direito (2.163-165); A correr e a transitar por locais de difícil acesso (2.102); A cruzar rios congelados (2.110); A prática do salto à distância e da escalada (Achil. 2.138-140); Ao enfrentamento	Magnânimo eácida (Achil. 1.1). Refere-se a Netuno em <i>Dixit magnumque in tempore regem aspicit</i> . (Achil. 1.51) Refere-se a força de Aquiles que, precoce, parece preceder algo maior. <i>nescio quid magnum— nec me patria omina fallunt— vis festina parat tenuisque supervenit</i>

<p>Aquiles não atingiu a maturidade (Achil. 1.440).</p> <p>Aquiles possui membros robustos, mãos ásperas e a sua voz emite tons profundos (Achil. 1. 580-592).</p> <p>Os braços fortes e a força viril de Aquiles em <i>quid enim his obstare lacertis, qua potuit nostras possessa repellere vires?</i> (Achil. 1. 904-905)</p>	<p>do példa para a Guerra de Tróia (Achil. 1. 467-490).</p> <p>Solilóquio de Aquiles: lamento por obedecer a mãe (Achil. 1. 625); por não poder empunhar armas, caçar, mirar dardos, ou usar arcos (Achil. 1. 626-633).</p> <p>Os presentes de Ulisses incluem artigos báquicos femininos como peles, turbantes e peças de ouro além de um escudo dourado e uma lança (Achil. 1. 709-723).</p> <p>O trompetista deve acompanhar Ulisses e Diomedes na entrega dos presentes às filhas de Licomedes (Achil. 1.724-725).</p> <p>Aquiles não disfarça a euforia em avistar Ulisses, Diomedes e as armas que trouxeram (Achil. 1.752-756).</p> <p>Aquiles avista o escudo dourado que consta cenas de batalhas e manchado de vermelho, empunha a lança e brada um grito (Achil. 1.853-858).</p> <p>Símile do leão (Achil. 1. 858-865).</p> <p>Ulisses busca convencer Aquiles a acabar com a farsa</p>		<p>de perigos (2.140-143);</p> <p>Arremesso de discos, o pugilismo e a luta como recreação (2.154-156);</p> <p>Desde cedo familiarizou Aquiles no manejo das armas (2.106-107);</p> <p>Treinamento bélico com outros jovens (2.128-130);</p> <p>As noções de coragem e de força (2.143-153);</p> <p>A música e a medicina (2.159-167).</p> <p>Aquiles toca muito bem a lira para Deidamia e entoa cantos ensinados por Quiron (Achil. 1. 574-575).</p> <p>Quiron ensinou a Aquiles: enfrentar desertos sem</p>	<p><i>annos.</i> (Achil. 1. 147-148)</p> <p>Referência ao mito de Caeneus em <i>nec magnum ambigui fregerunt Caenea sexus</i> (Achil. 1.264).</p> <p>Grande Aquiles em <i>sed felix numeroque ducum praestantior omni, si magnum Danais pro te dependis Achillem.</i> (Achil. 1.512-513)</p> <p>Aquiles toma o escudo e é chamado de <i>ferus Aeacides</i> (Achil. 1.852)</p> <p>Licomedes é chamado de magno por Aquiles em <i>gratior et magno, si fas dixisse, parente et dulci Chirone mihi.</i> (Achil. 1. 895-896)</p> <p>Grande Aquiles em <i>Deidamian eat viduaque e</i></p>
--	--	--	--	---

porque ele era pupilo de Quiron e neto do céu e do mar (Achil. 1. 866).

A trombeta soa e as vestes de Aquiles caem e revelam a farsa de Tétis (Achil. 1. 874-884).

Ulisses diz a Aquiles que ele iria para Tróia mesmo sem a interferência dele (Achil. 2.23-41).

Aquiles fica furioso quando Ulisses compara Deidamia a Helena (Achil. 2.84-85).

Aquiles conta que: comeu duras entranhas de leões desde a tenra idade (Achil. 2. 96-100); Desde a tenra idade Aquiles empunhava armas (Achil. 2.106).

trilhas;
acostumar-se
com animais
selvagens; a não
temer sons de
rochas
quebrando ou ao
silêncio das
florestas (Achil.
2. 103-105).

Quiron ainda
ensinou: a ser
veloz; a
ultrapassar o
próprio
centauro;

*sede revellat
attonitam et
magni
clamantem
nomen Achillis?*
(Achil. 2.82-83)

Eácida (Achil.
1.363).

APÊNDICE B

GRADE DE LEITURA DAS MOEDAS

AUGUSTO

Moeda: RIC I 196

Local/Ano de cunhagem: Lugdunum, 11-10 AEC

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Otávio Augusto laureada e voltada para a direita	AVGVSTVS DIVI F[ILIVS]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Diana	Diana drapeada e voltada para a direita portando um arco na mão esquerda e puxando a flecha da aljava com a destra.	Arco e flecha Aljava	IMP[ERATOR] XII SICIL[IA]

Moeda: RIC I 350

Local/Ano de cunhagem: Roma, 16 AEC

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Otávio Augusto voltada para a direita	IMP[ERATOR] CAESAR TR[IBVNICIA] POT[ESTAS] II X

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Otávio Augusto Dois cidadãos	Não se aplica	Augusto togado e sentado numa plataforma elevada entregando <i>suffimenta</i> a dois cidadãos togados. Há um cesto no chão.	Plataforma elevada Cesto	L MESCINIVS AVG[VSTVS] SVF[FFIMENTA] P[OPVLO]

VESPASIANO

Moeda: RIC II 1404

Local/Ano de cunhagem: Roma, 70

Tipo: Denário

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Vespasiano laureado	IMP[ERATOR] CAESAR VESPASIANVS AVG[VSTVS]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Tito Domiciano	Não se aplica	Bustos de Tito e Domiciano, frente a frente.	Não se aplica	CAESAR AVG[VSTI] F[ILII] COS[VL] CAESAR AVG[VSTI] F[ILIVS] PR[AEFECTVS]

Moeda: RIC II 3

Local/Ano de cunhagem: Roma, 69-70

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Vespasiano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAESAR VESPASIANVS AVG[VSTVS]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
---------	----------------	------	---------------------	-----------

Não se aplica	Judeia	Judéia sentada à direita, com uma das mãos apoiadas no queixo. A sua esquerda jaz um <i>tropaeum</i> ou troféu montado com os armamentos bélicos do inimigo judeu.	<i>Tropaeum</i>	IVDAEA
---------------	--------	--	-----------------	--------

Moeda: RIC II 143

Local/Ano de cunhagem: Roma, 71

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Vespasiano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] VESPASIAN[VS] AVG[VSTVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBUNICIA] P[OTESTAS] P[ATER] P[ATRIAE] CO[N]S[VL] III

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domiciano Tito	Não se aplica	Domiciano e Tito de pé, frente à frente, ambos	Parazônio <i>Volumen</i>	CAES[AR] AVG[VSTI] F[ILIVS] DESIG[NATVS]

		segurando lanças. Tito ainda segura um <i>parazonium</i> e Domiciano um <i>volumen</i> .		IMP[ERATOR] AVG[VSTI] F[ILIVS] CO[N]S[VL] DESIG[ATVS] IT[ERVM] S[ENATVS] C[ONSVLTVM]
--	--	--	--	---

DOMICIANO

Moeda: RIC II 132

Local/Ano de cunhagem: Roma, 81-82

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domícia drapeado e voltado para a direita. Cabelo preso em coque.	DOMITIAE AVG[VSTAE] IMP[ERATORIS] CAES[ARIS] DIVI F[ILIO] DOMITIAN[I] AVG[VSTO]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domícia Uma criança	Não se aplica	Domícia sentada à esquerda, segurando o cetro na mão esquerda e estendendo a direita para a criança de pé à esquerda	Cetro	DIVI CAESAR[IS] MATRI S[ENATVS] C[ONSVLTVM]

Moeda: RIC II 136

Local/Ano de cunhagem: 81-82

Tipo: Dupôndio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Não se aplica. Busto de Domícia drapeado à direita. Cabelos presos em trança.	DOMITIA AVG[VSTA] IMP[ERATORIS] CAES[ARIS] DIVI F[ILIO] DOMITIAN[I] AVG[VSTO]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domícia	Não se aplica	Domícia em pé e à esquerda do altar sacrificando com a pátera e segurando um cetro.	Altar Pátera Cetro	DIVI CAESARIS MATER S[ENATVS] C[ONSVLTVM].

Moeda: RIC II 156

Local/Ano de cunhagem: 82-83

Tipo: Denário

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Não se aplica. Busto de Domícia drapeado à direita. Cabelos presos em trança.	DOMITIA AVGVSTA IMP[ERATORIS] DOMIT[IANI]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Pietas	<i>Pietas</i> sentada à esquerda portando um cetro na mão esquerda e estendendo a destra para uma criança de pé à esquerda.	Cetro	PIETAS AVGVSTA.

Moeda: RIC II 847

Local/Ano de cunhagem: Roma, 82

Tipo: Cristóforo

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Não se aplica. Busto de Domícia drapeado à direita. Cabelos presos em trança.	DOMITIA

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Vênus	Vênus de pé, encostada numa coluna, portando um elmo e uma lança.	Coluna Elmo Lança	AVG[VSTA]

Moeda: RIC II 148

Local/Ano de cunhagem: Roma, 82-83

Tipo: Aureus

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Domiciano laureada à direita	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIANVS AVG[VSTVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domícia Longina	Não se aplica	Busto de Domícia drapeado. Cabelos presos numa longa trança.	Não se aplica	DOMITIA AVGVSTA IMP[ERATORIS] DOMIT[IANI]

Moeda: RIC II 152

Local/Ano de cunhagem: Roma, 82-83

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domícia, drapeado, à direita; cabelo enrolado na frente e em trança longa atrás.	DOMITIA AVGVSTA IMP[ERATORIS] DOMIT[IANI]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Filho de Domiciano	Não se aplica	Filho de Domiciano ainda bebê no globo rodeado por sete estrelas	Não se aplica	DIVVS CAESAR IMP[ERATORIS] DOMITIANI F[ILIVS]

Moeda: RIC II 848

Local/Ano de cunhagem: Roma, 82

Tipo: Cistóforo

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Júlia drapeado à direita com os cabelos enrolados na frente e amarrados em coque logo atrás.	IVLIA AVGVSTA DIVI TITI F[ILIA]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Vesta	Vesta sentada à esquerda segurando um paládio na destra e um cetro em transversal na mão esquerda.	Paládio Cetro	VESTA

Moeda: RIC II 147

Local/Ano de cunhagem: Roma, 82-83

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
(Não se aplica) Cabeça do divino Tito, radiante, à direita	DIVVS TITVS AVGVSTVS

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Júlia Titi	Não se aplica	Cabeça de Júlia Titi drapeada à direita; seus cabelos estão enrolados na frente e em longa trança atrás.	Não se aplica	IVLIA AVGVSTA DIVI TITI F[ILIA]

Moeda: RIC II 146

Local/Ano de cunhagem: Roma, 82-83

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça do Divino Vespasiano voltado para a direita	DIVVS AVGVSTVS VESPASIANVS

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Divina Domitila	Domitila	Busto da Divina Domitila,	Não se aplica	DIVA DOMITILLA AVGVSTA

		drapeado, à direita; cabelo em trança longa.		
--	--	---	--	--

Moeda: RIC II 53

Local/Ano de cunhagem: Roma, 81

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIANVS AVG[VSTVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Não se aplica	Golfinho enrolado em uma âncora.	Não se aplica	TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VII [DES[IGNATVS] VIII P[ATER] P[ATRIAE]

Moeda: RIC II 842

Local/Ano de cunhagem: Roma, 82

Tipo: Cistóforo

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAESAR DOMITIANVS AVG[VSTVS]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Não se aplica	Vista frontal de um templo de quatro colunas: no centro está a estátua de Júpiter sentado entre as de Juno e Minerva. No frontão há uma quadriga no centro e estátuas nos cantos.	Templo de quatro colunas Estatuas de Júpiter, Juno e Minerva	CAPIT[OLIVM] RESTIT[VIT]

Moeda: RIC II 813

Local/Ano de cunhagem: Roma, 95-96

Tipo: Denário

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano sem adornos à direita.	DOMITIANVS AVG[VSTVS] GERM[ANICVS]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Não se aplica	Cibebe de pé e à esquerda dentro de um templo de quatro colunas.	Templo de quatro colunas Estatua de Cibebe	IMP[ERATOR] CAES[AR]

Moeda: RIC II 812

Local/Ano de cunhagem: Roma, 95-96

Tipo: Denário

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano sem adornos à direita.	DOMITIANVS AVG[VSTVS] GERM[ANICVS].

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Não se aplica	Estátua de Serápis sentados dentro de um templo de quatro colunas. Cérebro também compõe a cena.	Templo de quatro colunas Estatua de Serápis e de Cérebro.	IMP[ERATOR] CAES[AR]

Moeda: RIC II 138

Local/Ano de cunhagem: Roma, 82

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIANVS AVG[VSTVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS].

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Minerva	Busto de Minerva com	Elmo <i>Aegis</i>	TR[IBVNICIA] POT[ESTAS] II

		elmo e <i>aegis</i> voltada para a direita.		CO[N]S[VL] VIII DES IX P[ATER] P[ATRIAE]
--	--	---	--	---

Moeda: RIC II 720

Local/Ano de cunhagem: Roma, 90-91

Tipo: Denário

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] X

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Minerva	Minerva de pé e voltada à direita sobre o topo de uma coluna rostral, portando uma lança e um escudo. Há uma coruja à sua direita.	Coluna rostral Lança Escudo	IMP[ERATOR] XXI CO[N]S[VL] XV CENS[OR] P[ERPETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]

Moeda: RIC II 591

Local/Ano de cunhagem: Roma, 88

Tipo: Denário

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VII

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Minerva	Minerva avançando para a direita, portando uma lança e um escudo.	Lança Escudo	IMP[ERATOR] XV CO[N]S[VL] XIII CENS[ORIA] P[OTESTATE] P[ATER] P[ATRIAE]

Moeda: RIC II 584

Local/Ano de cunhagem: Roma, 88

Tipo: Denário

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VII

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Minerva	Minerva de pé, com elmo e voltada para a esquerda, segurando uma lança.	Elmo Lança	IMP[ERATOR] XIII CO[N]S[VL] XIII CENS[ORIA] P[OTESTATE] P[ATER] P[ATRIAE]

Moeda: RIC II 321

Local/Ano de cunhagem: Roma, 85

Tipo: Denário

Material: Prata

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado, com <i>aegis</i> e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] IIII

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Minerva	Minerva de pé e voltada para a esquerda, segurando um raio e uma lança. Há um escudo no chão à direita.	Escudo Lança	IMP[ERATOR] VIII CO[N]S[VL] XI CENSORIA POTESTAT[E] P[ATER] P[ATRIAE]

Moeda: RIC II 838

Local/Ano de cunhagem: Roma, 82

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATORI] DOMITIAN[I] CAES[ARI] DIVI VESP[ASIANI] F[ILIO] AVG[VSTO] P[ONTIFICI] M[AXIMI] TR[IBVNICIA] P[OTESTATE] P[ATER] P[ATRIAE] CO[N]S[VL] VIII

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Marte	Marte vestindo manto em pé para a direita portando uma lança e um troféu.	Escudo Lança	S[ENATVS] C[ONSVLTVM]

Moeda: RIC II 216

Local/Ano de cunhagem: Roma, 84

Tipo: Dupôndio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano com uma coroa radiada e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] X

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Marte	Marte de pé à esquerda portando uma miniatura de Vitória e um troféu.	Miniatura de Vitória Troféu	S[ENATVS] C[ONSVLTVM]

Moeda: RIC II 205

Local/Ano de cunhagem: Roma, 84

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
-----------	-----------

Cabeça de Domiciano laureada e drapeada e voltada para a esquerda	IMP[ERATOR] CAES[AR] DIVI VESP[ASIANI] F[ILIVS] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] X
---	---

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domiciano	Dois germânicos	Domiciano avançando com o cavalo para cima de dois germânicos.	Não se aplica	P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TRIB[UNICIA] P[OTESTAS] III IMP[ERATOR] VII P[ATER] P[ATRIAE] S[ENATVS] C[ONSULTVM]

Moeda: RIC II 274

Local/Ano de cunhagem: Roma, 85

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Domiciano laureada e voltada para a direita com <i>aegis</i>	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XI

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Cativo germânico Germânia	Cativo germânico com as mãos amarradas voltado para a esquerda. À direita há um troféu,	Troféu Elmo Manto Armamentos	GERMANIA CAPTA S[ENATVS] C[CONSVLTVM]

		um elmo e um manto. A Germânia está sentada à esquerda cercada de armas.		
--	--	--	--	--

Moeda: RIC II 278

Local/Ano de cunhagem: Roma, 85

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Domiciano laureado à direita com <i>aegis</i>	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XI

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Rhenus	Rhenus reclinado à esquerda; Domiciano de pé à esquerda e segurando uma lança e um <i>parazonium</i> .	Lança <i>Parazonium</i>	S C

Moeda: RIC II 282

Local/Ano de cunhagem: Roma 85

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
-----------	-----------

Cabeça de Domiciano laureada e voltada para a direita	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XI
---	---

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domiciano Dois soldados	Não se aplica	Domiciano em pé, à direita, apertando as mãos com o oficial à esquerda, sobre o altar; dois soldados, um segurando o estandarte, o outro uma lança e um escudo logo atrás.	Estandarte Escudo	S[ENATVS] C[ONSVLTVM]

Moeda: RIC II 325

Local/Ano de cunhagem: Roma 85

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado, com <i>aegis</i> e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA POTESTAS] IIII

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
---------	----------------	------	------------------	-----------

Domiciano Dois soldados	Germânia	Personificação da Germânia sentada à direita, com o braço direito apoiado sobre a perna direita e apoiando a cabeça; ela está sentada sobre um escudo. Há uma lança quebrada próxima à ela.	Escudo Lança quebrada	IMP[ERATOR] VIII CO[N]S[VL] XI CENSORIA POTESTAT[E] P[ATER] P[ATRIAE]
----------------------------	----------	---	--------------------------	---

Moeda: RIC II 561

Local/Ano de cunhagem: Roma, 88

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Domiciano laureada e voltada para a direita	DOMITIANVS AVGVSTVS

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domiciano	Não se aplica	Domiciano em cima de uma quadriga triunfal, segurando um ramo de oliveira e um cetro.	Ramo de oliveira Cetro	GERMANICVS CO[N]S[VL] XIII

Moeda: RIC II 588

Local/Ano de cunhagem: Roma, 88

Tipo: Áureo

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VII

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Vitória	Vitória avançando para a direita segurando uma coroa de louros e uma folha de palmeira.	Coroa de louros Folha de palmeira	IMP[ERATOR] XIII CO[N]S[VL] XIII CENS[ORIA] P[OTESTATE] P[ATER] [PATRIAE]

Moeda: RIC II 285

Local/Ano de cunhagem: Roma, 85

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Domiciano laureada e voltada para a direita com <i>aegis</i>	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XI

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
---------	----------------	------	------------------	-----------

Não se aplica	Vitória Germânia	Vitória em pé à direita, apoiando o pé no capacete, inscrição <i>DE GER</i> no escudo preso ao troféu; Germânia sentada à direita.	Capacete Escudo Troféu	S[ENATVS] C[ONSVLTVM].
---------------	---------------------	--	------------------------------	---------------------------

Moeda: RIC II 794

Local/Ano de cunhagem: Roma, 95-96

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XVII CENS[OR] PER[ERPEVVS] P[ATER] P[ATRIAE]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Júpiter	Júpiter sentado à esquerda segurando uma miniatura de Vitória na destra e um cetro vertical	Miniatura de Vitória Cetro	IOVI VICTORI S[ENATVS] C[ONSVLTVM]

		na mão esquerda.		
--	--	---------------------	--	--

Moeda: RIC II 474

Local/Ano de cunhagem: Roma, 86

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Domiciano laureada e voltada para a direita com <i>aegis</i>	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] XII CENS[OR] PER[PETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domiciano	Vitória	Domiciano em pé à esquerda, segurando um raio e uma lança, sendo coroado pela Vitória.	Lança	S[ENATVS] C[ONSVLTVM]

Moeda: RIC II 219

Local/Ano de cunhagem: Roma, 84

Tipo: As

Material: Cobre

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado, à direita com <i>aegis</i> .	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMITIAN[VS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] CO[N]S[VL] X

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Júpiter	Júpiter de pé à esquerda segurando um raio na destra e uma lança na mão esquerda.	Lança	IOVI CONSERVATORI S[ENATVS] C[ONSVLTVM].

Moeda: RIC II 609

Local/Ano de cunhagem: Roma, 88

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Domiciano laureada e voltada para a direita	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VIII CENS[OR] PER[ERPETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domiciano Um cidadão Uma criança	Não se aplica	Domiciano sentado à esquerda na plataforma baixa que porta a inscrição <i>SVF P D</i> , alcançando o cidadão de pé à direita, que estende sua mão; criança de pé ao centro, mãos erguidas; templo com	Não se aplica	S[ENATVS] C[ONSVLTVM]

		quatro colunas logo atrás.		
--	--	-------------------------------	--	--

Moeda: RIC II 608

Local/Ano de cunhagem: Roma, 88

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Domiciano laureada e voltada para a direita	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VIII CENS[OR] PER[ERPETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domiciano Dois cidadãos	Não se aplica	Domiciano sentado à direita na plataforma baixa com a inscrição <i>FRVG</i> <i>AC</i> , segurando a pátera, de frente para dois cidadãos segurando páteras. Há um templo com quatro colunas logo atrás.	Páteras	CO[N]S[VL] XIII LVD[IS] SAEC[VLARIBUS] A POP[VLO] FRVG[ES] AC[CEPIT] S[ENATVS] C[ONSVLTVM]

Moeda: RIC II 613

Local/Ano de cunhagem: Roma, 88

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano lareado, com <i>aegis</i> e voltado para a direita.	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] P[ONTIFEX] M[AXIMVS] TR[IBVNICIA] P[OTESTAS] VIII CENS[OR] PER[PETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Domiciano Dois cidadãos	Não se aplica	Domiciano de pé sobre o altar. Uma porca prena é levada para o sacrifício. Telo reclinada e segurando cornucópias, grãos e papoulas, à direita. Há flautistas e tocadores de lira logo atrás.	Cornucópias Grãos Papoulas Flautas Liras	CO[N]S[VL] XIII LVD[OS] SAEC[VLARES] FECIT S[ENATVS] C[ONSVLTVM]

Moeda: RIC II 595

Local/Ano de cunhagem: Roma, 88

Tipo: Áureo.

Material: Ouro

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Cabeça de Domiciano laureada à direita	DOMITIANVS AVGVSTVS GERMANICVS

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
---------	----------------	------	------------------	-----------

Arauto	Não se aplica	Arauto voltado para a esquerda portando um escudo e um bastão.	Escudo Bastão	CO[N]S[VL] XIII LVD[OS] SAEC[VLARES] FEC[IT]
--------	---------------	--	------------------	---

Moeda: RIC II 797

Local/Ano de cunhagem: Roma, 95-96

Tipo: Sestércio

Material: Bronze

Anverso

IMPERADOR	INSCRIÇÃO
Busto de Domiciano laureado, drapeado e com couraça voltado para a direita	IMP[ERATOR] CAES[AR] DOMIT[IANVS] AVG[VSTVS] GERM[ANICVS] COS XVII CENS[OR] PER[ERPETVVS] P[ATER] P[ATRIAE]

Reverso

SUJEITO	PERSONIFICAÇÃO	CENA	CULTURA MATERIAL	INSCRIÇÃO
Não se aplica	Não se aplica	Estátua equestre de Domiciano voltada para a direita.	Estátua equestre de Domiciano	S[ENATUS] C[ONSULTUM]